

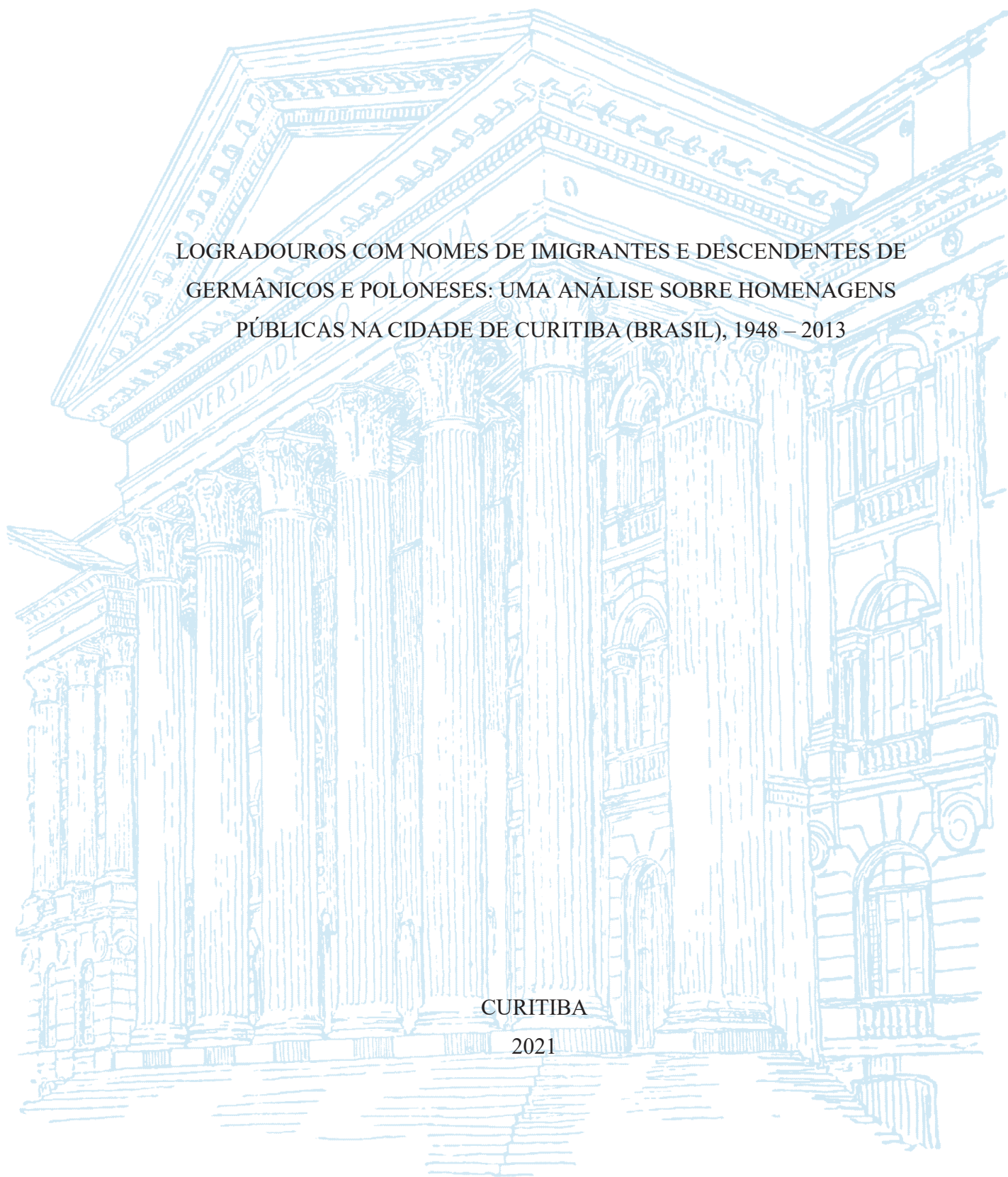
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RAFAELA MASCARENHAS ROCHA

LOGRADOUROS COM NOMES DE IMIGRANTES E DESCENDENTES DE
GERMÂNICOS E POLONESES: UMA ANÁLISE SOBRE HOMENAGENS
PÚBLICAS NA CIDADE DE CURITIBA (BRASIL), 1948 – 2013

CURITIBA

2021



RAFAELA MASCARENHAS ROCHA

LOGRADOUROS COM NOMES DE IMIGRANTES E DESCENDENTES DE
GERMÂNICOS E POLONESES: UMA ANÁLISE SOBRE HOMENAGENS
PÚBLICAS NA CIDADE DE CURITIBA (BRASIL), 1948 – 2013

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção
do título de Doutora, no curso de Doutorado em
Sociologia, Setor de Ciências Humanas, Universidade
Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Sérgio Batista de Oliveira

CURITIBA

2021

Universidade Federal do Paraná
Sistema de Bibliotecas
Biblioteca de Ciências Sociais

Rocha, Rafaela Mascarenhas

Logradouros com nomes de imigrantes e descendentes de germânicos e poloneses: uma análise sobre homenagens públicas na cidade de Curitiba (Brasil), 1948-2013/ Rafaela Mascarenhas Rocha. – Curitiba, 2021.

Tese (Doutorado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Sérgio Batista Silveira de
Oliveira

Fernanda Emanoéla Nogueira
CRB9/1607

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DOUTORADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTOR EM SOCIOLOGIA

No dia um de julho de dois mil e vinte e um às 09:00 horas, na sala Virtual, Plataforma on-line, foram instaladas as atividades pertinentes ao rito de defesa de tese da doutoranda **RAFAELA MASCARENHAS ROCHA**, intitulada: **LOGRADOUROS COM NOMES DE IMIGRANTES E DESCENDENTES DE ALEMÃES E POLONESES: UMA ANÁLISE SOBRE HOMENAGENS PÚBLICAS NA CIDADE DE CURITIBA (BRASIL), 1948 - 2013**, sob orientação do Prof. Dr. MARCIO SÉRGIO BATISTA SILVEIRA DE OLIVEIRA. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em SOCIOLOGIA da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: MARCIO SÉRGIO BATISTA SILVEIRA DE OLIVEIRA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), ROSELI TEREZINHA BOSCHILIA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), MARIA TARCISA SILVA BEGA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), OLIVIER COMPAGNON (UNIVERSITÉ PARIS 3 SORBONNE NOUVELLE). A presidência iniciou os ritos definidos pelo Colegiado do Programa e, após exarados os pareceres dos membros do comitê examinador e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final da banca examinadora, que decidiu pela **APROVAÇÃO**. Este resultado deverá ser homologado pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais definidos pelo programa. A outorga de título de doutor está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, MARCIO SÉRGIO BATISTA SILVEIRA DE OLIVEIRA, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos demais membros da Comissão Examinadora.

Observações: A banca sugeriu uma pequena mudança no título que foi incorporada: "LOGRADOUROS COM NOMES DE IMIGRANTES E DESCENDENTES GERMÂNICOS E POLENESES: UMA ANÁLISE SOBRE HOMENAGENS PÚBLICAS NA CIDADE DE CURITIBA (BRASIL), 1948 - 2013."

CURITIBA, 01 de Julho de 2021.

Assinatura Eletrônica
01/07/2021 16:15:07.0

MARCIO SÉRGIO BATISTA SILVEIRA DE OLIVEIRA
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
05/07/2021 12:21:14.0

ROSELI TEREZINHA BOSCHILIA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
01/07/2021 16:10:26.0

MARIA TARCISA SILVA BEGA
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
08/07/2021 07:55:23.0

OLIVIER COMPAGNON
Avaliador Externo (UNIVERSITÉ PARIS 3 SORBONNE NOUVELLE)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS
HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIOLOGIA - 40001016032P2

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em SOCIOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **RAFAELA MASCARENHAS ROCHA** intitulada: **LOGRADOUROS COM NOMES DE IMIGRANTES E DESCENDENTES DE ALEMÃES E POLONESES: UMA ANÁLISE SOBRE HOMENAGENS PÚBLICAS NA CIDADE DE CURITIBA (BRASIL), 1948 - 2013**, sob orientação do Prof. Dr. MARCIO SÉRGIO BATISTA SILVEIRA DE OLIVEIRA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa. A outorga do título de doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 01 de julho de 2021.

Assinatura Eletrônica

01/07/2021 16:15:07.0

MARCIO SÉRGIO BATISTA SILVEIRA DE OLIVEIRA
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

05/07/2021 12:21:14.0

ROSELI TEREZINHA BOSCHILIA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

01/07/2021 16:10:26.0

MARIA TARCISA SILVA BEGA
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

08/07/2021 07:55:23.0

OLIVIER COMPAGNON
Avaliador Externo (UNIVERSITÉ PARIS 3 SORBONNE NOUVELLE)

Rua General Carneiro, 460 - 9º. Andar - CURITIBA - Paraná - Brasil CEP 80060-150 - Tel: (41) 3360-5173 - E-

mail: pgsocioufpr@hotmail.com

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 99054

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jspe> insira o código 99054

Dedicada aos meus familiares

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Educação Pública brasileira, que resiste de teimosa em meio a tanto sucateamento e descaso. Que desde o meu primeiro ano do Ensino Fundamental em 1993 me acompanhou pelas seis escolas por onde passei até chegar à UFPR em 2005 guiando meus passos e me possibilitando sonhar, questionar, criticar, aprender e agora também ensinar. Somente ela seria capaz de possibilitar à menina pobre que nasceu e cresceu em periferia, filha de um bombeiro e de uma costureira a ter uma trajetória de entrega e luta rumo a um presente de conquistas e um futuro de trabalho na ciência e no espaço acadêmico.

Aos meus pais Debbie e Paulo que estiveram ao meu lado em todos os momentos, acreditaram mais em mim do que muitas vezes eu mesma acreditei. Cada conquista minha também é um pouco deles, ainda que não façam questão de tal. E aos meus irmãos Camila e Vinícius que também souberam lidar com paciência e leveza sobre como é ter alguém com rotina de pesquisadora em casa.

Aos meus professores do Programa de Pós-Graduação e Sociologia UFPR, em especial ao meu orientador Prof. Dr. Márcio de Oliveira pela sua plena confiança em meu jeito de trabalhar, por apostar comigo nessa jornada pelo doutorado e pelo ramo de estudo que aqui propomos. Agradeço também aos professores com quem estudei na UFSC: Prof. Dr. Marcus Montysuma, no EHEAL: Prof. Dr. Olivier Compagnon e Profa. Dra. Juliette Dumont, e no EHESS: Profa. Dra. Nancy Green.

À CAPES/MEC, por financiar meu estudo nas Ciências Humanas e por acreditar que a pesquisa científica é uma atividade profissional que deve ser valorizada e respeitada. Não há caminho para o Brasil sem passar pela Ciência! À UFPR que é este centro de excelência em ensino, pesquisa e extensão, que continue sendo pública e gratuita e servindo ao povo! E ainda aos funcionários da Casa da Memória da Fundação Cultural de Curitiba pela presteza em fornecer acervo para a pesquisa.

Agradeço ainda aos Orixás e aos Guias Espirituais que me acompanham. Por serem a luz a proteção em meu caminho. Falar de homenagens a antepassados é também uma espécie de saudação aos espíritos desencarnados.

RESUMO

Este estudo tem por objeto a análise das homenagens prestadas entre 1948 e 2013 sob a forma de denominação de logradouros públicos a imigrantes e descendentes de germânicos e poloneses na cidade de Curitiba. Os dois grupos imigrantes aqui estudados estão presentes na cidade desde a segunda metade do século XIX e possuem importantes diferenças entre si, seja quanto ao número de indivíduos que se concentrou na cidade, seja ainda em relação à forma, que se nota pelas suas trajetórias particulares de ascensão social mescladas de rechaço durante as guerras mundiais e de preconceitos diversos, como foram recebidos e inseriram-se na sociedade local. A análise dos logradouros é feita a partir dos estudos sobre reconhecimento de Honneth (2003) e de Memória Coletiva elaborado por Halbwachs (2003) que permitiram desenvolver uma Sociologia sobre as Homenagens. Nesse quadro, identificamos como cada indivíduo teve sua biografia e seu nome imortalizados em um logradouro e, assim, destacados e reconhecidos socialmente. Para o conjunto da cidade, estabelecemos uma cartografia dos bairros onde foram identificados todos os nomes de endereços homenageando germânicos e poloneses, a data de suas oficializações e os autores das homenagens, a fim de quantificá-los e gerar uma estatística capaz de compará-los. Ao final, percebe-se que embora a história desses grupos imigrantes tenham sido alvo de conflitos, sua presença física na cidade indica que eles estiveram e continuam no coração da história da sociedade curitibana.

Palavras-chave: bairros; Curitiba; germânicos; logradouros; poloneses.

ABSTRACT

This study aims to analyze the honors rendered between 1948 and 2013 in the form of denomination of public places to immigrants and descendants of German and Polish in the city of Curitiba (Brazil). Both immigrant groups studied here are presents in the city since the second part of 19th Century and they have important differences between them: as the number of individuals who stayed in the city, or still in relation to the form, which is noted by its particular trajectories of social ascension merged to the rejection during the I and II World Wars and all different types of prejudice. The analysis of public places names is made from the study about recognition by Honneth (2003) and the study about Collective Memory by Halbwachs (2003). And these studies allow us to develop a Sociology about Honors. In this scope, we identify as each individual had his biography immortalized in a street and, thus, detached and socially recognized. As the whole city, we established a cartography of each neighborhoods where we identified all of the street namespaying homage to German and Polish immigrants, the data when each became official and who proposed the name in Curitiba's Parliament, in order to qualify them and generate statistics capable of comparing them. In the end, it is noticed that although the history of these immigrant groups have been the target of conflicts, their physical presence in the city indicates that they have been and continue at the heart of the history of Curitiba society.

Key-Words Neighborhoods; Curitiba; german; address; polish.

RÉSUMÉ

Cette étude a pour objet les hommages rendus entre 1948 et 2013 sous forme de l'attribution de noms de lieux publics aux immigrants et descendants d'Allemands et de Polonais dans la ville de Curitiba. Les deux groupes d'immigrants étudiés ici sont présents dans la ville depuis la seconde moitié du XIXe siècle et présentent des différences importantes entre eux, que ce soit en termes de nombre d'individus concentrés dans la ville, ou encore par rapport à la forme par laquelle ils ont été reçus et insérés par la société locale, ce qui peut être saisi lorsqu'on analyse leurs trajectoires particulières d'ascension sociale mêlées de rejet pendant les guerres mondiales et de différents préjugés. L'analyse des lieux publics est faite à partir des études sur la reconnaissance de Honneth (2003) et la mémoire collective élaboré par Halbwachs (2003) qui ont permis de développer une sociologie sur les hommages. Nous avons identifié comment chaque individu avait sa biographie et son nom immortalisés dans des lieux publics et, ainsi, socialement mis en valeur et reconnus. Pour la ville dans son ensemble, nous avons établi une cartographie des quartiers où ont été identifiés tous les noms d'adresses honorant les immigrants et descendants d'Allemands et des Polonais, la date de leur officialisation et les auteurs des hommages, afin de les quantifier et générer une statistique capable de les comparer. À la fin, il est clair que si l'histoire de ces groupes d'immigrants a été la cible de conflits de toutes sortes, leur présence physique dans la ville indique à quel point ils étaient et continuent d'être au cœur de l'histoire de la société curitibanaise.

Mot-clés : quartiers; Curitiba; allemands; adresses; polonais.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Inauguração da rua Prof. ^a Rosa Saporski, com a presença de seu filho Edmundo Leining Saporski, em 1962.....	158
FIGURA 2 – Mapa das antigas colônias polonesas de Orleans e Santo Inácio.....	181
FIGURA 3 – Placa em homenagem a Erasto Gaertner no começo da avenida que leva seu nome.....	228
FIGURA 4 – Placa no início da Rua Schiller, que conta parte de sua biografia.....	237

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 – Praça mauá, região central portuária do Rio de Janeiro	84
IMAGEM 2 – Rua Nelson Mandela, Bairro De Botafogo Zona Sul do Rio de Janeiro.....	85
IMAGEM 3 – Rue Émile Durkheim, no 13º Arrondissement, Paris.....	87
IMAGEM 4 – Place Gabriel García Márquez, 7º Arrondissement, Paris.....	88
IMAGEM 5 – Rue Bonaparte, 6º Arrondissement, Paris.....	88
IMAGEM 6 – Square Salvador Allende, Bruxelas.....	91
IMAGEM 7 – Tese de Marie Curie intitulada “Substances Radiocatives” e a capa do jornal <i>L’illustration</i> de 10 de novembro de 1906, com a primeira aula ministrada pela cientista na Universidade Sorbonne, expostos no Musée De L’immigration Porte Dorée, em paris.....	250

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Logradouros com nomes de germânicos em Porto Alegre.....	92
QUADRO 2 - Bairros com mais logradouros que possuem nomes de germânicos.....	107
QUADRO 3 – Quantidades de endereços com nomes de germânicos denominados ao longo das décadas.....	113
QUADRO 4 – Vereadores mais atuantes na denominação de logradouros com nomes de germânicos em Curitiba.....	114
QUADRO 5 – Os bairros com mais logradouros com nomes de poloneses.....	116
QUADRO 6 – A quantidade de endereços com nomes de poloneses denominados ao longo das décadas.....	125
QUADRO 7 – Vereadores mais atuantes na aprovação de logradouros com nomes de poloneses.....	127

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 – A cidade de Curitiba e sua divisão por bairros.....	105
MAPA 2 –Bairros de curitiba que não tem nomes de germânicos em seus logradouros destacados em azul claro.....	106
MAPA 3 - Bairros com mais de 15 endereços com nomes de germânicos emcuritiba destacados em amarelo.....	107
MAPA 4 - Bairro Cidade Industrial Porção Norte – Jardim Gabinete e logradouros com nomes de germânicos destacados em roxo.....	108
MAPA 5 - Bairro Cidade Industrial Porção Central – Vila Sandra e logradouros com nomes de germânicos destacados em roxo.....	108
MAPA 6 - Bairro Cidade Industrial Porção Oeste – Caiuá e logradouros com nomes de germânicos destacados em roxo.....	109
MAPA 7 - Bairro Cidade Industrial Porção Sul – Vila Nossa Senhora da Luz e logradouros com nomes de germânicos em destaque em roxo.....	109
MAPA 8 - Bairro Uberaba e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa.....	110
MAPA 9 - Bairro Cajuru e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa.....	110
MAPA 10 - Bairro Pinheirinho e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa.....	111
MAPA 11 - Bairro Sítio Cercado e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa.....	111
MAPA 12 - Bairro Vista Alegre e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa.....	111
MAPA 13 - Bairro Pilarzinho e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa.....	112
MAPA 14 - Bairro Xaxim e logrdouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	112
MAPA.15 - Bairro Boqueirão e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa.....	112
MAPA 16 - Bairro Portão e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa.....	113

MAPA 17- Bairros de Curitiba que não possuem ruas com nomes de polonesesdestacadas em azul claro.....	116
MAPA 18 - Bairro de Curitiba com mais de 15 logradouros com nomes depoloneses destacados em azul.....	117
MAPA 19 - Bairro Cidade Industrial Porção Norte – Jardim Gabinete e logradouros com nomes de poloneses destacados em azul.....	118
MAPA 20 - Bairro Cidade Industrial Porção Central – Vila Sandra e logradouro com nomes de poloneses destacados em azul.....	118
MAPA 21- Bairro Cidade Industrial Porção Oeste – Caiuá e logradouros com nomes de poloneses destacados em azul.....	118
MAPA 22 - Bairro Cidade Industrial Porção Sul – Vila Nossa Senhora da Luz e logradouros com nomes de poloneses destacados em azul.....	119
MAPA 23 - Bairro Uberaba e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul.....	119
MAPA 24- Bairro Sítio Cercado e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.....	120
MAPA 25 – Bairro Cajuru e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.....	120
MAPA 26 - Bairro Pinheirinho e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.....	120
MAPA 27 – Bairro Tatuquara e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.....	121
MAPA 28 – Bairro Alto Boqueirão e logradouros com nomes de polonesesdestacados em azul.....	121
MAPA 29 – Bairro Santa Cândida e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.....	122
MAPA 30 – Bairro Orleans e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.....	122
MAPA 31 – Bairro Abranches e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.....	123
MAPA 32 – Bairro Santo Inácio e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.....	113
MAPA 33 – Bairro Campo Comprido e logradouros com nomes de polonesesem destaque na cor azul.....	124

MAPA 34 – Bairro São Braz e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.....	124
MAPA 35 – Bairro Pilarzinho e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.....	124
MAPA 36 – Bairros de Curitiba sem qualquer logradouro com nome deimigrantes ou descendentes de germânicos ou poloneses.....	133
MAPA 37 – Bairros de curitiba destacados conforme sua formação histórica.....	135
MAPA 38 – Bairro Atuba e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	137
MAPA 39 - Bairro Atuba e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul.....	137
MAPA 40 – Bairro Centro e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa.....	139
MAPA 41 – Bairro Centro e logradouro com nome de polonês em destaque.....	140
MAPA 42 – Bairro São Francisco e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	142
MAPA 43 – Bairro Batel e logradouro com nome de alemão em destaque na cor roxa.....	143
MAPA 44 – Bairro Batel e logradouro com nome de polonês em destaque na cor azul.....	144
MAPA 45 – Bairro Água Verde e lograduros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa.....	145
MAPA 46 - Bairro Água Verde e logradouros com nomes de poloneses emdestaque em azul.....	146
MAPA 42 – Bairro Rebouças e logradouro com nome de polonês destacado em azul.....	148
MAPA 48 – Bairro Alto Da Glória e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa.....	149
MAPA 49 – Bairro Juvevê e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa.....	151
MAPA 50 – Bairro Juvevê.....	152
MAPA 51 – Bairro Cabral e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa.....	153
MAPA 52 – Bairro Cabral.....	154

MAPA 53 – Bairro Ahú e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	155
MAPA 54 – Bairro Mercês e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa.....	156
MAPA 55 – Bairro Mercês e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.....	156
MAPA 56 – Bairro Bigorrilho e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa.....	159
MAPA 57 – Bairro Bigorrilho e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.....	159
MAPA 58 – Bairro Seminário e logradouro com nome de germânico em destaque na cor roxa.....	161
MAPA 59 – Bairro Seminário e logradouro com nome de polonês em destaque na cor azul.....	161
MAPA 60 – Bairro Campo Comprido e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	163
MAPA 61 – Bairro Campo Comprido e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul.....	164
MAPA 62 - Bairro Fazendinha e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	165
MAPA 63 – Bairro Fazendinha e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.....	166
MAPA 64 – Bairro Portão e logradouro com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa.....	168
MAPA 65 – Bairro Portão e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.....	169
MAPA 66 – Bairro Abranches e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa.....	171
MAPA 67 – Bairro Abranches e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.....	172
MAPA 68 – Bairro Pilarzinho e logradouros com nomes de germânicos destacados em roxo.....	173
MAPA 69 – Bairro Pilarzinho e logradouros com nomes de poloneses destacados em azul.....	179

MAPA 70 – Bairro Santa Cândida e logradouros com nomes de germânicos destacados em roxo.....	175
MAPA 71 – Bairro Santa Cândida e logradouros com nomes de poloneses destacados em azul.....	176
MAPA 72 – Bairro Barreirinha e logradouros com nomes de germânico em destaque na cor roxa.....	177
MAPA 73 – Bairro Barreirinha e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul.....	178
MAPA 74 – Bairro Taboão e logradouro com nome de germânico em destaque na cor roxa.....	179
MAPA 75 – Bairro Taboão e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul...	180
MAPA 76 – Bairro Orleans e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	181
MAPA 77 – Bairro Orleans e logradouros com nomes de poloneses destacados em azul.....	182
MAPA 77 – Bairro Orleans e logradouros com nomes de poloneses destacados em azul.....	184
MAPA 79 – Bairro Santo Inácio e logradouros com nomes de poloneses destacados em azul.....	185
MAPA 80 – Bairro Augusta e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	186
MAPA 81 – Bairro Augusta e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul.....	186
MAPA 82 – Bairro Riviera e logradouro com nome de polonês destacado em azul.....	188
MAPA 83 – Bairro Santa Felicidade e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	189
MAPA 84 – Bairro Santa Felicidade e logradouros com nomes de poloneses destacados em azul.....	190
MAPA 85 – Bairro São Braz e logradouros com nomes de germânicos destacados em roxo.....	191
MAPA 86 – Bairro São Braz e logradouros com nomes de poloneses destacados em azul.....	191
MAPA 87 – Bairro Cascatinha e logradouros com nomes de germânicos em destaque.....	193

MAPA 88 – Bairro Cascatinha.....	194
MAPA 89 – Bairro Butiatuvinha e logradouro com nome de germânico emdestaque na cor roxa.....	194
MAPA 90 – Bairro Butiatuvinha e logradouro com nome de polonês emdestaque na cor azul.....	195
MAPA 91 – Bairro Lamenha pequena e logradouro com nome de germânico emdestaque na cor roxa.....	196
MAPA 92 – Bairro São João e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	198
MAPA 93 – Bairro São João e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.....	198
MAPA 94 – Bairro Vista Alegre e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa.....	199
MAPA 95 – Bairro Vista Alegre e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.....	200
MAPA 96 – Bairro Bom Retiro e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	202
MAPA 97 – Bairro Bom Retiro e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.....	203
MAPA 98 – Bairro São Lourenço e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa.....	204
MAPA 99 – Bairro São Lourenço e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.....	205
MAPA 100 – Bairro Mossunguê e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	206
MAPA 101 – Bairro Mossunguê e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.....	207
MAPA 102 – Bairro Campina Do Siqueira e logradouros com nomes degermânicos em destaque na cor roxa.....	208
MAPA 103 – Bairro Campina do Siqueira e logradouros com nomes de germâncos em destaque na cor azul.....	208
MAPA 104 – Bairro Campina do Siqueira e logradouros com nomes depoloneses em destaque na cor azul.....	210
MAPA 105 – Bairro Hauer e logradouro com nome de polonês em destaque na cor azul.....	211

MAPA 106 – Bairro Fanny e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa.....	212
MAPA 107 – Bairro Fanny e logradouro com nome de polonês em destaque na cor azul.....	213
MAPA 108 – Bairro Lindoia e logradouro com nome de germânico em destaque na cor roxa.....	214
MAPA 109 – Bairro Lindoia e logradouro com nome de polonês em destaque na cor azul.....	214
MAPA 110 – Bairro Guaíra e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa.....	215
MAPA 111 – - Bairro Parolin e logradouro com nome de germânico em destaque na cor roxa.....	217
MAPA 112 – Bairro Vila Izabel e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa.....	219
MAPA 113 – Bairro Prado Velho e logradouros com nomes de germânicos destacados na cor roxa.....	221
MAPA 114 – Bairro Prado Velho e logradouros com nomes de polonesesdestacados em azul.....	222
MAPA 115 – Bairro Boa Vista e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	224
MAPA 116 – Bairro Boa Vista e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul.....	225
MAPA 117 – Bairro Alto e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul.....	226
MAPA 118 – Bairro Bacacheri e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	227
MAPA 119 – Bairro Bacacheri e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.....	229
MAPA 120 – Bairro Tarumã e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	230
MAPA 121 – Bairro Tarumã e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul.....	231
MAPA 122 - Bairro Centro Cívico e logradouro com nome de germânico em destaque na cor roxa.....	232

MAPA 123 – Bairro Jardim Botânico e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	234
MAPA 124 - Bairro Jardim Botânico e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul.....	234
MAPA 125 – Bairro Cristo Rei e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	236
MAPA 126 – Bairro Cristo Rei e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul.....	237
MAPA 127 – Bairro Capão Da Imbuia e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	238
MAPA 127 – Bairro Capão Da Imbuia e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	239
MAPA 129 – Bairro Jardim das Américas e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	240
MAPA 130 – Bairro Jardim das Américas e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul.....	241
MAPA 131 – Bairro Guabirota e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	242
MAPA 132 – Bairro Guabirota e logradouro com nome de polonês em destaque na cor azul.....	243
MAPA 133 – Bairro Boqueirão e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	244
MAPA 134 – Bairro Boqueirão e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul.....	245
MAPA 135 – Bairro Xaxim e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	246
MAPA 136 – Bairro Xaxim e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul.....	247
MAPA 137 – Bairro Pinheirinho e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	248
MAPA 138 – Bairro Pinheirinho e logradouros com nomes de poloneses destacados em azul.....	249
MAPA 139 – Bairro Capão Raso e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	251

MAPA 140 – Bairro Capão Raso e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul.....	252
MAPA 141 – Bairro Novo Mundo e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	253
MAPA 142 – Bairro Novo Mundo e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul.....	254
MAPA 143 – Bairro Santa Quitéria e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	255
MAPA 144 – Bairro Santa Quitéria e logradouro com nome de polonês em destaque na cor azul.....	256
MAPA 145 – Bairro Alto da Rua XV e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	258
MAPA 146 – Bairro Alto da XV e logradouros com nomes de poloneses destacados em azul.....	258
MAPA 147 – Bairro Hugo Lange e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	260
MAPA 148 – Bairro Jardim Social e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	261
MAPA 149 – Bairro Cajuru e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	263
MAPA 150 – Bairro Cajuru e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul.....	264
MAPA 151 – Bairro Uberaba e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	266
MAPA 152 – Bairro Uberaba e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul.....	267
MAPA 153 – Bairro Cidade Industrial Porção Norte – Jd. Gabinete e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	269
MAPA 154 – Bairro Cidade Industrial Porção Norte – Jd. Gabinete e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul.....	270
MAPA 155 – Bairro Cidade Industrial Porção Central – Vila Sandra e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	271
MAPA 156 – Bairro Cidade Industrial Porção Central – Vila Sandra e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul.....	272

MAPA 157 – Bairro Cidade Industrial Porção Oeste – Caiuá, Sabará, Diadema e Barigui e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	273
MAPA 158 – Bairro Cidade Industrial Porção Oeste – Caiuá, Sabará Diadema e Barigui e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul.....	274
MAPA 159 – Bairro Cidade Industrial Porção Sul – Vila N. Sra. Da Luz, Vitória Régia e Contorno Sul e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	275
MAPA 160 – Bairro Cidade Industrial Porção Sul – Vila N. Sra. da luz, Vitória Régia e Contorno Sul e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul.....	275
MAPA 161 – Bairro Tingui e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa.....	277
MAPA 162 – O Bairro Tingui e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.....	278
MAPA 163 – Bairro Cachoeira e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	279
MAPA 164 – Bairro Cachoeira e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.....	280
MAPA 165 – Bairro Tatuquara e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa.....	281
MAPA 166– Bairro Tatuquara e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul.....	282
MAPA 167 – Bairro Campo de Santana e logradouros com nomes de germânicos em destaque.....	284
MAPA 168– Bairro Campo de Santana e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul.....	284
MAPA 169 – Bairro Umbará e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa.....	286
MAPA 170 – Bairro Umbará e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul.....	287
MAPA 171 – Bairro Alto Boqueirão e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	290
MAPA 172 – Bairro Alto Boqueirão e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul.....	291

MAPA 173 – Bairro Sítio Cercado e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.....	292
MAPA 174 – Bairro Sítio Cercado e logradouros com nomes de polonesesdestacados na cor azul.....	293

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Endereços com nomes de germânicos denominados entre as décadas de 1940 e 2010 em Curitiba.....	114
GRÁFICO 2 – Ruas com nomes de poloneses oficializadas em Curitiba entre os anos 1950 e 2010.....	126

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	27
2	HISTÓRICO DOS GRUPOS IMIGRANTES GERMÂNICO E POLONÊS.....	27
2.1	A IMIGRAÇÃO INTERNACIONAL AO BRASIL A PARTIR DO SÉCULO XIX ..	37
2.2	A IMIGRAÇÃO DE EUROPEUS AO ESTADO DO PARANÁ.....	42
2.2.1	Germânicos e Poloneses que emigraram ao Paraná.....	46
2.3	INFORMAÇÕES ACERCA DA IMIGRAÇÃO EUROPEIA EM CURITIBA NO SÉCULO XIX.....	49
2.3.1	Relações tensas entre a população curitibana e imigrantes germânicos e poloneses...	53
2.3.2	Como e Por que a imigração em Curitiba é diferente das demais cidades?.....	59
3	CAMINHOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA SOCIOLOGIA DAS HOMENAGENS	64
3.1	A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE HOMENAGEM	65
3.2	O RECONHECIMENTO SOCIAL	70
3.3	O PAPEL DOS ESTUDOS MIGRATÓRIOS EM NOSSO OBJETO DE PESQUISA	74
3.4	REFLEXÕES PARA UMA SOCIOLOGIA DAS HOMENAGENS	77
3.5	DIALOGANDO COM OUTROS ESTUDOS SOBRE LOGRADOUROS PÚBLICOS	80
3.6	HOMENAGENS EM LOGRADOUROS PELO MUNDO	83
3.6.1	O Rio de Janeiro	84
3.6.2	Paris	86
3.6.3	Bruxelas	90
3.6.4	Porto Alegre	92
4	LOGRADOUROS PELA CIDADE: A PRESENÇA DAS IMIGRAÇÕES GERMÂNICA E POLONESA NO DESENVOLVIMENTO URBANO DE CURITIBA ATRAVÉS DE NOMES DE ENDEREÇOS.....	86
4.1	O DESENVOLVIMENTO DE UMA PESQUISA EM SOCIOLOGIA UTILIZANDO ENDEREÇOS	102
4.2	APRESENTAÇÃO DOS DADOS	104
4.2.1	Logradouros com nomes de germânicos	106
4.2.2	Logradouros com nomes de poloneses	115
5	UMA CARTOGRAFIA DAS IMIGRAÇÕES GERMÂNICA E POLONESA EM CURITIBA	133
5.1	BAIRROS FORMADOS ENTRE OS SÉCULO XVII E XIX	136
5.1.1	O Bairro Atuba.....	136
5.1.2	O Centro da Cidade.....	138
5.1.3	O Bairro São Francisco.....	141
5.1.4	O Bairro Batel.....	142
5.1.5	O Bairro Água Verde.....	144
5.1.6	O Bairro Rebouças.....	146
5.1.7	O Bairro Alto da Glória	148
5.2	BAIRROS FORMADOS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX A PARTIR DE SESMARIAS.....	150
5.2.1	O Bairro Juvevê	150
5.2.2	O Bairro Cabral.....	152
5.2.3	O Bairro Ahú.....	154
5.2.4	O Bairro Mercês.....	155

5.2.5	O Bairro Bigorrilho.....	158
5.2.6	O Bairro Seminário	160
5.2.7	O Bairro Campo Comprido.....	162
5.2.8	O Bairro Fazendinha	165
5.2.9	O Bairro Portão	166
5.3	BAIRROS QUE SÃO ANTIGAS COLÔNIAS DE IMIGRANTES	170
5.3.1	O Bairro Abranches	170
5.3.2	O Bairro Pilarzinho	172
5.3.3	O Bairro Santa Cândida	174
5.3.4	O Bairro Barreirinha	177
5.3.5	O Bairro Taboão.....	178
5.3.6	O Bairro Orleans.....	180
5.3.7	O Bairro Santo Inácio	183
5.3.8	O Bairro Augusta	185
5.3.9	O Bairro Riviera.....	187
5.3.10	O Bairro Santa Felicidade.....	188
5.3.11	O Bairro São Braz.....	190
5.3.12	O Bairro Cascatinha.....	192
5.2.13	O Bairro Butiatuvinha.....	194
5.3.14	O Bairro Lamenha Pequena	195
5.4	BAIRROS FORMADOS A PARTIR DA EXPANSÃO DAS EX-COLÔNIAS IMIGRANTES.....	196
5.4.1	O Bairro São João	197
5.4.2	O Bairro Vista Alegre	199
5.4.3	O Bairro Bom Retiro.....	201
5.4.4	O Bairro São Lourenço	203
5.4.5	O Bairro Mossunguê.....	205
5.4.6	O Bairro Campina do Siqueira.....	207
5.4.7	O Bairro Hauer	209
5.4.8	O Bairro Fanny	211
5.4.9	O Bairro Lindoia.....	213
5.4.10	O Bairro Guaíra	215
5.4.11	O Bairro Parolin.....	216
5.4.12	O Bairro Vila Izabel.....	218
5.5	BAIRROS FORMADOS A PARTIR DO PLANO AGACHE.....	220
5.5.1	O Bairro Prado Velho	220
5.5.2	O Bairro Boa Vista	223
5.5.3	O Bairro Alto	225
5.5.4	O Bairro Bacacheri	227
5.5.5	O Bairro Tarumã	229
5.5.6	O Bairro Centro Cívico.....	231
5.6	BAIRROS FORMADOS ENTRE OS ANOS 1950-60.....	233
5.6.1	O Bairro Jardim Botânico	233
5.6.2	O Bairro Cristo Rei	235
5.6.3	O Bairro Capão da Imbuia	238
5.6.4	O Bairro Jardim das Américas	239
5.6.5	O Bairro Guabirota	242
5.6.6	O Bairro Boqueirão.....	244
5.6.7	O Bairro Xaxim	246
5.6.8	O Bairro Pinheirinho.....	248

5.6.9	O Bairro Capão Raso	250
5.6.10	O Bairro Novo Mundo	252
5.6.11	O Bairro Santa Quitéria	255
5.7	BAIRROS FORMADOS PELOS PROJETOS DO IPPUC NOS ANOS 1970.....	256
5.7.1	O Bairro Alto da Rua XV	257
5.7.2	O Bairro Hugo Lange	259
5.7.3	O Bairro Jardim Social	260
5.7.4	O Bairro Cajuru	262
5.7.5	O Bairro Uberaba.....	265
5.7.6	A Cidade Industrial de Curitiba	268
5.7.7	O Bairro Tingui.....	276
5.8	BAIRROS FORMADOS AO FINAL DO SÉCULO XX.....	278
5.8.1	O Bairro Cachoeira	279
5.8.2	O Bairro Tatuquara	280
5.8.3	O Bairro Campo de Santana	283
5.8.4	O Bairro Umbará	285
5.8.5	O Bairro Ganchinho.....	288
5.8.6	O Bairro Alto Boqueirão.....	289
5.8.7	O Bairro Sítio Cercado	291
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	295
	REFERÊNCIAS.....	300

1 INTRODUÇÃO

A denominação de logradouros nas cidades brasileiras, é um processo que, em sua maior parte, perpassa pelos poderes legislativos municipais e permite o princípio da regularização daquela área, levando recursos, equipamentos urbanos e código postal à uma determinada localidade. A maior parte dos nomes de endereços nas cidades são nomes de pessoas, tanto personalidades ilustres como aquelas pouco conhecidas. Há exemplos de heróis nacionais, artistas consagrados, políticos, intelectuais, lideranças comunitárias. No entanto, é muito maior o número de endereços em uma cidade, do que de personalidades ilustres a serem homenageadas com algum endereço, o que abre espaço para que essa honraria se estenda a pessoas comuns também. Sujeitos que constroem a história cotidiana de suas comunidades e da cidade em que vivem e que recebem ali, um reconhecimento. Há um segmento da sociedade que pode atingir tanto a camada de homenageados ilustres, como aquela composta por pessoas pouco conhecidas e que nesta pesquisa tem centralidade: são os imigrantes que se tornaram nomes de ruas. Analisamos aqui as homenagens desta natureza feitas a dois grupos específicos em uma mesma cidade, a dizer: os germânicos e poloneses que se tornaram nomes de endereços em Curitiba.

A construção do sujeito de pesquisa que aqui se apresenta vem acontecendo desde a dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Sociologia da UFPR, em 2016 cujo título é *Curitiba Polonesa?: Um estudo sobre logradouros públicos dedicados a imigrantes e descendentes de poloneses (1951-2008)*, em que tratamos sobre a parcela polonesa da imigração europeia em Curitiba, seus redutos e as marcas que deixaram na cidade, observando-se especificamente os endereços que levam nomes de imigrantes ou descendentes de poloneses, onde se localizam no mapa da cidade, quais os trâmites legislativos para a oficialização dos nomes polacos, incluindo os vereadores envolvidos nas escolhas dos nomes; e partir destes dados para se pensar como esses endereços representam uma marca da presença polonesa na cidade e um instrumento para homenagear antepassados deste grupo. Nestes últimos anos a cidade continuou a crescer, a quantidade de endereços aumentou consideravelmente, passando de 8034 para 9518 entre 2008 e 2014, segundo fonte do IPPUC¹. E para avançar nos estudos, mantendo a temática da observação urbana e o foco em populações imigrantes europeias, decidimos ampliar também os grupos estudados. Incluímos, portanto, os germânicos em Curitiba. Inicialmente, acreditamos que seria interessante comparar duas

¹ Instituto do Patrimônio e Planejamento Urbano de Curitiba. Altarquia pública criada no final dos anos 1960 para desenvolver o planejamento urbano da cidade e que contém importantes fontes sobre seu desenvolvimento.

cidades com o mesmo porte e que receberam imigrantes europeus também, propusemos então acrescentar ao caso curitibano, um estudo sobre como isso funciona em Porto Alegre, contudo, após algum esforço na pesquisa de campo na capital gaúcha e com a literatura histórica referente ao grupo germânico nesta cidade, a carência de alguns dados e informações referentes principalmente à formação e o planejamento urbano porto-alegrense, nos levou a reconsiderar a comparação e concentrar esforços para entender o mecanismo de denominação de endereços utilizando como cenário apenas a capital paranaense. Então por isso, revimos o quadro para manter o aspecto comparativo e introduzimos o grupo germânico no contexto curitibano ao lado do grupo polonês, já estudado desde a pesquisa anterior (ROCHA, 2016).

Acreditamos que a definição de um tema de pesquisa seja algo presente e que desperte uma curiosidade na vida de um cientista há muito mais tempo do que os apenas os quatro anos utilizados para se cursar um doutorado, circundando suas ideias e provocando a sua curiosidade desde sua graduação ou mesmo antes. Além disso, é algo que também pode estar presente na história pessoal ou em aspectos da vida dos cientistas de alguma forma e que ganha contornos científicos quando se está nesta fase dos estudos. E as inquietações que movimentam o tema escolhido tampouco se encerram no momento da apresentação e arguição da tese, que marcam o final do curso. As questões se renovam e surgem outras curiosidades, particularmente, acredito que seja esta a força que move um profissional da ciência. No caso da pesquisa se aqui se apresenta, cujo foco são as ruas da cidade de Curitiba que levam nomes de imigrantes poloneses e germânicos, tem carregada em si a curiosidade desta autora sobre mapas em geral, a cidade em que vive e os nomes curiosos de seus bairros, como também a história de alguns antepassados – avô paterno, pai e mãe – que nasceram e viveram ou vivem em Curitiba e que viram a cidade mudar e se desenvolver consideravelmente a partir da segunda metade do século XX. Um sinal da expansão de Curitiba neste período está presente na história particular da autora e nas transições de bairro que a família Rocha fazia, neste momento peço licença ao leitor para narrar em primeira pessoa: começando com meu pai nascendo no Rebouças em 1960; passando sua infância no antigo Capanema, hoje Jardim Botânico; vivendo alguns anos no Cristo Rei; até a família finalmente chegar ao Conjunto Mercúrio, no bairro Cajuru em 1976, de onde meu pai se mudou para casar-se em 1984 e residir em Vila Oficinas, também no Cajuru, onde moramos até hoje. Esses movimentos de mudança da minha família paterna – que não deixam de ser uma migração interna na cidade – acompanham o crescimento de Curitiba com abertura de novos bairros, que possivelmente tinham custo mais baixo do que aqueles mais antigos, atraindo assim famílias operárias às periferias; esta, no entanto, é uma reflexão que faz parte de outro debate, complementar ou paralelo ao da pesquisa, talvez.

No entanto, há que se destacar a relevância deste tema para além dos aspectos pessoais, atingindo níveis coletivos. Para a sociedade brasileira, temos aqui um trabalho que ajuda a contar histórias sobre a formação de uma das mais importantes capitais do país, sua composição urbana para além somente dos conceitos do planejamento e do urbanismo, mas também agregando um elemento humanístico, que fala sobre indivíduos que com suas trajetórias contribuíram nessa construção, com vivência, história, desenvolvimento econômico e cultural. Identificar personagens da história de uma cidade é elaborar sua trama, completando espaços de pertencimento, valorizando setores da sociedade e dando voz a pessoas e períodos por vezes silenciados. Pois se agora este é um retrato que enfoca dois grupos de imigrantes europeus que viveram entre a segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX majoritariamente, ele também é um trabalho que abre portas para que colegas futuramente possam, com as mesmas ferramentas utilizadas aqui, investigar sobre como lideranças indígenas, negras, femininas, LGBTQs, judaicas entre outros segmentos invisibilizados ou silenciados conquistam seus espaços de pertencimento e reconhecimento em meio ao espaço urbano. E como um passo rumo ao avanço da sociologia no Brasil, esta pesquisa propõe compreender como foram os processos de oficialização de cada endereço; quem foram os responsáveis por tal feito e quando; quem foram os homenageados com os endereços, através de um levantamento sobre a biografia do indivíduo que emprestou seu nome para o endereço; e, por último, apresentamos o endereço propriamente dito, com imagens e descrições sobre o aspecto das ruas ou praças, sua extensão, posição em relação ao bairro e importância em relação à cidade, possível de ser verificado nos mapas aqui apresentados. Acreditamos que tomar os endereços de uma cidade como objetos sociais analisáveis, por serem eles obra de constructo social e histórico, e meio de difusão da vida urbana, é tão relevante quanto quaisquer outros objetos de análise já tão difundidos na Sociologia, pois este trata-se de uma análise documental fora dos arquivos, e dentro do cotidiano e da vida social de uma cidade.

A numerosa presença de imigrantes e descendentes de poloneses em Curitiba nos causou a inquietação em torno do paradoxo que os envolve, pois se por um lado este é o grupo mais numeroso, ele foi fortemente discriminado e posteriormente muito homenageado. Que apesar do estigma sofrido outrora, carrega consigo forte apelo para o folclore e a divulgação de algumas tradições, já bastante comuns na vida cotidiana de Curitiba. Exemplos disso são as festividades de Páscoa, em que no Sábado de Aleluia há a bênção dos alimentos no Bosque do Papa, uma tradição da religiosidade polonesa que se firma também em Curitiba; outro exemplo são as barraquinhas de feira que vendem o Pierogi, uma comida típica polonesa muito apreciada em Curitiba; e por último podemos citar as apresentações de grupos folclóricos poloneses (Wisła e

Junak principalmente) em festivais de folclore e festas típicas como a Polska Fest. Contudo, estes não são elementos suficientes para indicar problemas científicos como as áreas da cidade de maior ou menor concentração de descendentes, as personalidades mais marcantes para o grupo, ou ainda as épocas de instalação e urbanização deste grupo. E as respostas para isso, encontraríamos observando a grande quantidade de nomes de ruas com sobrenomes de poloneses, inquietação esta trazida desde a dissertação de mestrado (ROCHA, 2016), e que aqui estão atualizadas conforme o Índice de Ruas e Loteamentos de Curitiba (2014) fornecido pelo IPPUC.

A inclusão do grupo de imigrantes germânicos veio com a necessidade de explorar mais a temática das denominações de endereços, partindo de um grupo imigrante cujo país é vizinho à Polônia, mas com algumas diferenças importantes, como por exemplo, as suas histórias, o que contribui diretamente na formação dos dois povos; e a colocação destes na cidade quando da instalação na imigração. A saber: o grupo germânico também recebe estigma da população local e é visto como perigoso durante os períodos das duas Guerras Mundiais, na primeira metade do século XX; também não são muito bem vistos pelas autoridades locais assim que chegaram, principalmente as eclesiásticas, por ser um grupo predominantemente protestante, composto por luteranos e menonitas. Mas diferentemente dos poloneses cuja maioria se instala nas colônias rurais, a maior parte dos germânicos se estabelece na área central e urbanizada da cidade, trabalha com setores industriais e comerciais, alcançando estratos sociais mais elevados que os poloneses no mesmo período, o que coloca alguns personagens deste grupo em destaque social em fase anterior à dos poloneses, vide os exemplos da Família Hauer que esteve envolvida na economia do mate e de terras; e do primeiro farmacêutico de Curitiba, Augusto Stelfeld. Percebemos também uma importante quantidade de endereços com nomes de germânicos espalhados por bairros de Curitiba, porém, em bairros mais centrais do que aqueles com nomes de poloneses. O que nos permitiu ter material de comparação suficiente.

A escolha dos germânicos para comparação nesta pesquisa se deu porque, assim como os poloneses, este grupo contém seus paradoxos em torno da admiração que conquistou pelas suas potencialidades industriais e no campo da inovação, no entanto havia também o temor no meio social curitibano durante os períodos em que foi protagonista de duas Guerras Mundiais, conforme citamos acima. Essa repulsa por parte da sociedade curitibana vem na forma de destruição e depredação de patrimônios culturais que os imigrantes germânicos haviam construídos em Curitiba - ao longo de mais de meio século instalados na cidade - como clubes, escolas e jornais. Essas instituições foram destruídas por populares revoltosos na I Guerra Mundial e pela ditadura varguista na Segunda, inclui-se neste último período a proibição da

utilização pública do idioma alemão, feita via decreto². Esse tipo de estigma não acontece com o grupo dos italianos, por exemplo, que apesar de terem tido a sede da Sociedade Garibaldi (em Curitiba) fechada durante a ditadura do Estado Novo - por ser um dos países que comporia o Eixo na II Guerra Mundial - era um grupo que contava com uma proximidade e predileção da população brasileira, o que ajudou a manter seus patrimônios mais intactos que os dos germânicos. Talvez pela proximidade entre as línguas latinas, a religiosidade predominantemente católica, festividades e outros aspectos da cultura brasileira que possibilitassem essa predileção. O perfil sereno e silencioso dos germânicos e dos poloneses contrastava com o jeito expansivo e caloroso dos italianos, o que provavelmente fez com que o segundo grupo ganhasse mais proximidade na relação com os brasileiros e, portanto, menos repressão nos períodos de Guerra e mais homenagens no decorrer da história.

A propósito das homenagens prestadas a imigrantes italianos, temos exemplo da predileção que a população brasileira teve ou tem pelo grupo italiano, e que aparece justamente no objeto de pesquisa aqui tratado, a título de comparação na dissertação que antecede este trabalho (ROCHA, 2016, p.15), onde verificamos que em Curitiba há 982 logradouros³ que levam nomes de imigrantes ou descendentes de italianos ou faz referência ao país, livre de estigmas este grupo figura entre os mais lembrados para denominar endereços em Curitiba. Mesmo na pesquisa de Ianni (1966) sobre possibilidades de casamentos Inter étnicos, o grupo italiano aparece como um dos mais bem avaliados para pretendentes pelas moças curitibanas à época. E é essa predileção e o conceito positivo que possuem, que os retira do presente estudo porque visamos exatamente observar aqueles grupos que tiveram algum tipo de rechaço, estigma ou reações xenofóbicas por parte da população majoritária em algum momento da história, e que apesar disso conseguiram obter visibilidade através da denominação de logradouros. Com a aparente proximidade com a população brasileira, o grupo italiano jamais precisou disputar espaço por visibilidade, ao contrário dos grupos trazidos aqui. Acreditamos que os 1060 logradouros com nomes de poloneses ou germânicos em Curitiba (sendo 526 para poloneses e 534 para germânicos) são resultado de uma *Luta por Reconhecimento* – parafraseando Honneth, um dos pilares teóricos desta tese.

A análise de nomes de endereço como um objeto de pesquisa surge ainda no estudo anterior (ROCHA, 2016), como já foi observado acima, quando nota-se que a imigração polonesa é a maior, em números, na capital paranaense, mas é uma das mais invisíveis entre

² Decreto de Nacionalização, aprovado pela ditadura Vargas, em 1937 e proibia a comunicação em idiomas estrangeiros em vias públicas, em todo o Brasil.

³ Segundo dados de 2008 (IPPUC), consultados na referida pesquisa.

os comércios, restaurantes, confeitarias, bares e afins, ou seja, estabelecimentos que podem ser chamados de *típicos*, aqueles uns que vendessem a culinária dos antepassados polacos, rememorando um ambiente dessa ancestralidade para descendentes e a comunidade em geral. Foi quando percebemos que há, de fato, apenas dois ou três restaurantes que servem pratos poloneses, além de umas poucas barraquinhas de feira que vendem o *pierogi*, e fora esse comércio, a presença polonesa também é visível nos grupos folclóricos: o Wisła e o Junak. Esses grupos fazem um trabalho muito importante resgatando tradições antigas – algumas delas anteriores mesmo à imigração – e que muitas vezes correm risco de cair no esquecimento. Compostos por pessoas de todas as idades, descendentes ou não, os grupos folclóricos são capazes de fazer um registro histórico da Polônia anterior ao século XIX por meio da dança, do canto e do vestimenta. Contudo, tanto o trabalho dos grupos folclóricos quanto a parca rede de estabelecimentos ditos típicos poloneses não proporcionaria um debate tão aprofundado quanto o que propomos em uma pesquisa como essa: que perpassasse pela visibilidade do grupo instalado na terra de adoção, indicando redutos e marcas sociais de poloneses na cidade, chegando ao reconhecimento dos imigrantes em Curitiba. Era necessário ir além destes aspectos. Foi então que percebemos uma grande quantidade de endereços com nomes de poloneses e como isso era surpreendente do ponto de vista dos estudos sobre imigrações, mostrando que este é sim um indicador da presença deste grupo imigrante e que isso familiariza a população de Curitiba e as pessoas que passam por esses endereços com o som e a escrita do idioma polonês. Esses endereços estão em quase todos os bairros da cidade, em ruas notáveis para a malha urbana e isso é material mais do que suficiente para análise da presença do grupo em Curitiba. É um aspecto fundamental sobre a legislação envolvendo a denominação oficial de endereços diz respeito à quem é passível deste tipo de homenagem: apenas indivíduos já falecidos. Quer dizer que segundo a legislação brasileira, este tipo de homenagem só é possível se póstuma, vetando que endereços sejam oficialmente chamados pelo nome de uma pessoa viva, algo somente visível em Estados de exceção.

Há ainda, um fator importante a se observar quando se fala de nomes de endereços oriundos de idiomas tão distantes do português, que é a pronúncia desses nomes. Sem entrar no mérito linguístico, pois não é este nosso objetivo, gostaríamos de observar neste parágrafo a influência que os idiomas polonês e alemão aplicam sobre a rotina de quem anda pelas ruas da cidade. As milhares de pessoas que indicam como ponto de referência a esquina entre as ruas Jerônimo Durski e a José Domakoski, no bairro Bigorrrilho, ou a esquina entre a Rua Augusto Stresser e a Padre Germano Mayer no Hugo Lange, bairro este que se pronuncia L- A-N-G-U-E, e não L-A-N-J-E com o G fazendo som de J segundo a regra da língua portuguesa. A

familiaridade que a população local tem com esses sons estrangeiros, tanto que quando se sabe desde pequeno que o nome do shopping center - onde antigamente funcionava uma fundição cujos donos eram uma dupla de irmãos imigrantes germânicos - se pronuncia mais próximo de M-Í-L-E-R do que de M-U-E-L-E-R como quem lê letra por letra. São sons que não pertencem ao português, mas que pertencem sim ao cotidiano curitibano, essa por si só já é uma grande influência cultural aplicada pelos grupos estudados. E além dos sons, a escrita também sofre influência, pois até pouco tempo atrás o alfabeto português brasileiro não trazia a letra K, que está presente na grande maioria dos nomes polacos, assim como não existe a letra Ł que faz um som próximo ao do U como no nome do grupo folclórico Wisła, que pronuncia-se V-Í-S-S-U-A. Outra letra recentemente incluída no alfabeto do português brasileiro é o W que aparece muito nos dois idiomas e que, diferentemente do inglês, tem som de V como nos nomes Weigert e Wisniewski, por exemplo. Outros exemplos são os encontros vocálicos do idioma alemão, usando o mesmo exemplo acima: Weigert, que pronuncia-se V-A-I-G-E-R-T, ou Schoroeder em que se pronuncia com o primeiro O mudo e um E fechado no meio do nome, algo como X-R-Ė-D-E-R. E os encontros consonantais dos nomes poloneses, estes geralmente lidos e pronunciados letra por letra para ficar o mais próximo possível do português, como em Gbur, que também aparece com a grafia Guebur provavelmente devido ao entendimento de quem o registrou no cartório, ou como em Wilczak, que popularmente se fala assim: V-I-L-C-Z-A-C ou mesmo pronunciando-sesamente o Z neste encontro de consoantes, e não o som do *cz* que no polonês faz algo parecido com *tch*, ficando: V-I-L-T-C-H-A-C. Esses nomes, ora tendo a pronuncia estrangeira introjetada no cotidiano local, ora ganhando nova forma de pronúnciação como um acento brasileiro estão na rotina dos curitibanos e são ditos todas as vezes que alguém precisa falar sobre uma localização na cidade.

O caminho que este trabalho segue, passa inicialmente por contextualizar historicamente a cidade de Curitiba ao leitor, contar sobre o início de seu desenvolvimento econômico no período do Brasil Império e a economia da erva mate, que coloca Curitiba e o Paraná no mapa econômico do Brasil, e assim, entender os motivos para se atrair imigrantes europeus para esta região, e em números majoritários, o grupo de imigrantes eslavos. Entender também o processo de crescimento e desenvolvimento territorial da cidade até chegarmos ao desenho urbano atual. Verificamos o planejamento urbano experimentado pela cidade durante o século XX passando pelo plano Agache e pelo planejamento do IPPUC, proporcionando ao leitor a visualização de como os bairros curitibanos estão dispostos, indicando, inclusive as maiores concentrações de populações imigrantes polonesa e germânica na cidade, através de mapeamento.

Em seguida, fazemos um capítulo teórico em que debatemos o que se pretende com o campo da *Sociologia das Homenagens* e como ele pode ser definido. Trazemos autores que podem contribuir para esse debate, começando pelos aspectos que podem ser definidores de homenagem, tais como a honra, prestígio e a teoria de reconhecimento trabalhada por Honneth (2003). Outro aspecto trazido aqui é o de memória coletiva trabalhado por Halbwachs (2003), e que acaba se tornando central na definição de homenagens a antepassados, especificamente no caso de homenagens em endereços, que são via de regra póstumas. E após essa revisão literária, o capítulo ainda traz uma discussão sobre como estruturar essa Sociologia das Homenagens, falando sobre as relações entre homenageado e prestador da homenagem; questionando sobre se há níveis diferentes de importâncias e de reconhecimentos entre trajetórias individuais, que pesam no momento da escolha de uma prestação de homenagens. E para auxiliá-lo no aprofundamento desta discussão, trazemos Boltanski (1991) que discute a economia das grandezas e traz a possibilidade de se pensar a homenagem a indivíduos conforme níveis em que alguns indivíduos aparecem mais aptos a receber uma homenagem do que outros, ou o que chamaremos de níveis de homenageabilidade. A partir deste ponto da discussão, abrimos espaço para trazer outros exemplos de trabalhos que utilizam logradouros e o desenvolvimento urbano como objeto de estudo, e também outras pesquisas que trabalham com o espaço urbano e sua ocupação. Acreditamos que trazer esse conteúdo enriquece a base teórica desta tese e ilustra o lugar científico onde esta se encontra.

No quarto capítulo, apresentamos a metodologia utilizada para a pesquisa e os dados coletados. Falamos sobre a escolha por homenagens feitas através de logradouros públicos em vez de homenagens privadas, o que pode indicar um trabalho principalmente focado no parlamento municipal e que perpetua uma determinada modalidade de reconhecimento social voltado para a denominação de endereços na lógica da cidade, como também mostra a presença de possíveis redutos das duas imigrações no mapa de Curitiba. Explicamos como foi desenvolvida a pesquisa com os 1060 endereços que levam nomes de poloneses ou de germânicos em Curitiba: passando pela confirmação da origem de cada nome, o desenvolvimento das planilhas quantitativas, os cálculos que foram feitos para apresentar todas as estatísticas envolvidas na pesquisa, tais como: quais os vereadores mais atuantes, em que bairros ocorrem mais ruas, as mais antigas e mais recentes, entre outras observações e ainda a elaboração e edição dos mapas de cada bairro de Curitiba. Na apresentação dos dados contamos com gráficos, mapas e tabelas, que são elementos de uma linguagem imagética indispensável para formarmos o começo de um mapa da imigração em Curitiba, pelo menos no que diz respeito à presença dos grupos de poloneses e germânicos. Quanto aos dados

coletados acerca dos endereços estudados aqui, trazemos uma explicação sobre os seguintes aspectos, além dos nomes dos endereços: a) o bairro onde se localizam cada endereço, b) quem trabalhou na Câmara Municipal para que se oficializasse o endereço, c) as datas destas oficializações, d) a biografia do homenageado, e e) uma descrição dos endereços. Assim, é possível calcular quais os bairros de maior concentração de homenagens em cada grupo e aqueles que não as possuem; quais os vereadores que mais propuseram nomes e quais os endereços mais antigos e os mais recentes. Além disso, há a análise qualitativa, em que pretendemos entender os endereços, verificando se eles são ruas mais residenciais ou se há uma intensidade de fluxo de transporte público, circulação de pessoas, instalações comerciais, ou no caso das praças, se elas possuem equipamentos de lazer, ou se são pequenos jardins.

Após essa apresentação, trazemos ainda um capítulo específico para adentrar aos aspectos de cada um dos 75 bairros da cidade, onde em cada sub capítulo contamos um a um parte de suas histórias, suas características e pelo menos um exemplo de logradouro com nome de germânico e um com nome de polonês, destacado a partir do levantamento desenvolvido. Pensamos a respeito da importância do endereço destacado em cada exemplo, o contexto de sua oficialização – autor do projeto de lei e data, o contexto de cada um deles na dinâmica do bairro: contando se há estabelecimentos contidos neles, o movimento de veículos e a circulação do transporte coletivo. Partindo da ideia de que toda homenagem com nome de rua é uma importante honraria, vale ainda pensar – munidos das biografias dos homenageados - se há alguma lógica em se homenagear um personagem de maior notoriedade na sociedade com um endereço maior ou mais central, ou se poderá acontecer de personagens ilustres terem seus nomes em ruas pequenas e pouco expressivas. Caso não havendo uma relação homenagem – personagem, e se tratar-se somente de uma ordem cronológica onde as maiores ruas foram denominadas mais antigamente que as pequenas, pode-se pensar nos motivos para as homenagens, verificando de onde partiu a iniciativa e como surgiu a oportunidade de homenagear. E após todos os bairros serem apresentados, ainda cabe elencar outros exemplos de homenagens em nomes de ruas que foram catalogados pela autora em outras cidades do mundo, como Paris, Bruxelas, Rio de Janeiro e Porto Alegre, apresentando alguns nomes que possam ter sido lembrados fora e em Curitiba não, como essas cidades apresentam tais nomes e se são endereços mais ou menos relevantes na lógica urbana destes exemplos, experimentando breves comparativos para reforçar ainda mais o lugar deste objeto de estudo dentro do âmbito da Sociologia.

Para então concluirmos este trabalho com as reflexões que ele nos permite fazer, o entendimento sobre esta faceta teórica relativamente nova para a Sociologia – que trata do

movimento de prestação e do recebimento de homenagens - e este objeto de estudo também inédito ou bem pouco explorado pelos colegas da área - que são as ruas e praças das cidades e suas denominações - lugares por onde a história e a vida urbana são construídas, nomes carregados de significado histórico mas que aparentemente soam estáticas e frias se observadas somente quanto a suas placas metálicas e o asfalto que as cobre.

2 HISTÓRICO DOS GRUPOS IMIGRANTES GERMÂNICO E POLONÊS

O primeiro passo para atendermos à demanda de compreender a presença germânica e polonesa nos logradouros de Curitiba, certamente é conhecer o processo histórico da chegada destes dois grupos imigrantes ao Brasil em geral, e a Curitiba em específico. É importante que se diga primeiramente que – segundo a nossa perspectiva neste trabalho - tratamos como imigração toda movimentação voluntária de indivíduos de outros países em direção ao Brasil, não servindo para categorizar a grande movimentação de pessoas de origem africana entre os séculos XVI e XIX - conhecida inclusive como Diáspora Africana - para serem escravizadas em todo o continente americano e cujo período mais duradouro foi no Brasil.

Outra informação importante acerca de imigração no Brasil é que não há um documento específico e unificado que retrate todos os movimentos migratórios ao Brasil ao longo de sua história, mas o que temos são trabalhos sobre uma linha migratória específica, sobre uma população ou uma região do Brasil onde as populações se fixaram. Dados coletados na Revista de Imigração e Colonização – uma publicação que era vinculada ao Conselho desta área – retratam que 75% dos imigrantes europeus no Brasil eram da chamada Europa Latina: Portugal, Espanha e Itália e que em quarto lugar estaria o contingente germânico, correspondendo a 250 mil habitantes, de um total de cinco milhões de imigrantes que vieram ao Brasil no intervalo entre 1830 e 1940. Sendo a década de 1890 a mais movimentada na recepção de populações imigrantes, pois contabilizou a entrada de 1,2 milhão de pessoas no Brasil (SEYFERTH, 1999, p. 201-202).

E alguns destes trabalhos serão comentados em seguida, para que possamos verificar o panorama histórico das imigrações no Brasil. Após falarmos no âmbito nacional, passamos para o caso paranaense até chegarmos na perspectiva da imigração de germânicos e poloneses e suas colônias especificamente na cidade de Curitiba.

2.1 A IMIGRAÇÃO INTERNACIONAL AO BRASIL A PARTIR DO SÉCULO XIX

Quando tratamos de analisar a história da imigração de pessoas livres ao Brasil - separando-se o contingente de colonizadores portugueses que por aqui chegaram desde o século XVI – o primeiro fator a se pensar é a transferência da corte portuguesa para o Brasil a partir de 1808 e com ela a vinda de aproximadamente 50 mil portugueses que emigraram para o Brasil com um foco na ocupação de espaços considerados vazios no

território brasileiro (NADALIN, 2001, p. 63-67). Essa ocupação de espaços, obviamente, não levou em consideração a população originária desta terra que a habitava há séculos.

Há que se considerar ainda que toda ou maior parte da economia brasileira do século XIX estava fundamentada no trabalho escravo. A título de exemplificação, a partir de 1840 com o auge da economia da monocultura do café, o Brasil contabilizou a entrada de mais de 1,4 milhão de pessoas africanas para se tornarem escravas, ou seja, a escravidão era também um segmento econômico do Brasil Império e esta é uma das explicações para a lentidão do processo de erradicação do trabalho escravo no Brasil. E por isso, a ideia de lotear terras para a pequena produção com base na agricultura familiar e no trabalho livre encontrou forte oposição dos setores latifundiários do estado de São Paulo, uma vez que este era o grupo no poder político e econômico do país. Como a legislação pelo fim do tráfico de pessoas africanas para fins de escravidão atingiu de forma direta este segmento econômico, as elites repensaram esta postura e sugeriram que a atração de populações imigrantes seria interessante para a substituição da mão de obra em suas lavouras, mas somente assim.

Feita esta consideração, é importante ressaltarmos o segundo fator marcante na proposta de atrair imigrantes de origem europeia ao Brasil, que é a de embranquecimento da população brasileira e a retomada da positividade do trabalho braçal, que estava manchado pela escravidão (NADALIN, 2001, p. 67). Era uma população que seria responsável por trazer novas técnicas e métodos agrícolas ao campo brasileiro. Pois como afirma o mesmo autor: “o governo do Paraná procurava preencher um modelo de população” (NADALIN, 2001, p.74), ou seja, era um pensamento das elites locais de que atrair trabalhadores brancos e livres significaria o progresso do país, porém jamais cogitaram a destruição da estrutura escravocrata. De fato, era uma proposta para ressignificar e positivar o trabalho braçal através da mão de obra do europeu, em um discurso que o colocava como superior em relação aos nacionais e aos trabalhadores livres africanos e asiáticos, pois os primeiros ensinariam a lidar com a terra e que este perfil de trabalhador idealmente incansável e obstinado seria a meta a ser alcançada para a nação brasileira evoluir. Além disso, a proposta de ocupação territorial do Brasil meridional serviria para defender a região de possíveis invasões argentinas e de tomar as áreas que pertenciam aos índios botocudos⁴ - originais ocupantes do território - e incorporá-las à produção agrícola.

Outro registro encontrado em Martins (2013, p.133) mostra que durante o século XIX havia um ideal de embranquecimento da população que surgiu por parte das elites econômicas

⁴ Também identificados como povos do eixo Macro Jê: como os Kaingangs, Xoklengs e Xetás.

nacionais, baseadas no latifúndio do café. Esta teoria pode ter sustentado o perfil de imigração para exploração da mão de obra, conforme o modelo visto em fazendas paulistas, mineiras e capixabas, principalmente. Essas teorias racialistas também são retratadas no trabalho de Takeuchi (2008) sobre o rechaço sofrido pelos primeiros imigrantes nipônicos no Brasil, a partir da primeira década do século XX. Ao longo do texto, a autora vai descrevendo como este grupo sofreu ataques xenofóbicos por parte da mídia, de setores políticos e acadêmicos, que os retratava como “inassimiláveis, eugenicamente inferiores e produtores de pobreza nos países que os recebiam.” (TAKEUCHI, 2008, p. 174), fazendo com que esta população passasse a ser vista como uma ameaça racial e política ao país.

Sobre os grupos europeus que vieram ao sul do Brasil, há um grande contingente de pesquisas que se dedicam a estudar as histórias de sua chegada e permanência e aspectos sociais destes grupos. São trabalhos que ilustram como foi feita a organização das colônias rurais onde os imigrantes foram instalados e como era o sistema de produção nas pequenas propriedades. Um exemplo de relato sobre a chegada dos germânicos ao sul do Brasil está na pesquisa da professora e historiadora Marionilde Dias Brepohl de Magalhães, que traz em sua tese de doutoramento os motivos que incentivaram este movimento migratório:

Segundo as estatísticas, no último terço do século XIX o número de imigrantes é bem mais expressivo que nas décadas anteriores. Este novo impulso se deve ao desenvolvimento econômico e político de ambos os países. A industrialização mais acelerada na Alemanha, o sucesso relativo do discurso imigrantista no Brasil e a propaganda, seja oficial, de empresas, ou dos próprios colonos através de correspondências, atraíram novos grupos para a região. (MAGALHÃES, 1993, p. 23).

A autora apresenta também uma relação das colônias agrícolas que abrigaram imigrantes germânicos no sul do Brasil em uma tabela que mostra que a primeira colônia destinada a esta população foi a de São Leopoldo no Rio Grande do Sul, inaugurada em 1824, por iniciativa dos governos imperial e provincial. A maior parte das colônias germânicas listadas por Magalhães (1993) são atualmente cidades nos três estados sulistas e que mantiveram os nomes do tempo de colônia, como os casos de Blumenau, Joinville e Brusque em Santa Catarina e Rio Negro no Paraná, sendo esta a primeira experiência de colônia de imigrantes no estado paranaense, em 1829. A mesma tabela ainda apresenta uma importante curiosidade, sobre a colônia Canoas (RS) - que atualmente é uma grande cidade da região metropolitana de Porto Alegre - esta teria sido fundada por iniciativa dos próprios colonos remigrantes de São Leopoldo e Teutônia (MAGALHÃES, 1993, p. 26). E como as iniciativas de colonização partiram do poder público, uma condição era imposta para a fundação das

colônias: que elas não concentrassem somente um elemento étnico ou nacional em seu interior, quer dizer, que elas fossem mistas entre os grupos estrangeiros e entre elementos nacionais e estrangeiros, para evitar o que seriam os chamados “quistos étnicos” (MAGALHÃES, 1993, p.34) e também oreceio da propagação massiva da religião protestante que era majoritária entre a população de origem germânica, uma vez que a religião oficial do Estado Brasileiro durante o Império era o catolicismo.

Acerca dos benefícios dados pelos governos imperial e provincial aos imigrantes europeus recém-chegados ao país e uma possível percepção disso por parte dos setores preteridos da sociedade brasileira à época – leia-se pretos ou mestiços livres e pobres – reservamos um destaque da literatura brasileira sobre essa situação, um trecho da obra de Lima Barreto *Triste Fim de Policarpo Quaresma* em que um personagem diz: “Terra não é nossa...E ‘frumiga’?...Nós não ‘tem’ ferramenta... isso é para italiano ou ‘alamão’, que governo dá tudo...Governo não gosta de nós...” (BARRETO, 2011, p. 224-225). E com essa frase dita pelo personagem Anastácio, um negro liberto que faz trabalho braçal no sítio de Policarpo Quaresma⁵, notamos a reação que as pessoas negras – ou pelos menos de acordo com a percepção do autor⁶ - tiveram quando se perceberam nesta terra há mais de 300 anos sem um direito sequer e indesejáveis aos olhos das elites, em meio à chegada de um grupo branco que é recebido como o trabalhador mais desejável, privilegiado e ideal para o futuro e o progresso do país. E com esse ponto de vista retratado não por um autor da história ou da sociologia, mas sim alguém da literatura, é que podemos pensar a respeito do domínio da narrativa favorável à imigração e ao comportamento do poder público para a instalação e fixação desta população; e como a chegada dessas populações foi percebida por quem já estava nessa terra e fazia parte das camadas inferiores e que permaneceu sem benefíciouse privilégios do Estado.

Contudo não é somente no eixo sul-sudeste que se tem relatos da presença imigrante no Brasil. Há, pois, registros sobre a imigração europeia na região nordeste do Brasil conforme apresenta o artigo de Teixeira (2016). A autora retrata que os estados da Paraíba, Alagoas e Pernambuco compunham a Associação de Colonização, com sede no Recife, que desde meados do século XIX tinha objetivode receber imigrantes europeus vindos de Portugal, Espanha, França, Alemanha e Itália (TEIXEIRA, 2016, p. 7). Durante o período conhecido como Primeira República – entre os anos de 1889 a 1930 - o governo da Paraíba que tinha

⁵ Que de acordo com o enredo da obra, se localiza no interior do estado do Rio.

⁶ Pois não estamos lidando aqui com um fato histórico de alguém que tenha se rebelado ou se expressado publicamente contra a política de imigração, mas sim com a liberdade de expressão e de criação de Lima Barreto, que por ser negro voltou sua preocupação para este grupo, sendo, portanto, uma questão de representatividade.

objetivos de desenvolver a indústria local, aprova uma lei em 1895 que autoriza a introdução de imigrantes ao estado junto à correção orçamentária do exército, (TEIXEIRA, 2016, p.7). Contudo não há informações sobre a concretização desta proposta, que segundo uma hipótese da própria autora teria motivo na estagnação econômica do estado. Outro exemplo é sobre a presença de imigrantes japoneses na cidade de Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul como apresenta Kubota (2008). A autora conta que a primeira leva de imigrantes nipônicos à capital sul-mato- grossense foi na verdade uma remigração de colonos que não estavam satisfeitos com as condições de trabalho nas fazendas paulistas e se direcionado ao Mato Grosso do Sul para trabalhar na construção da Estrada de Ferro Noroeste, um ano após sua chegada ao Brasil, em 1909. Uma segunda leva é ainda mais significativa, pois trata-se de famílias da província de Okinawa⁷ que remigram do Peru para Campo Grande a partir dos anos 1920 e se fixam na cidade. E uma vez que são famílias oriundas da mesma região, os laços entre esses imigrantes eram mais estreitos, o que possibilitou sua estabilidade na cidade (KUBOTA, 2008, p. 59-60). É interessante observar que neste caso, o caminho migratório desenvolvido pelo grupo japonês se dá via Oceano Pacífico, o que facilitou a chegada do grupo ao centro oeste brasileiro e supriu um dos interesses iniciais da abertura do país aos imigrantes, que era justamente o de ocupação territorial daquilo que se descreveria como o ‘interior do país’ ou as fronteiras com países vizinhos. Diferentemente ainda do pioneiro grupo de imigrantes nipônicos que chegou em 1908 no vapor Kasato Maru, documentado como o primeiro navio a trazer imigrantes japoneses ao Brasil e que atraca no Porto de Santos. Este exemplo também se diferencia da lógica da maioria dos grupos migratórios e dos próprios colonizadores portugueses, que chegaram pelo Oceano Atlântico e se instalaram historicamente em regiões mais próximas da costa brasileira.

Contudo, como o nosso objetivo neste estudo é compreender a imigração de europeus na região de Curitiba, devemos olhar mais especificamente para o processo de introdução de populações imigrantes ao estado do Paraná e o desenvolvimento de uma política pública para a imigração. E por isso, passamos agora para uma sessão onde olhamos de forma mais aprofundada para o processo de recepção e instalação de imigrantes no estado do Paraná, no mesmo período histórico, que compreende a segunda metade do século XIX.

⁷ Província ao sul do Japão.

2.2 A IMIGRAÇÃO DE EUROPEUS AO ESTADO DO PARANÁ

A conjuntura política e econômica paranaense durante o século XIX se transforma de modo a colocar o estado em um patamar de relevância política e econômica inéditos até então em toda a sua história e sua compreensão é também fundamental para debatermos o processo de entrada e estabelecimento dos imigrantes europeus no Paraná.

Duas são as principais atividades econômicas no Paraná neste período, uma delas é o transporte de tropas de bois e mulas até Sorocaba (SP) para serem negociados para o mercado consumidor mineiro, essa atividade ficou conhecida como tropeirismo, em que as invernadas na região da Lapa e de Castro “forneciam 30% do total anual de muares entrados em Sorocaba.” (SANTOS, 2001, p. 61). E, segundo Santos (2001) é a partir dos anos 1820 que a erva mate começa a ganhar força como principal produção econômica paranaense, inclusive com exportação para os países platinos e assim segue ao longo de todo o século XIX, neste período o tropeirismo e a economia da erva mate coexistiram no Paraná. É, portanto, a erva mate que coloca o Paraná no mapa do comércio da região, sendo que é pelo Porto de Paranaguá que o produto era exportado para a Argentina e o Uruguai. Ao perceber que as divisas provenientes da economia do mate viriam em maior escala diretamente para o Paraná caso este se emancipasse de São Paulo, as elites começam a se movimentar para tal feito a partir dos anos 1840 e, finalmente, em 1853 ocorre a emancipação.

A década de 1850 é bastante importante para o Paraná, pois além da sua emancipação política, há também um salto de desenvolvimento econômico e no âmbito da infraestrutura, pois: “Em 1855 foi iniciada a construção da estrada da Graciosa que, ligando o planalto ao litoral, tornou-se de importância fundamental para a produção paranaense.” (SANTOS, 2001, p. 49), porque a erva que até então era colhida no planalto curitibano precisava ser transportada para o litoral – nas cidades de Paranaguá, Antonina e Morretes – para ser beneficiada, e também entre os anos de 1856 e 1857 a cotação dos valores do mate atingem um nível nunca antes visto. Antes da vinda dos imigrantes a economia paranaense se definia a partir de três fatores: ela se consolidou como sendo periférica; era baseada na monocultura industrializada do mate; e era uma economia dependente de Estado instáveis que passavam por crises constantes, como Argentina, Uruguai e Paraguai.

Com a proibição do tráfico internacional de pessoas escravizadas há uma debandada de escravos das fazendas no interior do Paraná para províncias mais ricas e com mais demanda de mão-de-obra e esse foi o motivo, segundo Santos (2001, p.50), para que ocorresse escassez de mão-de-obra nas tarefas de subsistência. Além disso, a maior parte dos trabalhadores no

planalto se ocupavam do mate, e nas regiões dos Campos Gerais, nas cidades de Guarapuava e Palmas a atividade principal era a pecuária, então é notória uma debilidade na produção de alimentos. E com um expressivo aumento populacional – quando em 1860 o Paraná chega a 80 mil habitantes – desenhava-se um problema a ser resolvido pelas autoridades: destinar terras e arranjar mão-de-obra capaz de produzir alimentos para o povo. Com essa preocupação, a partir dos anos 1870, o governo paranaense entende que a solução mais viável é incentivar a vinda de imigrantes europeus para que estes ocupassem terras devolutas nos arredores das cidades, para que nelas produzissem alimentos e os comercializassem nas áreas urbanas, começava então a se desenvolver o sistema de colônias imigrantes.

Enquanto que na Europa, a perspectiva era de aumento populacional de forma escalonar e avanços tecnológicos no ramo industrial, favorecido pela Revolução Industrial que colocavam a população rural em situação de miséria e exploração e nas cidades a situação também era de pobreza, jornadas de trabalho exaustivas e superpopulação. São esses efeitos, segundo Nadalin (2001, p. 62) que impulsionaram a emigração de populações a partir da segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX.

Voltando a observar a situação paranaense para a inserção de populações imigrantes, notamos que a província passa por alguns desenhos políticos importantes ao longo deste período, tais como: processos de desenvolvimento urbano nas cidades através de obras de infraestrutura urbana acontecendo em várias cidades do leste paranaense como Curitiba, Morretes, Lapa e Castro; aceleração do processo de emancipação da população escravizada amparado pelas leis imperiais e através de uma taxa de emancipação da população escravizada que servia para comprar suas alforrias junto aos seus senhores, mas não rendia valor algum para o ex-escravo começar a se estabelecer financeiramente (SANTOS, 2001, p. 71-73); e a Lei de Terras de 1850 que determinava a terra como mercadoria a ser adquirida somente mediante compra, o que impossibilitava a posse por ocupação e dificultava a fixação dos pretos libertos nas regiões onde costumavam viver e servir, o que levou uma grande parcela da população preta a debandar do estado e que também atingiu os colonos recém-chegados ao Brasil - que na maior parte das vezes tinham poucos recursos financeiros para poderem comprar lotes – fazendo com que estes trabalhassem de forma obstinada em terras que não eram de sua posse, mas sim do Estado ou de particulares (SANTOS, 2001, p. 75).

E assim se deu: as primeiras iniciativas de colonização para imigrantes foram de ordem e com recursos privados e sua instalação, nos três estados sulistas, ocorreu em regiões de pouco interesse por parte dos luso-brasileiros como o Vale do Itajaí em Santa Catarina, a Serra Gaúcha e, no caso paranaense, na região do Vale do Rio Iguaçu. Nadalin (2001) ainda ressalta que: “Na

prática, a pequena propriedade imigrante foi estabelecida em zonas recobertas por florestas, em torno de cidades do litoral e do primeiro planalto.” (NADALIN, 2001, p. 70), para que, em primeiro lugar, se permitisse um desenvolvimento das áreas consideradas devolutas e fosse garantido o abastecimento das cidades com os alimentos produzidos nas colônias; mas que, em segundo, eram áreas que não interessavam comercialmente aos luso-brasileiros e que foram destinadas à imigração, pois a população estrangeira desconhecia os terrenos antes de serem instalados.

Kanashiro (2006) observa que:

Apesar da promulgação da lei de incentivo à imigração datar de 1820, a colônia de Assunguy [atual Cerro Azul] instala-se em 1860, aproximadamente a 100 km. da capital. No “rocio” de Curitiba, a 3km da cidade, somente é criada a colônia Argelina em 1868. (KANASHIRO, 2006, p. 174).

E que mesmo com a aprovação legal para a entrada de imigrantes esse processo levou algumas décadas para ser desenvolvido e torna-se uma prática mais efetiva após a emancipação política do Paraná em 1853 e é na década de 1870 que a imigração ao Paraná se intensifica. Pois é quando Lamenha Lins, o então Presidentado Paraná⁸ percebe que as colônias de iniciativa imperial, como no caso de Assungui em Cerro Azul; e as iniciativas municipais em Curitiba como a Colônias Pilarzinho e Abranches – fundadas em 1871 e 1873 respectivamente – estavam logrando algum êxito ainda que com dificuldades logísticas e de fertilidade da terra, pois como bem registra Santos (2001): “Ao tomar ciência da situação existente Lamenha Lins *‘fez do problema imigratório no Paraná a principal meta de sua administração’*”, inaugurando um novo sistema de colonização (...)” (SANTOS, 2001, p. 79). E assim Lamenha Lins elabora um planejamento estadual de colonização para instalar imigrantes a partir do primeiro ano de seu mandato, em 1875. E para deixar os colonos minimamente amparados da infraestrutura do Estado ele providenciou então a fixação dos camponeses na terra, com divisão de terras em pequenos lotes, a localização das colônias nas proximidades das estradas já existentes, a construção de estradas vicinais para acesso às colônias e a priorização da produção de gêneros alimentícios (SANTOS, 2001, p. 79).

Em um levantamento bastante detalhado, Kanashiro (2006) apresenta um quadro com a relação de todas as colônias de imigrantes construídas na Região Metropolitana de Curitiba, instaladas entre 1860 até 1939, que contabilizam 39 ao todo sendo 30 de iniciativa provincial

⁸ Esta era a denominação dada ao chefe do poder executivo local durante o período imperial e início do republicano.

⁹ Grifo do autor.

(KANASHIRO, 2006, p.175). As colônias Santa Cândida, Orleans e Santo Inácio, em Curitiba e que são estudadas a fundo nesta tese foram fundadas durante a gestão de Lamenha Lins, entre 1875 e 1876. Outras colônias de imigrantes poloneses também são inauguradas neste período, como o caso das Colônias Dom Pedro e Tomás Coelho localizadas nas áreas que atualmente são dos municípios de Campo Largo e Araucária, respectivamente. A gestão de Lamenha Lins à frente do Paraná durou dois anos, mas seu sucessor Rodrigo Otávio continua este trabalho de fundar colônias de imigrantes e em 1878 são fundadas por exemplo as colônias Zacarias e Muricy, em São José dos Pinhais, para abrigar imigrantes poloneses também (KANASHIRO, 2006, p. 175-177).

Existiram períodos históricos em que a imigração oscilou de acordo com o maior ou menor incentivo governamental na terra de adoção, independentemente do país de origem dos imigrantes. Aqui no caso paranaense, a desaceleração da imigração ocorre entre os anos 1880 e 1885 pois houve um receio quanto à criação de “quistos étnicos” com uma proposta de implementar elementos nacionais nos ambientes coloniais, uma vez que começava a se tornar indesejável essa concentração estrangeira dentro do território (KANASHIRO, 2006, p. 178). No entanto, a iniciativa é retomada gradativamente até que na década de 1890 –coincidindo com o período da Primeira República brasileira – ela recobra sua força. Apartir desta década há, por exemplo, um grande contingente de imigrantes poloneses chegando ao Paraná e assim segue até o ano de 1914, com o início da I Guerra Mundial, quando os movimentos migratórios se interrompem em todo o planeta. O intervalo entre os anos 1890 e que ficou marcado com o registro da chegada de quase 14 mil imigrantes poloneses, ficou conhecida como ‘Febre Brasileira’ (OLIVEIRA, 2010, p. 84), pois a propaganda para a imigração era muito forte tanto por parte do governo paranaense e brasileiro, como também na Polônia seja por parte do governo polonês ou através das correspondências dos patríciosque já haviam emigrado.

E ao longo da última década do século XIX – tratando-se, portanto, do período chamado de Primeira República - a imigração passa a ser um assunto exclusivo dos estados, ficando a União responsável somente pelo controle nas fronteiras (OLIVEIRA, 2012, p. 179). E a prática do governo paranaense se manteve em demarcar terras destinadas à imigração e fazer a propaganda que atraísse europeus interessados em emigrar. O autor faz uma demarcação temporal e apresenta números populacionais sobre os imigrantes europeus no Paraná: “até o ano de 1911, quando da fundação da Colônia de Carambeí por imigrantes holandeses, aproximadamente 83.000 novos imigrantes haviam se instalado em praticamente uma centena de novas colônias” (OLIVEIRA, 2012, p. 179).

No entanto, é importante adentrarmos aos aspectos referentes às origens e hábitos dos dois grupos aqui estudados: os germânicos e os poloneses e para isso abriremos uma sessão com breve explanação sobre as formas de vida e convívio deambos na terra de adoção.

2.2.1 Germânicos e Poloneses que emigraram ao Paraná

Em sua tese de doutoramento, Magalhães (1993) estuda o pan-germanismo entre os imigrantes de origem germânica que se fixaram ao sul do Brasil. E ao discutir suas referências teóricas ela toma como exemplo os imigrantes instalados na colônia de São Leopoldo (RS) e verifica que entre 1845 e 1899 havia lá indivíduos de origens diversas, tais como: Holanda, Suíça, Áustria, Morávia¹⁰; e também a presença de indivíduos originários de nações que não são propriamente germânicas, como a Sérvia e Rússia – de origem eslava – e Suécia e Dinamarca – de origem escandinava (MAGALHÃES, 1993, p. 20). E mesmo assim, a autora percebe que apesar das diferenças entre esses indivíduos, o grupo de imigrantes utilizava a língua alemã para se comunicar e que houve, sim, uma homogeneidade na vida cotidiana destas pessoas uma vez que a convivência entre eles atenuava as diferenças (MAGALHÃES, 1993, p. 21).

A primeira experiência de imigração no Paraná foi a Colônia Rio Negro, inaugurada em 1829, como comentamos na sessão anterior. E esta colônia foi construída a partir de uma iniciativa privada e que trouxe os primeiros imigrantes germânicos ao estado. Kanashiro (2006, p. 175) apresenta em sua pesquisa uma tabela com todas as colônias fundadas no Paraná a partir da segunda metade do século XIX, destacam-se algumas colônias destinadas a imigrantes russo-alemães¹¹, como o caso de Mariental e Virmond, ambas localizadas no município da Lapa e inauguradas no ano de 1878. A Colônia Mariental recebeu um importante apoio da Fundação Mueller, de Curitiba, com o fornecimento de material e tecnologia para que a colônia mantivesse uma ferraria, e assim pudesse fabricar ferramentas para o trabalho rural, carroças, arados e ferragens para os cavalos, ou seja, instrumentos que viabilizasse o trabalho dos colonos (MÜLLER, 2016, p. 56). Ainda sobre os russos-alemães é importante destacar que este grupo também ocupou colônias na região de Palmeira nos Campos Gerais, com a colônia Sinimbu,

¹⁰ Região que atualmente faz parte da República Tcheca.

¹¹ A população russo-alemã é assim designada porque durante a Guerra dos Sete Anos, ocorrida no século XVIII, houve um movimento migratório de famílias germânicas que, com propaganda feita pelo império russo, eram atraídas “para colonizar as estepes desabitadas e áridas do Baixo Volga” (MÜLLER, 2016, p. 52) – em referência ao Rio Volga na região de São Petersburgo, Rússia - e destinados a trabalhos agrícolas em solo russo.

fundada também no ano de 1878¹². Com alguns desmembramentos ocorridos em Sinimbu, algumas famílias católicas se fixaram em núcleos como Santa Quitéria e Alegrete, e famílias protestantes se estabeleceram em núcleos como o Quero-quero¹³ todas nos arredores de Palmeira.

Além destes exemplos de colônias instaladas mais ao interior do estado em direção ao Segundo Planalto, Kanashiro (2006, p. 175) também apresenta em sua lista outras colônias rurais que receberam imigrantes germânicos – e que neste caso não faziam parte do grupo de russos-alemães – mas que eram mistas, em que o grupo germânico compartilhava o espaço com imigrantes de outras nacionalidades. Como o caso da Colônia Assunguy fundada em 1860 por iniciativa imperial e localizada no município de Cerro Azul onde conviviam ingleses, franceses, italianos e germânicos; e as Colônias Argelina e Pilarzinho em Curitiba, onde germânicos dividiam a terra com imigrantes italianos e poloneses, essas colônias foram fundadas em 1868 e 1870 respectivamente, sendo ambas por meio de iniciativa municipal.

Em relação à imigração polonesa que veio ao Paraná pudemos verificar em Rocha (2016, p. 39) que grande parte do contingente imigrante polonês veio da região da Silésia, e essa diferenciação é importante uma vez que no contexto dos Séculos XVIII e XIX a Polônia passava por um período de dominação pelos impérios Russo, Prussiano e Austríaco. E com essa dominação a população silesiana – que estava sob domínio da Prússia - vivia em condições de miséria, tendo problemas com as colheitas que geravam dificuldade de alimentação do povo, e com isso uma baixa na imunidade fazendo se propagar epidemias de tifo e cólera, além ainda da iminência constante de guerras. Condições de vida bastante precárias que influenciavam a população a deixar sua terra de origem e buscar novas perspectivas.

A chegada das primeiras populações imigrantes de origem polonesa ao Paraná teve seu início a partir da década de 1870, quando um grupo de 16 famílias se retirou da Colônia Príncipe Dom Pedro, no Vale do Rio Itajaí - ainda que de forma irregular e proibida pelas regras internas da Colônia – e veio a pé para o planalto curitibano (ROCHA, 2016, p. 41). Através de solicitações junto ao poder público curitibano e paranaense, o grupo de imigrantes poloneses consegue se estabelecer nos arredores de Curitiba conseguindo concessões de terras para construção de colônias. É então que a política imigrantista de Laménha Lins encontra o maior

¹² Informação disponível no Dicionário Histórico dos Campos Gerais: <https://www2.uepg.br/dicion/alemaes-do-volga-estabelecimento-na-vila-de-palmeira/> Acesso em 17/03/2021.

¹³ Peço licença para relatar aqui que meus antepassados de parte materna são originários da colônia Quero-quero. Gustavo Schoveigert, meu bisavô e imigrante russo-alemão se desliga da colônia para exercer trabalho urbano em Ponta Grossa nos anos 1920, em uma fábrica de fogos de artifício. No entanto, por termos tido pouco contato com este familiar, não se sabe muito mais do que isso sobre sua vida.

entusiasta da imigração polonesa, personagem que é tido como o pioneiro desta imigração no Brasil: Sebastião Saporski, um imigrante polonês também oriundo da Silésia, que deserta do exército prussiano e vem para o continente americano no final da década de 1860 (ROCHA, 2016, p. 42). E assim o principal eixo de concentração das populações imigrantes se concentrou nos arredores de Curitiba, o que atualmente é a Região Metropolitana da capital paranaense (ROCHA, 2016, p. 30), como o caso de umas das mais importantes delas: a Colônia Tomás Coelho localizada onde atualmente é o município de Araucária distante a 16 km da capital, que foi fundada em 1876 e contou com 275 lotes em uma área de mais de 1600 ha (KANASHIRO, 2006, p. 175). A exemplo de Tomás Coelho, as experiências coloniais na Região Metropolitana de Curitiba foram de aspecto rural e baseada na pequena propriedade familiar para produção de alimentos, exatamente conforme os propósitos determinados por Laménha Lins. Contudo não é correto dizer que a imigração polonesa no Paraná foi em sua totalidade rural, pois vemos em Oliveira (2010) o grupo de imigrantes poloneses que vivia na área urbana de Curitiba se organizava em sociedades culturais e esportivas e mantinha jornais escritos em idioma polonês para a comunicação da comunidade. Para as crianças que viviam nas colônias polonesas em Curitiba, os próprios imigrantes construíam escolas onde se lecionava em idioma polonês (OLIVEIRA, 2010, p. 85). Isso até ser instaurada a política de nacionalização implementada pela ditadura Vargas, a partir de 1937, que proibia a organização social de estrangeiros, o diálogo e pronunciamentos públicos em qualquer idioma estrangeiro e priorizava o ensino em idioma português nas escolas, assim como a inclusão de aulas de história e geografia brasileiras nas escolas coloniais. E com essa apresentação acerca do perfil urbano dos imigrantes poloneses e uma desconstrução da imagem de um imigrante predominantemente camponês, o autor propõe que se enxergue o grupo de imigrantes poloneses em Curitiba com um olhar de mais diversidade e sem generalizações, concluindo que:

Ao lado do camponês existiu, portanto, outro polonês urbano, intelectualizado, comercial e politicamente ativo. Esse outro, ou melhor, esses outros imigrantes participaram da vida política polonesa e brasileira, disputaram espaços, protagonizaram disputas, deixando marcas indeléveis na história social da cidade de Curitiba. (OLIVEIRA, 2010, p. 97).

E para observarmos como o planejamento da imigração no governo de Laménha Lins funcionou nas colônias instaladas no espaço territorial da capital paranaense e como se desenvolveu a chegada, instalação e adaptação de imigrantes poloneses e germânicos na cidade passamos agora a observar Curitiba ainda no período referente à segunda metade do Século XIX, seu desenvolvimento em meio à chegada dos dois grupos imigrantes aqui estudados e como se deu o processo de urbanização da cidade a partir disso.

2.3 INFORMAÇÕES ACERCA DA IMIGRAÇÃO EUROPEIA EM CURITIBA NO SÉCULO XIX

A vila de Curitiba foi fundada em 1693, em uma região de planalto ladeada pelas Serras do Mar e de São Luiz do Purunã, a aproximadamente 100km da principal saída marítima do estado, Paranaguá. Quando a região do Paraná ainda era uma província de São Paulo, Curitiba vivia uma fase bastante empobrecida, pois era uma área escassa nos metais preciosos e nas outras matérias-primas buscadas pela gasta colonizadora. Passa para a categoria de Comarca em 1812 (OLIVEIRA, 2012, p. 184) e para a condição de capital do Paraná, em meio ao processo de emancipação política deste, em 1853. Curitiba começa a alçar maiores riquezas com o advento da economia da exploração da erva mate no século XIX, quando este produto - que estava presente de forma abundante nas matas nativas da região de Curitiba - se torna a principal mercadoria exportada pelo Paraná, colocando o estado em uma rota de industrialização e exportação para países vizinhos, como Paraguai, Argentina e Uruguai e também para o velho continente (SANTOS, 2001, p. 47).

Com a proposta de ocupar territórios para a agricultura familiar desde que esta seja uma família imigrante e a produção de alimentos para abastecer a cidade, ocorre a fundação de colônias rurais nos arredores de Curitiba, e a primeira delas é Colônia Argelina, fundada em 1868 por iniciativa municipal e que recebeu 81 imigrantes de origens variadas: italianos, poloneses e germânicos (KANASHIRO, 2006, p. 175). E sobre o panorama geral que a imigração de trabalhadores europeus teve em Curitiba e a percepção que os habitantes tiveram sobre este projeto, Nadalin (2013) relata que “Os curitibanos viam a inovação das técnicas, e a renovação da paisagem agrícola, contribuindo para que fossem atingidos, pelo menos na Capital e em seus arredores, os objetivos da política provincial da colonização realizada por imigrantes” (NADALIN, 2013, p. 10), quer dizer que, segundo o autor, a população via com expectativa positiva o projeto encampado pelos governantes e tinham na imigração uma solução para a questão do desenvolvimento da cidade.

A primeira colônia a receber imigrantes poloneses em Curitiba foi a Pilarzinho construída em 1870 e que a partir do ano seguinte recebeu 78 pessoas (IANNI, 1966, p. 122) e que em seus 50 lotes também recebeu famílias de origem germânica e italiana, chegando a contar com 242 imigrantes (KANASHIRO, 2006, p. 175). E com a política de Laménha Lins que visava a ampliação das áreas destinadas à imigração, conforme detalhamos anteriormente, a década de 1870 marcou a ampliação da ocupação do território curitibano com colônias de imigrantes. E trazemos os exemplos também listados por Kanashiro (2006), a começar pelas

colônias que receberam exclusivamente população imigrante da Polônia: a Colônia Abranches, fundada por iniciativa municipal em 1873; as Colônias Santa Cândida e Orleans fundadas em 1875; Santo Inácio fundada em 1876 e Rivière inaugurada em 1877, todas elas por iniciativa provincial. Como mostramos no Capítulo IV, este movimento migratório possui suas marcas até os dias de hoje nestas localidades e que são visíveis quando se observa, por exemplo, no bairro Santa Cândida a presença de construções da época colonial, como registramos em Rocha (2016, p. 64) o casarão das irmãs da Congregação da Sagrada Família de Maria onde funcionava a escola colonial Santa Cândida desde 1912 e em endereços deste mesmo bairro que homenageiam colonos como o caso da *Rua Theodoro Makiolka*; em outros bairros que foram antigas colônias este tipo de homenagem também acontece a fim de fazer referência aos seus antigos moradores, como no caso do bairro Orleans em que localizamos a *Rua Afonso Lipinski* – endereço do Estádio José Drulla Sobrinho, sede do União Nova Orleans, time de futebol amador do bairro (ROCHA, 2016, p. 78).

Houve ainda mais duas iniciativas que são interessantes ao nosso exemplo e que receberam população imigrante italiana: a Colônia Dantas, fundada em 1878 por iniciativa municipal e que fica onde atualmente é o bairro Água Verde e a Colônia Santa Felicidade criada em 1880 por iniciativa particular. Em Santa Felicidade, as marcas da imigração italiana são bastante presentes nos restaurantes ao longo da Rua Manoel Ribas que servem comida típica colonial a muitos curitibanos e turistas que a prestigiam aos domingos, em festas folclóricas como a Festa da Uva que acontece no Bosque São Cristóvam para comemorar a colheita desta fruta e também com os grupos folclóricos que apresentam antigas danças típicas italianas em celebrações da colonização e da imigração (BOLETIM CASA ROMÁRIO MARTINS, 1991, p.13).

A Colônia Argelina, primeiro exemplo acima citado, era localizada a 3km da cidade e ficava na região onde atualmente é o bairro Bacacheri, ao norte da cidade, ou seja, eram áreas que de tão próximas à Curitiba se tornaram bairros da cidade, com o seu crescimento e urbanização ao longo do século XX. E além de Argelina, a Colônia Dantas era onde hoje está o atual bairro Água Verde e Rivière teve seu nome “traduzido” para Riviera, portanto fora esses casos, todas as demais mantiveram seus nomes ao se tornarem bairros da cidade.

Diferentemente das imigrações polonesa e italiana, a imigração germânica em Curitiba não aconteceu majoritariamente no modelo de colônias rurais. Ainda que muitos imigrantes tenham se instalado na Colônia Pilarzinho estendendo suas terras até onde atualmente são os bairros Vista Alegre e Mercês, na região norte; muitos imigrantes irão preferir se fixar na região central da cidade, onde podem exercer tarefas no comércio e no então crescente setor industrial,

fixando-se no Centro, Alto da Glória e Juvevê, por exemplo. Sobre a imigração do grupo germânico Nadalin (2013) traz dados interessantes que dão conta de que cerca de 130 mil imigrantes germânicos adentraram ao Brasil entre o intervalo de cem anos compreendidos entre 1819 e 1919 (NADALIN, 2013, p. 12), mas que segundo ele uma pequena parcela teria se estabelecido em Curitiba. Este grupo era visto e reconhecido pela população da cidade como um agente de progresso tecnológico e da urbanização desta e isto se comprova quando verificamos na dissertação de Colatusso (2004), a relação dos germânicos com a cidade de Curitiba durante as décadas de 1860 e 1880. Ela mostra que constava nas Atas da Câmara Municipal de Curitiba a presença de nomes de germânicos como responsáveis por obras públicas na cidade, apresentando inclusive uma listagem de obras em 21 vias públicas da cidade e os onze empreiteiros de origem germânica que as executaram (COLATUSO, 2004, p. 57). E além deste setor, a autora também se dedica a elencar as atividades comerciais em que estes imigrantes trabalhavam durante o período por ela selecionado, mostrando que um terço dos estabelecimentos voltados aos setores de padaria, lanches e afins na cidade eram de propriedade de algum imigrante germânico; que no ramo de açougue metade dos estabelecimentos pertenciam a algum indivíduo germânico, dividindo a liderança no segmento com os luso-brasileiros; e que no segmento de ferragens, latoaria e metais, onze dos 24 estabelecimentos eram de propriedade de algum imigrante deste grupo (COLATUSO, 2004, p. 60).

Porém ao mesmo em tempo que se enfatiza a contribuição do grupo imigrante germânico para o desenvolvimento urbano de Curitiba, a historiografia mostra que este grupo também trouxe preocupações sociais para as autoridades devido às suas diferenças – visto que esta população era majoritariamente protestante, de inclinação luterana ou menonita - em relação à população local, uma vez que “Não era só questão religiosa pois se acusavam os imigrantes e descendentes de ‘inassimiláveis’.” (NADALIN, 2013, p. 11) e que um conjunto de semelhanças passou a unir este grupo, como que ao selecionar traços culturais se tenha o corolário de identificação cultural daquele grupo (NADALIN, 2013, p. 11)¹⁴ como idioma, hábitos alimentares e/ou também práticas religiosas. E isso ajuda a explicar a razão para se identificar como “alemão” toda uma gama de indivíduos incluindo alguns imigrantes de origem suíça como o caso dos irmãos Mueller e Alberto Bolliger – industriais em Curitiba nos anos finais do Século XIX – ou outros exemplos de imigrantes vindos de territórios onde atualmente é a Áustria, por exemplo.

¹⁴ O autor se utiliza de POUTIGNAT, Philippe. Teorias da Etnicidade, para traçar tal elaboração.

Além deste inicial estranhamento em relação ao grupo germânico, as primeiras décadas do Século XX ainda reservavam mais obstáculos à integração desta população imigrante em solo curitibano: era o início das tensões entre países europeus que culminaria em uma guerra de proporções mundiais tendo a Alemanha como uma das protagonistas. As tensões cresciam à medida que as rivalidades entre as potências europeias se intensificavam em torno da questão imperialista, pois países como a Costa do Marfim, Argélia e Tunísia por exemplo eram colônias da França e a Nigéria, o Quênia e o Egito eram dominados pela Inglaterra, e nessa “partilha” de dominação do continente africano, a Alemanha ficou para trás com poucos territórios, tendo a atual Namíbia como colônia. Essas rivalidades foram fomentadas por discursos e movimentos nacionalistas, políticas de alianças pouco diplomáticas e uma propaganda antigermânica em âmbito internacional, liderada principalmente pela França, que aparece em Nadalin (2013) explicada da seguinte maneira:

A rápida expansão da ideia de um “perigo alemão” não estava só vinculada à propaganda antigermânica dos países rivais. A presença do Império Alemão, por toda parte, fazia-se sentir, porque o país, ao contrário das outras nações europeias, chegara atrasado à corrida colonialista; assim, vinha aguerrida (...) seduzindo ou intimidando – e não deixando indiferentes. (NADALIN, 2013, p. 12).

No entanto, a imprensa curitibana ainda nutria respeito e um conceito positivo pelo grupo germânico neste período pré-guerra – como pode-se ver nas citações que Nadalin (2013, p.13-14) faz da edição do Jornal da Tarde de 04 de novembro de 1905 - exaltando as virtudes do grupo e tratando-os com cortesia e amizade, pois eram indivíduos que já alcançavam presença na sociedade curitibana. A vida social dos imigrantes e descendentes de germânicos em Curitiba corria com forte ocupação destes indivíduos em espaços institucionais, com o funcionamento de escolas alemãs, comunidades religiosas e muitos clubes esportivos como a Sociedade Ginástica Teuto-Brasileira e a Sociedade Thalia (OLIVEIRA, 2012, p. 187), que segue em funcionamento até os dias atuais e que refutaria a ideia inicial de impossibilidade de assimilação deste grupo. O autor ainda ressalta que “as diversas formas de organização social citadas contribuíram para consolidar, também no Brasil, o sentimento de germanidade (Deutschum).” (OLIVEIRA, 2012, p. 188).

Porém com o início do conflito essa situação muda, pois a imprensa brasileira começa a retratar o conflito de acordo com o ponto de vista da diplomacia brasileira, e em consonância com a posição oficial do governo brasileiro. O estado do Paraná teve perdas econômicas significativas com esta guerra, o que também favorecia uma visão favorável aos Aliados.

E a partir deste ponto é necessário que nos dediquemos um pouco a observar as relações de estigmatização e rechaço vividas pelo grupo germânico em Curitiba, mas que também teve

extensões ao grupo polonês aqui instalado, orapelas razões bélicas, mas também por razões étnicas e raciais.

2.3.1 Relações tensas entre a população curitibana e imigrantes germânicos e poloneses

Como já narramos o processo de chegada e instalação dos imigrantes germânicos e poloneses no Paraná e especificamente em Curitiba, se faz necessário agora que descrevamos um pouco sobre como se davam as relações sociais entre esses dois grupos e a população nacional na cidade. Não podemos em momento algum traçar um desenho de que a vida nas colônias rurais era feita integralmente de harmonia e produção agrícola, deixando de falar das dificuldades de convívio enfrentadas pelos imigrantes, como também não deixaremos de passar por aspectos mais positivos e até festivos atribuídos aos dois grupos estudados. Existe um paradoxo acerca do convívio destes dois grupos com a sociedade curitibana que envolve a presença em maior ou menor quantidade e a visibilidade que eles possuem enquanto grupo nacional e isso se percebe através do trato mais ou menos estigmatizado para um e para outro grupo.

O tipo diferente de tratamento para um e outro grupo se percebe a partir dos acontecimentos na Primeira Guerra Mundial, uma vez que mesmo após a declaração oficial de guerra por parte do Brasil, em 1917, os periódicos curitibanos seguiram mantendo um trato cordial com o grupo de germânicos na cidade. Até que na edição de 29 de outubro deste ano o Diário da Tarde noticiou motivações populares¹⁵ contra os germânicos na cidade, sob a forma de ações violentas, passeatas, gritos de “Morra a Alemanha” incêndios em sede de um jornal germânico e danos aos patrimônios de associações deste grupo (OLIVEIRA, 2012, p. 192). E mesmo com esse ímpeto popular exaltado devido à situação da guerra, o colunista Gastão de Faria se preocupa ainda em manter um tom polido e de solidariedade às vítimas dos ataques, mostrando a importância que esta comunidade tinha junto à sociedade local. Entretanto, a conjuntura da guerra não era vivenciada pelo grupo de imigrantes aqui radicado tampouco havia concordância ou tomada de posição favorável ao país de origem no conflito por parte destes, o que parece ter sido muito mais alguns atos espontâneos e pontuais por iniciativa da população curitibana contra os imigrantes do que um embate propriamente dito, pois como destaca Oliveira (2012):

¹⁵ Não se tem claro, no entanto, quem foram os autores destes ataques, se foram indivíduos originais de outros grupos de imigrantes ou se eram cidadãos luso-brasileiros. A ênfase nas notícias sobre os ataques está para o que foi danificado e não para quem o fez, uma vez que não se tem sequer informação de punição para os autores.

Em seu conjunto, as edições analisadas mostram atos de revolta e destruição, passeatas patrióticas, etc., indicando claramente que a comunidade alemã foi, muitas vezes, tomada por responsável das ações da guerra da Alemanha. O *perigo alemão*¹⁶, por exemplo, apareceu quando um espião foi preso em Curitiba. Mas, por outro lado, a comunidade alemã local não tinha aderido à Alemanha, antes o contrário. Parece claro a diferença entre germânicos e seus descendentes, chamados de *teutos*, e a nação alemã inimiga. (OLIVEIRA, 2012. p. 193).

E complementando o que Nadalin (2013) e Oliveira (2012) afirmaram sobre a situação da imigração germânica em Curitiba durante a Primeira Guerra Mundial, em sua tese, Magalhães (1993) afirma que as comunidades germânicas nas regiões de Rio Negro e Ponta Grossa encontravam-se em relativo isolamento desde a sua chegada ao Paraná e que por isso não sentiram qualquer tipo de pressão social de natureza preconceituosa e que aqueles que re-imigraram de Joinville e se instalaram na capital eram em número tão pequeno em relação aos outros grupos imigrantes, que “só despertariam a atenção dos governos e da intelectualidade local à época das duas guerras. De resto eram considerados laboriosos e morigerados como toda mão-de-obra europeia” (MAGALHÃES, 1993, p.168).

Porém, o que eram movimentos pontuais e espontâneos durante a Primeira Guerra Mundial se tornaram uma política de Estado duas décadas depois. Pois com a ditadura do Estado Novo - implantada na década de 1930 - as políticas nacionalistas, que estavam se tornando uma tendência mundial ganham espaço no Brasil também. O isolamento das colônias e a existência de escolas alfabetizando crianças e lecionando em idioma estrangeiro gerava nas autoridades um assombro quanto a um suposto “perigo para a unidade nacional” (SEYFERTH, 1999, p. 219) com a formação de grupos étnicos, células estrangeiras que prejudicassem a assimilação de imigrantes à cultura nacional. Impunha-se então um trabalho militarizado para impor o uso do idioma nacional em espaços de convívio social e educacional dos imigrantes, como um trabalho de injeção compulsória da cultura nacional. A autora relata exatamente como se deu este projeto:

O primeiro passo para a intervenção, além da escola, devia ser, então, a proibição geral do uso de línguas estrangeiras em público, principalmente nas regiões coloniais do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, consideradas potencialmente mais perigosas “pela densidade dos seus elementos étnicos uniformes e compactos. (SEYFERTH, 1999, p. 219).

Então uma série de exigências legais começa a vigorar no sistema educacional da época, visando atingir o mecanismo de funcionamento das escolas estrangeiras, pois elas deveriam ter nomes brasileiros, diretores obrigatoriamente brasileiros, contar somente com professores

¹⁶ Grifo do autor.

brasileiros natos ou nacionalizados entre seu corpo docente e que lecionassem em idioma português, era também proibido o ensino de idioma estrangeiro para estudantes menores de 14 anos. Essas exigências forçou o fechamento de diversas escolas coloniais (SEYFERTH, 1999, p. 220) como se essa legislação fosse capaz de forçar uma assimilação aos jovens de origem estrangeira ou então cortar definitivamente as raízes com a terra de origem de seus antepassados. Depois de atingir o sistema educacional, esta política se expandiu para clubes esportivos e recreativos e espaços de convívio social dos imigrantes, onde se exigia a organização de palestras sobre o sentimento de brasilidade. E em um passo seguinte tomou os veículos de comunicação através da censura de programas de rádio apresentados em idioma estrangeiro e fechamento de órgãos de mídia impressa escritos em outras línguas, a partir de 1939 (SEYFERTH, 1999, p. 221). A política de nacionalização durou até 1945, com o fim da Segunda Guerra Mundial, e como a autora conclui em seu capítulo, essas eram medidas que: “vinham sendo preconizadas desde o século XIX, mas só um Estado autoritário poderia criar uma legislação impositiva da assimilação e do caldeamento [...]” (SEYFERTH, 1999, p. 225).

Por outro lado, há referências em Magalhães (1993) que indicam a atuação de grupos políticos de extrema-direita entre os teuto-brasileiros, inclusive com participação de membros deste grupo imigrante na Ação Integralista Brasileira (AIB)¹⁷ nos estados do Paraná e de Santa Catarina (MAGALHÃES, 1993, p. 203). A autora relata que periódicos com posicionamentos pangermanistas e escritos em idioma alemão circulam na região sul do Brasil, amparados no direito à liberdade de expressão. Mas que com a intensificação do Decreto de Nacionalização vão se dissolvendo, até pararem de circular e se tornarem proibidos. Em 1941 “os jornais que utilizavam o idioma alemão teriam a sua circulação proibida; novos quebra-quebras, motins, boicotes contra elementos desta origem seriam realizados” (MAGALHÃES, 1993, p. 205). Porém diante de todos os acontecimentos terríveis ocorridos na Segunda Guerra Mundial o ideário pangermanista perdeu seu caráter utópico e até mesmo o seu sentido de existir. Lima (2020, p.89) destaca que foi durante a política de nacionalização da ditadura do Estado Novo que as Delegacias de Ordem Social e Política (DOPS) serviram para investigar e perseguir estrangeiros que eram denunciados muitas vezes por simplesmente estarem se comunicando em idioma materno, ou algum outro tipo de descumprimento das imposições que lhes foram feitas durante este período, sendo sujeitos a prisões e depoimentos para prestar esclarecimentos. E esse cerco se deu mais intensamente ao grupo germânico, que era considerado inassimilável pelas autoridades e que foi um dos alvos principais desta prática (LIMA, 2020, p.89). O

¹⁷ Grupo nacionalista brasileiro de extrema direita que foi atuante durante a década de 1930.

acirramento das políticas nacionalizantes durante a virada da década de 1930 para 1940 fez acentuar um estigma negativo a este idioma e à presença deste grupo em solo brasileiro. É possível dizer que foram, portanto, momentos de estigma devido a situações de guerra e por uma pontual política de Estado totalitária que os perseguiu, mas quenão teria sido transposto para épocas de paz, tampouco este estigma teria setornado um conceito negativo enraizado no cotidiano curitibano em relação a este grupo imigrante.

Por razões diferentes a estas foram percebidas situações de estigmatização sofrida pelo grupo polonês em Curitiba e que se encontram relatadas na pesquisa de Ianni (1966) referente à integração do elemento polonês na sociedade curitibana desde os primeiros anos após a chegada dos grupos pioneiros, ainda na década de 1870. Isto porque o então presidente do Paraná, Rodrigo Otávio, direcionou palavras de desconfiança ao elemento polonês dizendo-os vítimas de despotismo eclesiástico e analfabetos (IANNI, 1966, p. 125) em documento de 1879 e que a partir disso o autor percebe que as dificuldades produtivas de alguns núcleos coloniais poloneses estavam acontecendo e levando ao descumprimento do propósito inicial do trabalho dos imigrantes no Paraná e com isso o descontentamento da população local:

Como alguns grupos não conseguiram, logo na primeira fase [estabelecer a produção de alimentos], dados os efeitos negativos da dispersão ecológica e a inadequação de seu patrimônio tecnológico, estabelecer-se sem criar problemas para a comunidade adotiva, as avaliações negativas começaram a estruturar-se e logo se tornaram produto social dinâmico, generalizando-se em seguida a todo polonês. (IANNI, 1966, p. 126)

Segundo o autor seria a partir deste entrave que se teria estruturado a figurado ‘*Polaco*’ como uma entidade negativa da sociedade curitibana, que carregaria consigo os conceitos de analfabetismo, obediência cega à figura eclesiástica, abuso de álcool, entre muitos outros. O que também aparece analisado por Oliveira (2009), quando explica que a chegada dos poloneses à capital paranaense se dá em um momento em que o mercado de trabalho estava já sendo quase todo preenchido, lhes restando somente atividades de baixa qualificação, além daquela proposta pelo governo local – a atividade rural – e que isso gerava discriminação a este grupo, por vezes com o mesmo teor de rechaço ao qual sofria as populações negras. Com a falta de integração e de reconhecimento, este grupo passou a ser enquadrado em uma categoria alheia ao considerado brasileiro e também estando fora do grupo nacional polonês, sendo, portanto, tratado pela alcunha de “*Polaco*” explicando assim a razão para o termo encontrado por Ianni (1966) e de acordo com um quadro racial dominante:

Le fait que le marché du travail était déjà organisé à Curitiba lors l'arrivée des Polonais n'avait pas facilité leur intégration. Le préjugé aurait donc été socialement et historiquement construit au sein de la communauté curitibanaise, et c'est ainsi que l'immigré polonais était devenu le 'Polac' [...]. (OLIVEIRA, 2009, p. 302).

Além deste tipo de estigma, o grupo polonês também sofrera outro referente a ações repressivas da mesma política de nacionalização imposta pela ditadura Vargas e que assolava o grupo germânico, agindo sobre o grupo polonês, suas escolas e instituições culturais. Oliveira (2009) conta que durante este período alguns indivíduos de origem polonesa eram reconhecidos como germânicos, pelas características físicas semelhantes e pelo acento característico dos idiomas, o que os tornava alvos das mesmas perseguições e maus tratos sofridos pelo grupo (OLIVEIRA, 2009, p.300).

Ainda sobre o estudo feito por Ianni (1966) em terras paranaenses, quando o autor analisa intelectuais locais do final do século XIX e início do XX, como Sebastião Paraná e Nestor Victor, Ianni (1966, p. 127) encontra ainda mais estruturada a visão simplista de diminuição generalizada da figura dos poloneses, sempre os identificando como bons prestadores de serviço muito dedicados e humildes, e nada muito além disso. E mais um aspecto de prejuízo racial que recaiu sobre os poloneses e que foi percebido por Ianni (1966, p. 128-129) trata-se da assimilação dos colonos poloneses e seus descendentes ao idioma português, que estes teriam tanta dificuldade com a língua da terra de adoção quanto o grupo imigrante nipônico, mas que a razão para isto se encontraria na baixa alfabetização geral do grupo, formulações que de forma alguma tem fundamento na realidade do grupo polonês – visto que este se organizava em clubes e grupos literários e artísticos a exemplo da Sociedade Tadeusz Kosciuszko – mas que de certa forma encontraram reverberação na sociedade local. Assim afirmamos, porque na sequência de sua pesquisa, quando passa a investigar a situação do negro em Curitiba, Ianni (1966, p. 131) começa a perceber uma relação jocosa entre negros e polacos, colocando esses dois grupos raciais em patamares iguais de rechaço e desvalorização na sociedade. O primeiro havia sido escravizado e teve sua humanidade negada por mais de 300 anos nessa terra, teve sua liberdade concedida sem qualquer direito a iniciar uma vida digna; e o segundo que era recém-chegado teve todas as condições de terra e trabalho concedidas pelas autoridades, mas que obtém uma opinião pública tão prejudicada quanto os primeiros, e isso realmente chamou a atenção do pesquisador.

Quando então ele passa a observar que o grupo polonês também era preterido para casamentos, ao questionar moças da cidade em entrevista feita com um questionário semiestruturado (IANNI, 1966, p. 134) sobre suas preferências para o matrimônio dentre alguns dos grupos étnicos instalados na cidade, que primeiramente incluía germânicos, italianos,

poloneses e judeus. Na pergunta “Você gostaria de casar-se com”, as respostas mais discrepantes foram 76 das cem entrevistadas se casariam com algum italiano, 70 não se casariam com um judeu e 67 não se casariam com um polonês. Posteriormente o autor inclui no questionário a figura do negro ou mestiço¹⁸ negro como membro da sociedade local e sua postura em relação a ter ou não relacionamentos com pessoas de origem europeia, então as entrevistas lhe revelam que: “na avaliação social do polonês com relação aos outros grupos é o negro que entra com maior coeficiente.” (IANNI, 1966, p. 137) porque na possibilidade de casamentos entre italianos e negros surgiram somente 26 respostas positivas entre cem, enquanto que para casamentos entre poloneses e negros este número sobe para 42 de cem. O que não se mostra um estigmatemporário ou provocado por conjunturas desfavoráveis aos poloneses – como o caso das guerras mundiais envolvendo o grupo germânico - mas que nos parece muito mais um conceito formado pela população local a respeito deste grupo imigrante.

E esta constatação e análise feita por Ianni (1966) e Oliveira (2009) contribui sobremaneira para a compreensão do árduo processo de integração e assimilação vivido pelo grupo polonês na cidade de Curitiba e como este não se deu - nem de longe – de forma semelhante ao rechaço sofrido pelos imigrantes germânicos, pois eram períodos demarcados por perseguição, e não uma conceituação negativa sobre o grupo. Com este panorama acerca da chegada, instalação e aspectos da vida social dos dois grupos imigrantes aqui estudados, podemos então estabelecer uma reflexão sobre a relação entre o estigma historicamente sofrido pelos grupos; o processo de aceitação destes grupos em meio à população da cidade - se maior ou menor e se isso se dá como uma regra nas relações ou se fatores históricos delimitam a temporalidade deste estigma; e ainda os graus de visibilidade que cada grupo possui acerca de seus aspectos culturais, folclóricos, seus nomes ilustres e a presença de cada um no cotidiano da cidade. Podemos ver, com base no histórico destes dois grupos que temos um paradoxo envolvendo a presença quantitativa de um e outro grupo e a visibilidade que ambos possuem em termos de destaque político, socioeconômico e de referências culturais. Pois o grupo maior em termos numéricos – ou seja, os poloneses - não alcançou ou demorou mais tempo para alcançar o mesmo prestígio em termos de espaço político, destaque social e econômico e referências culturais do que o grupo germânico na cidade. E que o este grupo se posicionou de forma mais privilegiada a ponto de receber igual estigma que os poloneses em tempos belicosos, mas que fora um estigma insuficiente para arranhar o conceito positivo que a sociedade curitibana tinha sobre eles; ou que este rechaço durasse um período de tempo mais longo

¹⁸ Que àquela época costumava-se chamar de mulato. Termo que caiu em desuso atualmente, por ser racista.

do que os anos de guerra; tampouco ainda foi capaz de retirá-los dos estratos mais altos e respeitados da sociedade curitibana.

E outro fator de grande relevância para se compreender os tipos de vivência experimentados por imigrantes germânicos e poloneses em Curitiba é observarmos como estes grupos foram instalados na cidade, pois como mencionamos anteriormente neste capítulo, a base da instalação de imigrantes europeus na cidade foi em colônias rurais de maneira geral. No entanto, esse mesmo modelo não aconteceu em outras cidades receptoras de imigrantes, sejam do mesmo porte de Curitiba ou até maiores. E no próximo tópico verificamos com mais detalhamento de alguns exemplos as diferenças que fazem do caso curitibano algo inédito em termos de assimilação de populações imigrantes em sua malha urbana.

2.3.2 Como e Por que a imigração em Curitiba é diferente das demais cidades?

O desenvolvimento urbano de Curitiba teve como uma de suas marcas a absorção das antigas colônias rurais à malha urbana da cidade e a conversão destes a bairros em sua maioria residenciais. Esta condição é um fator importantíssimo em nosso estudo, não somente para a definição do objeto desta pesquisa - endossando a hipótese de redutos imigrantes pela cidade - como também para percebermos que temos aqui uma situação que não ocorrerá em nenhuma outra cidade grande ou capital receptora de imigrantes. E como exemplos desta exceção trazemos os casos de Buenos Aires, Porto Alegre e São Paulo, que estão aqui dispostas por terem alguma proximidade geográfica com Curitiba e que também foram grandes polos receptores de imigração entre a segunda metade do Século XIX e o início do Século XX. Nenhuma dessas cidades recebeu ao longo de sua história colônias rurais que se tornaram bairros urbanizados e integrados à malha urbana no futuro, mas núcleos de imigrantes situados na área urbana.

A partir dos anos 1870, o governo argentino começa a organizar a distribuição de terras públicas e a criação de um departamento de imigração que disponibilizava o transporte, a instalação e a entrada e saída de imigrantes no território argentino. Essa empreitada contava inclusive com a abertura de escritórios em países como Alemanha, Suécia, Escócia e Dinamarca. Os anos áureos da imigração na Argentina foram entre 1903 e 1913, quando o país viveu desenvolvimento econômico acelerado e a necessidade de mão de obra era alta, pois somente em 1906 o país registrou a entrada de 252 mil imigrantes (BOURDÉ, 1974, p. 159). A análise feita pelo autor diz que períodos de expansão econômica no país de adoção

proporcionam maiores fluxos migratórios e este foi o caso da Argentina, que foi o destino de nada menos que 40% do total de migrações no mundo, sendo o segundo maior do continente americano, atrás apenas dos EUA (BOURDÉ, 1974, p.163). E Buenos Aires sente todo este impacto em números de sua população, que em 1905 bate a marca de um milhão de habitantes e vinte anos depois dobra esse número, superando níveis de crescimento das metrópoles europeias sendo, portanto, comparada ao crescimento de Nova York. Este crescimento é atribuído à imigração europeia e também ao êxodo rural, na área urbana da capital argentina, do seu desenvolvimento industrial, comercial e do setor de obras públicas fomentando assim a geração de empregos, conforme destaca o mesmo autor: “Porto de desembarque, centro comercial e depois industrial, centro político administrativo, a cidade ocupa uma posição chave e oferece empregos.” (BOURDÉ, 1974, p.188). Ou seja, pode-se ver que a colocação dos imigrantes em Buenos Aires e região foi dedicada a atividades urbanas somente, e em momento algum se fala em colônias rurais nas proximidades da cidade, ou em condições semelhantes à que se teve em Curitiba.

No caso de Porto Alegre as colônias destinadas à imigração germânica eram situadas próximas aos caminhos de tropas e estradas e assim foi feito para facilitar a comunicação entre uma região e outra. A primeira colônia de imigrantes germânicos no Rio Grande do Sul foi São Leopoldo, criada em 1824 com um grupo inicial de 198 imigrantes (SINGER, 1968, p.156) e que atualmente é um município da região Metropolitana de Porto Alegre, assim como outros exemplos de colônias que se tornaram municípios inteiros, como: Novo Hamburgo também na Grande Porto Alegre ou Caxias do Sul¹⁹ na região da Serra. A maioria das colônias de imigrantes no Rio Grande do Sul ficava nas proximidades de rios que desaguam no Lago Guaíba em Porto Alegre, fazendo com que a cidade se tornasse rota preferencial para o escoamento da produção agrícola das colônias. Singer (1968) também explica que o aumento da riqueza nas colônias incentivou o fortalecimento do comércio porto-alegrense e esta vocação comercial na cidade oportunizou a expansão de muitos negócios pertencentes a imigrantes: “O comerciante alemão dominava, (...) o mercado das colônias italianas, do mesmo modo como dominava o das colônias alemãs.” (SINGER, 1968, p. 165). Além disso, essa prosperidade favoreceu o ingresso de muitos imigrantes germânicos no segmento industrial em Porto Alegre, como os exemplos da Cervejaria Continental e da Fiação, Tecelagem e Confecção Renner – em atividade até os dias atuais com o nome de *Lojas Renner*, já mencionada anteriormente – fundada na década de 1940 e que foi a “maior empresa verticalmente integrada da América do

¹⁹ Caxias do Sul foi uma colônia predominantemente italiana.

Sul” (SINGER, 1968, p.166) por concentrar sob seu próprio domínio os processos do início ao fim da fabricação de vestimentas.

Sobre a cidade de São Paulo existe uma pesquisa desenvolvida nos anos 1930 pelo então Departamento de Cultura e Recreação da Prefeitura do município, na qual estudantes da Escola Livre de Sociologia e Política e da Universidade de São Paulo se dedicaram a compreender os altos índices de crescimento populacional que a cidade vivia a partir da utilização de métodos científicos e cujos resultados foram publicados na Revista do Arquivo Municipal (BASTOS, 2103, p.121). E para localizar as populações imigrantes dentro do território paulistano, os pesquisadores se valeram de dados dos registros de nascimento das crianças filhas de pais estrangeiros ou que tinham pelo menos um dos pais de outra nacionalidade e também o registro de matrícula de crianças de origem estrangeira em escolas públicas. Assim, o estudo verificou que dentre os grupos imigrantes presentes na cidade, os sírios se localizaram em bairros como o Tatuapé e o Ipiranga²⁰. O grupo italiano encontrava-se disseminado pela cidade, em bairros como Moóca, Braz, Itaim Lapa sendo identificados no estudo como populações de inclinação ao trabalho industrial (BASTOS, 2013, p. 122) e não em colônias rurais. Como também foi o caso dos imigrantes espanhóis, que ocuparam voluntariamente os arredores do Brás da Moóca e não se dispersaram muito pela cidade, procurando assim, os distritos industriais²¹. Diferentemente dos imigrantes portugueses que procuraram regiões mais distantes do núcleo urbano, segundo o estudo, por terem maior inclinação ao trabalho em chácaras e demais propriedades rurais; contudo, este grupo não se fixou em núcleos coloniais. O que mostra que São Paulo teve uma espécie de divisão geográfica interna para os grupos imigrantes se instalarem, mas que não ocorreu como nos casos de divisão de lotes para a formação de colônias, ou qualquer outra intervenção do poder público.

²⁰ Identificados pela autora como sendo da área central da cidade, mas que são designados na divisão interna como sendo parte da Zona Leste e Zona Sul, respectivamente.

²¹ Há ainda o caso da imigração asiática em São Paulo compreendendo indivíduos de origem japonesa, chinesa e coreana e que atualmente tem como referência de reduto o bairro da Liberdade, também na região central. Provavelmente a pesquisa estudada por Bastos (2013) em seu artigo não tenha elencado tal presença neste bairro por ser um trabalho concomitante à concentração dos imigrantes nipônicos ou até mesmo anterior à chegada dos imigrantes chineses e coreanos ao bairro. A Liberdade foi historicamente ocupada por populações negras, cujas primeiras casas construídas pertenciam a ex-escravizados ainda no século XIX, mas que a partir das primeiras décadas do Século XX passa por seu primeiro processo de gentrificação, quando as famílias negras são expulsas do local para proporcionar a ocupação por imigrantes asiáticos. Ainda que sem detalhes sobre o processo de expulsão destas famílias, há registros de que na Liberdade encontrava-se o Cemitério dos Aflitos que recebia enterros de indígenas, negros e demais indivíduos que morriam enforcados, além do Pelourinho para açoites que funcionou entre os séculos XVIII e XIX. Informação disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/historia-dos-negros-no-bairro-liberdade-e-o-movimento-de-preservacao-sitio-arqueologico-dos-aflitos>. Acesso em 23/04/2021

São exemplos diferentes aos que contamos sobre Curitiba, e que a coloca em destaque pelo ineditismo de sua relação com os imigrantes europeus que recebeu a partir dos anos 1870, pois teve um desenvolvimento industrial mais tardio, não era e não é até os dias de hoje o maior centro industrial de seu país nem o maior núcleo populacional, como é a capital argentina, e essa integração das áreas rurais à malha urbana com a gradual transformação destas colônias em bairros residenciais se mostrou uma das poucas, senão a única em que ocorre casos de colônias rurais que se transformam em bairros urbanos. E isso irá dizer muito sobre a maneira como o poder público da cidade irá oficializar nomes para seus logradouros. Respeitando - até onde o crescimento acelerado da cidade permite - a presença histórica de um e outro grupo imigrante conforme a região ou bairro da cidade onde um ou outro grupo é mais historicamente presente, como podemos verificar no Capítulo IV deste mesmo estudo. E como isso acaba por gerar uma espécie de redutos imigrantes em alguns casos.

Ao fim desse levantamento histórico, podemos identificar que há um eixo central na nossa questão que diz sobre a visibilidade maior ou menor de um grupo imigrante segundo o estigma sofrido pelos seus pioneiros ou antepassados ao longo do período de integração à cidade. E em resposta a este estigma sugerimos que o destaque oferecido pelas autoridades locais com as homenagens em nomes de endereços pode ajudar a distribuir prestígio e reconhecimento às suas presenças e trajetórias na cidade. E ainda traçar alguns questionamentos, como: apesar dos estigmas e das repressões que cada grupo viveu em determinados períodos da história de sua adaptação na terra de adoção, foi possível observar uma aceitação às presenças dos dois grupos na cidade? Essa aceitação se deu de forma semelhante ou simultânea para germânicos e para poloneses?

Essas homenagens, inicialmente nos mostram uma aceitação dos dois grupos por parte da elite política local, representada na Câmara dos Vereadores. E pensando-se para além dessa aceitação é importante trazer aqui o debate da visibilidade destes dois grupos. Pois apesar das duas guerras mundiais em que a Alemanha foi protagonista nas décadas iniciais do século XX, elas não foram capazes de atrapalhar a boa imagem geral que o grupo de imigrantes mantinha em toda a região sul do Brasil. Um exemplo que melhor ilustra essa boa imagem vem da cidade de Blumenau, em Santa Catarina, que fora ela toda uma colônia germânica a partir de meados do século XIX. Lá, dois imigrantes germânicos chamados Bruno e Herman Hering veem uma oportunidade de prosperar com o mercado têxtil e em 1880 fundam a Cia. Hering. A Cia. Hering se transforma em um império que até os dias de hoje se mostra como uma das mais fortes marcas de moda do Brasil. Em Blumenau, a marca Hering mantém um museu contando sua história, um bairro inteiro que remete à presença dos irmãos imigrantes e a construção pioneira

de sua fábrica, algo que marca a sua importância e seu destaque na cidade, visibilizando senão o grupo todo dos germânicos em Blumenau, pelo menos a presença dos Hering. Com esse exemplo, vemos que no caso da cidade catarinense, o grupo migrante existente em maior quantidade é também aquele com maior aceitação, respeito e até uma predileção em meio à sociedade local. Outro exemplo dessa boa posição social alcançada pelos descendentes de germânicos é na cidade de Porto Alegre, onde eles também estão figurando entre os grandes nomes do desenvolvimento econômico local. O grupo está entre os fundadores do Grêmio Football Porto Alegrense, fundado em 1903 e de um dos maiores clubes de judô do país que tem sua sede na capital gaúcha – a Sociedade Ginástica de Porto Alegre, SOGIPA, fundada em 1867 - de uma das mais antigas fábricas de chocolates dopais – a Neugebauer – e também de uma das maiores redes varejistas de moda do Brasil – as Lojas Renner. Isso mostra a importância do grupo germânico em termos de desenvolvimento econômico, que eleva a um prestígio social bastante notável entre a população gaúcha.

Esta relação positiva não aparece de forma igual em relação aos poloneses em Curitiba, por exemplo. Pois tendo a mais numerosa comunidade polono- brasileira do Hemisfério Sul²², pouquíssima predileção se reflete ao grupo, significa dizer que eles não conseguem se mostrar como o grupo Número Um em destaque social e prestígio na cidade. Percebemos que poloneses não são os primeiros a serem lembrados em nomes de marcas locais, de empresas ou estabelecimentos comerciais, nem como figuras importantes na medicina ou em outras ciências, não estão entre os grandes quadros da política local, tampouco na participação esportiva, salvo raras exceções na vida cultural como o caso do poeta Paulo Leminski. Mas também há muitos casos de reconhecimento da pessoa sem a direta identificação de sua origem polaca, como o caso do escultor João Zaco Paraná. E a partir deste ponto, pode-se pensar no esforço que descendentes de poloneses em Curitiba devem fazer para resgatar uma visibilidade em favor de seu grupo de ascendência.

²² Segundo informações dos funcionários do consulado geral da Polônia no Brasil, com sede em Curitiba, que em meados 2019 organizaram um congresso internacional da juventude polonesa na capital paranaense, devido a sua referência dentro da comunidade. O Consulado, inclusive, foi o primeiro a ser fundado no mundo, quando do reconhecimento da independência da Polônia, em 1920.

3 CAMINHOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA SOCIOLOGIA DAS HOMENAGENS

A proposta de construir um subcampo na Sociologia que discuta questões referentes à prestação e ao recebimento de homenagens passa por pelo menos dois conceitos-chave, os quais serão abordados nesta discussão: i) a visibilidade dada a um indivíduo e perpetuada pela memória coletiva; e ii) o reconhecimento no meio social em que o indivíduo está inserido, como a história de vida deste indivíduo, operando como um sinônimo para visibilidade. A homenagem, nesse caso, é o reconhecimento da memória. E para compreendermos melhor a noção de memória, abordamos o fundamento teórico de memória e materialidade de memória de Bergson (1990) e o conceito de Memória Coletiva elaborado por Halbwachs (2003). Também versamos sobre quais são os componentes necessários para que uma lembrança pertencente a um grupo seja ele uma comunidade ou uma nação, se perpetue enquanto parte da memória desse grupo. Além disso, trazemos para esta discussão os escritos de Honneth (2003) sobre o processo intersubjetivo de reconhecimento social e como isso é conquistado, segundo o autor, através de um processo de disputa de espaço e notoriedade.

Voltando-nos mais especificamente à perpetuação de nomes para se tornarem endereços em uma cidade e à narrativa da trajetória contidas nesses nomes, é fundamental dialogarmos com Nora (1986), que também traz uma história do tempo presente e define lugares de memória enquanto espaços em uma cidade (que no caso desta pesquisa também são físicos) dedicados a narrar uma trajetória individual ou de um grupo.

E para localizarmos nosso estudo dentro do âmbito das pesquisas envolvendo populações e/ou imigrantes, apresentamos um contexto presente em estudos sobre populações de origem europeia que imigraram ao Brasil a partir do século XIX, direcionando-se especificamente para o Paraná e a cidade de Curitiba. Revisamos brevemente os caminhos que a Sociologia das Imigrações percorreu desde a sua fundamentação pelos estudiosos da Escola de Chicago até a sua chegada ao Brasil e os trabalhos que Ianni (1966) elaborou na região de Curitiba sobre o grupo de imigrantes poloneses. A partir disso, teremos fundamento suficiente para estruturarmos uma proposta de um tratado geral para uma Sociologia das Homenagens e o que propomos com esse novo subcampo da ciência: o reconhecimento de imigrantes poloneses e germânicos em Curitiba através da prestação de homenagens em logradouros públicos na cidade. Assim, teremos arcabouço suficiente para traçarmos os comparativos entre poloneses e germânicos no que diz respeito às homenagens, considerando suas quantidades, seu volume e sua localização.

3.1 A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE HOMENAGEM

Para definir o que é homenagem e a visibilidade por ela gerada, é fundamental começarmos o debate por Bergson (1990), que se debruçou sobre a questão da memória humana para além das definições do campo psicológico. O autor considera que o “passado sobrevive sob duas formas distintas: 1) Em mecanismos motores; 2) Em lembranças independentes.” (BERGSON, 1990, p. 84). Esses mecanismos motores de que o autor fala podem ser objetos ou imagens, que são, pois, representações do passado que se mantêm no presente para ajudar a construir a lembrança na memória dos indivíduos, podendo ser, por exemplo, relíquias e fotografias às quais os indivíduos recorrem para se lembrarem de algo. O mesmo autor ainda classifica a memória propriamente dita como lembrança espontânea, que é aquela que não precisa de repetição para ser consolidada, sendo capaz de reproduzir fatos, datas e locais com perfeição (BERGSON, 1990, p. 91).

Em seguida, convém pensar na definição de memória coletiva desenvolvida por Maurice Halbwachs, que, em *A Memória Coletiva* (2003), explica os caminhos para que uma lembrança individual seja construída a partir de contribuições de lembranças dos outros. Isso porque o indivíduo nunca está só em um acontecimento, pois sempre há testemunhas que podem se lembrar mais e melhor de um ou outro detalhe daquele mesmo episódio, compondo fatos e frases, de modo a reconstruir memórias. Para o autor, quando as lembranças são memoradas por outros sujeitos presentes na situação, podem ocorrer modificações em relação às impressões e à visão que o próprio indivíduo teve sobre o fato. Segundo o autor, isso é comum e ocorre devido a imposições sociais, como pequenas correções no trajeto daquela situação. E mais do que isso: uma lembrança individual não seria de todo suficiente para que aquele fato se concretizasse na memória de um grupo, pois uma vez que a lembrança é individual, ela vem carregada de sentimentos e percepções que não podem ser compartilhadas entre o grupo. Mas se a reconstrução do fato em uma narrativa encontra pontos de convergência com outras versões e outros pontos de vista, sendo contada por outros indivíduos também presentes no fato, essa lembrança tem mais chance de se tornar uma memória, pois, nas palavras do autor,

[...] é preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou denoções comuns que esteja em nosso espírito e também no dos outros [...] o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. Somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo conhecida e reconstruída. (HALBWACHS, 2003. p. 39).

Isso significa dizer que uma lembrança pode sim ter aspectos particulares para cada indivíduo que a vivenciou, mas elas estarão construídas sobre uma base comum aos demais que também a vivenciaram. No entanto, não é necessário que todo um grupo esteja presente para referendar a lembrança com suas contribuições; apenas alguns membros que compartilham de um segundo espaço de convívio no momento da recordação já são suficientes para que a lembrança se consolide.

Outro aspecto referente à lembrança e que o autor destaca ainda nesse raciocínio é a surpreendente possibilidade de reconhecer uma figura ou um lugar visto no passado e poder recordar exatamente como estava naquele momento e como se sentia quando viu tal coisa. Para Halbwachs (2003), isso é possível devido a uma sequência de percepções que se tem ao se refazer exatamente o mesmo caminho de outrora. Então, a lembrança se constitui como um conjunto de reflexões que reúnem a memória e a percepção daquele momento. Percepções essas que, segundo o autor, “limitam-se a reproduzir objetos exteriores [...]. Daí a convicção de que elas serviram unicamente para nos deixar em determinada disposição [...] favorável ao reaparecimento da lembrança.” (HALBWACHS, 2003. p. 53-54).

Outra importante noção utilizada por Halbwachs (2003) nessa explicação e que pende entre a projeção individual de uma lembrança e a influência social sobre o que e como deve ser lembrado é a noção de intuição sensível. O autor chega a essa noção explicando que as lembranças independem das vontades dos indivíduos, sendo, portanto, algo externo a eles, algo advindo dos ambientes por onde passou. Fala também de estados que estão ligados entre si na consciência do indivíduo e que se tornam pontos de perspectiva, permitindo compreendamos que as perspectivas criadas pelos indivíduos são construtoras ou formuladoras das impressões ou sensações que cada um tem ou teve sobre um fato vivenciado. À primeira vista, a intuição sensível é percebida como um fenômeno individual que, genericamente, pode ser atribuído ao esforço e ao mérito do possuidor da consciência. No entanto, segundo a explicação de Halbwachs (2003), a intuição é fruto da confluência de vários grupos influenciando a consciência do indivíduo.

Quando muitas correntes sociais se cruzam e se chocam em nossa consciência, surgem esses estados que chamamos de intuições sensíveis e que tomam a forma de estados individuais porque não estão ligados inteiramente a um e a outro ambiente, e então os relacionamos a nós mesmos. (HALBWACHS, 2003, p. 58).

A intuição sensível é, portanto, um conjunto de elementos – pensamentos, preferências, impressões ou lembranças – que não dependem do mundo exterior. No entanto, elas próprias não são construções individuais, mas marcas das influências que os indivíduos recebem dos

grupos dos quais participam. Eles recebem um pouco de informações de cada grupo, confrontam um ponto ou outro para irem construindo eles próprios os seus constructos sobre uma lembrança.

Halbwachs considerou a memória como um resultado de representações coletivas construídas no presente com a intenção de manter a sociedade coerente e unida (SANTOS, 2012, p.25) – muito próximo aos princípios definidores de sociedade para Durkheim –, não considerando a memória um fruto da natureza individual e priorizando as estruturas coletivas como geradoras das lembranças. O ato de lembrar passa a ser definido por outros sociólogos – graças ao papel fundante que foi a abordagem de Halbwachs sobre o tema – a partir dos resultados de práticas reflexivas e de processos interativos, ou seja, a partir de práticas sociais de forma geral (SANTOS, 2012, P. 27).

E ao se ter em mente a ideia de materialidade de memória de Bergson (1990) e as características definidoras de uma memória construída socialmente apontadas por Halbwachs (2003), incluímos neste diálogo a proposta de Nora (1986), que trata sobre lugares de representação da memória, ou melhor: sobre lugares onde a memória se refugia, estando ligada a momentos e aspectos da história de um povo, segundo as próprias palavras do autor (NORA, 1986, p. 17). Ele estabelece, primeiramente, uma importante diferenciação entre a memória embasada na conservação e na transmissão de valores – aquela memória intocada, que servia de base para as chamadas sociedades arcaicas, que, por não recorrer a um passado, acabava por reconduzir eternamente a uma herança – e a memória que se quer debater com referência aos fatos históricos e constituintes de um povo. Para ele, desde que haja distanciamento e mediação sobre os fatos, não há mais essa memória dita intocada e verdadeira, mas sim a história. Ademais, Nora (1986) define a história como uma reconstrução problemática e incompleta do passado, ou seja, apenas uma representação facetada do passado. Assim, sua definição de memória também se baseia nessa condição de contribuições, lembranças e esquecimentos, como podemos ver nos trechos a seguir: “La mémoire est la vie,[...], elle est en évolution permanente, ouverte à la dialectique du souvenir et de l’amnésie.” (NORA, 1986, p. 19). E também: “la mémoire [...] se nourrit de souvenirs flous, télescopants, globaux ou flottants, particuliers ou symboliques, sensibles à tous les transferts, écrans, censure ou projections.” (NORA, 1986, p. 19).

Pois bem, para o autor, os estudos de lugares de memória são, em parte, um movimento puramente historiográfico, em que um dos objetivos é um retorno reflexivo da história para dentro dela mesma. Então, ele começa a listar alguns lugares de memória como ambientes da manutenção e propagação da história, como os museus, as bibliotecas e o

Pantheón²³, por exemplo. Assim, ele disserta sobre como a materialização da memória se constitui como algo valioso para a sociedade moderna e contemporânea através das recentes técnicas de reprodução e conservação de documentos e a facilidade em se documentar a história – lembrando que em nenhuma outra época se produziu voluntariamente tantos documentos quanto na sociedade moderna. Dessa forma, Nora (1986) também faz crítica de que se, na sociedade ocidental contemporânea, existe uma valorização maior daquilo que é novo em relação ao que é velho, que espaços reservados ao que é antigo sejam celebrados com nostalgia, na ânsia de se resgatar e preservar uma memória que não é espontânea, mas sim introduzida e celebrada socialmente, o que denuncia a existência de uma sociedade sem ritual, de acordo com seu raciocínio.

Sobre os lugares de memória que trabalhamos nesta tese, Nora (1986) tem um capítulo específico sobre os nomes de rua nas cidades francesas. Ele explica que as denominações de vias públicas, tanto em Paris quanto na maioria das cidades do interior da França, acompanharam momentos históricos do país e dependeram, fundamentalmente, do grupo que estava no poder. Os nomes originários da Idade Média e que pareciam obscenos dão lugar a outros nomes mais polidos a partir do reinado de Henrique IV, no século XVII. O autor acrescenta que isso se dá pelo processo que Elias irá chamar de *Processo Civilizador*. Quando acontece a Revolução Francesa, em 1789, ocorrem também muitas mudanças de nome de logradouros que faziam menção à monarquia ou à igreja católica. O autor segue contando como os processos políticos da França foram determinantes para renomeações ou restauro de nomes que haviam sido renomeados pelo sistema político derrotado e substituído, como quando narra que alguns nomes importantes para o período republicano foram ganhando notoriedade e se tornaram logradouros. Também aponta que o crescimento das cidades – tomando Paris como exemplo – também foi fundamental para o aumento do número de homenagens, como os nomes de Jean Jaurès e Georges Clemenceau, que são personagens da política francesa do início do século XX e, atualmente, são nomes de uma avenida e uma praça em Paris, respectivamente. Destaca, ainda, que os nomes políticos têm centralidade nas denominações e que nomes da literatura acabam por ser mais escondidos ou até mesmo esquecidos nesse processo. Cita inclusive, que em 95 prefeituras francesas, o nome de Général De Gaulle ocorre em 68 delas, sendo 61 vezes em grandes eixos viários. Já o nome de Émile Zola aparece em 55 prefeituras e

²³ Pantheón de Paris está localizado no 5º arrondissement da capital francesa, no prédio de uma antiga igreja católica construída por Luís XIV, para superar o tamanho da Basílica de São Pedro, em Roma. Esse templo foi tomado pela Revolução Francesa e ressignificado, para que passasse a servir como última morada dos heróis da França.

somente em 11 grandes eixos viários (NORA, 1986, p.307), o que, para ele, parece ser um processo de politização do sistema de denominações de vias públicas.

Ele também dá uma contribuição importantíssima para a nossa discussão quando diz: “Pour qui s’intéresse à la constitution des lieux de mémoire, les noms de rues pourraient peut-être servir d’indices, et ce à un double titre: comme manifestations de la mémoire collective d’une communauté et comme signes extérieurs de notoriété.” (NORA, 1986, p. 285). É exatamente esse caminho que pretendemos traçar em relação aos nomes de imigrantes nas ruas de Curitiba: os casos nos quais se vê marcada a memória de um grupo e casos de reconhecimento da notoriedade, sem que se exclua uma e outra possibilidade. Porém, como nesse capítulo de *Lieux de Mémoire* o autor está abordando basicamente nomes nacionais da política e da intelectualidade francesas para vias públicas e não considerando nomes de estrangeiros – ou, como no nosso caso, de imigrantes –, ele destaca a força da narrativa do grupo no poder para que se consolidem as escolhas nas denominações, como nesse trecho: “Plus nombreux sont, désormais, ceux qui considèrent que les noms de rues *doivent*²⁴ représenter la mémoire collective – nationale cette fois. Il ne s’agit plus, dans ce cas, d’un fond populaire qu’il faudrait sauvegarder, mais d’un répertoire officiel qu’il faudrait promouvoir.” (NORA, 1986, p. 285). Pois, se há um esforço para lembrar-se de algum nome, há o mesmo esforço no sentido contrário, ou seja, de esquecê-lo.

Ao final desse capítulo, Nora (1986) elenca alguns nomes que são muito contestados entre os considerados heróis nacionais da França, como Napoleão I, Richelieu e Luís XIV. O autor ainda aponta aqueles nomes que possuem má reputação e que são, portanto, evitados nas denominações de endereços, como Catarina de Médicis, Luís XV, Luís XVI e Napoleão III. No caso brasileiro, isso pode ser percebido através de nomes que são muito contestados por grupos no poder em períodos ditatoriais, que são, por exemplo, aqueles nomes de representantes da resistência popular, como João Cândido²⁵, Antônio Conselheiro ou Carlos Marighella, que jamais ganharam homenagens em vias públicas de Curitiba entre 1964 a 1984, por exemplo. Ou ao contrário, os nomes de agentes repressores são considerados de má reputação em

²⁴ Grifo do autor.

²⁵ João Cândido, também conhecido como o “Almirante Negro”, foi um dos principais líderes da Revolta da Chibata no Rio de Janeiro, em 1910 — um protesto contra os castigos físicos que aconteciam oficialmente na Marinha do Brasil, mas somente aos marinheiros de pele preta, mesmo já sendo todos homens livres há mais de vi anos. O João Cândido que se refere a praça no Centro Histórico de Curitiba, popularmente chamada de Largo da Ordem, homenageia um homônimo do Almirante, que foi um médico e escritor nascido na Lapa (PR) e que ocupou o cargo de Presidente da Província do Paraná em 1907, segundo fonte da página da Casa Civil do Estado do Paraná, consultada em 09/10/2020.

períodos democráticos, como o caso de Ernesto Geisel, que não recebeu qualquer nome de logradouro em Curitiba entre os anos de 1988 até 2015²⁶, por exemplo.

Mas como não tratamos somente de homenagens a personagens ilustres nesta pesquisa, agora vamos adentrar o conceito de reconhecimento social a fim de compreendermos o que é necessário para que um personagem histórico tenha sua trajetória lembrada e reconhecida como homenageável em um meio social.

3.2 O RECONHECIMENTO SOCIAL

Conforme indicamos anteriormente, estamos trabalhando a ideia de visibilidade como um sinônimo de reconhecimento social de indivíduos membros dos grupos aqui estudados. Para aprofundar a compreensão sobre reconhecimento, lançamos mão da obra de Axel Honneth, *Luta Por Reconhecimento* (2003). Essa obra é um trabalho conceitual árduo em que o autor retoma o que, segundo ele, eram apenas alguns esboços e esquemas feitos por Hegel em torno da ideia de que os sujeitos lutam por reconhecimento recíproco de sua identidade individual dentro da sociedade (HONNETH, 2003, p. 29). O autor faz uma revisão teórica dentro do campo filosófico, versando sobre a capacidade humana de se estabelecer em comunidade, sobre a luta individual pela conservação de identidade e sobre os conflitos influenciados pelo poder ao longo da transição das sociedades antigas para as medievais e modernas. Através da teoria do reconhecimento de Hegel, Honneth (2003) também resgata conceitos da psicologia social, como quando cita que “o indivíduo tem que reprimir em si [uma série de disposições egocêntricas] antes de tomar atitudes éticas” (p. 39), indicando que algumas premissas de atitudes individuais devem ser colocadas à prova de um sistema de eticidade e compor um estado de totalidade ética, conforme estabelece Hegel.

É importante que se destaque aqui que Hegel propõe, na filosofia social, um novo fundamento que substitua categorias atomísticas por outras fundadas no vínculo social. Essa proposta consiste que toda teoria social tem que partir de vínculos éticos e coletivos, e não isoladamente. Destaca-se, assim, a centralidade que a intersubjetividade tem na definição do que é reconhecimento social, de modo que os comportamentos praticados em público são reconhecidos como expressão intersubjetiva das particularidades: “só os comportamentos praticados intersubjetivamente e também efetivamente são capazes de fornecer uma base sólida para [...] liberdade ampliada.” (HONNETH, 2003, p. 41). O autor fala, inclusive, em

²⁶ Exemplificamos o ano de 2015 porque o Índice de Logradouros de Curitiba utilizado nesta pesquisa é de 2014, e também por 2015 ser o ano anterior ao do início do processo de golpe de Estado, em curso no país desde 2016

obrigações intersubjetivas como condição quase natural do processo de socialização, como o contato visual entre dois desconhecidos na rua que se veem, não se ignoram e, assim, traçam um acordo mútuo de reconhecimento.

Por esse caminho, Honneth (2003) chega ao conceito de reconhecimento, que se dá através de um entrelaçamento entre universalização e individuação, um movimento de ação recíproca entre os indivíduos, podendo ser aplicado dentro das relações comunicativas. Ademais, dá possibilidade para uma segunda onda de reconhecimento, que consiste na relação ética dos sujeitos, possível de ser vista em processos de reconciliação e resolução de conflitos. Nesse ponto, aparece o conceito de luta social, para mediação de conflitos e resolução de tensões, até chegar às relações jurídicas, nas quais tem papel de mediadora. “Numa organização social caracterizada por formas jurídicas de reconhecimento, os sujeitos não estão [...] incluídos senão mediante [...] sua capacidade de negar ofertas sociais.” (HONNETH, 2003, p. 50).

Sobre o conceito total de luta por reconhecimento, o autor afirma que Hegel se interessou pelos processos individuais de disputa pelo reconhecimento, seus ganhos e o que resultaria de uma perda desse reconhecimento: a perturbação do convívio social. A negativa do reconhecimento acontece no desrespeito e nas ofensas aos atores sociais. Ao analisar diferentes atos destrutivos do bom convívio social, chega-se ao entendimento de que o crime seria, então, um reconhecimento incompleto, uma vez que o criminoso não se sente reconhecido pela sociedade. Isso passa diretamente pelo processo de luta por honra, que é a validação de prestígio e reconhecimento que um indivíduo tem por parte do grupo em que está inserido e que o ajuda a se posicionar positivamente diante do grupo, de modo automático e simultâneo. Ou seja, a estima individual vai interferir diretamente na conceituação social sobre esse indivíduo. “Honra é a postura que adoto em relação a mim mesmo quando me identifico positivamente com todas as minhas qualidades e peculiaridades.” (HONNETH, 2003, p. 55). Assim, Honneth (2003) chega às três etapas de reconhecimento estabelecidas por Hegel para melhor desenvolvê-las: 1) Relação afetiva e reconhecimento da família; 2) Reconhecimento do direito, como pessoa de direito abstrata; 3) Relação do reconhecimento do Estado.

Especificamente sobre a luta para se obter o reconhecimento, o autor o define como um processo de comunitarização social que força o mútuo reconhecimento, como um processo de descentramento das formas individuais da consciência. É quando a consciência individual se entrecruza com as dos demais indivíduos, levando a uma consciência universal e, portanto, consensual, que capacita o outro a ter o mesmo reconhecimento garantido por mim. “O indivíduo só pode se proporcionar um sentimento de garantia a respeito de ser reconhecido por seu parceiro de interação mediante a experiência da reação prática com que aquele responde a

um desafio deliberado.” (HONNETH, 2003, p. 64). E esse reconhecimento recíproco funcionaria, então, como um médium da universalizaçãosocial.

Em seguida, o autor começa a desenhar os caminhos para se chegar ao reconhecimento recíproco, começando pela dedicação emotiva, que envolve sentimentos de amizade e outros tipos de afetividades muito fortes entre poucos indivíduos. O amor é visto, então, como um pressuposto necessário para a participação do indivíduo na vida coletiva. Em relações intersubjetivas, em que um consenso mínimo é estabelecido e garantido, fica mais fácil de perceber o reconhecimento entre as partes. Nesse processo, o indivíduo é necessariamente reconhecido e reconhecente, e isso ocorre mutuamente, mesmo que não haja uma concordância universal com o outro. O exemplo utilizado por Honneth (2003) é a relação entre mãe e filho, quando há uma relação simbiótica que é rompida no momento em que a criança se vê só ou individualmente no mundo, momento em que se pode assimilar o amor ao reconhecimento.

Outro exemplo é o reconhecimento jurídico, quando o indivíduo garantiu por lei seu reconhecimento enquanto sujeito e teve suas realizações reconhecidas. Nesse caso, é visto como uma relação de reciprocidade e respeito jurídico mútuo, como quando o autor fala: “Só podemos chegar a uma compreensão de nós mesmos como portadores de direitos quando possuímos, inversamente, um saber sobre quais obrigações temos de observar em face do respectivo outro.” (HONNETH, 2003, p. 179). A ideia universalizante de que todos os membros da comunidade jurídica possuem a mesma propriedade de autonomia individual e que os sujeitos se reconhecem na sua imputabilidade moral faz gerar o reconhecimento pelas vias do direito.

Por último, há o assentimento solidário, que é exatamente a estima social, que se aplica às propriedades particulares do indivíduo, como sua trajetória e seus feitos, e o quanto elas são relevantes para a sociedade. Como esses valores e propriedades são intersubjetivamente partilhados e, portanto, moldáveis de acordo com a formulação particular de cada sociedade sobre os valores mais ou menos estimados e sua auto compreensão cultural, a estima social é formulada particularmente em cada sociedade a partir dos aspectos que cada uma elege como relevante. As conceituações do que vale mais ou do que vale menos em um indivíduo são partilhadas subjetivamente de acordo com uma escala de comportamentos ou realizações. Por outro lado, quanto mais as sociedades concebem as variações de estima social e ampliam o arco de valores e propriedades sociais, mais a ideia de estima social vai se tornando um gradiente individual, o que cria relações simétricas.

O autor percebe esse processo de individualização da estima social durante a transição da sociedade tradicional (estamental) para a sociedade moderna (de classes). A mudança de estilo de vida traz também uma mudança conceptual, fazendo substituir o termo *honra* pelos

termos *reputação* e *prestígio social*. No caso da sociedade estamental – ou *Sociedade de Corte*, expressão utilizada por Elias –, a reputação do indivíduo é medida de acordo com sua honra social, com as tarefas sociais que ele cumpre e com sua contribuição na difusão dos valores sociais. Esses são aspectos que ajudam a determinar o grau de estima que esse indivíduo irá obter.

No interior dos grupos determinados por status, os sujeitos podem se estimar mutuamente como pessoas que, por força da situação social comum, partilham propriedades e capacidades a que compete na escala de valores sociais uma certa medida de reputação social; entre os grupos [...], existem relações de estima escalonada numa hierarquia, que permite aos membros da sociedade estimar propriedades e capacidades no sujeito estranho ao respectivo estamento, aos quais contribuem [...] para a realização de valores partilhados em comum. (HONNETH, 2003, p.202)

Como Honneth (2003) aponta, no interior de cada grupo social com a mesma estima, os indivíduos se apreciam conforme suas capacidades e contribuições para o coletivo, partilhando propriedades, valores e saberes; entre outros grupos, há relação de hierarquia de estima e de valores. Ou seja: na sociedade de corte, a estima social está intimamente ligada ao valor que o indivíduo adquire e presta ao grupo. Ele é reconhecido pelo o grupo de acordo com aquilo que ele faz e com o que demonstra trazer como arcabouço acumulado de bons valores e atitudes.

No caso da sociedade moderna – ou de classes –, a situação muda de figura, pois o reconhecimento se desliga da ordem hierárquica da estima social a partir do momento em que a burguesia – quando propõe a ruptura com a ordem aristocrática – apresenta um novo estilo de vida. Com isso, dentre muitos aspectos, a burguesia inclui um novo modelo de reconhecimento social: deixa de lado o grau de estima carregado pelo grupo de pertencimento ou pelos ancestrais do indivíduo e passa a considerar a biografia e a trajetória desse indivíduo como parâmetro medidor de status e estima. Na sociedade de classe, as realizações dos indivíduos são o que determinam seu valor social, e não mais os fatores ligados à coletividade. Ocorre um movimento que substituiu, gradativamente, a honra angariada em meio à sociedade pelos feitos conquistados ao longo de sua trajetória e suas capacidades individuais, transformando-se então em prestígio social ou reputação e uma estima simétrica entre sujeitos individualizados e autônomos (HONNETH, 2003, p. 205).

Com esse aparato trazido a partir de Honneth (2003), é possível traçarmos as linhas gerais sobre o que significa obter destaque no meio social em que se está inserido. Podemos verificar quais aspectos em um indivíduo levam ao seu reconhecimento pelo meio e que o

movimento de destacar um dos indivíduos do meio é possível desde que exista o reconhecimento mútuo, de ambas as partes. Ou seja, tanto o homenageado quanto o prestador da homenagem devem ter alguma notoriedade, como é o caso dos vereadores de Curitiba em relação ao tipo de homenagem que prestam, ou o caso de uma situação em que o meio social seja restrito, como um clube ou um sindicato. No ponto seguinte, recortamos os estudos migratórios que levam em consideração a gradativa transição de uma situação de marginalidade e preterimento de grupos imigrantes para um caminho de luta por destaque social e reconhecimento sendo alcançado.

3.3 O PAPEL DOS ESTUDOS MIGRATÓRIOS EM NOSSO OBJETO DE PESQUISA

Em muitos estudos sociológicos que abordam populações imigrantes, é possível perceber empasses e dificuldades de inclusão nas sociedades de adoção. Ainda antes da definição deste campo na Sociologia, é possível perceber que há uma postura habitual de se tratar a imigração como um “problema social”, como pode ser observado na obra de Engels, *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra* (2008). É preciso retratar aqui que, nesse texto, o autor tem um ponto de vista carregado de preconceitos sobre os trabalhadores irlandeses na Inglaterra. Isso porque, em termos gerais, ele coloca sobre os ombros dos trabalhadores irlandeses o peso de usarem abusivamente de álcool e a falta de acesso a bens culturais e educacionais, afirmando que a ignorância seria inerente ao povo irlandês. Assim, ele retrata a imigração como um problema social, quando, na realidade, é um processo humano, tendo sido compreendido como um direito anos mais tarde. Essa visão de Engels reflete a época em que o texto foi escrito originalmente, 1845, quando havia apenas discussões filosóficas em torno do mundo do trabalho e da condição de vida dos indivíduos frente à Revolução Industrial em voga, não havendo, portanto, uma ciência social estruturada para pensar a condição dos trabalhadores imigrantes.

Uma sociologia propriamente dita e estruturada como pesquisa científica começa a ser elaborada por um grupo de estudiosos da Universidade de Chicago, que, entre as décadas de 1920 e 1930, percebe o espaço urbano como um verdadeiro laboratório para a Sociologia. É na cidade de Chicago e na cidade vizinha Boston que as populações imigrantes estão vivendo, ajudando a construir a vida urbana e servindo como sujeito de pesquisa para vários estudos. Portanto, são sujeitos centrais em pesquisas e passam a ser observados sem o ponto de vista preconceituoso de outrora.

Destacamos aqui a obra *Sociedade de Esquina* (FOOTE-WHYTE, 2005), em que o autor aplica a metodologia de observação participante – que até então era algo aplicado muito mais à Antropologia – para se integrar e estudar um grupo de jovens de origem italiana que vive em um subúrbio de Boston. Era um grupo que vivia sem receberem políticas públicas específicas para sua educação, bem-estar e ingresso ao mundo do trabalho, e muitos desses jovens flertavam com a marginalidade em pequenos delitos e contravenções. Esse é apenas um dos estudos desenvolvidos pela chamada Escola de Chicago, mas muito do que foi trabalhado ali nas primeiras décadas do século XX ainda serve de pilar estrutural da Sociologia nos tempos atuais e nos serve de exemplo. Isso porque, se nesse estudo Foote-Whyte está lidando com um setor marginalizado da sociedade urbana, o salto que temos em relação à pesquisa com logradouros que levam nomes de imigrantes é notório. Ao colocarmos ambos os estudos em paralelo, vemos que os grupos homenageados nas ruas em Curitiba conquistaram inserção e notoriedade na sociedade de adoção, aspectos que são elementos centrais para a obtenção de reconhecimento.

No caso brasileiro, trazemos o trabalho de Ianni (1966) como um grande passo para o que se tem atualmente em termos de Sociologia das Imigrações no Brasil, especificamente em relação ao caso das populações de imigrantes que adotaram a região do Paraná para viver. Em *Raças e Classes Sociais no Brasil* (1966), o autor se instala na cidade de Curitiba a fim de observar e entender como se dava a vida de imigrantes e descendentes de poloneses nas chamadas colônias instaladas nos arredores da cidade. Na época dessa obra, as antigas colônias de imigrantes poloneses ainda eram espaços rurais ou em processo de urbanização, localizados distantes da área urbana, a qual seguia em acelerada expansão. Ianni, então, pode entender que algumas visões que partiam da população geral de Curitiba em relação ao caráter e aos aspectos da vida social dos colonos poloneses como seus hábitos religiosos e as preferências profissionais de maneira geral no grupo – eram bastante negativas, o que acabou ficando registrado em obras literárias, como contos de Dalton Trevisan, além de registros históricos superados com o tempo, como os de Wilson Martins.

No imaginário popular, também havia tais percepções; pois, como o próprio autor mostra, grande parte da diminuição e do preconceito social que o negro vivia também afetava o polonês em Curitiba: “um informante nos prestou um esclarecimento que, de início, pareceu-nos um gracejo de mau gosto, tão inesperado foi. ‘Aqui, afirmou, não há negros. O negro do Paraná é o polaco.’”(IANNI, 1966, p. 131). Outra depoente de origem germânica afirma o seguinte ao autor: “Não sei porquê tenho uma aversão especial por poloneses. [...] Acho os poloneses um povo atrasado, sem personalidade e muito traiçoeiro.” (IANNI, 1966, p.132).

Outros depoimentos presentes no estudo vão associando o polonês ao negro e, assim, apresentando um inédito preconceito racial contra um elemento também branco e europeu, o polonês. Teria sido, enfim, essa a grande descoberta que Ianni fez a respeito das relações raciais no sul do Brasil, e essa relação de rejeição do polonês por parte dos demais grupos europeus instalados em Curitiba causara surpresa, assim como a equiparação desse grupo – mesmo que de forma negativa – com a rejeição vivida pelas pessoas negras, o que também pode ser visto em Oliveira (2015).

No entanto, essa visão preconceituosa com a qual Ianni se deparou não se sustenta quando olhamos para o grupo polonês sob outro aspecto: o poder associativista e organizacional que os imigrantes e descendentes de poloneses alcançaram em Curitiba desde os primeiros anos de sua chegada à capital paranaense, algo também abordado por Oliveira (2010). O autor mostra que, desde as décadas finais do século XIX, os imigrantes de poloneses tinham associações culturais e esportivas construídas e funcionando em Curitiba, a exemplo da Sociedade Polono Brasileira Tadeusz Kosciuszko que, em 2020, completou seus 130 anos de história. Também havia jornais e escolas para a difusão de informações em idioma polonês e alfabetização das crianças da colônia também no idioma materno de seus antepassados, considerada uma prioridade entre os membros das colônias.

A propósito, um grande incentivador da educação nas colônias polonesas foi Jerônimo Durski, um imigrante polonês que, através do seu ofício de professor, educou muitas crianças das antigas colônias Orleans e Santo Inácio. Além de ter trabalhado em escolas da área urbana de Curitiba (OLIVEIRA, 2010), Durski é um dos imigrantes homenageados com logradouro público na cidade, e seu nome consta neste trabalho. Essas iniciativas dão outro contorno a uma das populações de imigrantes aqui estudadas e à discussão feita em torno desse grupo; pois, sendo o exato oposto do que apregoava o estereótipo de que os poloneses eram iletrados, alcoólatras e ultracatólicos, esse perfil cultural, esportivo, informativo e educativo das associações ajuda a desconstruir a visão inicial que o próprio Ianni tivera e transmitira através das entrevistas coletadas em seu *Do Polonês ao Polaco*. É a partir dessa concepção que pretendemos chegar ao reconhecimento social alcançado por imigrantes poloneses e seus descendentes em Curitiba no momento em que há o prestígio da homenagem: ter seu nome eternizado em um logradouro na cidade. Como essas homenagens são póstumas, majoritariamente, a apropriação desse reconhecimento fica a cargo dos descendentes.

No caso dos imigrantes germânicos, o reconhecimento vem após situação de rechaço e intolerância sofridos por eles devido a contextos de guerra nas primeiras décadas do século XX. O grupo teve sedes de clubes e jornais destruídos e escolas fechadas por toda a cidade. Na

Primeira Guerra mundial, isso ocorreu por uma revolta de iniciativa popular; na Segunda Guerra, for por meio de um decreto governamental que inviabilizava, por meio de proibição, a comunicação em idioma alemão em todo o país (SEYFERTH, 1999. p. 204). Então, percebe-se uma retomada do prestígio individual e uma reconquista do reconhecimento por parte do grupo após passados esses períodos de animosidade, o que pode ser percebido se olharmos para as homenagens em logradouros na cidade.

3.4 REFLEXÕES PARA UMA SOCIOLOGIA DAS HOMENAGENS

Para se chegar à proposta de um campo de estudo dentro da Sociologia que leve em consideração o processo de reconhecimento social de um indivíduo, também é importante falar sobre a visibilidade desses indivíduos perante a sociedade curitibana. A valorização de sua trajetória por parte de seu grupo social e o registro desse personagem na memória do grupo deve passar por todos esses conceitos elencados e debatidos ao longo deste capítulo. Tendo em vista todo o levantamento da literatura que fizemos acerca do conceito de memória coletiva e esse denso debate envolvendo uma Psicologia Social proposta por Honneth (2003), acreditamos ser possível estabelecer que a memória em torno de um indivíduo seja preservada devido ao seu reconhecimento perante o grupo e que isso fique demarcado através de uma homenagem pública, como a colocação do nome dessa pessoa em um logradouro público.

No processo de denominação de logradouros que estamos estudando, existe uma relação de reconhecimento da trajetória do imigrante ou descendente que ora parte da comunidade do bairro onde o homenageado viveu, ora parte de um parlamentar que tem a iniciativa de prestar a homenagem. Não é necessário entrar no mérito da grandeza de seus feitos, pois, como podemos ver no Capítulo V deste estudo, muitos homenageados foram trabalhadores locais, tendo sido, por exemplo, caminhoneiros, oleiros ou professores. No caso da Câmara Municipal de Curitiba, os projetos de lei não contam com uma justificativa por parte do parlamentar para se chegar ao nome homenageado – como é possível observar nos projetos de lei da Câmara de Porto Alegre, por exemplo –, ficando a cargo da biografia do homenageado carregar tal justificativa. No entanto, há que se considerar que o processo de reconhecimento do homenageado tem várias etapas. Primeiro, o nome chega ao parlamentar via petição da população ou por iniciativa própria do parlamentar que já tinha no homenageado alguma referência positiva. Em seguida, esse reconhecimento é referendado na Comissão de Trabalho, onde o projeto de lei vai tramitar e, finalmente, chega ao Plenário da Casa, por onde passa e é

aprovado geralmente sem polêmicas, pois não são nomes que feriram os direitos humanos, nem são pessoas ainda vivas, o que obedece aos requisitos da Casa.

Os passos para construir a memória coletiva de uma das capitais mais antigas do Brasil passam por optar por um tipo de narrativa, e os números aqui obtidos nos mostram que a contribuição da parcela imigrante polonesa é bastante reconhecida, apesar de outrora ter sido rechaçada e discriminada pela população local, como Ianni (1966) apontou. Também o é a parcela de imigrantes germânicos que fomentaram o desenvolvimento tecnológico da cidade, muito embora tivessem episódios de perseguição devido a conjunturas de guerra, nas quais seu país de origem estava envolvido no início do século XX. Essa narrativa reconhece que esses povos ajudaram a desenvolver a economia da cidade na virada do século XIX para o XX, muito devido à presença de parlamentares que têm origem de imigrantes, visto que, uma vez estabelecidos nos setores mais altos da sociedade, começaram a ser eleitos e a propor nomes em logradouros para seus antepassados, principalmente a partir dos anos 1950.

Compreendemos que a narrativa capaz de denominar um logradouro está posta em debate, principalmente no decorrer de 2020, quando movimentos sociais por igualdade racial colocaram em xeque figuras outrora homenageadas, mas que tiveram participação direta na escravidão de pessoas de origem africana no século

XIX. Existe uma disputa que examina mais detalhadamente as trajetórias, antes ilibadas e acima de qualquer possível mancha, mas que, através desse exame na trajetória, mostram-se membros de uma elite opressora e que tem tido a unanimidade questionada a partir dessas manifestações. Acreditamos que o debate que esse movimento faz é muito válido, mas ainda não temos claro se ele atinge o grupo que estudamos. Temos claro que homenagens como as que estudamos – em logradouros públicos – ocorrem muito menos a pessoas de origens indígena ou preta do que aos integrantes de grupos da imigração europeia, mesmo que os primeiros tenham tido igual ou maior relevância do ponto de vista histórico, mas esbarram na implacável barreira racista da sociedade curitibana e brasileira com o mesmo todo, e esse ponto é muito importante de se levar a debate.

Nora (1986) seleciona personalidades menos e mais contestadas quanto às suas trajetórias para serem passíveis de homenagens em logradouros. No nosso caso, não cabe exatamente elencar um nível de importância dos feitos dos homenageados, mas é válido destacar que, por vezes, as homenagens ocorrem de forma aleatória, ou melhor, não obedecem a uma lógica de importância de trajetória, mas a uma lógica da urbanização da cidade, abertura de novas ruas e o trabalho dos vereadores lembrar nomes para denominar ruas e praças. Mais uma vez, deixamos claro que a relevância de Madame Curie para a ciência mundial, por

exemplo, não se compara à disposição e à liderança de Theodoro Makiolka para melhorar a vida na antiga Colônia Santa Cândida. São diametralmente opostos, mas servem como um exemplo, pois o processo que levou o nome do segundo a tornar-se rua na cidade antes do nome da primeira foi tão somente devido à urbanização do bairro onde fica a Rua Theodoro Makioka – o bairro Santa Cândida – ter sido anterior ao processo de urbanização do Pinheirinho, onde fica a Rua Maria Sklodowska (Madame Curie). Apesar dessa inicial aleatoriedade na escolha e oficialização dos nomes, justificamos que o processo de tramitação dos nomes de logradouros em Curitiba, por mais consensual que pareça e seja, é um tipo de chancela que afirma o reconhecimento daquela trajetória e daquela personalidade, a qual, ao se tornar um endereço, é referendada diante de um rol de representantes do povo da cidade, tendo então o mútuo reconhecimento (HONNETH, 2003).

Nesta tese, essa discussão tem início sob o aspecto das homenagens através de denominações de logradouros, mas abre possibilidade para ocorrer em várias outras esferas. Questionando inclusive se é necessária tal chancela, se uma iniciativa popular é capaz de substituir esse processo. É possível, portanto, olhar para a história e ver movimentos de reconhecimento espontâneo da sociedade em torno de uma figura? Qual é a força da representação popular em um processo de reconhecimento e homenagem? E a chamada dívida histórica com personagens antes renegados, mas que conseguem ter sua trajetória positivada e reconhecida, tem efeito real na disputa e construção de narrativas históricas? São muitas as possibilidades a partir daqui. Mas talvez a mais importante e que leve este campo de estudo a se tornar uma proposta real e possível dentro da Sociologia é pensar o caminho que uma trajetória percorre até obter visibilidade no meio social em que está ou esteve inserida e, através deste caminho, chegar à obtenção da homenagem. Pensando inclusive se há uma mudança no conceito geral que o grupo faz sobre aquele indivíduo, como uma positivação gradual da avaliação coletiva sobre sua trajetória, por meio da análise de seus feitos; ou se há uma mudança na camada social do grupo como um todo, em que membros vão alcançando postos de visibilidade e assim levando seus iguais ao reconhecimento.

Há que se passar por um exame claro, que considere inclusive a ideia de honra e prestígio pessoal mediante o grupo social do indivíduo, em que o nível de grandeza alcançado é medido de acordo com seus feitos, como estabelece Honneth (2003). Quando percebemos que dois perfis tão diferentes entre si – como exemplo da parteira da colônia de imigrantes, Maria Homan Wisniewski, e o do grande empreendedor de erva-mate e dono de terras, José Hauer – aparecem iguais quanto ao tipo de homenagem póstuma que receberam, há uma discussão possível que vai além da questão de poder e posição de classe que os homenageados

ocupavam em vida. Trata-se de uma referência aplicada às trajetórias e à valorização dos feitos desses dois indivíduos em vida.

E o que aparentemente se coloca como central na hora da escolha de alguns nomes para logradouros em Curitiba é a disposição do poder público local de se colocar esses povos – os imigrantes europeus – como protagonistas da construção da cidade – esta é a narrativa proposta por ele, pelo que podemos verificar até agora. Para que quanto mais as pessoas de Curitiba ou de fora andem por suas ruas e percebam os nomes estrangeiros que as denominam, mais se note a presença imigrante na cidade, afirmando essa narrativa de que foi uma cidade empobrecida no período colonial e que, por isso, recebeu pouca escravidão de pretos. Foi uma cidade que serviu de porta de entrada e acolhida para muitos povos, e que se inventou e se enriqueceu com a mão de obra dessa gente. Essa narrativa não é dominante, nem sacramentada, de maneira nenhuma, pois se vê, inclusive, disputas acontecendo por ela. A história documenta que a relação entre os luso-brasileiros e os imigrantes europeus era tensa e nem sempre pacífica, muito ao contrário do que visa apregoar a narrativa de bom convívio entre os povos, tal qual assim o é com os grupos que chegam atualmente à cidade. Por essa razão, é necessário esse olhar que mostre o caminho para a visibilidade dos grupos, até prestar homenagens aos indivíduos e comparando os dois grupos de imigrantes que alcançaram esse espaço de formas bastante diferentes.

3.5 DIALOGANDO COM OUTROS ESTUDOS SOBRE LOGRADOUROS PÚBLICOS

Quando dizemos que nosso trabalho contém aspectos inéditos, é porque esse tema ainda é pouco trabalhado na Sociologia como uma categoria de análise ou mesmo como um objeto de pesquisa. Também porque este é um dos poucos trabalhos que propõe um levantamento dessa natureza tomando a cidade de Curitiba como fonte de análise. Há, no entanto, que se notar outros trabalhos que se utilizaram de nomes de logradouros públicos como categoria de análise, principalmente na área da Linguística, os quais estão apresentados nesta sessão como forma de dialogar com o que tem sido trabalhado pelos colegas acadêmicos em diferentes universidades e sob diferentes pontos de vista.

Começamos pela dissertação de Filgueiras (2011), que se debruça sobre a presença italiana na cidade de Belo Horizonte e os logradouros com nomes de italianos pela cidade demonstrando essa presença. Primeiramente, é importante localizarmos que a imigração italiana em Minas Gerais foi impulsionada pela construção da nova capital do estado, que se mudava de Ouro Preto para Belo Horizonte na década de 1890. Por isso, não se caracteriza por

ser um grupo de trabalhadores rurais, como foi o caso da imigração no sul do Brasil, mas de operários urbanos dedicados à construção civil (FILGUEIRAS, 2011, p. 47). A dissertação de Filgueiras (2011) é bastante rica, pois a autora analisa 183 nomes de imigrantes italianos que se tornaram nomes de ruas na capital mineira. A análise é realizada através de fichas toponímicas para cada um deles, contendo informações, como a biografia do homenageado, a data de sua chegada ao Brasil, o nome anterior da rua que atualmente leva seu nome, imagens da placa e da planta da rua e, em alguns casos, uma foto do homenageado acompanha a ficha. Em dois gráficos, a autora apresenta as regiões na Itália de onde a maioria dos imigrantes partiu – região do Vêneto, de onde partiram mais de 300 mil imigrantes para o Brasil entre os anos de 1876 e 1920 e de onde se originam 33 dos 183 sobrenomes estudados (FILGUEIRAS, 2011, p. 272). A autora também destaca em que regiões de Belo Horizonte a maior parte dos logradouros levou os nomes dessas pessoas, verificando, portanto, que a maior parte dos logradouros com os nomes analisados se situam na região administrativa da Pampulha, na porção norte da cidade de Belo Horizonte, correspondendo a 19% do total dos logradouros por ela estudados. Em um mapa da capital mineira, a autora identifica e destaca todos os logradouros estudados (FILGUEIRAS, 2011, p. 276).

Outro trabalho que utiliza o grupo de imigrantes italianos como base para a análise é Sartori (2010), cuja cidade estudada é Caxias do Sul (RS), município que foi uma colônia italiana na segunda metade do século XIX²⁷. Discutindo sobre a grande presença italiana na cidade e a baixa ocorrência de nomes de italianos nas vias centrais de Caxias do Sul, a autora questiona a vantagem numérica de indivíduos de origem italiana em relação às suas posições de poder e ao prestígio perante a sociedade municipal, pois, como ela, mesma pontua, “talvez tenha havido da parte dos administradores e líderes políticos brasileiros o desejo de promover personagens importantes visando à aculturação do grupo estrangeiro inserido em terras brasileiras.” (SARTORI, 2010, p. 49). Sabemos que ‘aculturação’ é um termo bastante caro e delicado para se debater em termos sociológicos, mas interpretamos o uso desse termo pela autora a partir da posição social alcançada pelos imigrantes homenageados e listados em seu trabalho²⁸. Como se trata de um trabalho que também é da área de Linguística, a autora faz, inicialmente, uma divisão entre os nomes de logradouros que possuem natureza física – como

²⁷ Diferentemente do caso curitibano, que possuiu várias pequenas colônias em seu território e esvaziaram a se tornar bairros, cidades como Caxias do Sul, Novo Hamburgo e São Leopoldo, no estado do Rio Grande do Sul, foram cada uma delas uma colônia só, que se tornaram cidades com o passar do tempo e de seus desenvolvimentos

²⁸ Pois, segundo ela, aqueles imigrantes com maior ascensão social, possivelmente em termos de capital econômico e/ou com posição social mais privilegiada, como o alcance de espaço político tanto local como regional, por exemplo, teriam se tornado um pouco mais nacionais para alcançarem feitos

nomes de rios, planetas ou animais, por exemplo – e antropo-cultural, como nomes de sensações, datas históricas ou nomes de outros países. A partir disso, filtra todos esses nomes do escopo geral de logradouros caxienses, para, então, debruçar-se sobre os nomes de pessoas. Assim, verifica que somente uma das 18 ruas do centro de Caxias do Sul leva o nome de um imigrante italiano e busca entender o que levou esse único imigrante a receber tal homenagem em meio a nomes luso-brasileiros que figuram entre destaques políticos locais e regionais, como os nomes de Bento Gonçalves, estancieiro, republicano e liberal que liderou da Revolução Farroupilha entre os anos de 1835 e 1845; ou de Dr. Montauri, engenheiro que dirigiu a colônia Caxias entre 1891 e 1893 (SARTORI, 2010, p.56). O único logradouro com nome de italiano no centro de Caxias do Sul listado no estudo de Sartori (2010) é a *Rua Garibaldi*, e essa homenagem que não faz referência ou menção à imigração italiana no estado gaúcho, mas aos feitos belicosos desse líder revolucionário na guerra que ajudou a planejar e liderar, ao lado de Bento Gonçalves, décadas antes das famílias de imigrantes chegarem à região e da abertura das colônias.

Para além da análise mais técnica sobre a quantidade, proporcionalidade e afirmação da presença de um determinado grupo nas cidades através do recurso da denominação de logradouros, trazemos ainda um trabalho que faz uma discussão sobre memória discursiva de um espaço urbano por meio dos seus logradouros. Trata-se da tese de Fedatto (2011), na qual a autora debate o papel da memória e de sua materialidade desde a criação dos arquivos, passando pela documentação e relato dos acontecimentos, até chegar à ideia sobre a trajetória da escrita de saberes em uma cidade e o papel que a arquitetura tem de posicionar construções como inscrições ou como narrativas. A autora coloca que o efeito da repetição cotidiana de se dizer os nomes dos logradouros e o reconhecimento ali presente é um papel da memória discursiva e que tem a capacidade de fazer com que um ponto de referência na cidade passe a ser um elemento de criação de um imaginário em torno daquele personagem homenageado (FEDATTO, 2011, p. 34). Adentrando à ideia da textualidade – mesmo que escape um pouco de nosso escopo – e da função da linguagem na construção da memória, a autora diz:

[...] trabalhar a história das ideias *[sic]* considerando a textualidade como o processo pelo qual a linguagem toma corpo significa expor o corpo da linguagem às suas formulações, versões possíveis em materialidades e condições diversas. a disposição do arquivo na cidade se mostra como um impossível de unidade que inaugura, em arranjos de regularidade e formas de textualidade, outras relações com o saber. (FEDATTO, 2011, p. 35).

Isso significa olhar as ruas como arquivos acessíveis e presentes no cotidiano das pessoas, possibilitando uma apropriação e uma difusão daquela memória por parte dos

indivíduos e a criação de um saber nacional a partir da cidade, uma vez que ela se coloca como um espaço de construção histórica. Outro ponto debatido por Fedatto (2011) é sobre o que significa uma narrativa histórica em uma cidade, quer dizer: como se desenvolve uma linguagem discursiva sobre uma história identificando que a narrativa escolhida contém interpretações a serem expostas sobre aquele local. A partir disso, podemos pensar que exista uma narrativa preponderante e tida como ‘oficial’ em meio a outras não dominantes.

Isso nos traz de volta à capital paranaense – escopo de nossa pesquisa –, uma vez que optamos por identificar dois grupos imigrantes europeus que vieram à cidade e cujos antepassados se tornaram nomes de logradouros. Essa pode ser uma narrativa que resgate uma memória que não é celebrada pelos grupos folclóricos germânicos e poloneses e que, tampouco, está registrada e exposta em museus; no entanto, está no cotidiano da cidade e, muitas vezes passa pouco percebido ou questionado por quem anda por essas mais de mil ruas. Assim como optamos por falar de dois grupos brancos – reforçando uma narrativa desatualizada de que Curitiba é uma ‘cidade imigrante’ e europeizada – acreditamos que é justo fazer um reforço em torno do destaque da memória indígena e preta em Curitiba, pois há muito esses dois grupos sofrem apagamento histórico – e essa metodologia aqui presente pode ser uma ferramenta significativa para tal.

3.6 HOMENAGENS EM LOGRADOUROS PELO MUNDO

O recurso de homenagear antepassados ou personagens importantes para a cidade através de denominação de logradouros está presente em muitas outras cidades pelo mundo, e nesta sessão apresentaremos alguns casos com suas particularidades. Nossa intenção neste subcapítulo é verificar como as cidades do Rio de Janeiro, Paris, Bruxelas e Porto Alegre prestam homenagens através de seus logradouros, observando as placas indicativas dos nomes, a posição destes logradouros na cidade e a notoriedade dos personagens escolhidos. Não sendo necessariamente homenagens a imigrantes ou estrangeiros, pois desta forma observamos também qual a narrativa utilizada pela cidade e seu poder público no momento da escolha e oficialização dos nomes.

3.6.1 O Rio de Janeiro

O caso da cidade do Rio de Janeiro é um exemplo onde verificamos muitas homenagens a personagens oficiais, grandes lideranças do poder político ou econômico da fase imperial ou da Primeira República brasileiras. Seu diferencial consiste em que grande parte das ruas cariocas tem em seu emplacamento a descrição - de forma breve e resumida - da biografia do homenageado naquela via, isso nas áreas regularizadas da cidade, não seguindo este padrão para as áreas de favelas. A presença de nomes estrangeiros se dá, em grande parte dos casos, a lideranças políticas estrangeiras como a Rua Rainha Elizabeth, no bairro de Copacabana, e da Rua Nelson Mandela em Botafogo, ambos na Zona Sul da cidade.

Abaixo temos o primeiro exemplo que é da Praça Mauá, endereço na Zona Portuária da cidade do Rio de Janeiro e que passou por uma grande revitalização à época dos Jogos Olímpicos Rio 2016. A esta época foram inaugurados na Praça o Museu do Amanhã e uma estação do trem de superfície que percorre toda a região central da cidade chamado de VLT, transformando a região em um novo poloturístico da cidade. Na placa de identificação deste logradouro é possível ver a data de vida do homenageado – o Barão de Mauá – além de sua ocupação profissional. Este endereço já possuía este nome antes da grande revitalização de 2016, mostrando que o reconhecimento a este personagem histórico já estava consolidado na cidade.

IMAGEM 1 – Praça Mauá, região central portuária do Rio De Janeiro



Fonte: Rocha, R.M. 2017.

Irineu Evangelista de Souza²⁹, o Barão de Mauá nasceu em 1813 na cidade de Arroio Grande no Rio Grande do Sul e faleceu em 1889 na cidade de Petrópolis, estado do Rio de Janeiro. Foi um homem de posses que teve acesso à educação na Inglaterra durante o século

²⁹ Informações disponíveis em: <http://multirio.rio.rj.gov.br/> Acesso em: 08/03/2021.

XIX, e lá aprendeu um pouco sobre o sistema econômicoliberal e trabalhou para implantar alguns de seus aspectos no Brasil, investindo em desenvolvimento de transportes como trens e bondes e no sistema financeiro a partir da negociação internacional de café. Mauá era um membro da alta sociedade imperial, possuiu título de nobreza e o fato de seu nome fazer parte de um endereço antigo e tradicional da cidade mostra que estes espaços são dedicados a referenciar personagens como ele, pelo destaque dado a partir de uma narrativa que visa expor membros da elite como ícones da sociedade.

O próximo exemplo traz mais curiosidades do que somente as informações em sua placa indicativa. A Rua Nelson Mandela, em Botafogo, na Zona Sul carioca, tem uma quadra de extensão e foi aberta informalmente pelos moradores locais nos anos 1940, mas que em 1981 foi recuperada pelo governo do estado do Rio de Janeiro para construir a estação de metrô que leva o nome do bairro. Um projeto urbanístico de 2003 pretendia revitalizar e devolver essa área para a população, que, no entanto, ficou pronto somente em 2018³⁰, em uma das regiões com maior valorização imobiliária da cidade.

IMAGEM 2 – Rua Nelson Mandela, Bairro De Botafogo Zona Sul do Rio de Janeiro



Fonte: Rocha, R.M. 2020.

Mandela³¹ nasceu em Mvezo, África do Sul em 1918, foi advogado e militante contra o regime do Apartheid, legislação que segregava negros e brancos dentro do país. Após passar 27 anos na prisão devido à sua luta pelos direitos civis de seu povo, Mandela foi liberto e após

³⁰ Informações disponíveis em:

<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/6165511/4221021/2018.NmandelaCOMPUR.pdf>. Acesso em 22/02/2021.

³¹ Informação disponível em: https://www.ebiografia.com/nelson_mandela/. Acesso em 09/03/2021.

isso condecorado com o Prêmio Nobel da Paz em 1993 e eleito presidente da África do Sul em 1994. Surpreende que não haja a informação sobre a data de vida do homenageado nesta placa e isso poder ser explicado porque o começo do projeto para urbanizar esta via tem data de dez anos antes de seu falecimento, que aconteceu em 2013.

Nos dois exemplos de logradouros cariocas aqui apresentados está visível a importância que os nomes de personagens da política e da economia tem no momento de uma homenagem em logradouro e principalmente em logradouros de bairros mais centrais ou de classe econômica mais alta. Uma possível explicação pode estar no fato de o Rio de Janeiro ter sido a capital do Brasil desde a chegada da família real portuguesa, em 1808 até a construção de Brasília em 1960, um longo período capaz de delinear a vida social e parte da cultura urbana desta cidade, trazendo em seu traçado urbano o reconhecimento de uma elite fidalga e posteriormente capitalista, como também do reconhecimento a uma relação diplomática amigável com importantes nomes da política internacional.

3.6.2 Paris

Assim como o caso carioca, muitas das placas indicativas de endereços da capital francesa também contam parte das biografias de seus homenageados. Porém, como esta é uma cidade muito mais antiga que os exemplos brasileiros e que passou por diversas mudanças urbanísticas ao longo de sua história, os exemplos aqui apresentados serão para ilustrar não as características legislativas da denominação de cada logradouro - como se pode ver no Capítulo III desta tese quando citamos Nora (1986) e tudo o que envolve denominação de logradouros e disputa de poder na França - mas para observarmos os perfis dos homenageados com logradouros em Paris, quais são os personagens que figuram este tipo de homenagem sendo eles franceses ou estrangeiros, pois cada caso aqui exemplificado corresponde a uma situação distinta.

Primeiramente trazemos a *Avenue Parmentier*, entre o 10º e o 11º arrondissement na região central da cidade, cuja placa atribui ao agrônomo francês Antoine Augustin Parmentier (1737-1813) a responsabilidade de ter levado a batata para a Europa. No entanto, o tubérculo de origem sul-americana já era cultivado na Alemanha no século XVIII e, portanto, coube a Parmentier estudar seu cultivo e a estrutura química da planta, como por exemplo suas propriedades nutritivas. A Avenida é um endereço oficial parisiense desde 1818 (STÉPHANE, 2011, p.333- 334).

As denominações de logradouros em Paris também contemplam grandes nomes da intelectualidade e das artes, tanto em âmbito nacional como internacional. O exemplo que apresentamos agora é o da *Rue Émile Durkheim*, no 13º arrondissement, na região sul parisiense. Este endereço está localizado nas proximidades da Bibliothèque Nationale de France François Mitterrand, uma região onde a ciência e a cultura estão bastante presentes e marcadas também através de seus endereços. Contudo, a placa indicativa do endereço aqui exemplificado não conta muito mais do que um resumo de quem foi Durkheim: um “sociólogo francês” e a data de sua vida, sem entrar em detalhes sobre os passos fundamentais que deu para construir a sociologia tal qual estudamos nos dias de hoje e a importância de seus escritos para a nossa ciência.

IMAGEM 3 – Rue Émile Durkheim, no 13º Arrondissement, Paris.



Fonte: Rocha, R.M. 2019.

Outro importante personagem da cultura mundial, está homenageado com uma pequena praça na região do 7º arrondissement, na região central da cidade de Paris - o autor colombiano Gabriel García Márquez. García Marquez foi eleito ao Prêmio Nobel de Literatura nos anos 1980 consagrando-se um dos maiores nomes da literatura latino-americana e mundial do século XX, com obras que retratam o cerne e as essências do continente em um gênero de escrita que ficou conhecido como realismo fantástico. Ele mudou-se para Paris em 1955 e lá concebeu e escreveu um de seus livros: *Ninguém Escreve ao Coronel*. A praça que leva seu nome está localizada em frente à última residência do escritor na cidade e foi inaugurada pela prefeita de Paris, Anne Hidalgo, com a presença do então presidente da Colômbia Juan Manuel Santos em 2017³², três anos após o seu falecimento na cidade do México, onde havia fixado residência.

³² Informações disponíveis em: <https://exame.com/mundo/praca-gabriel-garcia-marquez-e-inaugurada-no-coracao-de-paris/>. Acesso em 09/03/2021.

IMAGEM 4 – Place Gabriel García Márquez, 7^o Arrondissement, Paris.



Fonte: Rocha, R.M. 2018.

A denominação deste logradouro faz menção ao grande personagem que foi García Márquez para a literatura mundial, como também serve para ressaltar o seu papel na cidade de Paris como morador durante um período, conectado a pessoa homenageada ao lugar.

Ainda nos cabe exemplificar aqui alguns logradouros em Paris que levam nomes de políticos, tanto locais como internacionais. Como Nora (1986) apresenta um levantamento sobre os nomes de políticos mais utilizados para denominar logradouros na França, podemos observar que alguns destes nomes ocorrem em muitos logradouros e cujas trajetórias são incontestes – sobretudo nomes republicanos como os de Jean-Jaurès e Clemenceau (NORA, 1986, p. 307). Por outro lado, há nomes que denominam logradouros na capital francesa, mas que tem suas trajetórias contestadas do ponto de vista histórico quanto à suas condutas e decisões políticas, e esse é o caso de Napoleão Bonaparte, homenageado com a *Rue Bonaparte*, no 6^o arrondissement.

IMAGEM 5 – Rue Bonaparte, 6^o Arrondissement, Paris.



Fonte: Rocha, R.M. 2019.

Nesta imagem tivemos o propósito de retratar a intervenção urbana feita logo abaixo da placa indicativa do endereço, onde se lê o nome de uma mulher vítima de feminicídio e o endereço eletrônico da organização responsável pela manifestação. Não que isso seja uma afronta direta à figura de Bonaparte, pois a colagem está abaixo da placa com seu nome possibilitando a leitura e compreensão do nome do endereço, quer dizer: a placa da rua não está vandalizada, mas torna-se um espaço de interessante contraste entre um homem público que deteve o poder central do país e logo abaixo a memória de uma mulher anônima que perdeu sua vida pelas mãos do ex-companheiro. Além disso, reparemos que a designação da biografia de Bonaparte na placa é tão sucinta a ponto de somente trazer sua data devida e seu nome completo, não que o homenageado dispense apresentações - pois sempre pode haver pessoas que não tiveram acesso ao ensino da história política da França e que possam por ventura desconhecê-lo - mas talvez porque qualquer descrição sobre seus feitos políticos pudesse abrir margem para questionamentos quanto à sua conduta, que fora de fato belicosa, violenta e autoritária.

Outro exemplo de logradouros com nome de político é a *Avenue Simon Bolivar* no 19º arrondissement, na região nordeste de Paris - uma via que homenageia o herói sul-americano que liderou a libertação de alguns dos países da região do domínio espanhol enquanto colônias de exploração no século XIX. Nascido em Caracas no ano de 1783, Bolívar teve suas ideias políticas influenciadas pelo pensador francês Jean-Jacques Rousseau (STÉPHANE, 2011, p. 541). Esta avenida segue até o Parc Buttes-Chaumont inaugurado em 1867 e um dos maiores e mais frequentados da cidade. Neste caso nos parece ser uma referência ao fruto político e ideológico plantado por Rousseau em seus escritos e que começou a ser posto em prática por Bolívar no continente Sul-Americano, e seria isso que conectaria minimamente a cidade ao líder político.

E o último exemplo a ser retratado sobre a cidade de Paris é um dos mais recentes logradouros a serem inaugurados e o primeiro a levar o nome de uma pessoa brasileira em toda a cidade: é o *Jardin Marielle Franco*. Localizado no 10º arrondissement ao lado da Gare de l'Est, o jardim fica em uma região degradada da cidade e que carecia de revitalização³³ até a sua inauguração, pois ficava em meio ao pátio abandonado da estação cercado por muros, uma escadaria e alguns comércios pequenos e familiares. Acreditamos que esta homenagem seja um

³³ Diferentemente do que diz o jornal Gazeta do Povo de 19 de setembro de 2019, esta não é uma região “nobre” de Paris, mas sim uma zona empobrecida da cidade, destinada a comércios populares e moradias precarizadas para imigrantes africanos e asiáticos. Link da matéria inverídica da Gazeta: <https://www.gazetadopovo.com.br/haus/urbanismo/paris-escolhe-local-nobre-para-receber-jardim-com-nome-de-marielle-franco/> Acesso em 25/02/2021.

reconhecimento ímpar à memória da vereadora carioca que denunciou máfias e milícias em sua cidade e acabou sendo assassinada por esses mesmos grupos. A honraria vem em um momento de fragilidade democrática no Brasil e a prefeitura de Paris com esse gesto estende a mão às lutas populares como um sinal de irmandade democrática³⁴.

Com os exemplos aqui verificados da cidade de Paris podemos perceber que há uma variedade de motivos para tornar-se um nome passível de homenagem com um logradouro nessa que é uma das cidades mais importantes e mais visitadas do mundo. Seja um importante nome da política francesa; ou estudiosos e cientistas franceses ou estrangeiros que estudaram ou se inspiraram na ciência feita na França; como também estrangeiros que tiveram passagem por Paris sendo, portanto, imigrantes mesmo que temporários. Esses exemplos nos mostram que todos aqueles que fazem referência aos ideais defendidos pela República francesa: Liberdade, Igualdade, Fraternidade e aos valores artísticos, culturais e científicos tão fortemente apregoados na vida parisiense valem uma referência em seus logradouros.

3.6.3 Bruxelas

Assim como o último exemplo aqui retratado de logradouros da capital francesa com nome de uma figura política brasileira, trazemos também um exemplo de praça na capital belga que homenageia uma figura política de outro país e que também sofreu com a repressão de um golpe de Estado: o presidente chileno Salvador Allende. Como podemos verificar na placa retratada na Imagem 5.10, há também uma breve referência sobre a biografia de Allende onde se vê em dois idiomas a data de sua vida e o cargo que ocupou à frente do poder executivo de seu país.

³⁴ Nosso período de estágio em Paris terminou antes da inauguração do *Jardin Marielle Franco* e como as imagens que fizemos são apenas do canteiro de obras do que viria a ser o futuro jardim, optamos por não as apresentar.

IMAGEM 6 – Square Salvador Allende, Bruxelas.



Fonte: Rocha, R.M. 2019.

O ex-presidente chileno nascido a 26 de junho de 1908 na cidade de Valparaíso, na costa chilena, presidiu o país vizinho entre os anos de 1970 e 1973. Quando sofreu um golpe de Estado liderado por Augusto Pinochet e com interesse eincentivo dos Estados Unidos³⁵, pois o país norte-americano vivia um momento de paranoia em torno do combate ao suposto comunismo que se instalava nas Américas e Allende era membro do Partido Socialista e propunha a seu país um modelo de mudanças estruturais que traria equilíbrio social ao povo e também poderia servir de interessante exemplo aos seus vizinhos. Em um dos mais violentos movimentos de ruptura democrática, Allende se vê encurralado no Palácio de la Moneda - sede do governo do Chile – e não se rende, sendo, portanto, assassinado pelas tropas fiéis ao movimento golpista, em 11 de setembro de 1973.

Uma praça que lembre seu nome na cidade de Bruxelas reforça a importância de seu nome na defesa da democracia em seu país e na história políticamundial, há uma série de valores representados em torno de seu nome: como a autonomia dos povos, a democracia, a igualdade social e a liberdade. Além desta praça, em 2014 foi inaugurado um busto de Allende na Universidade Livre de Bruxelas, que contou com a participação de sua filha, Isabel Allende então presidenta do Senado chileno³⁶. Além de ser uma referência aos valores representados

³⁵ Segundo matéria do jornal El País de 11 de novembro de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-11-11/richard-nixon-se-houver-uma-forma-de-desbancar-allende-e-melhor-fazer-isso.html> Acesso em 25/02/2021.

³⁶ Informações disponíveis em: https://www.dirac.gob.cl/belgica-recuerda-a-salvador-allende-en-su-natalicio/prontus_dirac/2014-07-04/112641.html Acesso em 25/02/2021.

pela figura de Allende e o destaque de sua memória, essas homenagens marcam também a narrativa que celebra um laço estreito e de boas relações diplomáticas entre Bélgica e Chile

3.6.4 Porto Alegre

O último exemplo aqui citado será da cidade de Porto Alegre, uma vez que retornamos a um exemplo mais próximo geograficamente da cidade de Curitiba, é importante explicarmos que isso se dá para uma devida retomada do foco de logradouros com nomes de imigrantes germânicos. Em um primeiro momento tínhamos a intenção de comparar esta capital com Curitiba dentro do estudo, temos algum material levantado acerca dos logradouros com nomes de germânicos na capital gaúcha e que apresentamos neste tópico. Por outro lado, o que impossibilitou aprofundamento dos estudos sobre logradouros com nomes de imigrantes germânicos na capital gaúcha foi a sua estrutura deficitária em termos de urbanismo, como ausência de mapas dos bairros com definição das vias e placas indicativas nos endereços. Contudo, o material legislativo acerca das oficializações dos endereços porto-alegrenses é bastante rico, nos permitindo conhecer a biografia dos homenageados e a justificativa dos e das parlamentares no momento da escolha dos nomes para os endereços, como podemos verificar no quadro abaixo:

QUADRO 1 – Logradouros com nomes de germânicos em Porto Alegre

Nome do Logradouro	Bairro	Data de Oficialização	Autor do Projeto	
Rua Ricardo Seibel de Freitas Lima	Farrapos	Julho de 2015	Vereador Pujol	Reginaldo
Praça Carlinhos Hartielb	Farrapos	Fevereiro de 1994	Vereadora Rosário	Maria do
Rua Jesiel Iomar Baumgarten	Hípica	Junho de 2008	Vereadora Maranhão	Clenia
Rua Ernani Behs	Campo Novo	Agosto de 2005	Vereador Luiz Carlos Nedel	
Avenida A.J. Renner	Farrapos/Humaitá	1967	Não Consta	
Avenida Ernesto Neugebauer	Humaitá	1981	Não Consta	

Fonte: Rocha, R.M. 2021.

Um exemplo que catalogamos no levantamento preliminar dos logradouros com nomes de germânicos em Porto Alegre é a *Rua Ricardo Seibel de Freitas Lima*, este descendente foi

um advogado porto-alegrense nascido em 1974, trabalhou na Procuradoria Geral do Rio Grande do Sul e também foi Secretário Espacial para Assuntos da Copa do Mundo de 2014, porém veio a falecer em 2010. Seu pai era um dos conselheiros do Grêmio de FootBall Porto Alegre e Ricardo também era torcedor do clube. Por isso, o vereador Reginaldo Pujol homenageou Ricardo com uma das ruas que dão acesso ao estádio Arena do Grêmio, no bairro Humaitá, em julho de 2015. Neste caso, a principal referência à biografia do homenageado e que foi destacada pelo prestador da homenagem não é na sua ascendência germânica, mas sim a sua ligação com o clube de futebol. Essa ligação foi fundamental para definir onde o endereço seria localizado.

Também foi possível observar que muitos logradouros com nomes de germânicos em Porto Alegre são ao mesmo tempo homenagens ao campo político do ou da parlamentar que presta a homenagem. Um caso é a *Praça Carlinhos Hartielb*, no bairro Farrapos. Esta praça foi oficializada por meio de um projeto de autoria da vereadora Maria do Rosário, do Partido dos Trabalhadores, em fevereiro de 1994. Carlinhos foi um cantor e compositor porto-alegrense filho de imigrantes germânicos e seu falecimento é cercado de incertezas, pois ele foi encontrado mortonoas vésperas do Ano Novo de 1984 na Praia do Rosa em Garopaba (SC) e o laudo sobre sua morte indicou suicídio ainda que em seu corpo tivessem sinais de homicídio. Outro exemplo com este aspecto é o da *Rua Jesiel Iomar Baumgarten*, nobairro da Hípica, cuja homenagem foi prestada pela vereadora Clenia Maranhão, do PPS³⁷ em junho de 2008. Jesiel Baumgarten foi um descendente de germânicos nascido em Rio Grande (RS) em 1921, engenheiro de formação, foi militante do PCBdurante os anos da repressão da ditadura de 1964, tendo sido preso e torturado pelos agentes da DOPS em 1965. Além de ter auxiliado alguns de seus companheiros de militância a se exilarem no Uruguai, também foi um dos fundadores do PPS. Tanto no caso da *Rua Ricardo Seibel de Freitas Lima*, como no da *Praça Carlinhos Hartielb* e da *Rua Jesiel Iomar Baumgarten* não há uma referência direta de que estes nomes tenham sido membros de uma comunidade teuta em Porto Alegre; há, no entanto, no caso de Carlinhos Hartlieb a nota de que ele era descendente de germânicos, mas esse não é o principal aspecto de sua biografia. E esse aspecto passando quase que despercebido no momento da justificativa da prestação da homenagem nos faz pensar que tais nomes foram lembrados para virarem logradouros por outros feitos em suas trajetórias que não somente o fato de serem oriundos de uma comunidade de imigrantes, ou seja, pode-se dizer que trata-se quase que uma mera coincidência.

³⁷ Antigo Partido Popular Socialista, que muda de nome para Cidadania, em 2019.

Nosso levantamento também identificou homenageados de outros setores da sociedade gaúcha, como empresários e artistas: primeiramente o caso da *Rua Ernani Behs*, no bairro Campo Novo, denominada pelo vereador João Carlos Nedel em agosto de 2005, este sim, um parlamentar de origem germânica e que aparece como autor de vários nomes de logradouros de outros descendentes de germânicos. Ernani foi também um descendente nascido em Taquara (RS) em 1923, foi radialista e ator de novelas de rádio. Foi apresentador do primeiro programa de TV da história de Rio Grande do Sul, na TV Piratini em 1959. Também dirigiu o Museu de Arte do RS e a Casa Júlio de Castilhos. O caso da *Avenida A.J. Renner* entre os bairros Farrapos e Humaitá e fundada em 1967³⁸, que homenageia Antônio Jacob Renner, nascido em Feliz (RS) em 1884 e que em 1922 cria uma pequena indústria têxtil no bairro Navegantes, na capital gaúcha vindo a se tornar uma das maiores redes do segmento no país, as Lojas Renner. E por último, temos a *Avenida Ernesto Neugebauer* também no bairro de Humaitá e oficializada em 1981 que homenageia este imigrante que junto com seus irmãos fundou a primeira fábrica de chocolates do Brasil, em 1881 e que segue em funcionamento até os dias atuais.

Ou seja, verificamos que a exemplo das ruas parisienses aqui apresentadas, as ruas de Porto Alegre com nomes de germânicos também trazem um significado de identidade com a cidade, seu desenvolvimento econômico e com a política local. As homenagens em forma de denominação de logradouros em Porto Alegre nos parece ser menos um movimento de reforço da identidade germânica na cidade e mais um movimento de valorizar a notoriedade dos homenageados individualmente, pois não há referências sobre feitos coletivos, lideranças comunitárias ou institucionais na sociedade civil, tampouco a criação de movimentos pelo folclore ou cultura de origem germânica. Não significando que isso desvalorize estes descendentes em relação a outros que pensaram mais na sua coletividade, mas muda o nosso olhar em relação a estas homenagens como sendo fruto de um destaque das trajetórias individuais.

Ao observarmos a lógica da formação urbana de Curitiba através da análise sobre cada bairro e a presença de grupos imigrantes ocorrendo mais em uns do que em outros, acreditamos que a resposta para o estigma outrora verificado por pesquisadores da imigração em Curitiba pode ser sugerida aqui como sendo a denominação de endereços uma tentativa de reparação acerca da presença relevante que cada grupo teve na cidade, principalmente o mais rechaçado: os poloneses. Essa seria uma iniciativa vinda tanto por parte do poder público, como por parte de descendentes ou de grupos culturais e folclóricos que são muitas das vezes os responsáveis

³⁸ Não obtivemos informações sobre o autor do projeto para a denominação desta avenida.

pelas sugestões para as denominações. Ainda que seja esta uma tentativa de reparação discreta, a denominação de logradouros para homenagear imigrantes é pouco explorada em termos de estudo histórico da vida cotidiana dos bairros em suas formações; de estudo de biografias dos homenageados e até mesmo de um potencial turístico ali enrustido nos bairros que sejam possíveis redutos das duas imigrações aqui estudadas. Outra sugestão que esta pesquisa nos permite fazer é para que esta ferramenta seja utilizada não somente em outros grupos sociais ou étnicos, como já mencionamos acima, como também para outras cidades que tenham na imigração uma forma marca de seu desenvolvimento e um possível caminho para se entender o reconhecimento aos nomes que ajudaram a construir aquele espaço, sejam eles ilustres ou pouco conhecidos.

4 LOGRADOUROS PELA CIDADE: A PRESENÇA DAS IMIGRAÇÕES GERMÂNICA E POLONESA NO DESENVOLVIMENTO URBANO DE CURITIBA ATRAVÉS DE NOMES DE ENDEREÇOS.

A pesquisa de campo feita para esta tese identificou que entre os 9518 logradouros públicos da cidade de Curitiba, incluindo-se ruas, avenidas, praças e jardins, 1060 levam nomes de imigrantes de origem germânica ou polonesa, sendo 526 com nomes de poloneses e 534 com nomes de germânicos. Estes nomes foram verificados para que assim, se excluam aqueles sobrenomes comsemelhante grafia e sonoridade, mas que sejam de outras origens, sejam elas de países vizinhos como Rússia, Ucrânia e República Tcheca, ou mesmo aqueles de origem judaica, além de outros lugares que possam ter semelhança com os grupos estudados aqui. Temos nesta pesquisa, uma atualização das informações que começaram a ser coletadas em um estudo anterior (ROCHA, 2016) e que tem sequência neste, com um número atualizado de endereços com nomes de poloneses além do acréscimo dos logradouros que levam nomes de germânicos.

É importante destacar que as informações apresentadas a seguir se dividem em duas partes: a primeira fase primeira trata sobre o nome do logradouro e seu bairro, e a segunda sobre quando ela foi oficializada e por iniciativa de quem. Essa divisão se dá devido à fonte das informações, pois os nomes dos logradouros e seus respectivos bairros são informações que constam no Índice de Logradouros fornecidos pelo IPPUC; já os dados referentes à oficialização do nome como um endereço, que sejam eles: as datas e os proponentes dos projetos de lei que formalizam esses nomes são disponibilizados pelo site e pela biblioteca da CâmaraMunicipal de Curitiba, e que devido à perda de algumas informações e da digitalização disponível ser somente com projetos posteriores à década de 1940, há logradouros que não tiveram seus projetos, datas e autores localizados.

Outra observação fundamental que este capítulo proporciona é sobre como a cidade de Curitiba teve seu processo de crescimento acentuado após a década de 1970, com aumento populacional e desenvolvimento industrial. Através dos dados sobre os logradouros e com informações sobre a questão habitacional e urbanística da cidade podemos compreender como os nomes de imigrantes servem à demanda de denominações ao longo desse desenvolvimento. Porque são nomes que conseguem extrapolar os limites das antigas colônias e bairros onde os primeiros imigrantes haviam se fixado, vindo a denominar logradouros inclusive em bairros que não tiveram histórico de imigração. A espacialização dos nomes de imigrantes pela cidade mostra como e o quanto estes dois grupos estavam presentes durante o desenvolvimento urbano da cidade,

pois foi este o momento oportuno para se homenagear os grupos que tiveram participação no desenvolvimento urbano de Curitiba ao longo do Século XX.

Pois quando observamos historicamente o processo de ocupação fundiária de Curitiba, não se pode considerar somente a época de instalação de colônias rurais para imigrantes europeus, é importante que se considere as mudanças contidas no processo de urbanização da cidade para podermos visualizar com clareza como acontece a transição de perfil de Curitiba: que de uma cidade média e com área rural passa a ser uma metrópole composta somente por bairros urbanizados; e a partir de então, compreendermos a presença dos centenas de nomes de imigrantes que passam a denominar vias pela cidade.

Durante o século XX houve por parte da prefeitura municipal, uma série de políticas habitacionais que são detalhadas em Albuquerque (2007, p. 70) como sendo em três fases: a primeira sendo de 1964 até 1976, onde se aplicaram políticas habitacionais alinhadas àquelas implantadas em todo o país pelos governos do período e que envolveu a criação da COHAB³⁹ e que tinha como principal objetivo a erradicação das favelas. O primeiro conjunto habitacional financiado pelo então Banco Nacional de Habitação em Curitiba foi o Nossa Senhora da Luz em 1967, que contava com pouco mais de 2100 casas e se localizava a 15 km do centro de Curitiba, na região sul da cidade onde viria a ser a Cidade Industrial de Curitiba, inaugurada anos depois (ALBUQUERQUE, 2007, p. 72). Há ainda o registro, em 1971, da construção dos chamados núcleos de habitação provisória nos bairros Boqueirão, Barreirinha, Fazendinha – o conjunto Santa Amélia – e Capão Raso – o conjunto Campo Alegre (ALBUQUERQUE, 2007, p.73), também com a finalidade de transferir famílias que viviam em favelas para um modelo de moradias temporárias até que estas deixassem de ser extremamente pobres e passassem a poder adquirir residências dignas por esforço próprio, sem que em momento algum se pensasse em dar-lhes condições para tal. Na segunda metade dos anos 1970, sob a gestão do então prefeito Saul Raíz é elaborado o chamado Plano de Desfavelamento, pois entre os anos de 1967 e 1974 a população favelada na cidade aumentara de pouco mais de 2000 domicílios para 4083 em 35 favelas (ALBUQUERQUE, 2007, p.74), mas que diferentemente do planejamento anterior, em que se planejava moradias transitórias, neste Plano de desfavelamento as residências seriam permanentes, mas em regiões condizentes com o conceito que o poder público tinha sobre os pobres, ou seja afastando-os do centro da cidade. E a autora também discute essa periferização da população empobrecida, como sendo parte de uma política conservadora por parte da prefeitura de Curitiba – até mais conservadora que a

³⁹ Companhia de Habitação Popular de Curitiba.

tônica nacional, que visava manter essas populações em seus locais iniciais – que visava organizar o espaço da metrópole e que tinha como justificativa os critérios técnicos modernizantes apresentados pela prefeitura, que se viu em obras como as construções do calçamento da Rua XV de Novembro e da Cidade Industrial de Curitiba e assim a consolidação do conceito de Curitiba como uma “cidade modelo” (ALBUQUERQUE, 2007, p.75). Política esta que acreditamos ter sido uma espécie de ‘higiene’ e ‘maquiagem’ da imagem de cidade, para se apresentar um modelo de ilusório equilíbrio socioeconômico e ausência aparente de miséria tanto interna quanto externamente.

A segunda fase da política habitacional de Curitiba acontece entre as décadas de 1980 e 1990, quando a concepção sobre as periferias muda um pouco, quando se propõe que estas sejam urbanizadas e regularizadas. Um documento chamado *Carta da Favela* foi elaborado pela Prefeitura a fim de propor a urbanização de favelas para que fossem levadas maiores condições de salubridade e condições viáveis para a aquisição dos terrenos ou imóveis às comunidades, sem especificar exatamente quais são essas condições, o que isentava a prefeitura da responsabilidade pela infraestrutura dos locais disponibilizados (ALBUQUERQUE, 2007, p. 79). Alguns dos resultados desse programa habitacional foram listados pela autora, tais como: o Conjunto Coqueiros no bairro Sítio Cercado e a Vila Trindade no Cajuru tendo sido inaugurados no ano de 1981. Inclusive, segundo nosso levantamento é possível observar que todos os 23 logradouros com nomes de poloneses existentes no bairro Sítio Cercado foram oficializados entre as décadas de 1980 e 1990, sendo a mais antiga delas a *Rua Eurico Zykiewitz* que se tornou um endereço oficial de Curitiba em outubro de 1982 e este aspecto é de fato um marco definidor da urbanização da região. Outro conjunto habitacional relevante é a implantação da primeira comunidade urbana no bairro Campo do Santana e também o uso do mesmo programa para que 60 famílias pudessem financiar seus imóveis próprios (ALBUQUERQUE, 2007, p. 79). No entanto, são poucas as mudanças práticas entre a política dos anos 1960 para esta, pois a dita *urbanização* das áreas de favela de tão conceituais e subjetivas acabaram se tornando um mero discurso e o que se viu foi uma forma diferente da antiga prática de remover famílias pobres para conjuntos da COHAB, que majoritariamente encontravam-se em áreas periféricas. Como avanço na política habitacional de Curitiba, Albuquerque (2007) diz:

A Carta da Favela, portanto, inicia uma nova fase da política habitacional de Curitiba. Ainda que a princípio a urbanização das favelas não tenha se configurado entre as prioridades das ações da Prefeitura Municipal – até porque, acredita-se, que a disponibilidade de recursos permitia a promoção direta das unidades habitacionais por parte do município e a remoção das famílias para essas novas áreas –, ao menos

a “Carta” colocou a questão da urbanização na pauta da política municipal. Desta forma, finalmente rompeu-se – a nível municipal - com a ideia de que a única solução para as favelas curitibanas era a remoção. (ALBUQUERQUE, 2007, p. 80)

Outro aspecto identificado pela autora neste mesmo período é a mudança na produção da COHAB, que durante a segunda metade da década de 1980 priorizou a produção de lotes urbanizados, regularização de áreas e assentamento para famílias em regiões de risco, em vez de se optar pela construção de casas ou apartamentos e que ficou caracterizado pelo nome de Plano Municipal de Habitação. E a terceira fase da política habitacional de Curitiba se dá entre os anos 1990 e 2000 e tem como principal característica as parcerias junto à iniciativa privada. Pois, na gestão Lerner, entre 1989 e 1992, as obras mais características na cidade eram de caráter ambiental e cultural, como a construção de parques como o Jardim Botânico e Tingui e de equipamentos culturais como a Rua 24 horas e a Ópera de Arame, a política habitacional não constava na relação de políticas públicas da prefeitura previstas para o período, porém na prática se mantinha a proposta de urbanização e regularização fundiária de lotes sem maiores investimentos no setor. Então, um dos principais programas habitacionais do período foi o de parcerias com a iniciativa privada em que as empreiteiras se comprometiam com todas as fases do projeto de construção de lotes e tinham o dever de ceder 20% destes para o Fundo Municipal de Habitação que seriam então vendidos pela COHAB e os critérios métricos para os lotes serem considerados populares e entrarem neste programa é de que eles deveriam medir entre 360 e 180m² e que para ser considerado um loteamento popular seria necessário 75% de lotes com essas metragens (ALBUQUERQUE, 2007, p. 86). Para localizarmos geograficamente esses loteamentos e observarmos o rumo do crescimento fundiário da cidade, a autora ainda registra:

Nunca é demais lembrar que a localização predominante desses loteamentos é nos bairros situados ao extremo sul do Município de Curitiba. Na década de 1990, 11.701 lotes habitacionais foram produzidos através desse programa, sendo que 75,30% deles foram construídos nos bairros: Sítio Cercado, Tatuquara, Uberaba, Umbará e Xaxim. (ALBUQUERQUE, 2007, p.88).

Entretanto, a autora identifica que houve descumprimento da proposta colocada pela prefeitura, uma vez que em três casos as construtoras estavam fornecendo lotes inferiores às medidas mínimas exigidas, tendo áreas de 160m² como no caso das Moradias Rio Bonito, no bairro Campo de Santana em que não foi entregue asfalto nem rede de esgoto e cujas prestações eram progressivas e ao final do financiamento equivaleriam a R\$200,00 o metro

quadrado a ser pago pelo morador (ALBUQUERQUE, 2007, p. 89). Isso mostra a face liberal da política fundiária implantada em Curitiba durante este período, em que se privilegiou o acordo entre poder público e construtoras para favorecer o lucro destas e o enriquecimento de seus diretores, mas não servindo aos interesses do povo, nem à sua qualidade de vida ou o cumprimento do direito à moradia.

Além dessas políticas públicas de habitação, Curitiba também vivenciou as ações de movimentos sociais de luta por moradia que se organizaram e se posicionaram frente ao poder público afim de propor uma agenda de regularizaçãode muitas áreas irregulares na cidade. Como se observa em Bega (1999, p.40) o crescimento no número de populações vivendo em favelas em Curitiba ocorre de forma lenta e constante a partir da segunda metade da década de 1970. A autora traz dados do IPARDES⁴⁰ que mostram que dos 185 mil domicílios da cidade, quase 6 mil estavam em áreas de favela e que dos 850 mil habitantes de Curitiba, 33 mil vivam em ocupações irregulares, localizadas principalmente em regiões de fundo de vale e beiras de rios, como no caso da ocupação às margens do Rio Belém; daentão chamada Vila Pinto – hoje Vila Torres –; da Vila Guaíra e do Parolin (BEGA, 1999, p.40).

As décadas de 1980 e 1990 foram de relevantes mudanças no Brasil, uma vez que se retomam as liberdades políticas e de manifestação com o fim de vinte anos de ditadura, mas também é uma época em que se escancarou a pobreza que estava latente. Esses fatores proporcionaram duas mudanças cruciais quanto à política de habitação em Curitiba, pois por um lado o poder público diminuiu a prática de remoção de favelas e aumentou a venda de lotes urbanizados, como relatamos acima; e por outro lado, o aumento da participação popular na política impulsionou a organização e atuação de movimentos sociais de vários segmentos, e um deles é na política habitacional. Segundo Bega (1999, p.41) esses movimentos surgem principalmente a partir de discussões lideradas pelas Comunidades Eclesiais de Base – as chamadas CEBs, vinculadas à igreja católica – e pelas Associações de Moradores, cujo caráter primeiramente era mais defensivo, mobilizando-se contra as ordens de despejo e a partir dos anos 1990 se torna mais ofensivo, organizando ocupações de terrenos para forçar a regularização fundiária, conforme explicação abaixo:

Na década de 90, em razão, entre outras coisas, das experiências vividas pela sociedade brasileira, na década anterior, de organização e participação política, bem como de maior urbanização das regiões metropolitanas, na RMC, aumenta o nível de organização dos movimentos sociais e, em decorrência, há um maior enfrentamento entre eles e o Estado: da ação de 8 grupos de discussão organizados pelas CEB, na região sul de Curitiba, nasce o grupo Xapinhãl,19 hoje o que concentra as lutas pela terra urbana em Curitiba. (BEGA, 1999, p.43).

⁴⁰ Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social.

Com o desenvolvimento urbano da cidade acontecendo mais voltado em direção à sua porção sul, esses movimentos se unificam em torno da Organização Xapinhall que começou a ser composta em 1985 e que concentrava as associações de moradores dos bairros Xaxim, Pinheirinho e Alto Boqueirão – e o nome seria, portanto, a sigla formada pelas iniciais desses bairros – sendo compostainicialmente por 16 associações e reunindo cerca de 5000 famílias cadastradas no departamento de moradias da prefeitura (MIRANDA, 2019, p.07). Esse movimento atuou na ampliação da discussão pela regularização fundiária na região sul da cidade e na negociação junto ao poder público para que fossem abertos novos loteamentos, cuja proposta consistia em “produzir lotes urbanizados com 10m x 20m que seriam pagos pela população em 20 anos, com prestações referentes a 10% do salário mínimo.” (MIRANDA, 2019, p. 08). É um exemplo deste processo de urbanização da região e dos resultados que o movimento social alcançou junto ao poder público local está na *Rua Wilhelm Ruscheweyh*, que aparece em nosso levantamento como um dos logradouros com nome de imigrantes ou descendentes de germânicos no bairro Pinheirinho, localizado próximo à Unidade de Saúde Xapinhall e que foi aprovado como um endereço oficial na cidade em abril de 1995.

Outra ocupação que foi formada e regularizada através do esforço do movimento de luta por moradia da Organização Xapinhall é a Vila 23 de Agosto localizada no bairro Ganchinho, às margens do Ribeirão dos Padilhas. Esta é uma vila que se forma em meio à Vila Osternack, outra grande ocupação no bairro Sítio Cercado e que se localiza a 16 km do centro da cidade. A área correspondente à vilafazia parte de uma propriedade privada e começou a ser ocupada em 1991 com aproximadamente 800 famílias que em sua maioria eram compostas por pessoas oriundas do interior do estado do Paraná e de outros bairros de Curitiba. Eram pessoas que não possuíam condições financeiras suficientes para custear seus aluguéis ou financiamentos em outros bairros e lançaram mão da organização coletiva para garantir o direito à moradia digna (SILVA, 2019, p.22). Pois com fatores econômicos como a inflação alta na primeira metade da década e a aceleração do desemprego na segunda metade, os anos 1990 foram a década onde essa era a realidade em muitas cidades do país. Essa ocupação contou com a organização dos seus moradores quando da divisão dos terrenos e demarcação das ruas, sendo considerada um exemplo de organização e de uma das grandes conquistas do movimento de luta por moradia em Curitiba.

Então quando temos acesso a informações como essas é possível compreender mais claramente os ritmos e rumos do crescimento habitacional e populacional de Curitiba, entender o aumento do número de logradouros oficializados em um ou outra década e a maior presença de logradouros com nome de germânicos e poloneses em um e outro bairro, pois o destaque destes

imigrantes e o aumento de vias para se denominar são diretamente proporcionais e ocorrem concomitantemente.

E antes ainda de adentrarmos aos números referentes ao levantamento desta pesquisa, é necessário que se explique como se deu o seu desenvolvimento metodológico. As ferramentas e os caminhos metodológicos aqui utilizados para se chegar a este levantamento estão explicitados no item a seguir.

4.1 O DESENVOLVIMENTO DE UMA PESQUISA EM SOCIOLOGIA UTILIZANDO ENDEREÇOS

O desenvolvimento desta pesquisa se deu traçando um caminho bastante particular em termos metodológicos. Não adotamos fórmulas prontas, onde simplesmente se explica se fizemos entrevistas ou levantamentos de dados, se optamos por levantar os dados de forma quanti ou qualitativa. Mas, sim, criamos uma maneira de captar os dados – os nomes das ruas - e trabalhá-los quantificando-os: calculando o total de nomes que aparecem a cada grupo, o número de endereços por bairro, quais bairros tem mais endereços com os nomes aqui listados e quais aqueles que não os possuem; e também os qualificando: buscando informações sobre a data da oficialização e quem propôs esse nome como um endereço, na Câmara de Vereadores, como são estes endereços, quais as posições que eles tem dentro dos bairros onde se localizam, e um pouco sobre as biografias dos homenageados e sua possível relação com o bairro onde está o logradouro. Primeiramente recorremos ao Índice de Ruas e Loteamentos de Curitiba (2014) e listamos separadamente todos os nomes de origem polonesa e os de origem germânica que são endereços em Curitiba e os bairros onde se localizam. Para confirmar a veracidade destas origens, recorremos a um site chamado <https://forebears.io/> que apresenta no mapa mundi a maior ocorrência de cada sobrenome, a origem idiomática daquele nome e em alguns casos há também informações sobre religião, classe social e posicionamento político, mas somente para aqueles que ocorrem majoritariamente em países anglófonos. Assim, separamos da lista final os nomes que pareciam ser poloneses, mas que ocorriam majoritariamente na Rússia ou na Ucrânia e aqueles que pareciam germânicos, mas tinham origem judaica⁴¹, por exemplo. Há que se observar que em ambos os casos ocorreram importantes mudanças nas fronteiras e nos limites dos dois países no período entre a segunda metade do século XIX e as

⁴¹ Trabalhar com a comunidade judaica nos faria caminhar por outros rumos conceituais e outra literatura, então por isso resolvemos separá-los daqueles germânicos menonitas ou luteranos. Pois não se trata simplesmente de uma diferença religiosa, mas sim étnica

primeiras décadas do século XX, especificamente após o final da I Guerra Mundial. Para além de tratar da noção identitária do povo e das questões étnicas entre eslavos e germânicos e evitar assim recair em debates mais subjetivos dos que os que aqui propomos, demarcamos as duas pontas dessas imigrações, para, a partir disso entender a relação que tiveram com a urbanização da terra de adoção.

A verificação sobre a presença dos nomes encontrados na cidade e sobre qual foi a relação das pessoas que foram estes nomes com a cidade, também foi realizada através da utilização de documentos e informações mantidas pelo Arquivo Público do Estado do Paraná, a Biblioteca do Museu Paranaense e da Casa da Memória de Curitiba e os Cemitérios: Municipais São Francisco de Assis e Água Verde, Paroquiais do Orleans, Abranches e Santa Cândida e o Cemitério Luterano de Curitiba. Essa verificação é importante para entendermos se são casos de imigração direta da terra de origem, ou se podem ser casos de remigração de outras colônias no Brasil mudando sensivelmente a época de imigração e a história da cidade que os recebeu, mas que também contribui com parte das biografias dos homenageados.

Com os nomes devidamente selecionados através desta minuciosa varredura sobre a origem, passamos a listar os projetos de lei que os oficializaram como logradouros da cidade, coletando informações sobre a data do projeto e o nome do parlamentar responsável pelo projeto. Muitos casos tiveram como autor a Comissão de Educação e Cultura da Câmara, grupo de trabalho responsável principalmente por essa tarefa, e alguns outros casos houve a oficialização do endereço via decreto da prefeitura municipal. Nomes anteriores à década de 1940 não puderam ser localizados, devido a não digitalização de projetos mais antigos, por parte dos operadores do site da Câmara.

Tendo em mãos essa lista com os 1060 logradouros com nomes de poloneses e de germânicos, vamos assim passando pelos bairros da cidade, observando por onde está a maioria dos endereços, em que pese se são ou não bairros que receberam as referidas imigrações; calculando quais bairros tem maior ou menor contingente de endereços aqui relacionados; estabelecendo o mapeamento que apresenta a dimensão de cada logradouro, para assim compreendermos a importância de cada logradouro no contexto dos bairros onde se encontram, e se há ou não casos em que a biografia do homenageado tem ligação com aquele local e se ela é ressaltada em placas nos endereços. O estudo se divide, então, entre coletar biografias de quem são esses homenageados, para compreender mais sobre o que levou à homenagem; e aprofundar o entendimento sobre os dados para verificar onde no mapa da cidade estão essas ruas: constatando que os nomes poloneses não ocorrem exatamente nas mesmas regiões dos nomes germânicos, há bairros que não ocorrem logradouros com nome de um ou

outro grupo, quais são as ruas mais antigas e quais as mais recentes e onde elas ocorrem, em quais décadas houve mais homenagens a um e a outro grupo.

O processo de confecção dos mapas para esta tese também foi um passo importante e merece destaque aqui. A linguagem imagética é parte igualmente importante em relação à linguagem textual e por isso elaboramos mapas de cada um dos bairros da cidade para localizar os endereços estudados, um a um, além dos mapas da cidade que apresentam dados e informações sobre os logradouros. Na adaptação que fizemos dos mapas disponibilizados pelo IPPUC, houve também a atualização dos dados coletados no Índice de Ruas (2014), pois alguns endereços passaram despercebidos na primeira coleta, então os mapas corrigiram a planilha de dados, de certo modo.

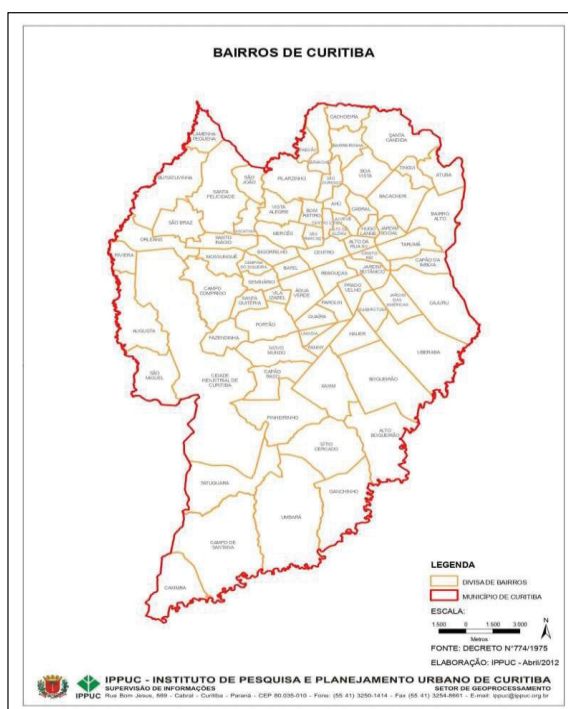
Quando percebemos que as homenagens não obedecem a uma regra que priorizasse a importância do homenageado, ou do endereço a ser denominado, mas que era algo mais aleatório e seguindo a lógica do caminho pelo qual perpassava a urbanização da cidade, se tornou importante gerar então, a estatística explicada acima, para na sequência lançar mão da linguagem imagética com os mapas dessas homenagens dentro da cidade. É importante, pois, que se explique que a Câmara Municipal aprova nomes para denominar futuros logradouros antes de saber se há endereços que precisem ser denominados, quer dizer, a Casa Legislativa do município envia os nomes aprovados em lei para que o Poder Executivo municipal faça a aplicação da lei conforme a necessidade de denominação de novos endereços⁴².

4.2 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Como a principal linguagem utilizada neste capítulo é a imagética, pois é através dos mapas e tabelas que visualizamos a cidade e onde os referidos endereços ocorrem, começamos apresentando o mapa da cidade de Curitiba e sua divisão por bairros, onde é possível visualizar que toda a extensão territorial da cidade é ocupada por bairros urbanizados, não tendo, portanto, área rural tampouco distritos.

⁴² Conforme informação da CMC de 28/07/2020 existe uma iniciativa de autoria do vereador Professor Euler para que sejam suspensos os projetos de denominação de logradouros por dois anos, devido ao excesso de nomes já aprovados e a pouca demanda de novas denominações.

MAPA 1 – A cidade de Curitiba e sua divisão por bairros



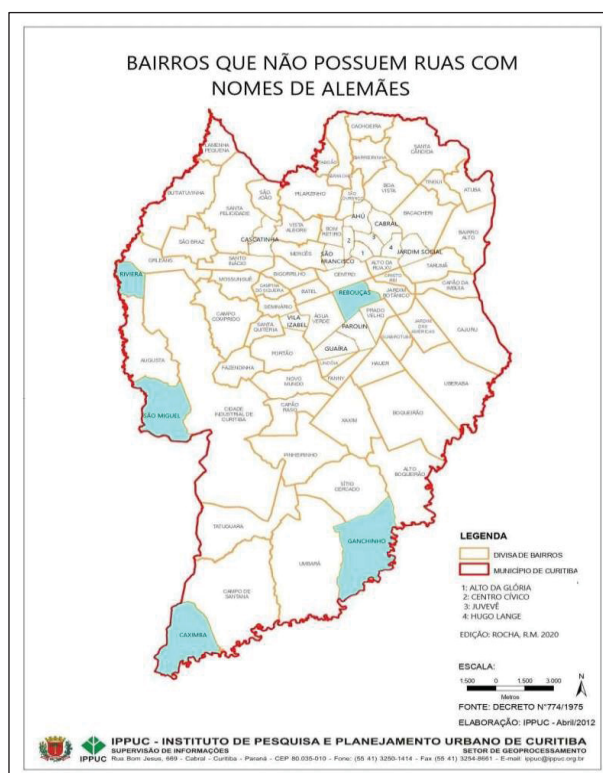
FONTE: IPPUC, 2012.

Curitiba possui um total de 9518 logradouros públicos entre ruas, avenidas, praças e jardins ou jardinetes segundo dados do IPPUC de 2014. Destes, são 526 logradouros que possuem nomes de imigrantes ou descendentes de poloneses, e outros 534 com nomes de imigrantes ou descendentes de germânicos, o que totaliza um universo 1060 endereços referentes aos dois grupos aqui estudados. Lembrando que há também nomes em referência às duas nacionalidades, como a Praça da Polônia e a Rua Germânia. Destes 1060 logradouros, obtivemos informações referentes à data da oficialização e o autor do projeto de lei na Câmara dos Vereadores de um total de 1032 deles, que foram consultados um a um no site da instituição. A ausência de informações no sistema da Câmara ou a antiguidade do projeto de lei fazem com que não tenhamos a universalização das informações acerca dos logradouros listados, visto que somente projetos aprovados após 1948 estão disponíveis no sistema e, por consequência, catalogados nesta pesquisa. E para explicar cada grupo imigrante separadamente, proporcionando, assim, um melhor entendimento dos leitores, separaremos cada um nos dois subitens, a seguir:

4.2.1 Logradouros com nomes de germânicos

Nesta sessão traremos os dados referentes aos logradouros com nomes de germânicos em Curitiba. A capital paranaense possui 534 logradouros que levam nomes de imigrantes ou descendentes deste grupo espalhados por 70 bairros. O Mapa 2 mostra que os cinco bairros que não tem qualquer endereço com nome de germânicos são bem separados um do outro, e que com exceção do Rebouças, que é central, os quatro restantes localizam-se bastante distantes do centro de Curitiba. É possível reparar também se compararmos o Mapa 2 com o Mapa 3, que tanto no caso dos poloneses, quanto aqui no caso dos germânicos, os bairros São Miguel e Caximba não contêm nomes de endereços que façam referência a qualquer um dos dois grupos.

MAPA 2 – Bairros de Curitiba que não tem nomes de germânicos em seus logradouros destacados em azul claro



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

Os bairros com maior concentração populacional em Curitiba são, novamente, aqueles que apresentam maior quantidade de logradouros com nomes de germânicos. E entre os bairros com presença germânica na cidade, destacamos as regiões da Vista Alegre e Pilarzinho no Norte, e a do Boqueirão ao sul, todas com importante imigração de germânicos. Em todos os

casos há a ocorrência de mais de 15 logradouros que levam nomes de germânicos, como apresentamos na Quadro 2:

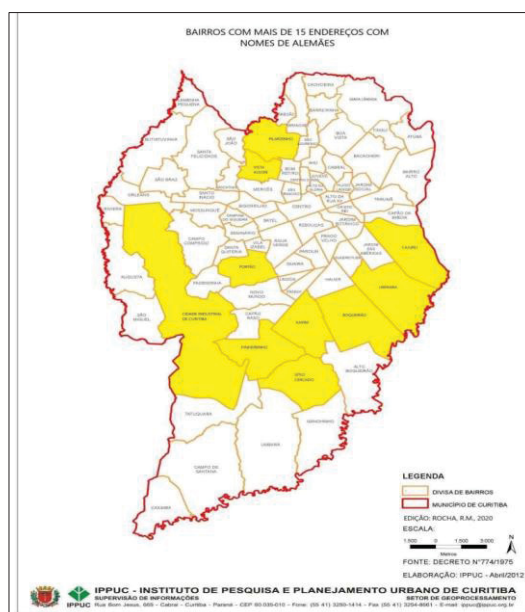
QUADRO 2 - Bairros com mais logradouros que possuem nomes de germânicos.

Entre os bairros mais populosos da cidade		Entre os bairros com presença da imigração germânica	
CIC	41	Vista Alegre	21
Uberaba	23	Pilarzinho	21
Cajuru	22	Xaxim	19
Pinheirinho	18	Boqueirão	19
Sítio Cercado	18	Portão	17

Fonte: Rocha, R.M. 2020.

E para melhor visualização deste cenário apresentamos o Mapa 3 com destaque para todos os bairros indicados na Tabela anterior. É possível notar, neste mapa, que os bairros destacados formam um arco que vai da região leste no Cajuru, passando pelo sul e chegando até a Cidade Industrial na parte oeste da cidade.

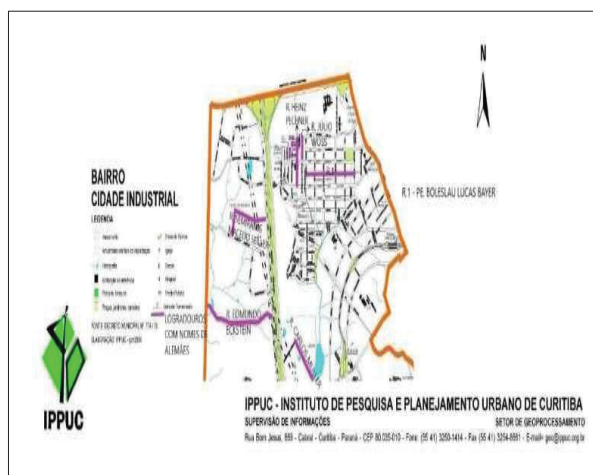
MAPA 3 - Bairros com mais de 15 endereços com nomes de germânicos em Curitiba destacados em amarelo



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

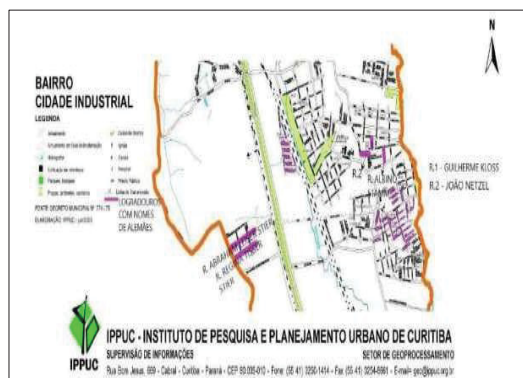
E logo abaixo temos os mapas dos bairros dispostos no Quadro 2, com destaque para aqueles que tem mais de 15 ruas com nomes de germânicos em cada. O mais numeroso de todos é a Cidade Industrial de Curitiba, e devido à sua extensão, dividimos o seu mapa em quatro, para melhor visualização dos logradouros destacados:

MAPA 4 - Bairro Cidade Industrial Porção Norte – Jardim Gabinete e logradouros com nomes de germânicos destacados em roxo.



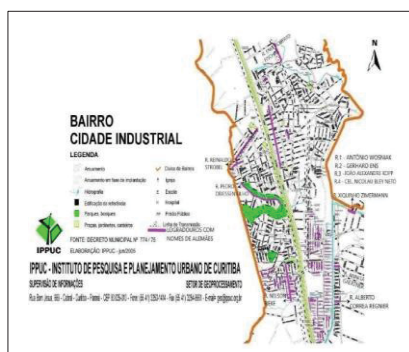
Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

MAPA 5 - Bairro Cidade Industrial Porção Central – Vila Sandra e logradouros com nomes de germânicos destacados em roxo.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

MAPA 6 - Bairro Cidade Industrial Porção Oeste – Caiuá e logradouros com nomes de germânicos destacados em roxo.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

MAPA 7 - Bairro Cidade Industrial Porção Sul – Vila Nossa Senhora da Luz e logradouros com nomes de germânicos em destaque em roxo



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

MAPA 10 - Bairro Pinheirinho e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

MAPA 11 - Bairro Sítio Cercado e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

E logo abaixo estão os mapas dos bairros que tiveram presença da imigração germânica na cidade, sendo áreas de ex-colônias ou próximas às antigas colônias:

MAPA 12 - Bairro Vista Alegre e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

MAPA 13 - Bairro Pilarzinho e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

MAPA 14 - Bairro Xaxim e logradouros com nomes de germânicos em destaquena cor roxa



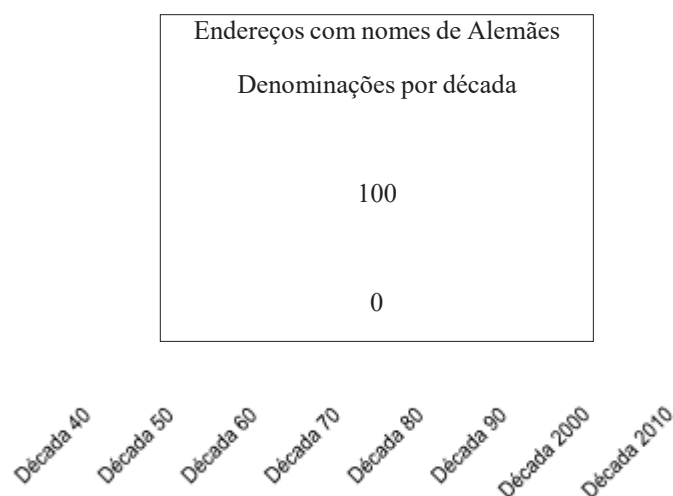
Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

MAPA.15 - Bairro Boqueirão e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

GRÁFICO 1 – Endereços com nomes de germânicos denominados entre as décadas de 1940 e 2010 em Curitiba.



Fonte: Rocha, R.M. 2020.

Dentre os parlamentares com mais projetos aprovados na denominação de endereços com nomes de germânicos o destaque é para o vereador Horácio Rodrigues e principalmente na Comissão de Educação e Cultura; e também o nome de João Derosso, um parlamentar dedicado para a região do Xaxim. O Quadro 4 apresenta os nomes dos parlamentares mais atuantes na denominação de endereços com nomes deste grupo em Curitiba:

QUADRO 4 – Vereadores mais atuantes na denominação de logradouros com nomes de germânicos em Curitiba.

Total 512 Logradouros	
Comissão de Educação e Cultura	133
Ver. Horácio Rodrigues na Comissão de Educação e Cultura	21
Ver. João Derosso (pai)	20
Ver. Flávio Horizonte da Costa	14
Ver. José Gorski na Comissão de Educação de Cultura	12
Ver. Menotti Caprilhone	12
Ver. João Cláudio Derosso	10
não consta	16

Edição e dados: Rocha, R.M. 2020.

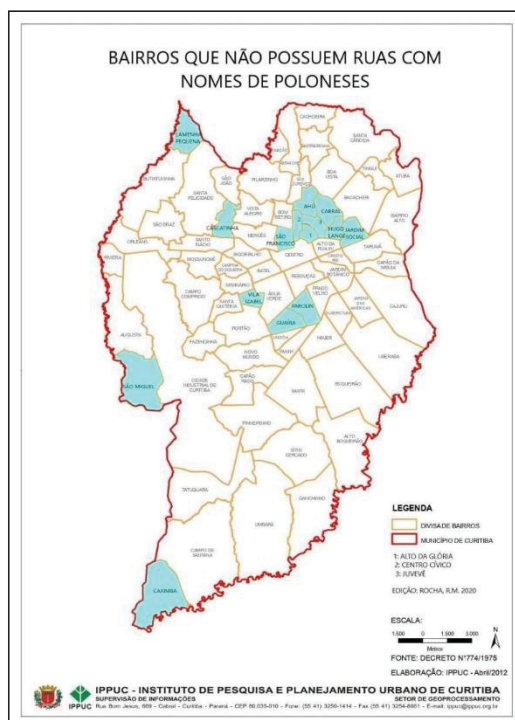
Há de se fazer alguns destaques sobre esta tabela, primeiramente ressaltar que os 133 logradouros denominados pela Comissão foram sem um autor específico, sendo, portanto, obra de um trabalho coletivo dos parlamentares. O item “*não consta*” que aparece na última linha da tabela acima, com 16 menções, corresponde a projetos de lei que tem data de oficialização e número da lei, mas sem o nome do parlamentar autor no projeto, são todos casos de endereços denominados entre 1968 e 1978, período de repressão proporcionada pela ditadura militar instalada no Brasil, e que também possa ter atingido⁴³ em parte o legislativo da capital paranaense. Os únicos dois vereadores com sobrenomes de origem germânica que aparecem nesta tabela são Luiz Carlos Betenheuser e Feliciano Schier, que apresentaram juntos somente cinco projetos de lei para dar nome de algum patricio a um endereço na cidade. Outra informação importante é a de que 218 dos 507 projetos de lei que denominaram endereços com nomes de germânicos em Curitiba, foram propostos através de blocos com mais de um endereço por projeto, a fim de acelerar o trâmite legislativo de denominação de endereços.

4.2.2 Logradouros com nomes de poloneses

Os 526 endereços que levam o nome de algum imigrante ou descendente de poloneses ocorrem em 60 dos 75 bairros, estando ausentes somente em 15 deles. O destaque do Mapa 13 é para os bairros que não receberam nomes de poloneses em logradouros, e pode-se observar um anel central que vai desde São Francisco até o Jardim Social e onde a maioria dos endereços são dedicados a nomes de tradicionais famílias luso-brasileiras que muito provavelmente foram lideranças políticas e econômicas locais às suas épocas, como temos a seguir:

⁴³ Destacamos que o período da repressão *possa ter atingido em parte* o legislativo municipal, pois em outros casos de denominação de logradouros durante este período há, sim, o nome do vereador autor do projeto e como se pode ver na Tabela 4.5 houve muito trabalho legislativo durante o período. Esses 16 casos se caracterizam, portanto, como uma exceção à regra, não constando o nome do autor.

MAPA 17- Bairros de Curitiba que não possuem ruas com nomes de poloneses destacadas em azul claro



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

Dentre os bairros onde há logradouros com nomes de poloneses, temos no Quadro 5, a seguir, aqueles com maior quantidade, separados por duas categorias: aqueles bairros que tiveram presença da imigração polonesa, sendo antigas colônias ou áreas próximas destas e que acabaram tendo influência do grupo: como terrenos herdados por descendentes, ou ex-colonos que acabaram se mudando para estas localidades com o passar do tempo; e a outra categoria é dos bairros mais populosos da cidade⁴⁴, são estes também que possuem uma formação urbana recente, sendo fundados após os anos 1970.

QUADRO 5 – Os bairros com mais logradouros com nomes de poloneses.

(continua)

Entre os bairros mais populosos da cidade		Entre os bairros com presença da imigração polonesa	
CIC	66	Santa Cândida	22
Uberaba	27	Orleans	18
Sítio Cercado	23	Santo Inácio	18
Cajuru	19	Abranches	16

⁴⁴ Segundo informações disponíveis em https://ippuc.org.br/nossobairro/nosso_bairro.htm. Consulta em: 04/04/2020.

QUADRO 5 – Os bairros com mais logradouros com nomes de poloneses.

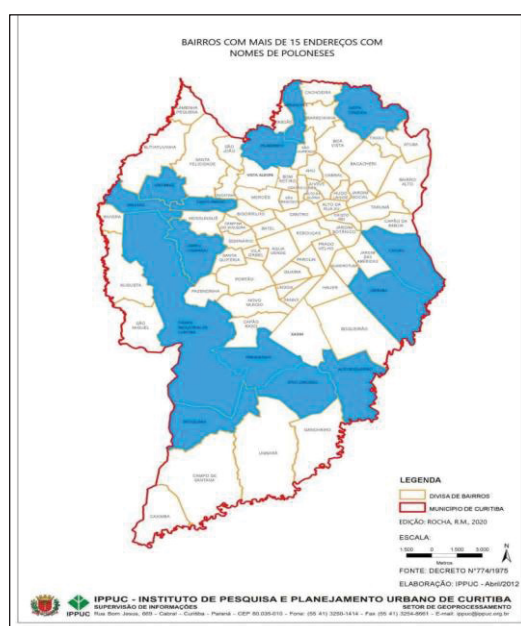
(conclusão)

Pinheirinho	19	Campo Comprido	16
Tatuquara	17	São Braz	16
Alto Boqueirão	15	Pilarzinho	15

Edição e dados: Rocha, R.M. 2020.

Nessa tabela, estão presentes os bairros que contam com mais de 15 logradouros com nomes de poloneses e que podem ser verificados no Mapa 4.18 com todos os bairros da Tabela 4.4 em destaque. O que podemos verificar no mapa a seguir é um arco de bairros que é composto por toda a região oeste da cidade, começando no São Braz mais a noroeste, indo até o Sul no Alto Boqueirão.

MAPA 18 - Bairro de Curitiba com mais de 15 logradouros com nomes de poloneses destacados em azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

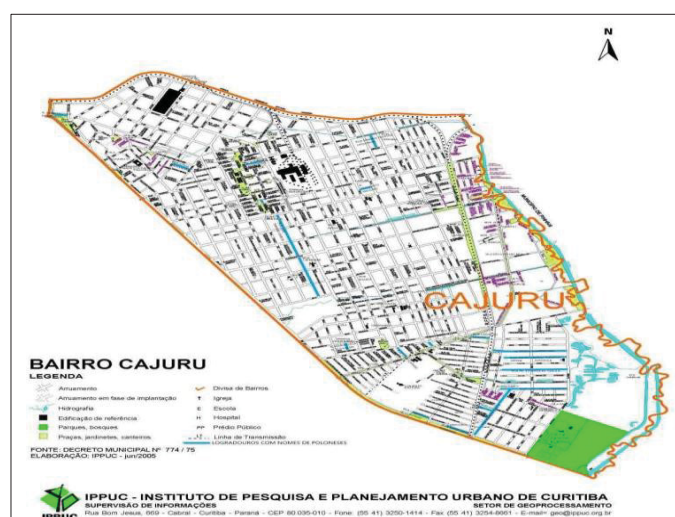
Abaixo podemos verificar os bairros presentes no Quadro 5, trazendo em destaque os endereços que levam nomes de poloneses, a começar pelos maiores bairros da cidade:

MAPA 24- Bairro Sítio Cercado e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

MAPA 25 – Bairro Cajuru e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

MAPA 26 - Bairro Pinheirinho e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.



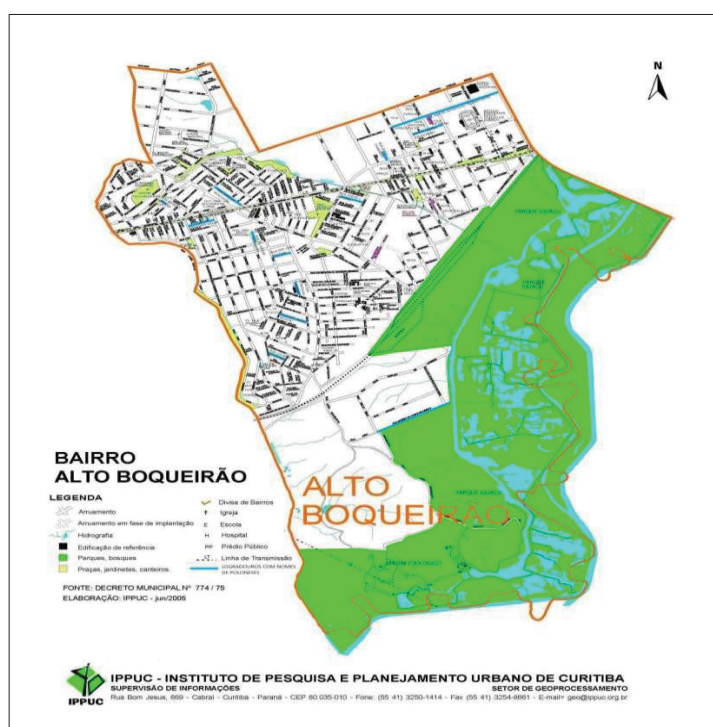
Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

MAPA 27 – Bairro Tatuquara e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

MAPA 28 – Bairro Alto Boqueirão e logradouros com nomes de polonesesdestacados em azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

A seguir, temos os mapas daqueles bairros que receberam influência da imigração polonesa na sua formação, sendo ex-colônias ou áreas próximas às antigas colônias:

A primeira via pública a ser oficializada⁴⁵ com o nome de um imigrante polonês foi a *Rua Edmundo Saporski*, no bairro Mercês, no ano de 1951, cuja biografia e importância para a imigração será mais detalhadamente apresentada no subcapítulo seguinte. E a via mais recente a ser denominada foi a *Rua Antônio Lascoski* no bairro Santa Quitéria, com data de agosto de 2012. Dos 526 logradouros com nomes de poloneses levantados neste estudo, 519 deles tem as datas de oficialização e os autores do projeto de lei que as oficializaram, disponibilizados pela CMC. Entre o período das décadas de 1950 e 2010 a maior parte das denominações ocorreu durante os anos de 1990, como pode ser visto na Quadro 6, abaixo.

QUADRO 6 – A quantidade de endereços com nomes de poloneses denominados ao longo das décadas.

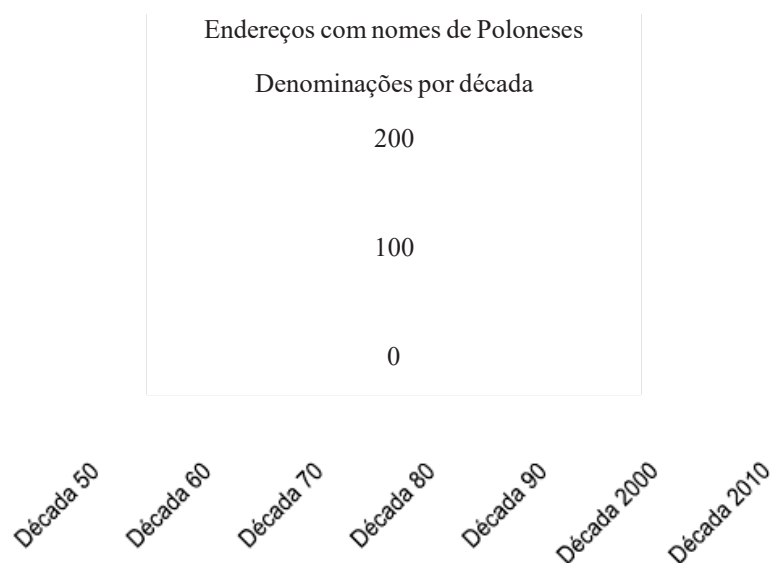
Décadas	Quantidade de Endereços
Década 50	15
Década 60	17
Década 70	112
Década 80	161
Década 90	156
Década 2000	51
Década 2010	6

Fonte: Rocha, R.M.2020.

E no Gráfico 2 é possível visualizar o crescimento das denominações de logradouros com nomes de poloneses ao longo das décadas.

⁴⁵ Segundo os dados que obtivemos junto ao site da Câmara Municipal, que passará a ser chamada pela sigla CMC.

GRÁFICO 2 – Ruas com nomes de poloneses oficializadas em Curitiba entre os anos 1950 e 2010.



Fonte: Rocha, R.M.2020.

Dos 519 logradouros listados com data de aprovação e autoria do projeto de lei, 216 são projetos com bloco de nomes, ou seja, quando os parlamentares ou o grupo de parlamentares aprovam mais um nome de endereço em cada projeto; em geral são de três a seis nomes em cada bloco, oficializando um conjunto de logradouros de uma só vez. Entre os parlamentares que mais aprovaram projetos de lei para a oficialização dos 519 nomes de endereços, estão os vereadores curitibanos que são também descendentes de poloneses: José Gorski e Tito Zeglin. Aparece também em grande quantidade o nome de Horácio Rodrigues nas proposições, que aparentemente não tem origem polonesa. Outro destaque é para os trabalhos dentro da Comissão de Educação e Cultura da Câmara⁴⁶, onde foram elaborados muitos projetos de lei para oficializar endereços e que foram aprovados sem a assinatura de um único vereador, caracterizando-se por um trabalho coletivo. O Quadro 7 mostra em números, quantos endereços foram oficializados pela Comissão e pelos parlamentares que mais vezes apareceram como autores de projetos com nomes de poloneses para endereços da cidade.

⁴⁶ Este é um grupo parlamentar de trabalho temático onde são discutidas e construídas várias propostas de lei, conforme sua viabilidade e constitucionalidade.

QUADRO 7 – Vereadores mais atuantes na aprovação de logradouros com nomes de poloneses.

Total de 519 Logradouros	
Comissão de Educação e Cultura	144
Vereador José Gorski	39
Ver José Gorski na Com Educação e Cultura	7
Vereador Tito Zeglin	14
Ver. Tito Zeglin na Comissão Educação e Cultura	28
Ver. Alvim Jareski	9
Ver. Antonio Domakoski	9
Ver. Horácio Rodrigues Com Educação e cultura	37
Ver. João Derosso (pai)	11
Ver. Sidgley Claudino na Comissão de Educação e Cultura	11

Fonte: Rocha, R.M. 2020.

4.3 ANÁLISE E COMPARAÇÃO DOS DADOS APRESENTADOS

Primeiramente, destacamos que – conforme vimos nas sessões anteriores - a quantidade de endereços com nomes de imigrantes ou descendentes de germânicos (534) ou poloneses (526) indica que são números bastante substanciais, colocando o grupo de germânicos em ligeira vantagem, mas que também permite mais amplamente a comparação entre os dois grupos.

Outro aspecto que chama atenção está na quantidade de bairros onde estes endereços estão presentes, os que tem nomes de germânicos aparecem muito mais espalhados pela cidade do que aqueles com nomes de poloneses, que estão ausentes em 15 bairros, como foi indicado anteriormente. No caso do grupo germânico, é comum ver bairros que contam com um ou dois logradouros, como os casos de Alto da Rua XV, Batel, Lindoia e Seminário com um nome em cada; e Centro, Centro Cívico, Jardim Botânico e Juvevê, com dois nomes cada, o que mostra maior dispersão deste contingente pelos bairros, pois como vimos no Mapa 2 há apenas cinco bairros sem endereços com nomes de germânicos. No caso do grupo polonês também há casos de bairros que contam com um ou dois logradouros, porém há mais casos em que os números são intermediários, ou seja, não chega a ser como os exemplos apresentados na Tabela 4.4, mas

também são mais que dez endereços em cada, mostrando maior concentração deste contingente por bairro: como os casos de Novo Mundo, Mossunguê e Xaxim todos com 12 logradouros cada; e Campina do Siqueira e Umbará ambos com 11 logradouros em cada, são bairros que não figuram entre os bairros mais populosos da cidade, porém com exceção do Campina do Siqueira e do Mossunguê que fizeram parte do antigo distrito de Nova Polônia⁴⁷, os demais não estão entre aqueles que são áreas de influência da imigração. Um importante bairro que foi inicialmente comprado como uma fazenda por uma família germânica, o Hauer, figura entre os números intermediários de logradouros, com 10 endereços com nome de germânicos dentre os quais há membros da família Hauer, como as Ruas *Alfredo Hauer*, *Fanny Hauer* – a quem se deve também o nome do vizinho bairro – e *Roberto Hauer*, por exemplo; além da *Rua Anne Frank*, uma das mais movimentadas do bairro e que homenageia a menina alemã de origem judaica que ganhou notoriedade quando seu diário veio a público relatando os horrores do nazismo.

Quanto aos mapas 3 e 14 onde apresentamos os bairros com maior quantidade de logradouros com nomes de poloneses e germânicos, respectivamente, é importante analisarmos a marca que cada grupo tem na cidade. Este ponto é de fundamental importância se quisermos pensar em redutos das duas imigrações no mapa curitibano. Conforme Rocha (2016), os imigrantes poloneses se fixaram mais a oeste e norte da cidade em colônias rurais e que isso acaba por fazer um pré-desenho de onde esteja atualmente a maior parte dos logradouros com nomes de poloneses na cidade. Contudo, isso não se repete no grupo germânico, pois não houve em Curitiba uma colônia exclusivamente germânico nos mesmos moldes, por exemplo, das colônias polonesas de Santa Cândida e Orleans, por exemplo. Houve colonização germânica no Pilarzinho ao norte, expandindo-se para terrenos no Mercês e Vista Alegre, concomitantemente à ocupação polonesa destas colônias; a compra de uma grande área na região sul da cidade pelos Hauer, o que posteriormente fez formar os bairros Hauer, Fanny e Lindoia, como citamos brevemente acima; e a área onde se instalaram os germânicos menonitas que compreende parte dos bairros do Boqueirão e Xaxim atualmente.

No entanto, isto é apenas uma parcela da imigração germânica em Curitiba, pois há um importante grupo de empresários da área industrial e comerciantes germânicos que se instala nos arredores do centro da cidade, como os Mueller e Bolliger, industriais que tiveram fundamental importância no desenvolvimento tecnológico de Curitiba no início do século XX.

⁴⁷ O Distrito de Nova Polônia existiu entre os anos de 1892 e 1938, por um decreto da Câmara Municipal de Curitiba e era a localização a oeste da cidade, onde existia a maioria das colônias polonesas na cidade e que contava com franco crescimento durante esta época.

Ao observarmos se haveria uma relação entre a importância que o homenageado teve ao longo de sua trajetória e a importância do logradouro que o homenageia na malha viária e na vida da cidade em termos de maior intensidade de tráfego ou de quantidade de comércios, por exemplo, verificou-se que essa lógica não se cumpre, pois em muitos casos há vias calmas e residenciais com nomes de personalidades notáveis, como o caso da *Rua Madame Curie* (Maria Skłodowska) no Jardim Piratini dentro do Pinheirinho, ou da *Rua Richard Wagner* uma pequena rua de duas quadras, também residencial que fica dentro do Jardim Schaffer, na Vista Alegre. Sem essa relação entre importâncias, notamos então, que a lógica para as denominações passa muito mais pela demanda da cidade por nomes em vias públicas a serem inauguradas e que chegam aos vereadores que, por sua vez, estão aptos a prestar as homenagens.

O fato de as informações disponíveis no site da CMC serem somente a partir de 1948 também provocou um recorte interessante à pesquisa, pois a ausência de dados indica, em alguns casos, que determinados logradouros possivelmente foram inaugurados antes desta data. Como é o caso das duas ruas com nomes de germânicos no Centro da cidade: a *Rua Desembargador Westphalen* e a *Rua Augusto Stelfeld* vias de grande importância na malha viária da cidade, cujas biografias dos dois homenageados são de grande relevância e, também, as informações legislativas de ambos – data e autor do projeto de lei que as denominou – não estão disponíveis no site da CMC, o que pode indicar que a data seja anterior ao ano de 1948, das proposições legislativas mais antigas disponíveis. Esta ausência ocorre sete vezes dentre a lista de logradouros com nomes de poloneses e 22 vezes na lista de logradouros com nomes de germânicos. No caso dos logradouros com nomes de poloneses sem informação estão os nomes de pequenas vias de bairro, com curta extensão como o caso da *Rua João Kaviski* no Campina do Siqueira e da *Rua Pedro Skora* no final do Conjunto Solar, no bairro Tingui, ambas com duas quadras de extensão e de aspecto domiciliar. O que difere dos logradouros de origem germânica, acimacitados e somados aos exemplos da *Rua Schiller* no Cristo Rei e *Rua Gutenberg*, no Batel, que são vias mais centrais, mais extensas e de grande movimento de linhas de ônibus, automóveis e comércios, além ainda dos dois exemplos citados anteriormente sobre as ruas do Centro. A respeito das biografias dos homenageados com logradouros, obtivemos a informação de que dentre os 526 logradouros com nomes de poloneses, 50 deles possuem alguma informação referente à biografia do homenageado⁴⁸. Destes, 21 são descendentes; 15 são imigrantes, uma destas é a cientista Maria Skłodowska (Madame Curie), que foi imigrante na França; em 12 casos a informação se refere à família do homenageado e sua localização na

⁴⁸ Com a pandemia de Corona vírus, as incursões a igrejas, cemitérios e ao Arquivo Público do Paraná estão proibidas o que impede também a obtenção de mais dados sobre biografias.

cidade, na época de colônia; e em dois casos são homenagens a notáveis poloneses que não foram imigrantes, são os casos das ruas Frédéric Chopin – no bairro Vista Alegre - e Nicolau Copérnico, no Jardim das Américas.

Na tabela dos logradouros com nomes de germânicos, dos 534 nomes listados, em 27 deles há informações sobre a biografia do homenageado. Destes, 10 são descendentes; nove são germânicos ilustres que não foram imigrantes; cinco são imigrantes, sendo um caso de uma imigrante alemã na Holanda, a jovem Anne Frank que tem seu nome em uma rua no Hauer; um caso não consta se é imigrante ou descendente, mas é a informação de que o homenageado havia recebido um prêmio da Câmara Municipal de Curitiba ainda em vida, no ano de 1992, trata-se da *Rua Adolfo Bley*, no Guaíra; e dois casos são referentes ao local de origem desta imigração, como os casos da *Praça da Colonização Menonita* no Boqueirão e da *Rua Germânia*, no Cajuru.

O aspecto que primeiro nos chama atenção acerca da data de denominações em ambas as listas é que apenas no caso dos logradouros com nomes de germânicos há denominações ocorridas nos anos 1940, como se vê no Gráfico 1, o que pode nos mostrar, sim, que os parlamentares curitibanos começaram a homenagear imigrantes e descendentes de germânicos anteriormente às homenagens feitas aos de origem polaca. Isso pode ser explicado pela melhor colocação social que os germânicos dispunham em meio à sociedade curitibana, apesar de toda a carga negativa carregada pela II Guerra Mundial. Em comum entre os gráficos 1 e 2 é o grande aumento na quantidade de logradouros denominados entre os anos 1970 e 1990, seguindo a lógica de crescimento de Curitiba, com a abertura da Cidade Industrial de Curitiba, Bairro Novo e vários outros loteamentos que surgiram neste período. No caso particular dos dados apresentados no Gráfico 2 percebe-se que o aumento das denominações de logradouros com nomes de poloneses se acentua ainda mais a partir da década de 1980, data marcada pela visita do então Papa João Paulo II, que era polonês e cuja visita a Curitiba foi marcada como um grande evento para os descendentes, com a inauguração do Bosque da Imigração Polonesa João Paulo II, que popularmente é chamado de Bosque do Papa.

Os quadros 4 e 7 trazem números muito superiores dos logradouros aprovados pela Comissão de Educação e Cultura e sem um autor específico, em relação aos projetos que tiveram autoria de um único parlamentar; grande também é o número de logradouros que foram aprovados em projetos com blocos de nomes, mostrando que a demanda por denominações é muito maior que a demanda por homenagens. Outro fator marcante é que como as biografias dos homenageados não são apresentadas nos textos das justificativas dos projetos de lei, isto também é um indício de que a intenção do parlamentar ou do grupo de parlamentares é de,

primeiramente, cumprir a tarefa de denominar um lugar nova cidade que está sendo oficializado e em seguida o de lembrar algum membro de um grupo social qualquer na cidade.

Os nomes de vereadores que figuram entre os mais atuantes neste tema são, entre os poloneses, o de José Gorski e o de Tito Zeglin, que juntos propuseram nomes de poloneses para 86 logradouros em Curitiba entre as décadas de 1970 e 2010, tanto em bairros de influência da imigração polonesa quanto em bairros de nova urbanização. No seu último mês como parlamentar, ou seja, em dezembro de 2000, Gorski propõe como nome Verônica Mikosz Kucek para uma rua no bairro do Taboão, e em junho de 1991 o vereador é autor - dentro da Comissão de Educação e Cultura - de projeto de lei que denomina como Francisco Bordenowski uma rua no bairro Butiatuvinha. E Zeglin, por atuar na CMCa partir dos anos 1980 denomina logradouros com nomes de poloneses em bairros de urbanização mais recente, como o caso da *Rua João Prussak* no Campo do Santana, oficializada em junho de 2000 e da *Rua João Kula Sobrinho*, no bairro do Ganchinho, cuja aprovação da lei se dá em dezembro de 1999. Ambos, às suas épocas enquanto eram parlamentares, se reivindicaram como os vereadores representantes dos descendentes de poloneses na Câmara Municipal de Curitiba, trabalhando para além destas denominações, com aprovação de títulos honoríficos para descendentes, participações em eventos dos grupos folclóricos e festas típicas, e em trabalhos parlamentares para resolver demandas urbanísticas como iluminação urbana em frente à Igreja de Santo Estanislau e asfaltamento de vias nos bairros que foram colônias polacas.

Estes são perfis de parlamentares que não se repetem no caso do grupo germânico, pois não localizamos vereadores que se identificam ou se identificavam com o grupo de descendentes de germânicos na cidade. O vereador, pois, quemais atuou para denominar logradouros com nomes de germânicos foi Horácio Rodrigues, que ao dizer pelo seu sobrenome não tem origem germânica. Em segundo lugar aparece João Derosso, com o caso dos vários logradouros no bairro do Xaxim e mais adjacências - que já explicamos anteriormente - sendo que seis dos oito logradouros denominados por Derosso no bairro do Xaxim ocorreram nos anos 1970, indicando, portanto, que estas denominações podem ter acontecido devido à urbanização desta região e à abertura e oficialização de novas vias. Seguindo a mesma lógica, aparece o nome de Flávio Horizonte da Costa como o terceiro parlamentar que mais denominou logradouros com nomes de germânicos, com a diferença de ter sido na década anterior a Derosso, ou seja, durante os anos 1960. Horizonte da Costa propõe vários nomes de logradouros nos bairros do Pinheirinho e Boqueirão durante esta década, e também tem atuação marcante na denominação de endereços no Jardim Schaffer, na Vista Alegre, homenageando germânicos ilustres no campo das artes, como os casos das *Ruas Mendelssohn*, *Wolfgang Mozart* e *Schubert*,

as três compõem um bloco de logradouros proposto dentro de uma mesma lei, a de número 3272/68.

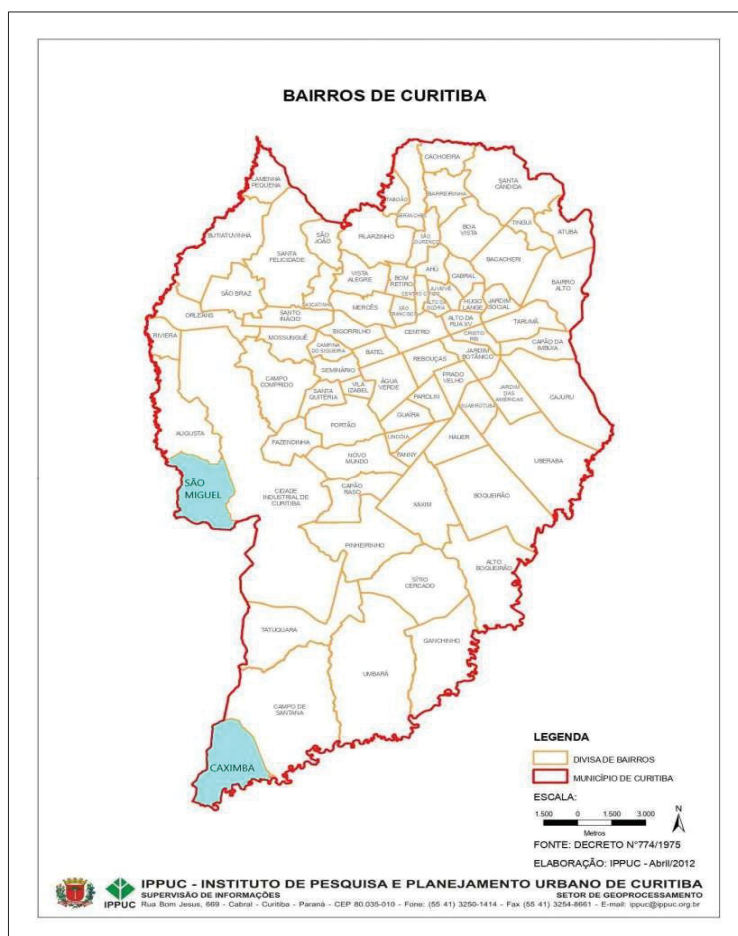
Estes dados podem indicar a presença de pequenos redutos dos dois grupos imigratórios nos arredores de onde se instalaram seus pioneiros na cidade, destacando-se as antigas colônias polonesas ao norte e a oeste da cidade e o Pilarzinho aparecendo como também um espaço que serviu para instalação de colonos germânicos, ainda que menos populoso, e um pouco mais disperso, este grupo também se fixou na região norte da cidade. A transformação das colônias em bairros urbanos não impediu essa apropriação local por parte dos grupos, de seus representantes políticos – principalmente no caso dos poloneses – e de seus descendentes, pois nota-se que utilizaram a denominação de logradouros como uma ferramenta de marcar sua presença na região e valorizarcadas do século XX foram de certo inchaço populacional e que seu crescimento foi direcionado para a periferia sul e leste da cidade.

5 UMA CARTOGRAFIA DAS IMIGRAÇÕES GERMÂNICA E POLONESA EM CURITIBA

Neste capítulo apresentamos todos os 1060 logradouros listados nesta pesquisa dentro de seus respectivos bairros através de seus mapas. Propomos assim, uma cartografia que apresente os logradouros destacados dentro dos bairros e também uma descrição sobre cada um deles, a forma como foram oficializados e as características físicas e sociais daquele endereço, como os tipos de edificações, a presença de estabelecimentos comerciais ou de serviços públicos ou privados a intensidade de tráfego de veículos e a circulação de transporte público, por exemplo.

Primeiramente apresentamos o mapa da cidade de Curitiba com a sub- divisão por bairros, registrando que São Miguel e Caximba são os únicos bairros que não possuem qualquer logradouro com nomes de poloneses nem de germânicos, como pode ser observado no Mapa 36, abaixo.

MAPA 36 – Bairros de Curitiba sem qualquer logradouro com nome de imigrantes ou descendentes de germânicos ou poloneses



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020

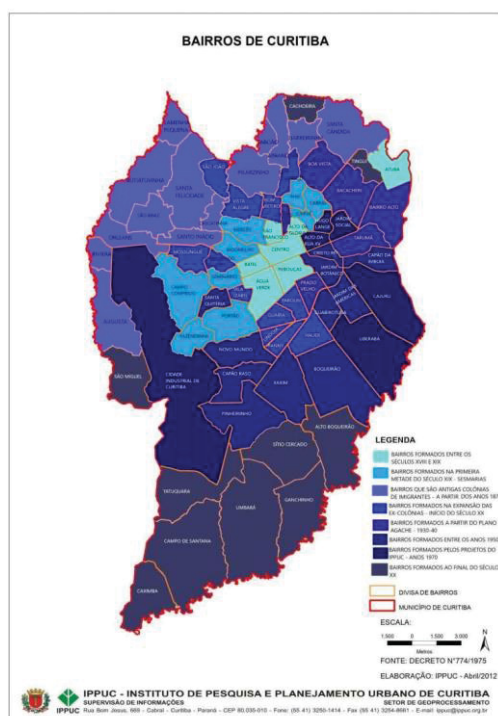
No entanto, é necessário que falemos um pouco sobre os dois únicos bairros que não possuem logradouros com nenhum dos nomes das imigrações aqui estudadas. Tanto o São Miguel quanto o Caximba são localidades bastante distantes do centro da cidade, com ocupação urbana relativamente recente e sem histórico de ocupação de imigrantes europeus antes do século XX. Localizado no extremo sul da cidade, o Caximba demarca o limite de Curitiba com os municípios de Araucária e Fazenda Rio Grande, sua ocupação teve início a partir dos anos 1850, quando da fixação de populações em sítios na beira de estradas vicinais que faziam a ligação com os municípios vizinhos e que tinham como atividades econômicas a extração de areia das várzeas do Rio Iguaçu além de olarias. No entanto, não se pode falar da história deste bairro sem deixar de citar o Aterro Sanitário da Caximba, que recebeu os resíduos de Curitiba e de cidades da região metropolitana entre os anos de 1988 e 2010. Quando deixou de funcionar, depois de 21 anos, o aterro se tornou uma área de recuperação dos impactos causados pela decomposição do lixo, o poder público também diz atuar para a regularização das áreas habitadas ao redor do antigo aterro, por comunidades em situação irregular de habitação que viviam principalmente da coleta de materiais recicláveis. O isolamento geográfico do Caximba, agravado pela falta de oportunidades de ascensão social que envolve a economia do lixo, estão visíveis quando nos aproximamos dos dados referentes à economia e à violência no bairro. Conforme mencionamos acima, as atividades de olaria e extração de areia compõem a maior atividade econômica do Caximba, correspondendo a 46% das atividades econômicas (IPPUC, 2015). No entanto, isso não se reflete em distribuição de renda para a população, pois 34% dos domicílios no bairro vivem com renda entre meio e um salário mínimo, quando a média na cidade para esta faixa é de 20%. Outro dado alarmante é referente aos homicídios na região, enquanto a média municipal é de 42,81 homicídios a cada 100 mil habitantes, no Caximba esta média sobe para 118,95 homicídios/100 mil habitantes, ou seja, este tipo de delito ocorre em média quase três vezes mais no Caximba do que no restante da cidade.

E no extremo oeste da cidade encontra-se o bairro São Miguel, onde a paisagem rural ainda predomina e atualmente convive com as ocupações irregulares e áreas de favela como a Nova Tiradentes e a 29 de Março, por exemplo, que são ocupações bastante recentes e com carência extrema de infraestrutura urbana. Historicamente, o São Miguel não foi área de colônias de imigrantes como os vizinhos Augusta, em Curitiba e Tomás Coelho em Araucária, e por isso a sua ocupação foi mais tardia que estes dois bairros e demarcada pelo isolamento imposto pela implantação do Contorno Sul de Curitiba, que possibilita o acesso de linhas de

ônibus somente pela *R. Dr. Mário Jorge*⁴⁹, no Conjunto Sabará, na CIC. Ea expansão do Conjunto Sabará, através do surgimento de outras vilas e favelas menores que foram se aglutinando a este, fez com que os limites desenhados geograficamente entre CIC e São Miguel sejam menos definidores da vida cotidiana nos dois bairros do que os limites marcados socialmente, por moradores e pelos movimentos de luta por moradia que ocupam, organizam e denominam suas vilas e ruas e que são, na prática, quem constrói o São Miguel diariamente. E a pobreza de sua população ficou registrada no documento do IPPUC (2015) quando apresenta que 41% da população do bairro vive com renda entre meio e um salário mínimo, enquanto que a mesma média na cidade é de 20%. Às margens do Rio Passaúna e tendo como principal atrativo de lazer o Parque dos Tropeiros, o bairro não conta com qualquer endereço com nome de poloneses, mesmo sendo bastante próximoda antiga colônia e atual bairro em Araucária de Tomás Coelho, que é uma histórica comunidade polonesa que possui um portal polonês e um memorial para contar a história dos antepassados imigrantes.

Dito isso, explicamos que a ordem estabelecida para apresentarmos os bairros neste capítulo se dá de acordo com suas formações históricas em relação ao crescimento da cidade como se pode observar no Mapa 37, abaixo:

MAPA 37 – Bairros de Curitiba destacados conforme sua formação histórica.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

⁴⁹ Mário Jorge foi um advogado criminalista bastante conhecido na cidade, inclusive peço licença para relatar que este advogado foi responsável pela defesa que levou à absolvição dos assassinos de meu avô materno, nos anos 1970.

Cada subcapítulo apresenta um conjunto de bairros formados no período histórico correspondente. E para cada bairro há uma descrição em que se conta a sua história e situação socioeconômica; em seguida mostrando o mapa destacando os logradouros com nome de germânicos e uma apresentação com discussão acerca de pelo menos um endereço; e por último, trazemos o mapa em que se destaque os logradouros com nome de poloneses e fazemos também uma apresentação e discussão sobre um endereço destacado. O critério aqui aplicado para que um ou mais dos logradouros de cada bairro e de cada grupo apareçam destacados nos subcapítulos foi o seguinte: o logradouro cuja biografia do homenageado foi encontrada; e/ou logradouro que possui importância no cotidiano do bairro: como linhas de ônibus, tráfego de veículos, estabelecimentos de comércios e serviços, por exemplo.

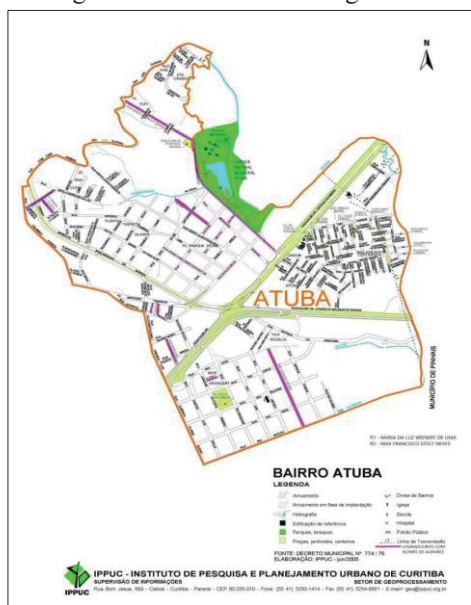
5.1 BAIROS FORMADOS ENTRE OS SÉCULO XVII E XIX

Este grupo de bairros concentra aqueles que foram formados a partir da fundação oficial da vila e posteriormente da cidade de Curitiba, ainda nos anos finais do século XVII. Segundo os relatos históricos oficiais, os colonizadores portugueses teriam adentrado ao planalto curitibano pela região onde atualmente é o bairro Atuba e se fixado a partir da atual Praça Tiradentes, no Centro. Por isso, abrimos a descrição de bairros pelo Atuba e então partimos para a região central.

5.1.1 O Bairro Atuba

Um dos primeiros bairros da capital paranaense, o Atuba aparece nos escritos de solicitações às autoridades locais ainda no século XVIII, como a localidade próxima ao Rio Atuba, ocupada nesta época por mineradores, como informa o documento do IPPUC (2015). Ainda segundo este documento, o bairro tem 79% dos imóveis registrados como casas, e a população do Atuba vive em sua maioria com renda entre um e dois salários mínimos, são 33%. Os mapas 38 e 39 indicam que há três vezes mais logradouros com nomes de germânicos no Atuba do que de poloneses. São 12 logradouros com nomes de germânicos e apenas quatro com nomes de poloneses, ou seja, um número três vezes maior de logradouros que levam nomes de um dos grupos ainda que no Atuba não tenha havido influência desta imigração.

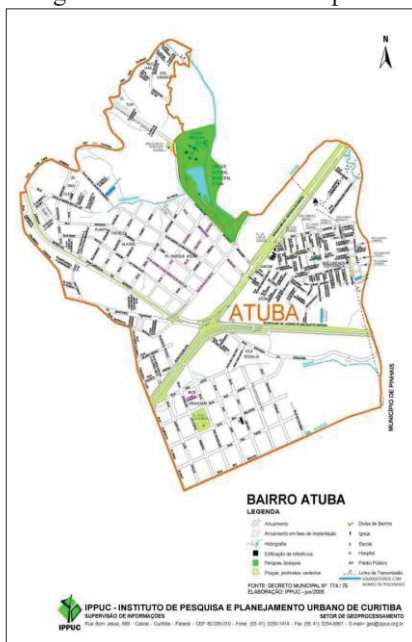
MAPA 38 – Bairro Atuba e logradouros com nomes de germânicos em destaquena cor roxa.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

Na *Rua Arnaldo Wolff Gaensly*, destacada em roxo no Mapa 5.3, existem comércios como loja de doces, borracharia, oficina mecânica, além de uma Igreja Evangélica. Esta rua foi oficializada em novembro de 1983 em projeto da Comissão de Educação e Cultura.

MAPA 39 - Bairro Atuba e logradouros com nomes de poloneses em destaquena cor azul



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

As ruas indicadas em azul no Mapa 5.4 são todas bem pequenas e residenciais, como é o caso do exemplo aqui apresentado: a *Rua Theodoro Prazmoski*, com duas quadras de

extensão, que se encerra nas margens do Rio Atuba e que foi oficializada em maio de 1995 por meio de um projeto da Comissão de Educação e Cultura da Câmara.

5.1.2 O Centro da Cidade

O Centro de Curitiba é onde se localiza o marco zero da cidade, na *Praça Tiradentes*, de onde começou a urbanização e de onde partem a numeração de todos os endereços da cidade. Desde o início da demarcação das terras onde seria erguida Curitiba é o Centro o cenário. Ainda no século XVII quando Eleodoro Ébano Pereira despachou documentos com solicitação para fazer expedições nas minas da Capitania e em 1668, o então Capitão-Mor de Paranguá, Gabriel de Lara, autorizou a instalação de um pelourinho - onde atualmente fica a *Praça Generoso Marques* - indicando que aquelas terras tinham posse de colonizadores brancos (IPPUC, 2015). Algumas das renomeações mais conhecidas dos endereços de Curitiba ocorre no Centro, pois quando houve a deposição da família imperial dando origem a uma república militarizada, em 1889, muitos endereços que faziam referência ao império tiveram seus nomes mudados, como por exemplo o Largo da Matriz passa a se chamar *Praça Tiradentes* - em referência a um mártir republicano mineiro que tivera sua história apagada pelo império e ressignificada pelos republicanos – e a Rua da Imperatriz que passa a se chamar *Rua XV de Novembro*, data do golpe militar que expulsa a família imperial do poder.

Sobre a estatística deste bairro, o IPPUC (2015) apresenta que 96% das residências dos pouco mais de 37 mil habitantes do Centro são de apartamentos, e 42% destes habitantes vivem com renda entre três e dez salários mínimos, enquanto que a proporção na cidade para estas faixas de renda é de 22,5%. Porém, há um dado alarmante sobre a violência no Centro, neste mesmo documento. A média de homicídios calculada pela Secretaria de Segurança Pública e divulgada pelo IPPUC (2015) diz que enquanto Curitiba registra uma média de 42,81 homicídios para cada

100 mil habitantes, o Centro sozinho registra 209 homicídios para cada 100 mil habitantes⁵⁰, sendo a taxa mais alta da cidade e fazendo com que este seja o bairro mais violento da cidade. Isto pode ser analisado através de diversos fatores, e um deles certamente é o abuso de drogas e a falta de política de tratamento específico aos dependentes químicos, que encontraram no Centro uma forma mais ágil de denutrir a dependência, partindo de pequenos

⁵⁰ Segundo dados do Censo de 2010.

5.1.3 O Bairro São Francisco

Localizado no Setor Histórico de Curitiba, o bairro São Francisco foi um dos primeiros locais de ocupação urbana da cidade, ainda no século XVIII, principalmente devido às edificações de templos católicos. A Terceira Ordem de São Francisco das Chagas adquire a primeira capela construída nas proximidades da catedral, e a partir disso começa a se desenvolver a região atualmente conhecida como Largo da Ordem, ainda nos primórdios do que viria a ser Curitiba. Outros dois pontos são muito importantes para contar a história deste bairro: as Ruínas de São Francisco e o Cemitério Municipal São Francisco de Paula, chamado popularmente apenas por Cemitério Municipal. As Ruínas são a construção que nunca foi concluída da igreja dedicada ao santo que nomeia o bairro, pois conta-se que as pedras que serviriam para sua construção foram utilizadas nas torres da catedral, durante o século XIX. E o primeiro Cemitério da cidade, construído em 1854 seguia os padrões de higiene da época, que passaram exigir cemitérios fora do perímetro urbano das cidades e a proibir que fossem feitos enterros em criptas de igrejas, para desta forma evitar a proliferação de doenças contagiosas, como a varíola, que era uma epidemia na época⁵³.

Hoje em dia, o São Francisco se caracteriza por ser a região mais boêmia da cidade, com uma vasta rede de bares, restaurantes e casas noturnas nas imediações do *Largo da Ordem* e da *Rua Trajano Reis*. Os serviços compreendem 58% da atividade econômica do bairro, segundo IPPUC (2015). Quase 89% dos pouco mais de seis mil habitantes do São Francisco se declaram brancos e a maior parte de sua população é de jovens entre 20 e 29 anos, segundo o mesmo documento.

No Mapa 41, abaixo podemos ver que há somente três logradouros com nomes de germânicos neste bairro e como não há qualquer endereço com nome de polonês, optamos por trazer somente o mapa com os destaques de logradouros que homenageiam germânicos. O que pode ser explicado pela antiguidade das ruas, muitas vezes sendo anteriores até mesmo à chegada destas populações à cidade, e por grande parte dos endereços no bairro terem nomes de personagens históricos nacionais, como a *R. Duque de Caxias*, ou nomes vinculados à religiosidade católica como a *Rua do Rosário* e a *Rua São Francisco*, como alguns exemplos.

⁵³ Informações disponíveis no Guia de Visitação ao Cemitério Municipal São Francisco de Paula, disponível em: <http://www.artenoscemiterios.com.br/> Acesso em: 12/01/2021.

MAPA 42 – Bairro São Francisco e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

O mais antigo dos três endereços listados e destacados no Mapa 42 acima é a *Rua Paulo Graeser Sobrinho*, localizada na porção norte do bairro, começando na esquina com a *Rua Tapajós* e terminando na lateral do Cemitério Municipal. Esta rua foi denominada pelo então vereador Augusto Toaldo Tulio em dezembro de 1953. A via é majoritariamente residencial, com baixo movimento de veículos e alguns trechos com pavimentação de paralelepípedos.

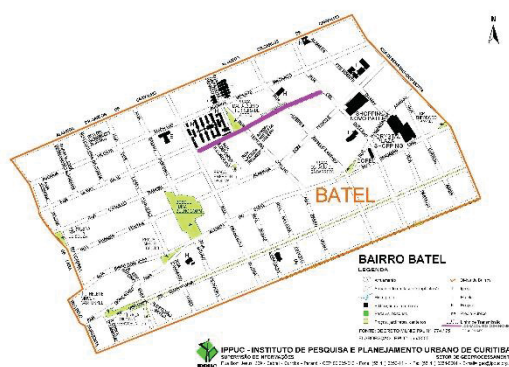
Esses três primeiros bairros tiveram a sua formação no primeiro período da ocupação lusa em solo paranaense, a partir do século XVIII. A seguir apresentamos os bairros que surgiram ao longo da primeira parte do século XIX, a partir da expansão da economia que girava em torno do processo de produção e comercialização da erva mate e também do tropeirismo, uma vez que muitas estradas utilizadas por esses viajantes e comerciantes passavam pelo território curitibano.

5.1.4 O Bairro Batel

A localidade onde fica o Batel surge a partir da antiga Estrada do Mato Grosso, caminho aberto por exploradores portugueses no século XVII para exploração de ouro e posteriormente para ampliação da economia agropecuária e que ligava os campos de Curitiba até a região dos Campos Gerais (BOLETIM CASA ROMÁRIO MARTINS, 1981, p. 5). Atualmente esta via foi aproveitada no traçado urbano de Curitiba ligando os bairros da região oeste ao centro da

cidade e um de seus trechos é a *Av. do Batel*, via que denomina o bairro. Ele se torna bairro oficial da capital somente em 1975 (IPPUC, 2015) a partir de uma nova delimitação dos antigos bairros Santa Terezinha e Presidente Taunay. Sua ocupação começa com casarões de grandes capitalistas da erva mate e do café, assim como instalações de engenhos de mate e pequenas indústrias. Porém, hoje em dia pouco deste casario é preservado, pois o bairro é bastante verticalizado com 90% dos imóveis sendo edifícios de apartamentos. Conhecido pela sua vasta rede de bares e restaurantes, o setor de serviços no Batel representa 60% de sua economia. Este que também é um dos bairros mais elitizados da cidade tem 93% dos quase 11 mil habitantes declaradamente brancos, são 28% da população vivendo com renda acima de cinco salários mínimos e 25% com acima de dez salários (IPPUC, 2015)⁵⁴.

MAPA 43 – Bairro Batel e logradouro com nome de alemão em destaque na cor roxa.



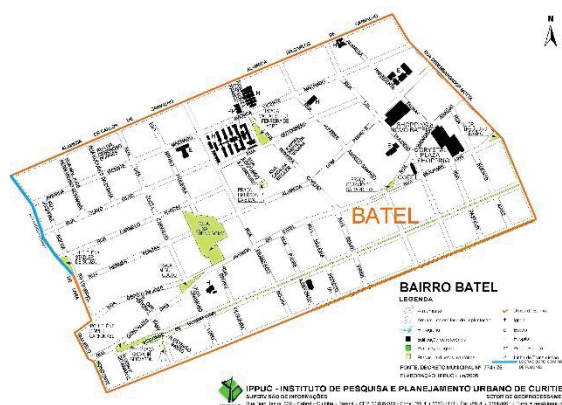
Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

Em cada um dos grupos estudados encontramos um logradouro para cada, no Batel. Dentre os germânicos, o Mapa 43 destaca em roxo a Rua Gutemberg, este alemão que viveu no século XV foi o inventor da imprensa e que consta em nosso levantamento devido a sua importância para a sociedade internacional, por meio de seu invento. No entanto, a oficialização e os dados legislativos referentes a este endereço não foram localizados no site da CMC⁵⁵.

⁵⁴ Sendo que a maioria da população de Curitiba vive com entre um e dois salários mínimos, 29%. Segundo IPPUC, 2015.

⁵⁵ O fato de não encontrarmos a data nem o autor da oficialização da Rua Gutemberg pode indicar que esta é uma rua anterior ao período de digitalização dos processos, ou seja, os anos 1940.

MAPA 44 – Bairro Batel e logradouro com nome de polônês em destaque nacor azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

E no Mapa 44 o destaque é para a *Rua Jerônimo Durski*, que começa como uma continuação da *Rua Gabriel de Lara*. Oficializada através de um decreto de Ney Braga em março de 1956 esta rua homenageia o imigrante polônês nascido em Poznan no ano de 1824, que foi professor nas escolas das colônias polonesas em Curitiba, como a Orleans, por exemplo. Naturalizou-se brasileiro e faleceu em 1905, na cidade de Campo Largo.

5.1.5 O Bairro Água Verde

Os primeiros documentos sobre a localidade da Água Verde são de 1847, ainda sob a denominação de “Quarteirão do Paiva” (BOLETIM CASA ROMÁRIO MARTINS, 1982a, p. 4) em que se apresentavam uma lista de votantes daquela região. O nome Água Verde se popularizou porque inicialmente servia para designar o riacho com alta presença de limo e musgos, e o terreno aonde compreende o bairro nos dias atuais pertenceu a famílias de origem luso-brasileira durante a primeira parte do século XIX. Até que em 1878 instala-se a Colônia Dantas, que recebeu 36 famílias de imigrantes italianos que de forma espontânea se estabeleceram nesta região mediante cartas de aforamento concedidas pela Câmara Municipal (BOLETIM CASA ROMÁRIO MARTINS, 1982a, p.6).

O bairro Água Verde abriga mais de 50 mil habitantes cuja população vive majoritariamente com renda acima de cinco salários mínimos (27%), muito verticalizado tem 83% das residências como apartamentos (IPPUC, 2015). Lá está presente o estádio do Clube Atlético Paranaense, além de um importante da cidade: a Praça do Japão. O bairro contém

poucas ruas com homenagens a imigrantes dos dois grupos estudados, são três para germânicos e dois para poloneses.

MAPA 45 – Bairro Água Verde e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

A maioria das ruas deste bairro faz homenagem a nomes históricos de brasileiros como a *Av. Getúlio Vargas*, e muitos deles aludem a nomes de paranaenses com importância na história como a *Rua Cel. Dulcídio* e também o caso do descendente *Ten. Max Wolff Filho* (1911-1945), herói paranaense da II Guerra Mundial, nascido em Rio Negro e falecido em combate na Itália como sargento, mas condecorado com a patente de tenente postumamente, cuja rua está em destaque no mapa 44. Esta rua foi denominada pelo vereador Aristides Simão em maio de 1952, e na justificativa do texto da lei está assim descrito “símbolo da bravura, do heroísmo, do valor e da fibra do soldado paranaense, que, na luta pela liberdade dos povos durante a II Guerra Mundial, ofereceu à pátria brasileira o supremo sacrifício de sua própria vida.” A *Rua Ten. Max Wolff Filho* tem duas quadras de extensão, ocupada por prédios residenciais e dois restaurantes.

de urbanização. Contudo, “a ocupação dos espaços próximos à estação, em direção ao subúrbio⁵⁶, foi lenta e esparsa, em razão das características físicas daquele local, periodicamente invadido pelas águas do Rio Belém, nas épocas de cheias.” (BOLETIM CASA ROMÁRIO MARTINS, 2000,p.3).

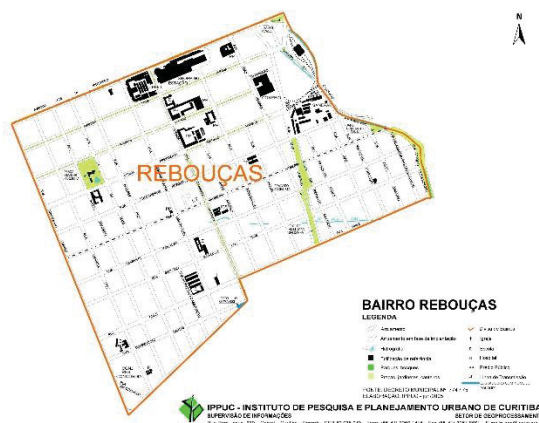
Os irmãos e engenheiros Antônio e André Rebouças foram responsáveis por inúmeras obras de infraestrutura no estado do Paraná, como por exemplo a construção da estrada de ferro Curitiba-Paranaguá. E foi em homenagem a eles que o bairro do Rebouças leva seu sobrenome. Com a supracitada instalação da estação de trens de Curitiba, muitas indústrias se instalam nas suas proximidades para melhor escoar a produção – uma vez que estariam próximas do embarque nos trens que levavam a carga até o Porto de Paranaguá – a exemplo disso tem-se os engenhos de mate Real e Leão, a fábrica de fósforos da Fiat Lux e a Cervejaria Brahma⁵⁷ (IPPUC, 2015). E por contar com uma vasta rede de empresas instaladas na região, o Rebouças era o principal distrito industrial da cidade até os anos 1970, quando há a construção da Cidade Industrial de Curitiba e a população que ocupou com habitações as redondezas do Rebouças, era também de classe operária, muitas vezes trabalhadores destas indústrias.

Atualmente, o bairro tem como principais atividades econômicas os serviços e o comércio, característico pela verticalização, pois 75% de seus imóveis são apartamentos, e também conta com população jovem: possui uma pirâmide etária que evidencia a população de 20 a 29 anos como majoritária (IPPUC, 2015). E isso se explica pela opção que os estudantes da UTFPR, IFPR e UFPR Campus Rebouças fazem em morar nas proximidades de seus locais de estudo. Não há logradouros com nomes de germânicos no Rebouças, e há somente um com nome de polonês, e por isso apresentaremos somente o mapa com o logradouro existente, logo abaixo:

⁵⁶ Ou seja, mais adiante das atuais R. Lamenha Lins, R. Mal. Deodoro e Av. Getúlio Vargas, na direção sul.

⁵⁷ Com exceção do Mate Leão, todas as indústrias citadas ainda possuem suas construções preservadas nas proximidades da Av. Getúlio Vargas. O prédio do Mate Leão foi demolido para setornar um templo neopentecostal com proporções megalomaniacas e estilo arquitetônico eclético. A construção destoava das demais edificações ali próximas, que datam da metade do Século XX. A demolição do antigo engenho foi deveras uma notável forma de desrespeito ao patrimônio histórico e cultural de Curitiba.

MAPA 42 – Bairro Rebouças e logradouro com nome de polonês destacado em azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

E o único logradouro que leva o nome de algum imigrante seja ele polonês ou germânico, no Rebouças é o *Largo Julio Szymanski*, bem ao sul do bairro, quase no limite com o Parolin. Esta pequena área marca o cruzamento entre as avenidas *Marechal Floriano Peixoto* e *Pres. Kennedy*, além também da *Rua Conselheiro Dantas*, neste espaço há bancos de praça, um ponto de taxi e uma banca de jornais, há também uma placa que conta a história do homenageado. Juio Szymanski foi um imigrante polonês nascido em 1870 na cidade de Kielce e se torna médico oftalmologista, professor e um dos fundadores da UFPR em sua passagem por Curitiba, uma vez que ele não se fixa na capital paranaense. O largo que homenageia Szymanski foi oficializado em abril de 1970 por meio de um decreto do então prefeito de Curitiba Omar Sabbag.

5.1.7 O Bairro Alto da Glória

O bairro Alto da Glória historicamente foi ocupado por casarões dos empresários da erva mate, e parte deste casario segue preservada ao longo da *Avenida João Gualberto*, como o Palacete dos Leões que abriga atualmente a sede do BRDE. Nesse bairro, que não possui logradouros com nomes de poloneses, esteve instalada durante muitos anos a Fundação Mueller, de propriedade do imigrante nascido na Suíça, Gottlieb Mueller e onde funciona hoje em dia um shopping center – que leva o nome do antigo dono da área - desde o início dos anos 1980. É importante ressaltar aqui que outros povos germânicos - como é o caso dos suíços - emigravam ao Brasil, mas acabavam sendo reconhecidos como germânicos, provavelmente devido ao idioma. Mueller (1843-1902) emigra ao Brasil chegando primeiramente em Joinville (SC), em 1877 se transfere para Curitiba e um ano depois abre a sua ferraria que consertava peças de

ausência também de poloneses ocupando este território quando da sua formação, que segundo IPPUC (2015) se dá longo da década de 1880, com instalação de engenhos de mate ao longo *Av. João Gualberto*. Lembramos que durante a década de 1880 a presença polonesa é muito mais concentrada nas áreas de colônias nos arredores da cidade, e muito menos na área urbana de Curitiba (ROCHA, 2016).

5.2 BAIRROS FORMADOS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX A PARTIR DE SESMARIAS

Este segundo bloco de bairros compreende aqueles formados a partir de uma primeira expansão do anel central da cidade, cujas áreas foram cedidas por meio de sesmarias, que eram escrituras oficiais concedidas a famílias de luso- brasileiros para a ocupação de terras. Esta prática foi bastante comum no período colonial brasileiro para a instalação do elemento lusitano no solo da colônia e que ocorreu desde o final do século XVIII, especificamente no caso da ocupação territorial curitibana.

5.2.1 O Bairro Juvevê

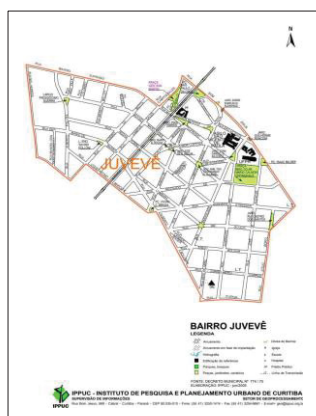
O nome dado ao bairro Juvevê tem origem em um pequeno rio afluente do Rio Belém e que consta em demarcações de terras datadas do final do Século XVII. E da mesma forma consta nos provimentos⁵⁹ escritos por Ouvidor Pardinho, no Século XVIII (BOLETIM CASA ROMÁRIO MARTINS, 1982, p. 6). O mesmo

documento cita uma carta dirigida à Câmara Municipal, comunicando sobre os primeiros ocupantes luso-brasileiros na região: membros da família do Senhor João do Couto e com data do Século XVIII. O povoamento do Juvevê tem como ponto de partida os arredores da *Av. João Gualberto*, sendo parte do caminho que ligava o centro da cidade aos entroncamentos da Estrada da Graciosa.

O documento do IPPUC (2015) também apresenta as características e estatísticas do bairro, mostrando que ele é verticalizado, com 86% dos pouco mais de 5.200 domicílios são apartamentos; que a renda média da população do Juvevê está acima da média municipal, pois 29% dos habitantes do Juvevê vivem com renda entre cinco e dez salários mínimos, mas apenas 9% tem essa mesma rendana média municipal. E no quesito segurança pública, o

⁵⁹ Esses provimentos escritos por Ouvidor Pardinho eram definições sobre o que seria a Vila de Curitiba em termos sociais e espaciais a serem enviados ao governo central.

MAPA 50 – Bairro Juvevê

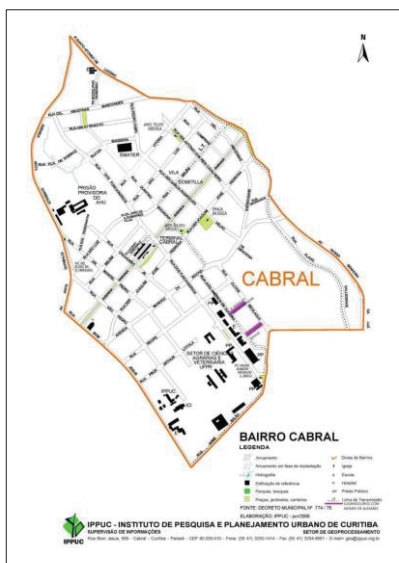


Fonte: IPPUC, 2005.

5.2.2 O Bairro Cabral

No Boletim Casa Romário Martins (1982b, p.6) consta que historicamente, o Cabral seria um sítio localizado dentro do Juvevê que pertenceu à uma família de sobrenome Cabral, onde se construiu uma igreja dedicada ao Bom Jesus. E quem com essa demarcação pouco rigorosa, a autoria do documento salienta que: “pode-se perceber que não há muita definição entre Cabral e Juvevê, onde as notícias de povoamento se mesclam.” (BOLETIM CASA ROMÁRIO MARTINS, 1982b, p. 6). Seus limites localizam-se entre o antigo arroio Juvevê, a *Av. Anita Garibaldi* e a *Av. Munhoz da Rocha*, que seria uma continuação da Estrada da Graciosa. Conta o informativo do IPPUC (2015) que a *Av. Anita Garibaldi* fazia a divisão entre os bairros Ahú de Cima e Ahú de Baixo e que por isso o presídio ali localizado ficara conhecido como Prisão do Ahú, mas que posteriormente ficou localizado dentro do território do Cabral. Este bairro que tem uma população com renda média entrecinco e dez salários mínimos possui 86% dos imóveis sendo apartamentos tem também um dos maiores e mais movimentados terminais de ônibus da cidade, que permite a conexão com municípios da Região Metropolitana como Colombo e Almirante Tamandaré.

MAPA 51 – Bairro Cabral e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

A *Rua Alfredo Wenske* posicionada mais ao sul do que a outra destacada no Mapa 51, traz consigo algumas curiosidades, primeiramente que quando consultamos sobre a origem do nome Wenske estar entre os que tem origem germânica, mesmo tendo uma sonoridade muito próxima da maioria dos nomes poloneses, o site em que utilizamos como base para consulta indicou que essa proximidade é verdadeira e que quando o nome é escrito com *E* tem maior incidência na Alemanha e que se é escrito com *I* ou *Y* ocorre mais na Polônia. Outra curiosidade diz respeito à oficialização deste logradouro, pois não há um projeto de lei que oficialize a *Rua Alfredo Wenske* neste lugar onde aparece no Mapa 5.16, mas foram encontradas duas legislações da década de 1950, em que na primeira troca-se o nome de um determinado logradouro que se chamava *Rua da Paz* para *Rua Alfredo Wenske* e um segundo, sete anos depois em que renomeia-se o mesmo logradouro como *Rua da Paz*, devolvendo o nome original à rua, e indicando que uma rua ainda sem denominação passaria a se chamar Alfredo Wenske futuramente. Uma confusão criada nos autos da Câmara que pode indicar alguma disputa interna entre os parlamentares do município, na época.

E abaixo, o Mapa 52 indica a ausência de logradouros com nomes de poloneses no Cabral.

MAPA 52 – Bairro Cabral



Fonte: IPPUC, 2005.

5.2.3 O Bairro Ahú

A divisão que delimitou o bairro do Ahú historicamente era marcada pela *Avenida Anita Garibaldi*, que antigamente era conhecida como Estrada da Cachoeira (IPPUC, 2015). Essa demarcação colocava o Presídio do Ahú dentro de seus limites, o que explica, justamente, seu nome. Ainda que na delimitação atual dos bairros de Curitiba, ele tenha ficado dentro do Cabral. O presídio foi projetado para ser a primeira penitenciária do estado do Paraná, cuja pedra fundamental foi erigida em dois de junho de 1880⁶¹, no entanto a construção serviu inicialmente para abrigar pessoas em situação de rua e com transtornos mentais, a partir de 1903. Somente seis anos depois, a função da instalação é mudada para então receber pessoas em conflito com a justiça. Durante todo o século XX, até os primeiros anos do século XXI o presídio esteve em funcionamento, até que em 2006 as últimas 800 pessoas foram transferidas para outros estabelecimentos prisionais da região metropolitana. Ainda há que se registrar o antigo Cassino Ahú que funcionou durante a primeira metade do século XX e que posteriormente teve o imóvel adquirido pelas irmãs da Divina Providência e instalaram ali uma instituição de ensino homônima.

Algo parecido com o exemplo do bairro Água Verde foi percebido nas ruas do bairro Ahú, onde há nomes mais históricos como o caso de políticos da República Velha, como a *Rua Marechal Hermes*, ocorre também menção à uma cidade paranaense como na *Rua Guaratuba*, e homenagem a um ilustre escritor português na *Rua Eça de Queiroz*, ou seja uma variedade nas escolhas dos nomes desses logradouros. Contudo, as homenagens a imigrantes dos dois

⁶¹ Informações do site do Ministério Público do Paraná, disponíveis em: <http://memorial.mppr.mp.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=229> . Acesso em 30/07/2020.

grupos estudados ocorrem muito pouco, pois há somente quatro endereços com nomes de germânicos, que aparecem destacados em roxo no Mapa 53.

MAPA 53 – Bairro Ahú e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

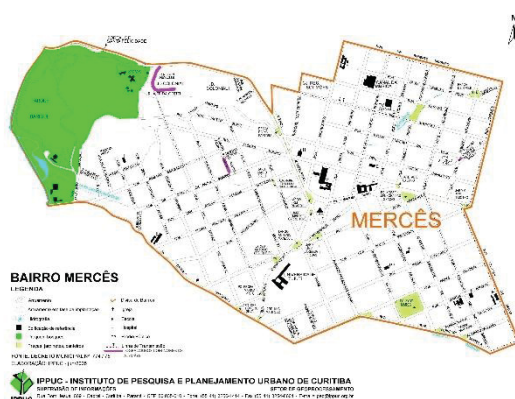
Ao norte do Mapa 53 fazendo o limite entre os bairros Ahú e o São Lourenço, há a *Rua José Kormann*, a mais antiga dentre as ruas destacadas neste mapa, ela foi denominada por iniciativa do vereador Alfredo Kramer - um dos poucos parlamentares com sobrenome também de origem germânica que aparecem em nosso levantamento – em dezembro de 1967.

5.2.4 O Bairro Mercês

O antigo Quarteirão de Nossa Senhora das Mercês começou a ser ocupado por pequenas propriedades rurais a partir da década de 1830 e posteriormente por famílias de imigrantes poloneses, a partir dos anos 1870 (IPPUC, 2015) cuja paisagem era tomada por chácaras. Com o avanço da urbanização de Curitiba, muitos colonos de origem italiana saíam de Santa Felicidade em direção ao Mercês para comercializar seus produtos, mais especificamente ao longo da antiga *Avenida Cruzeiro*, atual *Av. Manoel Ribas* – via que foi renomeada em fevereiro de 1948 através de um projeto de Myltho Anselmo da Silva.

Atualmente, o Mercês é um dos bairros que compõem a Regional Matriz, com pouco mais de 12 mil habitantes e sendo 91% desta população declaradamente branca. Um destaque da economia do bairro são os mais de 1700 estabelecimentos de serviços, representando 53% da economia do bairro.

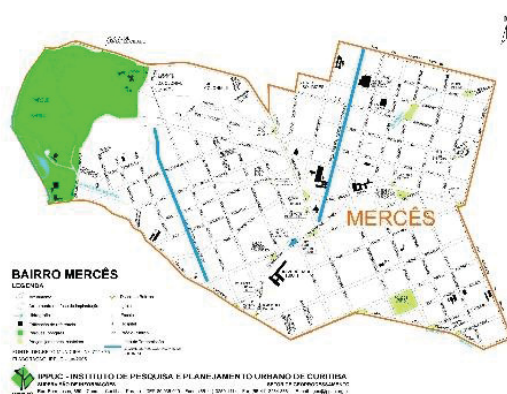
MAPA 54 – Bairro Mercês e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

No Mapa 54 destacamos a *Rua Albino Graf*, uma via que foi denominada em junho de 1994, pelo Vereador Horácio Rodrigues em um projeto da Comissão de Educação e Cultura, que trazia também vários outros nomes de logradouros a serem denominados, ou seja, um projeto em bloco de nomes. A rua tem apenas uma quadra de extensão, e muito estreita, sendo possível passar somente um carro por vez e de ambos os lados da via a paisagem são muros de residências.

MAPA 55 – Bairro Mercês e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.



Fonte: IPPUC. Edições: Rocha, R.M. 2020.

E diferentemente das pequeninas vias com nomes de germânicos destacados no Mapa 54, as ruas com nomes de poloneses destacadas no Mapa 55 são bem mais extensas e movimentadas em termos de fluxo de veículos e estabelecimentos comerciais. Além da *Rua Edmundo Saporski*, destacada em azul mais a sudoeste do bairro e que foi a primeira rua em Curitiba a levar o nome de um imigrante polonês, tornando-se um endereço oficial em fevereiro

de 1951, cuja autoria da proposta de denominação foi do Vereador Edwino Donato Tempski e que homenageia o pioneiro da imigração polonesa no Brasil. O polonês Edmundo Sebastião Wós Saporski, nascido em Siolkowice que viveu entre os anos de 1844 e 1933 e foi agrimensor em terras paranaenses, atuou inclusive na demarcação de terras para novas colônias de imigrantes patrícios seus.

Outro destaque no Mercês é a *Rua Profa. Rosa Saporski*. Este é um caso bastante particular, pois a homenageada tem o nome de solteira Rosa Leinig e se casa com Edmundo de Oliveira Saporski adquirindo assim o nome Saporski, conforme informação de sua bisneta Emanuelli, que contribuiu em entrevista para este levantamento. Rosa era, portanto, nora de Edmundo Sebastião Wós Saporski, o pioneiro da imigração polonesa no Brasil e cuja descrição está logo acima. Segundo relato da mesma descendente que nos informou. Ela foi uma professora que viveu em Curitiba entre os anos de 1895 e 1961, formou-se no magistério em 1912 e trabalhou lecionando e dirigindo escolas na cidade, mas ela também recebeu uma pensão da importância de mil Cruzeiros, concedida a ela em 1954 pelo poder público municipal, por ser viúva de um funcionário público municipal, conforme lei aprovada em janeiro daquele ano⁶². Ela viveu na rua que a homenageia, e que segundo a informação da descendente da homenageada, a casa dela ficaria ao lado de onde atualmente é o Hospital Nossa Senhora das Graças.

A oficialização de seu nome para a via que atravessa o Mercês indo até o limite com o bairro Vista Alegre e que conta com diversos estabelecimentos de saúde, ponto de ônibus da linha Canal da Música/Vista Alegre, ocorreu em setembro de 1962 e o projeto de lei para tal foi de autoria de Arlindo Ribas. No momento da inauguração da rua, o filho de Rosa - Edmundo Leinig Saporski – que também foi vereador da capital e diretor do Jornal Correio do Paraná, esteve presente e fez as honras de retirar o pano que cobria a placa com o nome da rua, como é possível verificar na Figura 1:

⁶² Informação disponível na página da Câmara Municipal na internet.

FIGURA 1 – Inauguração da rua Prof.^a Rosa Saporski, com a presença de seu filho Edmundo Leining Saporski, em 1962.



Fonte: Acervo de Emanuelli Saporski⁶³

Adaptação: Rocha, R.M. 2020.

5.2.5 O Bairro Bigorrilho

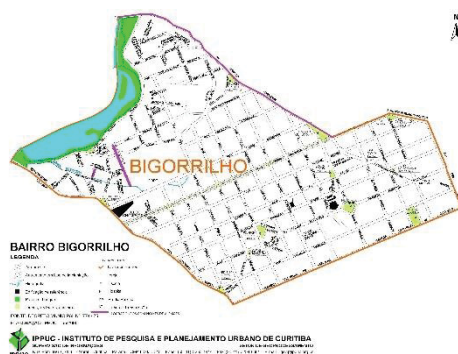
O início da ocupação do vale do Rio Barigui, que compreende o atual bairro do Bigorrilho, se dá a partir da concessão de sesmarias a Baltazar Carrasco dos Reis. No século XIX, com a aprovação da Lei de Terras em 1850, as áreas de sítiose fazendas passam a ser consideradas como propriedade, e então a Câmara de Curitiba passa a receber solicitações de posse e propriedade de áreas rurais na região chamada de “bigorrilha”, “bigurrlho” ou ainda “passo do bigorrilho”, como uma referência ao lugar de passagem utilizado pelos moradores da região (BOLETIM CASA ROMÁRIO MARTINS, 2007, p.22-23).

Com a urbanização da cidade, o Bigorrilho foi se constituindo como um bairro de classe alta e que se verticalizou com construções de edifícios e intensa urbanização a partir da segunda metade do século XX. Referimo-nos ao Bigorrilho como sendo um bairro de classe alta, pois segundo documento do IPPUC (2015), 30% da população deste bairro tem renda familiar superior a cinco salários mínimos, sendo que esta mesma faixa de renda na média municipal é de apenas 10%. Segundo o mesmo documento do IPPUC (2015), esta região seria originária da propriedade de Albino Schimmelpfeng⁶⁴, contudo nenhum endereço do bairro faz menção a este senhor.

⁶³ Emanuelli é bisneta de Rosa e neta de Edmundo. E mesmo tendo publicado esta foto em uma página da rede social Facebook, Emanuelli nos autorizou a utilizar tal documento para a pesquisa.

⁶⁴ Sabe-se que Schimmelpfeng é o nome de uma fábrica de chocolates no Alto da Glória, mas a princípio não se pode comprovar a ligação familiar entre Albino e a fábrica, que funciona desde 1981. Podendo haver nesse caso, o risco de um apagamento da história de Albino.

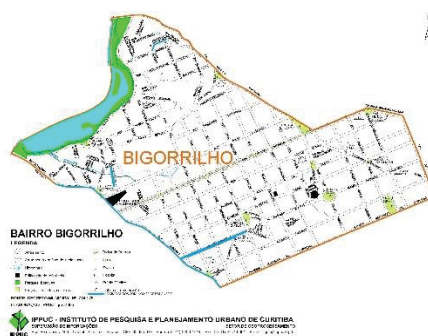
MAPA 56 – Bairro Bigorrrilho e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

A via que faz o limite do Bigorrrilho com o Mercês, e que aparece destacada em roxo no Mapa 56 é a *Avenida Candido Hartmann*, que começa na Praça da Ucrânia e segue até as margens do Parque Barigui, continuando até a Universidade Tuiuti, já no Santo Inácio e acaba quando se une à *Rua Antônio Escorsin*, no São Braz, bastante extensa e sinuosa como as antigas estradas de colônias. Na parteem que passa pelo Bigorrrilho, a *Av. Candido Hartmann* é bastante movimentada de comércio, com vasta circulação de veículos e passagem de duas linhas de ônibus: o Savoia e o Capão da Imbuia/Pq. Barigui. Candido Hartmann foi um descendentedo germânicos nascido em Curitiba no ano de 1870, viveu e abriu seu comércio na região do Bigorrrilho – um botequim – sendo uma figura bastante conhecida no bairro, pois também foi um dos fundadores da Sociedade Operária 21 de Abril (NICOLAS, 1974, p. 26). Faleceu em janeiro de 1951 e nesse mesmo ano, no mêsde abril, o vereador Laudemiro do Valle propôs a oficialização da avenida que leva seu nome.

MAPA 57 – Bairro Bigorrrilho e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

No lado oposto ao descrito anteriormente no limite entre o Bigorrilho e o Campina do Siqueira está a continuação da *Rua Jerônimo Durski* que tem seu início no Batel. E uma de suas esquinas é com a *Rua José Domakoski*, uma esquina com alto tráfego de veículos e ocupada por restaurantes. José Domakoski foi um imigrante polonês que chegou ao Brasil em 1890 - ainda criança - e posteriormente trabalhou em olaria na região do Campina do Siqueira e a rua que leva seu nome foi oficializada por iniciativa do vereador Edmundo Leining Saporski em dezembro de 1959.

5.2.6 O Bairro Seminário

A antiga do Mato Grosso foi o eixo que deu início à ocupação territorial na região do que hoje em dia é o bairro Seminário, a partir da década de 1870. Ao longo de sua extensão foram-se instalando chácaras, comércios e serviços que serviam como parada para os viajantes⁶⁵. Em 1901 padres da ordem Lazarista constroem um seminário sob a liderança do Bispo Dom José, que inclusive viria a prestar seu nome a um trecho da Estrada, que ao se urbanizar passa a ser a via da cidade com mais nomes diferentes⁶⁶. O Seminário dos padres Lazaristas torna-se a referência da região, sendo um dos poucos casos em que uma construção da região oficializa o nome do bairro e quando da delimitação oficial dos bairros de Curitiba, em 1975 (IPPUC, 2015), o traçado do Seminário pegou o que antigamente era o bairro Barigui e partes do Campina do Siqueira e do Santa Quitéria.

Este é um bairro que possui moradores com renda média bastante alta em relação à média municipal, pois segundo dados do IPPUC (2015), 24% dos domicílios do Seminário possuem moradores com renda entre cinco e dez salários mínimos, enquanto que a média municipal para esta faixa de renda é de 9,9%. E a forma de moradia no bairro é em sua maioria de casas, totalizando 64,9% dos 2.700 domicílios.

Em todo o nosso levantamento, encontramos somente um logradouro com nome de germânico e um com nome de polonês, e ambos estão destacados nos mapas abaixo:

⁶⁵ Por ser a antiga Estrada do Mato Grosso referenciada como o que atualmente é parte da *Rua Eduardo Sprada* e da *Av. Nossa Senhora Aparecida*, corrigimos uma informação anteriormente prestada em ROCHA (2016, p. 57) de que a referida Estrada seria o atual trecho urbano da atual BR- 277.

⁶⁶ Conforme explicamos anteriormente, no subcapítulo referente ao bairro Batel.

com casas somente de um dos lados, pois do outro lado há um muro e um terreno vazio. Um dado curioso é que no final da rua existe uma placa pendurada num poste com os dizeres “acesso de veículos exclusivo para moradores”, como uma tentativa comunitária de tornar este espaço privado.

5.2.7 O Bairro Campo Comprido

Assim como no caso do Bigorrilho, também o bairro Campo Comprido teve sua origem em uma sesmaria concedida a Baltazar Carrasco dos Reis no século XVII, pois a área de suas terras compreendia toda a margem do Rio Barigui, o que atualmente abrange a área destes dois bairros. E até o século XIX essas terras foram passando de geração em geração na família Ferreira da Luz e servindo para pouco mais do que a produção de erva mate e de tijolos (BOLETIM CASA ROMÁRIO MARTINS, 1982c, p. 6). Com o povoamento proporcionado pelas colônias polonesas ao seu redor, o Campo Comprido também teve seu crescimento populacional intensificado ao final do Século XIX. E para melhor gerir as regiões de colônias polonesas na região oeste de Curitiba é que foi criado em 1892 o Distrito de Nova Polônia⁶⁷ que as administrava e do qual Campo Comprido também fazia parte (BOLETIM CASA ROMÁRIO MARTINS, 1982c, p. 11). Houve também uma forte ocupação de imigrantes italianos na região, grupo este que inclusive empreende na construção da Igreja de Nossa Senhora de Lourdes do Campo Comprido (IPPUC, 2015). O bairro do Campo Comprido traz uma curiosidade quanto à sua divisão administrativa na cidade. A porção que fica ao norte da *Rua Eduardo Sprada* – em destaque no Mapa 61 – pertence à regional Santa Felicidade, e a porção localizada ao sul desta rua, pertence à regional CIC. Como um dos mais recentes limites para a expansão imobiliária na cidade, a região do Campo Comprido viu ao longo das últimas décadas uma brusca mudança de sua paisagem com a construção de muitos prédios de apartamentos, que já representam 51% dos imóveis no bairro (IPPUC, 2015).

E por ter sido parte do antigo distrito Nova Polônia e ter sido área de influência da imigração polonesa, no Campo Comprido existe vantagem entre o número de logradouros que levam nomes de poloneses em relação aos que tem nomes de germânicos. Estes últimos são dez no bairro e aparecem em destaque no Mapa 60 enquanto que os primeiros são 16 e estão dispostos no Mapa 61.

⁶⁷ Este distrito deixa de existir em 1938 como uma das imposições presentes no Decreto de Nacionalização, da ditadura do Estado Novo.

MAPA 61 – Bairro Campo Comprido e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

Como foi mencionado anteriormente, os 16 logradouros que tem nomes de poloneses no Campo Comprido aparecem destacados no Mapa 5.26, e o principal destaque é a Rua Eduardo Sprada. Com seu traçado sinuoso ainda dos tempos em que fora parte da antiga Estrada do Mato Grosso, a *Rua Eduardo Sprada* será a primeira parte de uma rua que atravessa a cidade de oeste a leste e tem outros novenomes diferentes. A *Rua Eduardo Sprada* foi denominada por Antônio Domakoski em janeiro de 1958 e é uma das vias mais importantes do Campo Comprido, contando com uma vasta rede de serviços e comércios, abrigando a já mencionada Paróquia de N. Sra. de Lourdes e a Escola Estadual Ivo Zanolorenzi, além de possuir intenso tráfego de veículos e a circulação de quatro linhas de ônibus.

Outras duas ruas começam no Orleans e vão até o Campo Comprido e aparecem também destacadas no Mapa 5.26, são elas: *Rua Augustina Drulla* e *Rua Antônio Kaminski*, ambas paralelas uma à outra no extremo noroeste do mapa do bairro. A denominação da Rua Augustina Drulla foi feita na Comissão de Educação e Cultura da CMC, em dezembro de 1980. E a denominação da *Rua Antônio Kaminski*⁶⁹ foi através de um projeto de Menotti Caprillhone em outubro de 1971.

⁶⁹ Esta rua aparece neste mapa como se continuasse do Orleans até o C. Comprido, mas as imagens obtidas no Google Maps dão conta de que ela é interrompida em um terreno baldio antes de adentrar ao bairro.

5.2.8 O Bairro Fazendinha

O bairro Fazendinha teve sua origem na concessão de sesmarias, sua área foi doada a Mateus Martins Leme no século XVII (BOLETIM CASA ROMÁRIO MARTINS, 1996b, p. 3). A explicação de seu nome se dá pelo costume popular de indicar uma antiga passagem que servia como atalho para se deslocar a São José dos Pinhais aos Campos Gerais e que ficou conhecido como Atalho da Fazendinha (IPPUC, 2015) e que atualmente são as *Ruas João Dembinski* e *Carlos Klemtz*, segundo o mesmo Boletim (1996b, p. 3). E essa indicação aparece em documentos do século XIX para denominar a localidade, até que em 1887 Francisco e Bertha Klemtz compram porções de terra na região da Fazendinha; e com recursos que angariou na Alemanha após a negociação de imóveis frutos de herança, o casal monta a Olaria Esperança nos anos 1890, que ficou nacionalmente conhecida (BOLETIM CASA ROMÁRIO MARTINS, 1996b, p. 8). O exemplo dos Klemtz mostra que o Fazendinha não serviu como colônia de imigrantes, mas teve alguma presença de estrangeiros que compraram terras nessas regiões para empreender.

As estatísticas do bairro indicam que há uma população preta e parda um pouco acima da média municipal, sendo de 23% no Fazendinha e de 19% em Curitiba (IPPUC, 2015) e que a principal atividade econômica do bairro é o comércio, pois representa 51% dos estabelecimentos, pouco mais de 1.100 empreendimentos. O bairro ainda conta com duas importantes áreas verdes, o Bosque da Fazendinha onde se localiza também a Casa Klemtz e o Parque Guairacá, próximo das margens do Rio Barigui.

MAPA 62 - Bairro Fazendinha e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

A maior rua destacada no Mapa 62 está na porção mais ao norte do bairro, é a *Rua Carlos Klemtz*, ela começa na divisa com o bairro Portão, atravessa o Fazendinha e segue até o limite com o Campo Comprido e a Cidade Industrial, quando muda de nome e passa a se chamar *Rua Raul Pompeia*. A *Rua Carlos Klemtz* representa uma verdadeira referência urbana no cotidiano

do Fazendinha, pois ali há um importante centro comercial com lojas de todos os ramos, a Rua da Cidadania da Fazendinha⁷⁰ que oferece serviços públicos para a população local e o Bosque Fazendinha são alguns dos exemplos. Esta via foi oficializada em dezembro de 1963 por meio de um projeto do vereador Ivo Moro.

MAPA 63 – Bairro Fazendinha e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

Os endereços com nomes de poloneses no Fazendinha são ruas de menor extensão do que o exemplo da *R. Carlos Klemtz*, acima. Em termos quantitativos a diferença entre os dois grupos é pequena, pois são nove endereços com nomes de germânicos e sete com nomes de poloneses. No Mapa 63 destacamos a Rua Leonardo Javorski, ao sul no mapa na Vila Santa Amélia, próxima ao limite com a CIC. Esta é uma rua residencial, com condomínios de casas e dois estabelecimentos religiosos, como comunidades de oração ou de ajuda mútua. Esta rua foi oficializada por João Derosso em setembro de 1974.

5.2.9 O Bairro Portão

As redondezas de onde atualmente está localizado o bairro Portão eram uma encruzilhada de antigas estradas vindas do interior do Paraná em direção ao litoral paranaense e catarinense, um atalho que vinha do Campo Comprido e atravessava a Fazendinha, encontrando um trecho do caminho dos Campos Gerais, logo a diante podia-se tomar a estrada para São José dos Pinhais e a partir deste seguir em direção a Paranaguá ou a São Francisco do Sul e Joinville (BOLETIM CASA ROMÁRIO MARTINS, 1980b, p.5). A origem desse nome

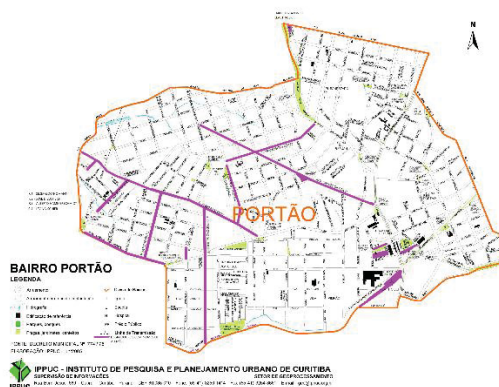
⁷⁰ Ruas da Cidadania são espaços públicos localizados em quase todas as regionais administrativas da cidade (Matriz, Boa Vista, Cajuru, Boqueirão, Pinheirinho, Tatuquara, Bairro Novo, CIC, Fazendinha, Santa Felicidade e Portão) onde se disponibilizam serviços públicos de várias secretarias do município, como por exemplo, a área tributária, trabalhista, confecção de documentos, espaços de cultura e lazer também.

não tem um marco histórico definido, porém pode ter relação com as tropas de mulas que por lá passavam e com as queixas de moradores locais que percebiam invasões destes animais às suas propriedades e que, por isso houve requerimentos à Câmara para cercar e colocar portões nas propriedades, segundo o Boletim (1980b, p. 8). E de acordo com o IPPUC (2015), nesta região existia um entreposto de cobranças de tributos do governo sobre a produção dos colonos que vinham ser vendedores de sua produção na área urbana da cidade, e seria deste entreposto a origem do nome Portão. Estando, portanto, dispostas duas fontes sobre a possível razão para o nome Portão.

Assim como o vizinho Capão Raso, o bairro Portão também contou com a presença de imigrantes europeus de diversos grupos que deslocados da vida em colônias, se instalaram na região para atuar nas áreas de olaria e na construção de barricas para acondicionar a erva mate, principal produto de exportação curitibano entre o final do século XIX e início do século XX. Outra semelhança com o vizinho bairro ao sul e também com o Novo Mundo é a vocação comercial que faz da região um polo de estabelecimentos varejistas como grandes supermercados e shopping centers. Uma das características do desenvolvimento do Portão é a sua verticalização quanto às moradias, algo bastante comum no bairro são os condomínios de prédios. Os apartamentos correspondem a 56% das moradias dos habitantes do Portão, enquanto que a média municipal para este tipo de habitação é de 26% segundo IPPUC (2015).

O Portão aparece no Quadro 1, apresentado anteriormente, como sendo um dos bairros com mais logradouros com nomes de germânicos dentre aqueles que tiveram presença teuta. É importante destacarmos pois, que este bairro não foi uma colônia de imigrantes, mas que na região havia terras da família de imigrantes germânicos Klemetz, que inclusive serviram de denominação para diversos logradouros no bairro. E a diferença quantitativa entre logradouros com nomes de germânicos em comparação aos com nomes de poloneses no Portão é bastante relevante, pois o primeiro grupo conta com 17 logradouros, enquanto que o segundo tem apenas seis, e essas diferenças são visíveis nos mapas a seguir:

MAPA 64 – Bairro Portão e logradouro com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

A *Rua Carlos Dietzsch* é a mais antiga via com nome de germânicos no Portão e também uma das mais antigas de todo o levantamento desta pesquisa. Oficializada em julho de 1948 pelo vereador Joaquim de Almeida Peixoto, a rua encontra-se localizada na porção central do bairro, com sentido noroeste-sudeste e tem seu início na esquina com a *Av. República Argentina*, onde inclusive há uma estação tubo com o nome Carlos Dietzsch, fazendo referência à rua. Como uma das principais características do Portão é a força de seu comércio, a R. Carlos Dietzsch não foge à regra, são inúmeros estabelecimentos comerciais, principalmente de alimentos, como padarias, açougues e restaurantes. Por essa rua também circula a linha de ônibus Fazendinha/Portão. Outra importante via demarcada em roxo no Mapa 64 é a *Rua Alberto Klemtz*, que parte da porção oeste do bairro segue até a sua parte central, como em paralelo à *Rua Carlos Dietzsch* e que foi oficialmente denominada pelo vereador Antônio Domakoski em março de 1959. Esta é uma rua com muitos estabelecimentos de comércios e serviços, como quadras de grama sintética para a prática de futebol, oficina mecânica e lava rápido, por ela passam as linhas de ônibus Vila Izabel, Vila Rosinha e São Jorge. Alberto Klemtz foi um descendente de germânicos, membro da família pioneira no Fazendinha e que assim como seus antepassados também trabalhou no ramo de olaria. Nasceu no vizinho bairro da Fazendinha em 1887 e faleceu em 1958 (NICOLAS, 1969, p. 164), um ano antes da oficialização da rua que leva seu nome.

Além das ruas exemplificadas acima, nosso levantamento também nos mostrou que grande parte dos logradouros com nomes de germânicos no Portão são das décadas de 1950 e 1960, indicando que na região a urbanização foi mais antiga do que se comparada a outros bairros como, por exemplo, o vizinho Fazendinha que possui ruas com nomes de germânicos que foram oficializadas nos anos 1990 e 2000.

MAPA 65 – Bairro Portão e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, 2020.

Dentre os seis logradouros com nomes de poloneses no Portão, destacamos a *Rua João Faucz*, localizada na porção central do bairro, e que no Mapa 65 está sob as letras P, O e R. Esta via foi oficializada em junho de 1958 pelo vereador Antônio Domakoski, em um projeto de lei que denomina vários logradouros com nomes de poloneses em diversos bairros da cidade. A via tem características residenciais e ao final dela existe um grande templo da Congregação Cristã no Brasil. João Faucz foi um descendente de poloneses que viveu em Curitiba entre os anos de 1882 e 1959. Faucz foi um ativista da vida social polonesa e da Igreja Católica, dedicando-se a trabalhos na igreja de Santo Estandislaw, localizada no centro da cidade. Ele também foi colaborador da *Gazeta Polska w Brazylii* e chegou a participar da política local, candidatando-se a vereador em 1916 (WACHOWICZ, MALCZEWSKI, 2000. p. 94-95). Como podemos observar, a rua que leva o nome de Faucz foi oficializada um ano antes de sua morte, sendo então, um caso de homenagem prestada em vida, caracterizando uma exceção neste estudo.

Este segundo bloco de bairros mostrou para qual direção o território da cidade se expandiu entre o final do Século XVIII e início do Século XIX, sendo alguns quilômetros ao norte do centro, em direção aos antigos caminhos que faziam ligação com a Estrada da Graciosa - como a *Av. João Gualberto* atualmente, por exemplo – o que facilitava o escoamento da produção de erva mate do planalto para os Portos de Paranaguá e Antônia. E também alguns quilômetros ao sul nas proximidades da Estrada do Mato Grosso e as vias secundárias que chegavam até esta e seguiam rumo ao interior do país para o transporte de tropas.

5.3 BAIRROS QUE SÃO ANTIGAS COLÔNIAS DE IMIGRANTES

E na sequência, apresentamos os bairros que surgiram a partir da política decolonização de terras devolutas para abrigar imigrantes europeus a partir da segunda metade do Século XIX. Política esta que foi incentivada por Laménha Lins, quando este era o governador da Província do Paraná e que por isso ficou conhecida como Política Linista. Começamos, portanto, descrevendo as colônias destinadas aos imigrantes poloneses, por terem sido as mais antigas, para então passarmos para as colônias de imigrantes italianos, que são alguns anos mais novas que as primeiras.

5.3.1 O Bairro Abranches

A antiga colônia polonesa do Abranches foi inaugurada em 1873 por iniciativa do município de Curitiba (ROCHA, 2016), distante a 6km do centro do município, o seu início contou com 82 lotes. O Abranches é um bairro predominantemente ocupado por casas, sendo 96% das habitações conforme o IPPUC (2015), o que condiz com a antiga característica de colônia que foi no passado, atualmente o bairro conta com pouco mais de 13 mil habitantes (IPPUC, 2015) e tem na região da Rua Mateus Leme seu maior ponto de confluência da população, seja pelos comércios ali instalados, pela Igreja de Sant'Ana do Abranches construída nas proximidades, pela Sociedade Abranches que até os dias de hoje movimenta a vida social do bairro.

Na comparação entre os Mapas 66 e 67, abaixo, é possível ver a diferença quantitativa entre os dois grupos de imigrantes aqui estudados, pois 16 logradouros tem nomes de poloneses e apenas seis tem nomes de germânicos. O Mapa 66 apresenta em destaque as ruas com nomes deste grupo imigrante na cor roxa.

presidente da Província – Zacarias de Góes e Vasconcellos – anunciou no Jornal Dezenove de Dezembro da data de 25 denovembro de 1854 que o Pilarzinho seria um dos 27 quarteirões de Curitiba (BOLETIM CASA ROMÁRIO MARTINS, 1980a, p. 5) . Mas a ocupação do local se intensifica quando em agosto de 1870 é apresentado à Câmara Municipal um projeto para a fundação da Colônia Municipal do Pilarzinho, quando a prefeitura loteia terras no quarteirão Pilarzinho a fim de construir uma colônia de imigrantes europeus, principalmente germânicos e poloneses juntos, e que continha entre outras determinações, a previsão da divisão dos lotes para cada família e a manutenção de estradas vicinais internas para deslocamento dos colonos (BOLETIM CASA ROMÁRIO MARTINS, 1890a, p.8)

Atualmente o Pilarzinho é um importante bairro da região norte da cidade, que por seu relevo mais alto que o conjunto da cidade, abriga sedes de canais de TV e rádio com suas antenas distribuidoras de sinal. Sua composição é na maioria de casas, segundo IPPUC (2015), sendo 91,77% das residências do bairro e a renda média da população do bairro é em sua maioria de um a dois salários mínimos (30,59%).

MAPA 68 – Bairro Pilarzinho e logradouros com nomes de germânicos destacados em roxo.

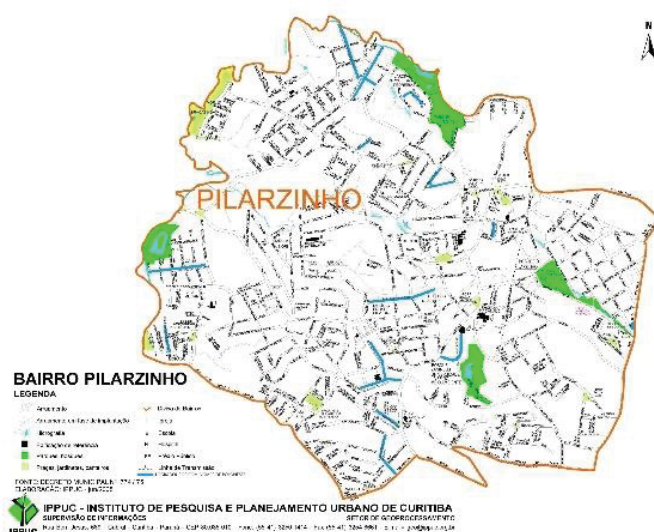


Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

No Mapa acima, verificamos que os logradouros com nomes de germânicos no Pilarzinho ocorrem em maior quantidade do que os nomes de origem polonesa, sendo 21 no primeiro caso e 15 vezes no segundo. Além da importante *Avenida Fredolim Wolf*, de grande extensão e traçado sinuoso, ela é responsável pela ligação do Pilarzinho com o bairro de Santa Felicidade e que foi inaugurada em dezembro de 1967 pelo vereador João Stival; o bairro também abriga a *Rua Gustav Hermann Strobel*, via que homenageia o filho do imigrante

Cristiano Strobel, já descrito no subcapítulo referente ao Boqueirão e que foi oficializada em março de 1988 por iniciativa do vereador Gilberto Felipe Daher na Comissão de Educação e Cultura da Câmara. Esta via está localizada na porção oeste do Pilarzinho, próxima ao Parque Tingui, e no Mapa 68, acima, está indicada como R.1, a via tem duas quadras de extensão e somente composta por residências, não havendo, portanto, estabelecimentos comerciais nem pontos de parada de transporte coletivo nela.

MAPA 69 – Bairro Pilarzinho e logradouros com nomes de polonesesdestacados em azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

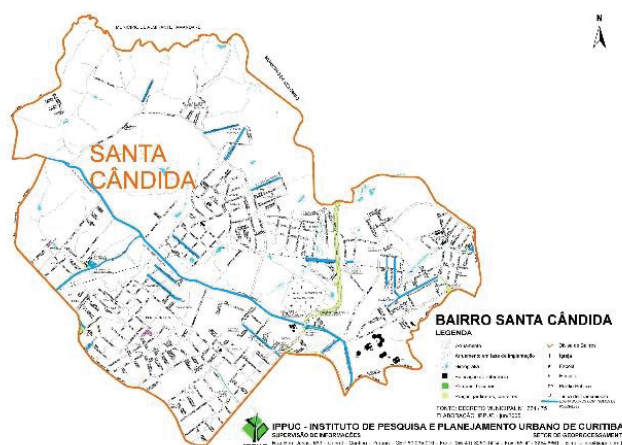
No Mapa 69, acima destacamos a R. Padre Ludovico Bronny, ao sul do bairro, já no limite com a Vista Alegre. Esta via, que foi oficializada em novembro de 1971 por iniciativa do vereador Menotti Caprilhone, homenageia o imigrante polonês nascido na região da Silésia e que veio ao Brasil para cumprir missão sacerdotal, foi um dos superiores na Congregação da Missão e também um dos fundadores da Sociedade Abranches. A rua conta com uma bifurcação ao longo de sua extensão, possui muitos terrenos baldios, uma escola infantil internacional e uma pracinha pública para recreação infantil.

5.3.3 O Bairro Santa Cândida

Mais uma remanescente de colônia de imigrantes poloneses, o bairro do Santa Cândida começou a ser construída através da compra das terras às margens da Estrada da Graciosa e distante 8 km do centro da cidade, pelo governo do estado do Paraná em 1875, por um

dentro do bairro – e termina na esquina com a R. Padre Paulo Canelles, pela Estrada existem muitos estabelecimentos de comércio e serviços e também por ela passam duas linhas de ônibus: o Jardim Aliança e o São Benedito, ambos tem seu ponto inicial no Terminal do Santa Cândida.

MAPA 71 – Bairro Santa Cândida e logradouros com nomes de poloneses destacados em azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

A principal diferença que nosso levantamento permitiu encontrar entre os logradouros com nomes de poloneses e germânicos no Santa Cândida não foi apenas numérica, mas também diz respeito à biografia dos homenageados. Através do uso da fonte de Wachowicz e Malczewski (2000), pudemos localizar diversas biografias de poloneses e descendentes que tiveram ligação com o bairro ou não, necessariamente, mas que se tornaram endereços lá. Como os exemplo de Pe. José Zajac, imigrante polonês das proximidades de Lwow, que viveu entre 1914 e 1985, o sacerdote foi redator do jornal Lud e diretor do grupo folclórico polonês Santa Cecília e que se tornou nome de rua em junho de 1999 e o já citado Pe. João Wislinski, que em maio de 1970 se tornou o nome da rua onde se localiza a paróquia que ajudou a construir.

Contudo, aqui faremos o destaque para duas vias em especial, a mais antigadelas: a *Rua Guilherme Wisniewski*, destacada em azul mais a leste no Mapa 5.36, que foi inaugurada em junho de 1958 pelo vereador Antônio Domakoski e que possuía características residenciais, com três quadras de extensão, a rua tem dois estabelecimentos comerciais e um religioso.

E a via mais extensa que podemos ver no mapa acima é a *Rua Theodoro Makiolka* que corta o bairro desde sua porção sul até o limite com o bairro Barreirinha e segue por ele, também com traçado sinuoso. Essa rua foi inaugurada em dezembro de 1968 por meio de um decreto do então prefeito de Curitiba Omar Sabbag. E Makiolka foi um imigrante polonês que

trabalhou pela construção e o desenvolvimento da colônia em que vivia – o Santa Cândida – além de atuar no carregamento e transporte de erva mate pela estrada da Graciosa.

5.3.4 O Bairro Barreirinha

O bairro da Barreirinha também é uma antiga colônia de imigrantes, que recebeu várias populações e principalmente poloneses. Vizinho às ex-colônias Abranches e Santa Cândida, o Barreirinha recebeu bastante influência destes bairros quanto à ocupação por imigrantes e seus descendentes em seu processo de desenvolvimento. Neste bairro ocorrem nove logradouros cujos nomes são de germânicos e outros nove com nomes de poloneses. A maior parte delas são ruas residenciais e de curta extensão, como pode-se ver nos Mapas 72 e 73.

MAPA 72 – Bairro Barreirinha e logradouros com nomes de germânico em destaque na cor roxa.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

Uma das ruas mais extensas que estão em destaque no Mapa 5.37 é a *Rua Reinaldo Hecke*, via que marca o limite da Barreirinha com o São Lourenço esta é uma das ruas em que no projeto de lei⁷¹ que oficializa sua denominação não consta um autor específico, nem a atuação da Comissão de Trabalho responsável por esse tema dentro da Câmara, portanto, a única informação que obtivemos é a de que a rua se tornou oficial em dezembro de 1968.

⁷¹ Para mais informações sobre este projeto de lei, é possível efetuar uma busca na página da CMC, procurando pelo projeto de número 3402/68.

MAPA 73 – Bairro Barreirinha e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

Um dos destaques do Mapa 5.38 vai para a continuação da *Rua Theodoro Makiolka*, que começa no Santa Cândida e vai até a esquina com a *Av. Anita Garibaldi*, uma via sinuosa, lembrando as antigas estradas de colônias, que foi oficializada em dezembro de 1968, por meio de um decreto do então Prefeito Omar Sabbag. Makiolka foi um imigrante polonês que ajudou na construção da Colônia Santa Cândida e trabalhava com transporte de erva mate pela Estrada da Graciosa. Na Barreirinha, esta rua margeia o Parque da Barreirinha.

Outro destaque é a pequena *Rua José Bianeck Filho*, a noroeste no Mapa 73. Esta via com apenas uma quadra de extensão foi denominada pelo vereador Jairo Marcelino em março de 1990 através de um pedido feito por um sobrinho de José⁷², em uma tentativa de marcar o nome de seu antepassado na posteridade da cidade, sem, no entanto, ser específico quanto aos feitos e à biografia do homenageado.

5.3.5 O Bairro Taboão

A região do prolongamento da *Rua Mateus Leme* era conhecida como São Casemiro do Taboão (IPPUC, 2015) e toda o que se costumava chamar de Taboão abrangia os atuais bairros Bom Retiro, Ahú, Centro Cívico, Pilarzinho e São Lourenço, mas não se caracterizava como

⁷² O sobrinho do homenageado é o pai de um colega das Ciências Sociais da UFPR – WilliamBianeck – que gentilmente nos informou sobre este feito.

um distrito, como o caso do Campo Comprido, por exemplo. Na divisão atual dos bairros, em 1975, a área correspondente ao Taboão se desenha logo ao lado do bairro Abranches e no limite do município de Curitiba com Almirante Tamandaré. Outro ponto histórico importante é o Cartório do Taboão, o segundo cartório mais antigo da cidade, instalado em 03 de maio de 1891⁷³, localizado na *R. Mateus Leme*, em região que atualmente compreende o bairro Bom Retiro.

A proximidade com a antiga colônia Abranches faz com que existam mais logradouros com nomes de poloneses do que com nomes de germânicos, contudo, os números são pequenos em relação a outros bairros: cinco ao todo, sendo um com nome de germânico e os outros quatro com nomes de poloneses.

MAPA 74 – Bairro Taboão e logradouro com nome de germânico em destaque na cor roxa.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

A *Rua Jefferson Becker* é o único endereço com nome de germânico no Taboão, esta é uma rua de saibro que começa a partir de uma bifurcação da *R. Prof. João Átila Rocha* – esta que é uma continuação da *R. Mateus Leme* antes de se tornar *Rodovia dos Minérios*. A *R. Jefferson Becker* foi oficializada pelo vereador Horácio Rodrigues na Comissão de Educação e Cultura da CMC em um bloco com outros logradouros a serem oficializados, em novembro de 1987.

⁷³ Segundo informações disponíveis em: <https://cartorionobrasil.com.br/cartorio-no-parana/cartorio-em-curitiba-parana-civil-e-notas-de-sao-casemiro-do-taboao/>. Acesso em: 20/01/2021.

MAPA 75 – Bairro Taboão e logradouros com nomes de poloneses em destaquena cor azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

Todas as quatro ruas com nomes de poloneses no Taboão homenageiam mulheres, sendo três delas pertencentes à família Mickosz. E aqui destacamos a *Rua Verônica Mickosz Bodzinski*, localizada logo acima do Parque Tanguá, na parte sul do bairro. Esta via foi denominada pela Comissão de Educação e Cultura da Câmara em um bloco com outros logradouros a serem denominados, em novembro de 1996. Verônica Mickosz Bodzinhski foi uma descendente de poloneses nascida em Curitiba no ano de 1914 e moradora da Colônia Abranches, casou-se com Estanislau Kucek – que inclusive tem seu nome em uma rua da Cidade Industrial de Curitiba – no ano de 1936 na igreja de Sant’Ana do Abranches. Verônica e Estanislau mudam-se para o Novo Mundo e lá permanecem por um período prestando auxílio na Paroquia da Sagrada Família neste bairro, até retornarem ao Abranches nos anos 1970, onde Verônica vive até o fim de sua vida. A rua que leva seu nome liga a *R. Eugênio Flor* até os fundos do Parque Tanguá, tem um trecho de saibro e um ponto de ônibus da linha Parque Tanguá.

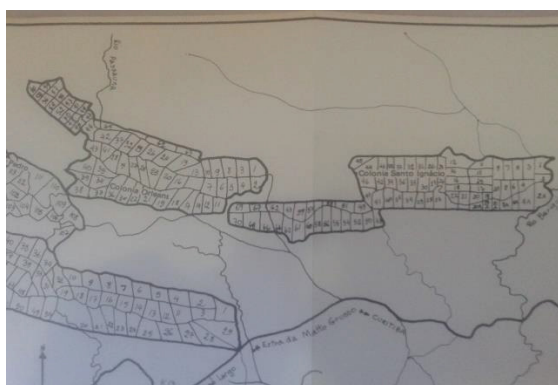
5.3.6 O Bairro Orleans

A antiga colônia rural localizada a 10 km da região central de Curitiba, inaugurada em 1875 por iniciativa do governo de Lamenha Lins e reservada para receber imigrantes poloneses prussianos e que foi chamada de Orleans para homenagear o marido da Princesa Isabel – Luís Filipe de Orleans, o Conde D’Eu – fez parte também do Distrito Nova Polônia entre os anos de

1892 e 1938, tendo durado portando 46 anos e servido para melhor organizar a administração pública da região oeste do município (ROCHA, 2016, p.57).

Ao longo do desenvolvimento urbano da capital paranaense, o Orleans foi incorporado à malha urbana de Curitiba, mantendo o nome dos tempos de colônia e também boa parte do traçado original onde haviam divididos 66 lotes para receber as famílias dos imigrantes, como se pode verificar na figura abaixo:

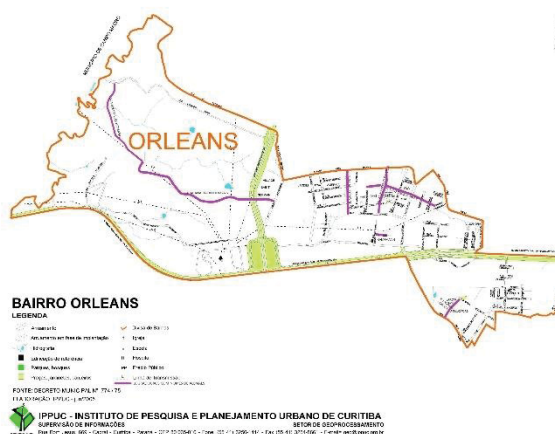
FIGURA 2 – Mapa das antigas colônias polonesas de Orleans e Santo Inácio



Fonte: Reproduzido de: Wachowicz (1976, Ilustrações Anexas).

Atualmente o Orleans é um bairro que conta com um comércio local que impulsiona a economia do bairro, tendo grande parte dos estabelecimentos instalados ao longo da *Rua Prof. João Falarz*, que também é onde circulam as linhas de ônibus que alimentam o bairro. Uma característica que aparentemente se mantém dos tempos de colônia, é a de que a maioria dos imóveis no bairro são casas, ou seja, 74% das 2740 unidades domiciliares, segundo IPPUC (2015).

MAPA 76 – Bairro Orleans e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.

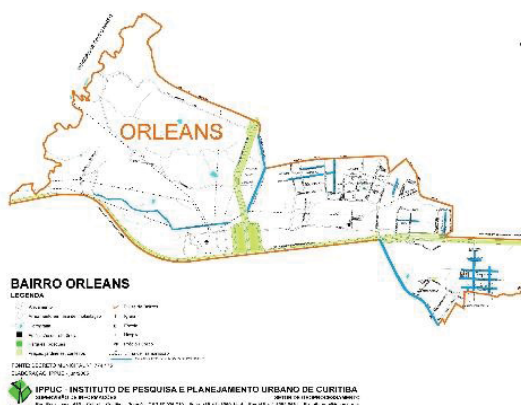


Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

Aqui podemos perceber uma diferença fundamental entre os dois grupos de imigrantes estudados: pois no Mapa 76 apresentamos os seis logradouros com nomes de germânicos no bairro, enquanto que no Mapa 77 aparecem destacados 18 endereços com nomes de poloneses, ou seja, o triplo do primeiro caso. E isso reforça a ideia de que a fixação e permanência do grupo imigrante polonês nesta região que passa de colônia para bairro ao longo do século XX pode ser identificada através dos endereços do bairro, e isto pode ser um dos elementos que qualifique o Orleans como um reduto polonês em Curitiba.

O endereço que destacamos referente ao Mapa 76 é a *Rua Carlos Wellner*, que começa na esquina com a *Av. Três Marias*, já no limite com o São Brás vai até a esquina com a *Rua Bernardino Iatauro*. Uma rua que mescla estabelecimentos comerciais e residências e por onde circula a linha de ônibus Fernão Dias. A rua foi denominada pelo vereador João Derosso em setembro de 1973, sendo a mais antiga dentre as ruas com nome de germânicos no Orleans que obtivemos informação⁷⁴.

MAPA 77 – Bairro Orleans e logradouros com nomes de poloneses destacados em azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, 2020.

O Orleans é um dos bairros com maior quantidade de logradouros com nomes de poloneses em toda a cidade. Apresentamos aqui, no Mapa 77, o quanto isto aparece destacado e mais intensificado ainda na porção leste do bairro.

Muitos dados sobre as biografias dos homenageados com logradouros aqui obtidas citam a colônia Orleans em alguma passagem, seja vivendo ou trabalhando na Colônia, como são os casos de Jerônimo Durski, João Dembisnki, Ladislau Lachowski e Adviga Lipinski, por

⁷⁴ A data da oficialização da *Rua Anastácio Homann* não consta nos documentos legislativos da página da CMC na internet, e como ela tem uma extensão bastante longa, lembrando as estradas de colônias, até pode ser mais antiga que a *R. Carlos Wellner*, contudo, ainda não obtivemos esta informação.

exemplo. Curiosamente, estes todos são endereços que não ficam no Orleans, o que pode mostrar que estas são personalidades que extrapolaram os limites da colônia e da importância comunitária que justificasse as homenagens. Dentre as ruas presentes no mapa acima, porém, destacamos a *Rua Prof. João Falarz*, já citada anteriormente, que começa sobre o Viaduto do Orleans passando sobre a BR-277 e que marca o limite entre o bairro e o Jd. Gabinete, na CIC. A rua por onde circulam as linhas de ônibus Interbairros IV, Gabinete e Fernão Dias, conta com muitos estabelecimentos de comércio e serviços como lojas de veículos, salão de beleza e lanchonetes. Sua oficialização se deu em dezembro de 1956, por um projeto do vereador Antônio Domakoski.

Falarz foi um imigrante nascido em Jasło, Polônia em maio de 1868 e que veio ao Brasil aos 15 anos de idade, em 1883. Logo que chegou, viveu na Colônia Muricy e na juventude mudou-se para a Colônia Orleans, onde se formou professor e lecionou para as crianças da escola colonial até 1918 e teve como sucessor seu próprio filho, Segismundo Falarz. Atuou também como um educador social junto aos colonos, auxiliando-os na busca por seus direitos e propriedade das terras. Faleceu aos 75 anos, em 1947 (FOLHA DO BATEL, 2013, p.2).

Outro endereço no Orleans que merece destaque aqui é a *Rua Francisco Dranka*, uma pequena rua na porção leste do bairro. Esta rua homenageia um descendente de poloneses nascido em Araucária, no ano de 1934, ele formou-se em Filosofia pela PUC-PR e ajudou na reconstrução do clube União Juventus, uma associação esportiva de Curitiba que contava com participação predominante dos polono-brasileiros, ele também teve atuação política, tendo sido membro da UDN e se candidatando ao cargo de deputado estadual em 1962, atuou também como radialista e escritor (WACHOWICZ, MALCZEWSKI, 2000, p. 80-81). A rua que leva seu nome foi denominada em maio de 1970 pelo vereador Oatir Brambilla e o que torna esse fato ainda mais curioso é que Dranka estava vivo quando foi homenageado, pois veio a falecer somente em fevereiro de 1982. Esse tipo de prática não é comum em Estados Democráticos e se caracteriza como uma exceção nesta pesquisa, ainda mais se observarmos a época em que a rua foi oficializada: em 1970, período de alta repressão política, ausência de direitos democráticos e autoritarismo por parte do poder estabelecido.

5.3.7 O Bairro Santo Inácio

A antiga colônia Santo Inácio foi construída em 1876 pela iniciativa do governo do estado do Paraná, como uma das políticas de ocupação rural dos terrenos devolutos de Curitiba, capitaneada por Laménha Lins (ROCHA, 2016, p.60). Ocupada por famílias de imigrantes

poloneses, principalmente vindos da região da Silésia, a Colônia Santo Inácio localizava-se às margens do Rio Barigui e nas proximidades da antiga Estrada do Mato Grosso, e também era uma das que compunham o antigo Distrito de Nova Polônia. Atualmente, o Santo Inácio está totalmente integrado à malha urbana da cidade, porém manteve o nome e as delimitações da antiga colônia. A maioria das residências localizadas no bairro são casas – sendo 94% dos pouco mais de 2.200 domicílios – além disso, 85% dos seus 6.494 habitantes se declaram como brancos (IPPUC, 2015) e essas duas características podem ser uma marca da presença polonesa na região que permanece até os dias atuais.

MAPA 78 – Bairro Santo Inácio e logradouros com nomes de germânicos destacados em roxo.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

Dentre oito as vias com nomes de germânicos no Santo Inácio, é importante destacarmos que três delas são de membros da mesma família: Batista, Manoel e Otávio Ganz. Todas foram oficializadas na década de 1970 e cada uma por um membro político diferente, ou seja, a *Rua Batista Ganz* foi denominada através de decreto municipal em setembro de 1972, a *Rua Manoel Ganz* teve como autor do projeto de lei o vereador José Gorski e sua oficialização ocorreu em junho de 1979 e a *Rua Otávio Ganz* teve seu nome sugerido pelo vereador Ivanir Ivay Stival e se tornou um nome oficial de rua em maio de 1973. Esta última é uma das vias mais próximas ao Parque Barigui, localizado mais a leste do bairro no Mapa 5.43 e moradores⁷⁵ da região contam que nos dias em que o parque fica muito cheio, a rua serve como estacionamento improvisado para os visitantes. Em geral, a via tem característica residencial, contando com alguns galpões de empresas nas proximidades da BR-277 e uma quadra privada de squash.

⁷⁵ Um amigo pessoal da autora é morador desta rua e gentilmente nos contou como é a dinâmica lá.

MAPA 79 – Bairro Santo Inácio e logradouros com nomes de poloneses destacados em azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

A diferença mais notável entre os Mapas 78 e 79 acima refere-se à quantidade de vias destacadas no primeiro em relação ao segundo. São, como citamos anteriormente, oito ruas com nomes de germânicos no Santo Inácio e 18 com nomes de poloneses, o que ressalta ainda mais a presença polonesa na região e assim como ocorre no bairro Orleans, descrito anteriormente, também podemos falar em reduto polonês no Santo Inácio, principalmente no que diz respeito à característica aqui trabalhada.

Das 18 ruas com nomes de poloneses neste bairro, quatro foram denominadas pelo vereador José Gorski nos anos 1970, mostrando que esta também era uma ferramenta de afirmação da presença polonesa, oportunizada pelo desenvolvimento urbano da localidade. A rua que atravessa o bairro de sul até norte, começando às margens da BR-277 e indo até o limite com o bairro Cascatinha, na rotatória com a *Av. Candido Hartmann* é a *Rua Padre Ladislau Kula*, via que foi oficializada em dezembro de 1973 por iniciativa do vereador João Batista Gnoato e que abriga uma das maiores universidades particulares da cidade – a Universidade Tuiuti do Paraná – onde também circulam as linhas de ônibus Bigorrrilho e Santa Felicidade/Campina do Siqueira, sendo portanto, uma importante via do bairro.

5.3.8 O Bairro Augusta

O bairro Augusta é um remanescente de antigas colônias de imigrantes poloneses na cidade de Curitiba. Fundada em 1876, no governo provincial de Lamenha Lins, fazia parte do antigo Distrito de Nova Polônia. Com população atualmente estimada em pouco mais de 6,5 mil habitantes (IPPUC, 2015), o bairro Augusta abriga o Parque Passaúna como principal

1989 – mesmo ano de falecimento do escritor - pelo Vereador Silvio Miranda na Comissão de Educação e Cultura da Câmara.

5.3.9 O Bairro Riviera

Mais uma das antigas colônias polonesas da região oeste da cidade e nas proximidades da antiga estrada do Mato Grosso, o bairro Riviera também foi construído na década de 1870 e recebeu o nome em homenagem ao engenheiro Henrique Riviére. Nos dias atuais, o bairro ainda guarda algumas características rurais, contando com estabelecimentos de lazer como pesque-pague e chácaras nas proximidades do Rio Passaúna, além disso, a totalidade de suas 91 residências são casas (IPPUC, 2015), marcando ainda mais as características de antiga colônia de imigrantes do bairro.

Por estar a oeste da Cidade Industrial e também do Contorno Norte de Curitiba⁷⁶, o Riviera acaba ficando isolado do restante da cidade e com difícil acesso, visto que somente uma linha de ônibus alimenta todo o bairro saindo a partir do terminal do Campo Comprido, a linha Riviera. Além disso, outro fator que mostra o isolamento do Riviera é a ausência de equipamentos públicos como escolas municipais, unidades de saúde ou armazéns da família, segundo o informativo do IPPUC (2015). Em nosso levantamento não localizamos qualquer logradouro com nome de germânicos no Riviera, e somente um que tem o nome de poloneses. O exemplo está demonstrado no Mapa 82, abaixo:

⁷⁶ Entroncamento rodoviário denominado pela sigla PR-418, que contorna o perímetro urbano de Curitiba e que, neste trecho, envolvem as rodovias BR-277 - que liga o litoral do Paraná à região de Foz do Iguaçu e do Paraguai - e a BR-376 que liga a divisa do Paraná com Santa Catarina até a região noroeste do estado, na cidade de Paranavaí.

Outra rua oficializada pelo vereador José Gorski é a que apresentamos em destaque no Mapa 86 acima, a *Rua Inácio Wichniewski*, cuja inauguração aconteceu em maio de 1975. Essa via começa no bairro Orleans e segue até o São Braz, sendo paralela ao Contorno Norte de Curitiba.⁷⁹

5.3.12 O Bairro Cascatinha

O bairro Cascatinha é mais um dos bairros que receberam influência da antiga colônia de imigrantes italianos de Santa Felicidade, como sendo também área de cultivo agrícola dos produtos alimentícios que os antigos colonos vendiam no centro da cidade. O nome Cascatinha teria sido dado (IPPUC, 2015) devido à uma característica geográfica presente na região, uma pequena queda d'água que servia como descanso para os colonos e também como fonte de água para lavagem das roupas. No início dos anos 1950, o proprietário da área onde se localiza a cascata abre um restaurante de nome Cascatinha, sendo um dos primeiros restaurantes de comida italiana da região de Santa Felicidade, e quando foi feita a oficialização do nome do bairro⁸⁰, optou-se por manter o nome de Cascatinha. O fato de ter sido uma ex-colônia de imigrantes europeus marcou as características do Cascatinha até os dias atuais tanto na auto declaração de cor e raça de seus habitantes: pois 87% se declaram brancos e somente 11% se declaram pretos e pardos, o que significa apenas 241 pessoas dentre os 2161 habitantes totais do bairro (IPPUC, 2015); como também na forma de habitação, pois 98% dos imóveis são casas e apenas nove imóveis do bairro são prédios de apartamentos.

⁷⁹ No trecho em que a PR-418 faz a ligação entre a Rodovia da Uva, na cidade de Colombo até a BR-116.

⁸⁰ A página do IPPUC informa que muitas oficializações dos nomes dos bairros aconteceram em 1975, período em que a cidade vivia uma remodelação de seu plano urbanístico, por influência dos arquitetos e urbanistas do IPPUC, conhecidos como tecnocratas.

MAPA 87 – Bairro Cascatinha e logradouros com nomes de germânicos emdestaque



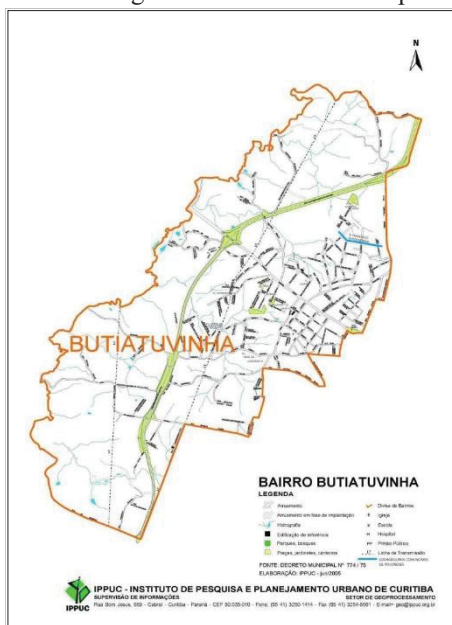
Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

No Mapa 87, destacam-se os três únicos endereços que levam nomes de germânicos no bairro, que não possui nomes de poloneses em suas ruas. São todos membros da mesma família, os Lass que receberam os endereços como forma de homenagem feita através de um mesmo projeto de lei que denominou as três ruas, o PL 8501/94, elaborado pelo vereador Aldemir Manfron – um parlamentar que atua e tem seu ambiente eleitoral focado na região de Santa Felicidade – dentro da Comissão de Educação e Cultura da CMC e que foi aprovado em junho de 1994.

Como temos falado aqui, os logradouros podem representar redutos e marcas da presença dos imigrantes nos bairros que foram colônias no passado e o exemplo do Cascatinha reforça isso, ainda que seja com um terceiro grupo imigrante, externo ao nosso estudo. Pois, ao observarmos o Mapa 87 é possível notar a quantidade de endereços que levam o nome da família Durigan – de origem italiana - numerosa e muito presente em Santa Felicidade até os dias atuais. No caso dos poloneses, como citamos acima, não há qualquer endereço no Cascatinha que leve o nome de alguém deste grupo imigrante e para ilustrar a ausência, dispomos o mapa a seguir:

A *Rua Clara Sliwkin Knopfholz* - no Mapa 89 - é um endereço bastante pequeno⁸¹ inaugurada em abril de 2009 através de um projeto do Ver. Mário Celso Cunha, sendo um dos mais recentes de todo o levantamento.

MAPA 90 – Bairro Butiatuvinha e logradouro com nome de polonês emdestaque na cor azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

E a *Rua Francisco Bordenoski*, no Mapa 90 foi oficializada através de uma iniciativa do vereador José Gorski na Comissão de Educação e Cultura da CMC em junho de 1991. Ambas são ruas residenciais e bastante tranquilas em termos de tráfego de veículos, não possuem também linhas de ônibus que passem por elas.

5.3.14 O Bairro Lamenha Pequena

O bairro mais ao extremo noroeste da capital paranaense – Lamenha Pequena – é um remanescente de antigas colônias de imigrantes. A Colônia Lamenha Lins se localizava em Almirante Tamandaré, nas margens da estrada para a Colônia Assunguy, foi fundada em 1876, era administrada pelo governo estadual e recebeu esse nome para homenagear o então presidente do Paraná: Lamenha Lins (KANASHIRO, 2006, p. 177).

Um bairro que ainda reflete as características de colônia rural, o Lamenha Pequena tem 100% de seus 358 domicílios como sendo casas. O setor econômico do bairro é dividido entre

⁸¹ Localizado exatamente entre as letras B e U, no Mapa 85

25% de estabelecimentos industriais e 25% de estabelecimentos de serviços, representando 15 empresas de cada setor. A população do bairro vive em sua maior parcela, com renda entre meio e dois salários mínimos, são 80% de domicílios do Lamenha Pequena, ou em números absolutos 262 domicílios. Essas mesmas faixas de renda, somadas, correspondem a 49,75% na média municipal.

MAPA 91 – Bairro Lamenha pequena e logradouro com nome de germânico em destaque na cor roxa.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

Em todo o levantamento, apenas um endereço com nome tanto de germânicos como de poloneses foi localizado no Lamenha Pequena, e por isso, o Mapa 5.56 será o único a ilustrar esse bairro, no presente subcapítulo. Trata-se da *Rua Bertholdo Francisco Buchholtz*, uma via que começa na esquina com a *Rua Justo Manfron*, uma via que atravessa todo o Butiatuvinha e segue pelo Lamenha Pequena até o limite com Almirante Tamandaré. Esta é uma via residencial e rural também, pois possui casas e um terreno ocupado por uma pequena horta e com extensão de apenas uma quadra, a via termina na cerca de uma chácara. A *Rua Bertholdo Francisco Buchholtz*, foi oficializada pelo vereador Horácio Rodrigues na Comissão de Educação e Cultura, em dezembro de 1991.

5.4 BAIRROS FORMADOS A PARTIR DA EXPANSÃO DAS EX-COLÔNIAS IMIGRANTES

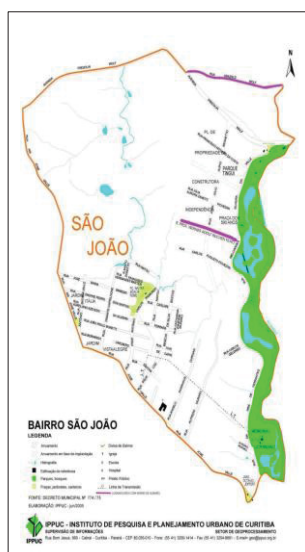
Os bairros descritos na próxima sessão são aqueles formados a partir do desenvolvimento urbano e econômico conquistado devido e por meio da política de colonização das áreas devolutas da cidade. São bairros onde os antigos colonos expandiram suas propriedades a partir da virada do Século XIX para o Século XX e começaram a empreender

em comércios e serviços, como o caso das olarias no Campina do Siqueira; ou onde seus descendentes foram adquirindo áreas para vivere trabalhar e assim desenvolveram vizinhanças como por exemplo a expansão da antiga colônia do Pilarzinho em direção ao Vista Alegre; e ainda o fato mais marcante e exemplo único de fortuna construída por um imigrante europeu em Curitiba: o caso dos Hauer.

5.4.1 O Bairro São João

O bairro São João é mais um dos bairros influenciados pela antiga colônia Santa Felicidade, a exemplo do Cascatinha e do Butiatuvinha. Sua ocupação é primeiramente rural, com chácaras para criação de animais e plantação de uvas. E atualmente as características de um bairro horizontalizado se mantiveram, pois segundo do documento do IPPUC (2015), 993 dos 1048 domicílios do bairro são casas, o que representa 99,10%. O bairro também abriga o Parque Tingui, cujo nome faz referência ao povo indígena de mesmo nome que teria habitado as terras do planalto curitibano, mas que se encontra extinto. Anexo ao Parque há o Memorial Ucraniano, uma réplica de uma igreja ucraniana feita em madeira onde acontecem eventos culturais e exposições. Apesar de não ter sido uma região que recebeu a imigração ucraniana na cidade, a prefeitura de Curitiba encontrou nesta área o espaço e a oportunidade ideais para homenagear tal grupo imigrante. Ainda no mesmo espaço, em abril de 2000 foi inaugurada a Praça Brasil 500 Anos em referência à ocupação portuguesa no território brasileiro. Quer dizer, a mesma área verde leva o nome de um grupo indígena outrora dizimado pelos mesmos colonizadores portugueses que estão sendo homenageados com uma praça ali. A questão colocada aqui não deve ser outra senão: o Parque Tingui é um espaço de disputa identitária, um encontro de oportunidades de homenagens a grupos distintos, ou simplesmente o espaço na cidade que “estava sobrando” e por isso acabou de forma não intencional sendo palco para tantas referências misturadas?

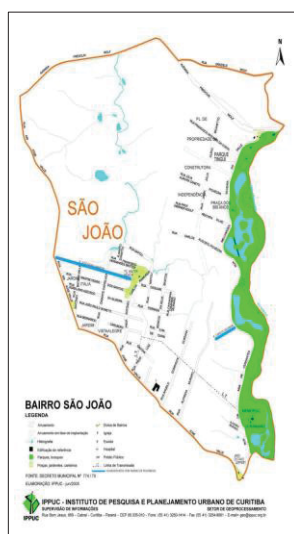
MAPA 92 – Bairro São João e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

São quatro endereços que destacamos no São João, sendo dois com nomes de germânicos e outros dois com nomes de poloneses, além da *Av. Fredolin Wolf* que passa pelo bairro em direção ao Pilarzinho. E em uma de suas bifurcações, encontramos destacada em roxo no Mapa 5.57, a *Rua Grazielle Wolf*, que demarca também o limite do São João com o bairro Tanguá, este pertencente ao município de Almirante Tamandaré. Por esta rua circulam ônibus da linha Raposo Tavares, é uma via com muitos muros de condomínios e algumas casas com terrenos amplos, sua oficialização se deu por meio de um projeto coletivo da Comissão de Educação e Cultura, sem um autor específico, em setembro de 1997.

MAPA 93 – Bairro São João e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

Na porção oeste do Mapa 93, no conjunto residencial Jardim Itália fica a *Rua José Maria Wabeski* que começa na esquina com a *Rua Ari José Valle*, fazendo assim, o limite com o bairro Santa Felicidade. Esta é uma via com três quadras de extensão, sem calçamento para os pedestres e que possui casas com padrão muito mais popular e simples do que aquelas localizadas nos arredores do Parque Tingui, que são verdadeiras mansões com mais de dois andares. A oficialização da *R. José Maria Wabeski* aconteceu setembro de 1976 com um projeto de lei assinado pelo vereador Amadeu Geara.

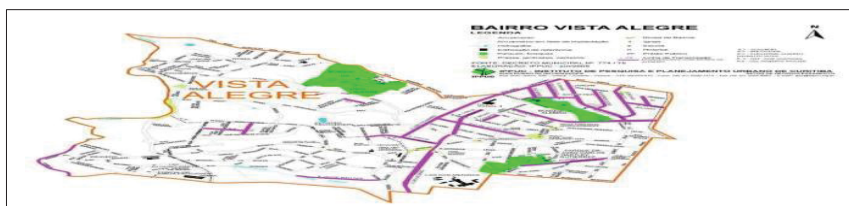
5.4.2 O Bairro Vista Alegre

O bairro vizinho às antigas colônias imigrantes de Santa Felicidade e Pilarzinho recebeu influência dos grupos europeus ali instalados: italiano, polonês e germânico na sua formação. Segundo o documento do IPPUC (2015) a região do Vista Alegre era ocupada em sua maioria por áreas de chácaras, onde se produzia leite e hortaliças e que a partir da década de 1950 os terrenos rurais começam a dar espaço a loteamentos e assim, se faz surgir sua urbanização.

E por ter um relevo mais montanhoso assim como o vizinho Pilarzinho e a altitude mais elevada que outros bairros da cidade, foi comum que se instalassem no Vista Alegre as emissoras de TV e Rádio, com suas antenas presentes na paisagem do bairro até o presente. Inclusive, essa atividade econômica aparece destacada no documento do IPPUC (2015) quando indica que 45% da atividade econômica do bairro é do ramo de serviços, sendo, portanto, o maior percentual entre as demais atividades e o setor mais forte da economia local.

A seguir veremos que a presença de nomes germânicos nos logradouros do Vista Alegre é um dos maiores de todo o levantamento e também corresponde ao dobro do número de logradouros com nomes de poloneses. São, portanto, 21 endereços com nomes de germânicos e 10 com nomes de poloneses e alguns deles serão destacados a seguir.

MAPA 94 – Bairro Vista Alegre e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.

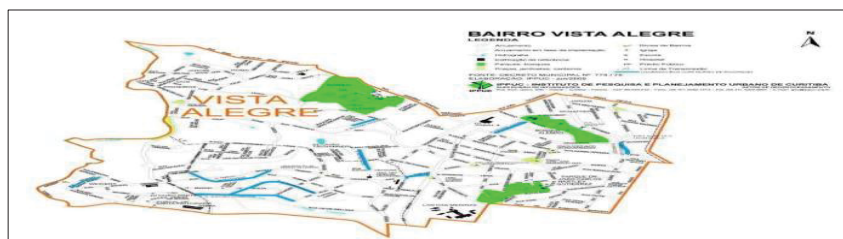


Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

O número expressivo de endereços com nomes de germânicos no Vista Alegre pode ter uma de suas explicações nas denominações das vias do Jardim Schaffer e nos arredores do

Bosque Alemão terem nomes de compositores da música erudita germânica dos séculos XVIII e XIX, como as *Ruas Johann Sebastian Bach, Schubert e Mendelsson* que sequer foram imigrantes, mas que constam neste levantamento por serem referências para o grupo enquanto ícones para a cultura e nacionalidade do mesmo. Contudo, faremos o destaque aqui para uma extensa via do bairro e que não leva o nome de um destes compositores, trata-se da *Rua João Tschannerl*, uma importante via que corta toda a porção leste do bairro, começando na esquina com a *Rua Santa Cecília* e demarcando o limite do Vista Alegre com o Pilarzinho e seguindo até a esquina com a *Rua Carlos Razera*. Na *Rua João Tschannerl*, podemos verificar que nela há paradas de transporte público das linhas Interbairros II, Jd. Mercês/Guanabara, Fredolim Wolf e Raposo Tavares e com esse movimento proporcionado pela circulação dos ônibus, muitos comércios se fixaram por ali. A rua foi oficializada em setembro de 1966 por meio de um projeto do vereador Flávio Horizonte da Costa.

MAPA 95 – Bairro Vista Alegre e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

Em Rocha (2016, p. 126) pudemos falar do *Jardim Deputado Ladislau Lachowski*, de sua oficialização e da biografia do homenageado, contudo, no intervalo entre a nossa primeira pesquisa e essa, passaram-se cinco anos e o logradouro foi modificado: recebeu uma reforma em que as quadras de areia para a prática do futebol e do vôlei não existem mais e foram substituídas por brinquedos infantis⁸².

Destacamos também mais uma rua que homenageia compositores de música erudita assim como os de origem germânica lembrados acima, temos o caso do mpusico polonês Frédéric Chopin, nascido na pequena aldeia de Żelazowa Wola em 1º de março de 1810 e que foi imigrante na França, lá permanecendo até seu falecimento em outubro de 1849⁸³. Ele foi o criador de um ritmo chamado ‘polonesa’ que, tocado ao piano, se popularizou nas danças de salão do século XIX. A *Rua Frédéric Chopin* está localizada no Jd. Schaffer e aparece no

⁸² Este é o primeiro caso em que pudemos verificar alteração no mobiliário urbano de um logradouro aqui estudado e por isso fizemos o destaque.

⁸³ Informação disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Frederic-Chopin>. Acesso em 28/01/2021.

Mapa 95 destacada em azul logo à esquerda do Bosque Alemão, na porção leste do bairro. Sua oficialização ocorreu em abril de 1974 através de um projeto de lei de autoria do vereador Donato Gulin.

5.4.3 O Bairro Bom Retiro

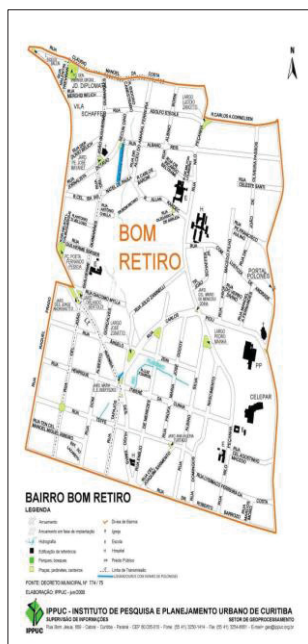
Contar a história do Bom Retiro é também falar sobre a doutrina do Espiritismo em Curitiba. Lins de Vasconcellos⁸⁴ foi um dos presidentes da Federação Espírita do Paraná e no final dos anos 1930 decide promover o financiamento daquele que viria a ser o Hospital Espírita do Bom Retiro especializado em psiquiatria, que seria inaugurado somente em 1945. A entrega de Lins por esse projeto foi tamanha que fez com que ele desejasse que seus restos mortais fossem enterrados no jardim do Hospital, e assim foi feito. Do outro lado da *Av. Nilo Peçanha*, a Federação construiu e manteve o Colégio Lins de Vasconcellos, como homenagem ao benfeitor. Tamanha a influência que a Federação Espírita do Paraná teve na região quando da mudança da paisagem rural para a urbanização do Bom

Retiro, que foi possível denominar a via que contorna o terreno do Colégio e termina na *Av. Nilo Peçanha* como *Rua Allan Kardec*⁸⁵ ainda nos anos 1950. O Colégio Lins de Vasconcellos atualmente chama-se OPET, mas manteve um de seus projetos mais interessantes e pioneiros, que é a Mini Cidade construída pelo professor Ney Lobo, nos tempos de Lins de Vasconcellos e inaugurada em 1970.

⁸⁴ Informações sobre a biografia de Lins de Vasconcellos disponíveis em: <http://linsdevasconcellos.org.br/home/sobre-o-lins/>. Acesso em 17/07/2020.

⁸⁵ Allan Kardec (1804-1869) foi um educador francês que codificou e revelou o espiritismo como uma doutrina religiosa de base cristã que preconiza a imortalidade da alma e a prática da caridade como parte da evolução espiritual.

MAPA 97 – Bairro Bom Retiro e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

No Mapa 97, acima, são apenas dois os endereços que levam nomes de poloneses e bem mais recentes que os quatro que levam nomes de germânicos. A *Rua José Kalinowski* foi oficializada em novembro de 1981 por projeto da Comissão de Educação e Cultura. E o *Jardinete Maria E. Esmanhoto Wieryszko* foi um projeto do vereador Jairo Marcelino que se tornou oficial em julho de 2004.

5.4.4 O Bairro São Lourenço

O desenvolvimento do bairro começou a partir da ocupação da Rua Mateus Leme, com estabelecimentos comerciais, quando essa ainda era conhecida como Caminho do Assungui, em referência à antiga colônia de imigrantes no município de Cerro Azul. Vizinho às antigas colônias do Pilarzinho e do Abranches, o bairro São Lourenço também guardava aspectos rurais em sua paisagem com campos e chácaras. E em 1972 foi inaugurado o Parque São Lourenço, como uma solução ambiental para ajudar na preservação do Rio Belém, mantendo a mata ao redor intacta e evitar enchentes na região. O Parque está localizado onde antigamente era uma fábrica de cola, e parte de sua estrutura – como a chaminé construída em tijolos – continuam lá, compondo o que atualmente é o Centro de Criatividade⁸⁶.

⁸⁶ Informações disponíveis em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/parque-sao-lourenco/317>. Consulta em: 15/01/2021.

O São Lourenço atualmente é um bairro cuja maioria das residências são casas – 77% dos 2.233 domicílios (IPPUC, 2015) – e a renda da população do bairro é considerada alta em relação à média municipal, pois 41,5% dos habitantes do bairro recebem entre três e dez salários mínimos, enquanto a média desta mesma faixa de renda para Curitiba é de 22,5%.

MAPA 98 – Bairro São Lourenço e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.

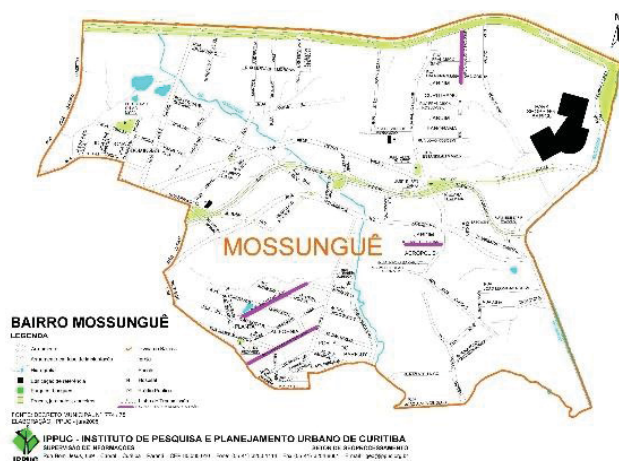


Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

Dos cinco logradouros públicos com nomes de germânicos no bairro São Lourenço, as três ruas foram inauguradas nos anos 1970 e os dois jardins são mais recentes sendo um inaugurado em 1991 e outro em 2005. A via destacada mais ao norte do Mapa 98 é a *Rua Alberto Erthal*, ladeada pelo Parque esta é uma via residencial cuja primeira quadra é pavimentada com paralelepípedos, outra característica é de ser bastante íngreme seguindo o padrão das vias deste bairro. Sua oficialização se deu em dezembro de 1974 pelo então vereador Alexandre Sferelli.

importante que ajuda a confirmar a informação que trouxemos acima, referente ao alto padrão econômico dos habitantes do bairro, é a informação de que 27% dos domicílios no Mossunguê são compostos por habitantes que vivem com renda entre cinco e dez salários mínimos, o que na média municipal representa uma parcela bem inferior: 9,9% (IPPUC, 2015).

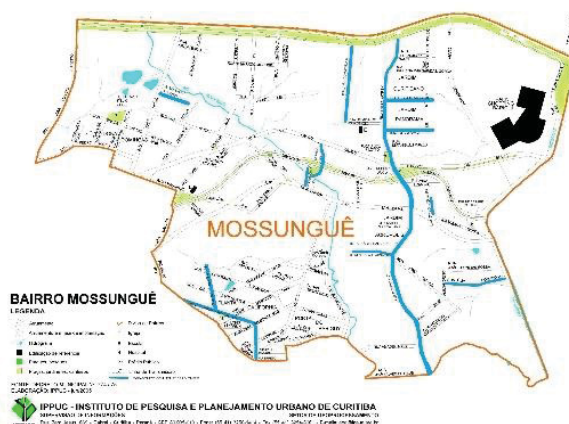
MAPA 100 – Bairro Mossunguê e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

O Mapa 100 acima apresenta as quatro ruas que tem nomes de germânicos no Mossunguê. Todas elas são relativamente curtas em suas extensões. Trazemos destaque para duas delas: *R. Guilherme Janz*, a oeste no mapa e a *R. Harry Delmonte Janz*, duas quadras mais ao sul da primeira. Ambas foram denominadas pelo José Gorski dentro da Comissão de Educação e Cultura e dentro de um mesmo projeto de Lei, que denominava um bloco de endereços, em agosto de 1989. Gorskié o vereador que, individualmente, denominou mais endereços com nomes de poloneses na cidade, como podemos verificar no Quadro 7. Contudo, Gorski não legislou somente para o grupo imigrante ao qual faz parte, ele também cuidou de oficializar logradouros que precisava de nome no Mossunguê, uma vez que esta era a região representada pelo parlamentar. Ambas são ruas residenciais, a primeira tem algumas poucas empresas com sede ali e a segunda tem um ponto de ônibus da linha Mossunguê.

MAPA 101 – Bairro Mossunguê e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

Diferentemente do anterior, o Mapa 101 destaca os doze logradouros com nomes de poloneses no Mossunguê, ajudando a confirmar a teoria de que os nomes de endereços deste bairro reforçam a presença polonesa nas antigas colônias, vizinhas ao Mossunguê e de que esta região pode ser um reduto polaco em Curitiba. E a mais extensa destas vias é a *Rua Paulo Gorski*, pois atravessa todo o bairro de norte a sul, começando na BR-277 - que também é chamada neste trecho de *Rodovia do Café* - e terminando na *Rua Eduardo Sprada*, já no bairro Campo Comprido. A *R. Paulo Gorski* foi assim denominada por meio de um projeto de lei do vereador Vicente Loprete Frega em setembro de 1967 a fim de homenagear este descendente de poloneses, que viveu em Curitiba entre os anos de 1880 e 1960, ele possuía uma olaria na região do Campina do Siqueira e era reconhecido pela comunidade local pelas boas ações que praticava em doar tijolos para famílias mais pobres que não tinham como pagar para construir suas casas. Esta é uma via que muda de aspecto ao longo de sua extensão, pois por vezes é mais movimentada com vários estabelecimentos comerciais e de serviços, como restaurantes. E em alguns trechos ela se torna mais residencial com condomínios e casas antigas com terrenos amplos, por ela também passa o ônibus Rua XV/Barigui.

5.4.6 O Bairro Campina do Siqueira

O Campina do Siqueira pode ser considerado um dos bairros que tiveram influência das colônias polonesas da região oeste da cidade. Endereço de muitas antigas olarias dos colonos poloneses do Santo Inácio e do Orleans, o Campina do Siqueira tem esse nome porque pertenceu a um imigrante português de sobrenome Siqueira, que dividiu a área em pequenos

sítios e os vendeu para outras famílias (IPPUC, 2015). Sobre aspectos estatísticos, o Campina do Siqueira tem pequena maioria de casas em seus tipos de residências, com 56% e a renda também é razoavelmente equilibrada, pois 20% da população vive com renda entre um e dois salários mínimos e 21% vive com renda entre cinco e dez salários mínimos (IPPUC, 2015).

MAPA 102 – Bairro Campina Do Siqueira e logradouros com nomes degermânicos em destaque na cor roxa.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

MAPA 103 – Bairro Campina do Siqueira e logradouros com nomes depoloneses em destaque na cor azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

E neste Mapa é possível ver ruas bem mais extensas que as do mapa anterior, a começar pela já citada *Rua Jerônimo Durski*, que começa no Batel e acaba duas quadras adiante do Terminal do Campina do Siqueira. Outra via que também já foi descrita, pois começa no Bigorrilho, é a *Rua José Domakoski*, é interessante perceber que desde a sua esquina com a Jerônimo Durski até se encerrar na *Rua Gen. Mário Tourinho*, todas as suas esquinas são com ruas que tem nomes de poloneses, o que pode indicar a existência um reduto polonês nestes arredores.

Nestes quarteirões, as ruas são majoritariamente residenciais, com apenas pequenos comércios e sem a circulação de linhas de transporte público. A *Rua Bernardo Staviski* é a mais antiga, oficializada em junho de 1958 através de projeto de Lei do vereador Antônio Domakoski. E a *Rua Francisco Lachowski* foi uma homenagem prestada pelo Vereador Menotti Caprilhone em dezembro de 1970 ao imigrante polonês nascido em Lubnic - Polônia no ano

de 1885 e falece em Curitiba em 1970 – mesmo ano em que recebe a homenagem. Francisco chega ao Brasil em 1896, com a mãe e o padrasto, eles viveram na Colônia Santos Andrade, em São José dos Pinhais e quatro anos depois, a família se muda para a região do Campo Largo da Roseira. Começa a trabalhar em uma fábrica de balas e caramelos, com o dinheiro que economizou adquire, em 1914, a fábrica de doces que sob seu comando teria o nome de Vencedora (WACHOWICZ; MALCZEWSKI, 2000, p. 209- 210). Francisco foi um ativista pela identidade polonesa em Curitiba, participou das inaugurações da *Praça da Polônia* e da Estátua do Semeador, obra de autoria do seu conterrâneo Zacco Paraná e foi também um dos financiadores para a construção da Igreja de Santo Estanislau.

5.4.7 O Bairro Hauer

A história do bairro Hauer – que antigamente era chamada de Vila Hauer – passa pela história de um dos maiores empresários de origem imigrante que Curitiba teve durante a virada do século XIX para o XX: José Hauer. Ele e seu irmão Robert vieram ao Brasil em 1863 e em Curitiba foram donos de muitos estabelecimentos comerciais de diversos ramos da economia, começando a partir de um armazém na atual Av. Luiz Xavier, conforme conta o documento do IPPUC (2015).

Obtiveram um bom trânsito na alta sociedade curitibana, principalmente no que diz respeito à organização de empresários germânicos, como mostra Fabris (2014, p. 44) sobre a organização da Sociedade Curytibana [sic] dos Proprietários, em 1905 e da Junta Allemã [sic] em 1915. Alguns membros da família Hauer também participaram da primeira equipe do Curitiba Foot Ball Club, organizada majoritariamente por imigrantes desta origem, como Arthur, Alfredo, Alvim e Waldemar Hauer. José Hauer foi mais destacado nos negócios, pois nos anos 1890 fora proprietário do Theatro [sic] Hauer, localizado na – atual – *R. Mateus Leme* quase na esquina com a *R. Treze de Maio* e que anunciava seus espetáculos e eventos no jornal *Diário da Tarde*⁸⁷, em 1899. José também foi um dos responsáveis pela criação da primeira usina elétrica de Curitiba, e toda essa prosperidade e projeção à sociedade local estão registradas no trabalho da autora: “A família Hauer é um exemplo daqueles que prosperam a partir de suas atividades comerciais e industriais na cidade.” (FABRIS, 2014, p. 45). Também na década de 1890 a família Hauer compra um terreno de 500 alqueires, aproximadamente, na parte sul de

⁸⁷ Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx> . Acesso em: 08/08/2020.

um dos museus mais visitados em Amsterdam. A rua com seu nome foi oficializada por Ivo Moro em abril de 1963, antes mesmo das ruas que homenageiam os Hauer, o que pode indicar uma maior prioridade na homenagem, tamanha a relevância desta personalidade internacionalmente conhecida.

MAPA 105 – Bairro Hauer e logradouro com nome de polônês em destaque na cor azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

A ausência da imigração polonesa no bairro e a maior demanda de homenagens a membros do grupo de imigrantes germânicos, principalmente os próprios membros da família Hauer, acabou por reduzir a um único endereço a presença de nomes de poloneses nas ruas do Hauer. E trata-se da *Rua Eduardo Polak*, o endereço na verdade seria uma não-rua, pois consiste em um calçamento de paralelepípedos, cercada por grades e ladeada de árvores, que cruza a *Rua Anne Frank* mas é de uso particular de uma empresa de ônibus e de outro barracão de empresa.

5.4.8 O Bairro Fanny

Uma das antigas parcelas de terra da família Hauer, o bairro ganhou o nome da esposa de Artur Hauer, que se chamava Fanny e vivia também na antiga Vila Hauer. Fanny Hauer viveu entre 1897 e 1965, segundo documento do IPPUC (2015). O bairro que tem extensão de poucas quadras entre a *Linha Verde* e a *Avenida Henri Ford*, no limite com o Lindoia, recebeu muitas indústrias, provavelmente devido ao fácil acesso ao trecho urbano da BR que liga

MAPA 107 – Bairro Fanny e logradouro com nome de polonês em destaque na cor azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

O único logradouro com nome de polonês no Fanny é a *Rua Domingos Lukaszewicz*, uma rua de apenas uma quadra de extensão, onde se localiza a Escola Municipal Belmiro César. Esta rua foi denominada em um projeto de lei elaborado pela Comissão de Educação e Cultura da CMC, com várias outras ruas aserem denominadas juntas, formando um bloco de proposições, em maio de 1985.

5.4.9 O Bairro Lindoia

A região onde fica atualmente o Lindoia também era parte das terras da família Hauer, assim como os descritos anteriormente. A partir dos anos 1940, a região começa a ser loteada por famílias que passaram a habitar terrenos na região e também com a chegada dos padres salesianos que fundam a Paróquia Menino Jesus de Praga (IPPUC, 2015). Uma das referências do bairro é o Colégio Estadual Dom Ático Euzébio da Rocha, localizada na *Av. Pres. Wenceslau Brás*, cujo canteiro central foi revitalizado nos anos 1980, para gerar um grande espaço esportivo para a comunidade.

No Lindoia, a maioria das ruas faz referência a escritores internacionais como Émile Zola, Oscar Wilde e Leon Tolstói – uma das maiores ruas do bairro, inclusive – e talvez por isso exista no bairro somente uma rua com nome de germânico e uma com nome de polonês e que aparecem destacadas nos mapas a seguir:

MAPA 108 – Bairro Lindoia e logradouro com nome de germânico em destaquena cor roxa.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

A *Rua Professor Oscar Kolbe* foi oficializada através de um projeto de lei de autoria do Vereador Alvim Jareski em dezembro de 1974. Com três quadras de extensão, a rua começa na esquina com a *Avenida Santa Bernadete* e vai até a *Rua Américo Vespúcio*. É uma via com muitas residências, alguns comércios pequenos e duas igrejas evangélicas.

MAPA 109 – Bairro Lindoia e logradouro com nome de polonês em destaque na cor azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

No Mapa 109 vemos o destaque para a *Rua Capitão João Zaleski*, via que atravessa o Lindoia de oeste para leste, desde seu limite com o Novo Mundo até próximo ao limite com o Fanny. Esta rua foi denominada pelo Vereador Feliciano Schier, em dezembro de 1967. É uma curiosidade sobre a tramitação que oficializou este endereço, é que esse mesmo vereador denominou a *Rua José Zaleski* - no Capão Raso - dois dias depois, ou seja, assim que passou o

feriado de Natal daquele ano. O que pode indicar que José e João tenham algum grau de parentesco que ambos representassem personalidades de destaque para o vereador Feliciano. Por esta rua transita o ônibus Lindoia e há também vários pequenos comércios, e também uma igreja evangélica e uma igreja católica.

Na sequência, falamos de um bairro que não teve sua origem influenciada pelas colônias de imigrantes europeus, ou pelas fortunas por eles adquiridas, mas sim pelo investimento em terras feito por parte de um migrante brasileiro, vindo do estado nordestino do Ceará. Possibilitando a ocupação e expansão da cidade para a área entre os bairros do Portão e Água Verde.

5.4.10 O Bairro Guaíra

Segundo o documento do IPPUC (2015) o território onde atualmente é o bairro Guaíra, começou a ser ocupado para a urbanização a partir dos anos 1920, por meio de um casal de origem ucraniana chamado Francisco e Barbara Prochaska, que é reconhecido como pioneiro da região. As poucas quadras que limitam o Guaíra entre as *Avenidas Pres. Kennedy e Pres. Wenceslau Brás* tem na maioria dos casos nomes de estados brasileiros, contudo há ainda alguns exemplos de endereços com nomes de imigrantes para somarem-se a este estudo.

MAPA 110 – Bairro Guaíra e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

Dos três endereços com nomes de germânicos no Guaíra, dois deles foram oficializados nos anos 1970 e o mais recente é a *Rua Adolfo Bley*. A menor rua destacada no Mapa 110 é também uma das mais recentes de todo o estudo, tendo sido oficializada em maio de 2009 pelo

vereador Julião da Caveira. A rua tem somente uma quadra de extensão, é asfaltada, mas fica em área de favela. Adolfo Bley já havia sido homenageado pelo legislativo municipal em vida, quando recebeu o Prêmio Cidade de Curitiba em 1992 e a única informação que pudemos obter de sua biografia é a de que ele era maçom. O bairro não possui qualquer logradouro com nome de polônês.

5.4.11 O Bairro Parolin

Antes de ser ocupada pela família Parolin, a região de banhado às margens do Rio Água Verde era uma chácara que pertencia ao luso-brasileiro Silveira da Motta. Quando nos anos 1890 ele negocia a chácara com uma empresa; que com a falência desta, a área passa então para as mãos de um banco com sede no Rio de Janeiro; até que em 1909 o banco aliena o imóvel para os irmãos Parolin (BOLETIM CASA ROMÁRIO MARTINS, 1997, p.3-4) e que com o passar do tempo se vincularam tanto àquelas terras que seu sobrenome também denominou o lugar. Fazendo divisa com as terras dos Hauer, a área dos Parolin possuía 96 alqueires e era margeada pela Estrada de Ferro dos Campos Gerais (BOLETIM CASA ROMÁRIO MARTINS, 1997, p.4). E sendo considerada longe da cidade, a região do Parolin foi durante as primeiras décadas do Século XX uma região predominantemente rural, onde as famílias da antiga colônia Dantas conseguiam obter pequenas propriedades através da pedidos de aforamento de terras⁸⁸ junto ao poder público local (BOLETIM CASA ROMÁRIO MARTINS, 1997, p.21).

O surgimento da Vila Parolin se dá a partir do loteamento da parcela de terra que pertencia a um dos irmãos Parolin: Bortolo, cujos descendentes partilharam a área a partir dos anos 1920, onde se fez surgir um conjunto de casas. Uma redefinição nos limites da Vila a demarcada entre a linha do trem, limitando-se com o Hauer, e a Fábrica de Açúcar *Diana*, que demarcava o limite com o Prado Velho (BOLETIM CASA ROMÁRIO MARTINS, 1997, p.33). O documento ainda conta sobre um grupo de famílias imigrantes ucranianas que se concentraram naquela região e também sobre a baixa infraestrutura urbana da área, pois para acessar a *Av. Marechal Floriano*, os moradores tinham de passar por carreiros de grama e muitas

⁸⁸ Aforamento é um contrato para transferência do domínio útil e perpétuo de um imóvel por seu proprietário, sob um pagamento anual, previsto no Código Civil Brasileiro de 1916. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/busca?q=aforamento>. Consulta em: 01/04/2021.

E o único logradouro no Parolin que leva o nome de um imigrante seja ele de origem germânica ou polonesa e que fazemos o destaque aqui, é a *Rua Chanceler Lauro Muller*, uma extensa via que atravessa o bairro no sentido Leste- Oeste, desde o limite com o Prado Velho na esquina com a *Av. Mal Floriano Peixoto* e terminando às margens do Rio Vila Guaíra, que demarca o limite do Parolin com o bairro de mesmo nome. Lauro Muller⁸⁹ (1863-1926) foi um engenheiro e diplomata nascido em Itajaí (SC) e descendente de germânicos. Ele teve participação no golpe que depôs Dom Pedro II e deu início ao período republicano no Brasil. Foi Governador de Santa Catarina nos anos finais do século XIX e também Ministro de Relações Exteriores dos governos de Mal. Hermes da Fonseca e Venceslau Brás, no período entre 1912 e 1917. Sua passagem pelo Ministério está diretamente ligada ao posicionamento do Brasil na I Guerra Mundial, pois Muller era favorável à neutralidade do país no conflito, no entanto, um navio brasileiro de nome Paraná havia sido afundado por submarinos alemães, gerando um grave impasse diplomático. Uma vez que o ministro era de origem germânica e recebera pressão social e do governo para que mudasse de posição frente ao ataque, ficava cada vez mais difícil para ele manter este posicionamento. Em abril de 1917 o Brasil rompe relações comerciais com a Alemanha, o que não foi o suficiente mediante as pressões para a entrada do Brasil na Guerra, então Muller deixa o ministério no mês seguinte, sendo substituído por Nilo Peçanha. Outro episódio curioso da biografia deste homenageado é que também em 1912 ele foi eleito a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, mesmo não tendo escrito livro algum, o que causou desconforto no autor José Veríssimo, fazendo com que este rompesse relações com a Academia.

Esta rua foi denominada por Arlindo Ribas em abril de 1964 e por toda a sua extensão ela é asfaltada e ocupada por residências. A partir da esquina com a *R. Brigadeiro Franco*, começa a área de favela onde se nota um gradual empobrecimento na característica das residências e nas quadras finais, a rua é ocupada por muitos sacos com material para a reciclagem, visto que este é um ramo de ocupação profissional de muitas famílias na região.

5.4.12 O Bairro Vila Izabel

O bairro Vila Izabel curitibano não tem seu nome originário da mesma homenagem que o homônimo bairro carioca, que assim foi denominado em honra à princesa do Brasil. No caso curitibano, a origem estaria ligada a Raimundo Vasconcelos, um migrante cearense que adquire

⁸⁹ Informações sobre a biografia de Lauro Muller disponíveis em:
https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AeraVargas1/biografias/lauro_muller,

Odontologia da UFPR, trabalhou como dentista e professor, lecionando inclusive no Instituto de Educação do Paraná durante os anos 1920 foi professor do Ginásio Paranaense [sic], atual Colégio Estadual do Paraná. Straube costumava passar suas férias na Ilha do Mel, em uma casa que construiu na localidade de Fortaleza e lá observava animais e plantas (CARNEIRO JR., 2014, p. 116), seu nome também está homenageado em um Colégio estadual de Curitiba e no Centro Acadêmico de Odontologia da UFPR.

5.5 BAIRROS FORMADOS A PARTIR DO PLANO AGACHE

O próximo grupo de bairros a ser apresentado aqui tem sua origem decorrente do processo de urbanização que se intensificou a partir dos anos 1940 em Curitiba e que pela primeira vez em sua história contou com um planejamento urbanístico. Essa fase corresponde a um processo de expansão da malha urbana e setorização dos bairros da cidade que eram dispostos conforme temas, tais como área esportiva, área militar, etc. Este projeto havia sido formulado pelo urbanista francês Alfred Agache, um dos principais e pioneiros nomes do urbanismo mundial (CARMO, 2012, p. 30) e o período de sua influência na expansão da cidade por nós será chamado de época do *Plano Agache*.

5.5.1 O Bairro Prado Velho

Embora esta tenha sido a região onde se instalou o primeiro jôquei clube de Curitiba, ainda nos anos 1890, e que era conhecido como o Prado Curitibano, a localidade às margens do Rio Belém teve uma importante ressignificação junto à malha urbana da cidade a partir da primeira metade do século XX. Essa região ficou popularmente conhecida como bairro do Prado, até que em 1955 o jôquei clube é transferido para o Tarumã, pois segundo o Plano Agache, este seria o setor esportivo da cidade, acrescentando o adjetivo Velho ao bairro do Prado. O grupo religioso que geria a então Universidade Católica do Paraná adquire a área onde se localizava o então Jôquei Clube do Paraná na década de 1960 para construir a que veio posteriormente se tornar Pontifícia Universidade Católica do Paraná⁹¹. Além da universidade, o bairro também abriga um antigo paiol que serviu para guardar pólvora até o início do século XX, e que desde a década de 1970 abriga um teatro municipal, cujo palco em formato de arena, prestigia principalmente artistas da música local e nacional.

⁹¹ Informações disponíveis na página da PUC-PR em <https://www.pucpr.br/60anos/>. Acesso em: 30/11/2020.

Bairro Prado Velho

LEGENDA

- [Linha tracejada] Alameda
- [Linha pontilhada] Aviação em fase de implantação
- [Linha verde] Parque linear
- [Retângulo preto] Edificação de referência
- [Retângulo amarelo] Parque urbano
- [Retângulo verde] Parque, praça pública, calçadão
- [Linha tracejada com pontos] L.T. - Linha de Transmissão
- [Retângulo branco] Estação
- [Retângulo cinza] Estação de Bombeamento
- [Retângulo azul claro] Estação
- [Retângulo rosa] Hospital
- [Retângulo verde escuro] Instituto Federal
- [Retângulo amarelo com pontos] L.T. - Linha de Transmissão
- [Retângulo branco com pontos] Estação

FONTE: DEPARTAMENTO MUNICIPAL Nº 074-78
ELABORAÇÃO: IPPUC - junho/2009

IPPUC - INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA
SUPERVISORIA DE INFORMÁTICA
Rua Dom João VI - Curitiba - Paraná - CEP 80.020-010 - Fone: (41) 413-6250-4161 - Fax: (41) 424-8811 - E-mail: pm@ippuc.org.br

⁹² Para o ano de 2010, conforme informação do último censo demográfico feito no Brasil.

de identificação e iluminação pública, tendo apenas um estabelecimento comercial, que é um bar na *R. Sérgio Dudek*.

5.5.2 O Bairro Boa Vista

O surgimento do Boa Vista teve seu início no final do Século XIX, quando as terras situadas no então Quarteirão do Ahú e próximas à Estrada da Graciosa e da Colônia Argelina pertenciam à família Silveira de Miranda. Esta família, por sua vez, reparte essas terras em três e as vende para famílias de imigrantes que pretendem se instalar pela região, e um desses compradores é Ludovico Geronasso, que em abril de 1893 adquire uma área no chamado sítio Boa Vista (BOLETIM CASA ROMÁRIO MARTINS, 1996a, p. 3). Somente após o falecimento de Ludovico, os seus herdeiros fizeram a divisão dos terrenos, conforme mostra do Boletim em uma ilustração da área com data de 1921 (1996a, p.08).

Sobre o processo de urbanização do Boa Vista, o documento relata que: “No início da década de 1970, preocupada com a questão do abastecimento no bairro e na região, a prefeitura construiu o Centro Comercial Boa Vista, junto ao Terminal de Transporte Coletivo.” (BOLETIM CASA ROMÁRIO MARTINS, 1996a, p.23). Era um período de implantação da linha de ônibus Expresso que ligava o Santa Cândida ao Centro e que utilizava vias exclusivas para circulação dos ônibus, passando pelo Boa Vista e também pelo Cabral e que desta forma levou dinamismo no transporte público da região e fomentou o comércio da *Avenida Paraná* – principal via do bairro.

MAPA 115 – Bairro Boa Vista e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

No Mapa 115 destacam-se duas extensas ruas do Boa Vista que tem nomes de germânicos. A primeira delas é a *Rua Carlota Straube de Araújo*, uma via predominantemente residencial, que possui alguns poucos comércios – que ocorrem principalmente na esquina com a *Rua Ludovico Geronasso* - e tem pontos de ônibus da linha Estribo Ahú, começa próxima à *Rua Holanda* e termina no Conjunto Abaeté, na esquina com um parque linear que também está em destaque no mapa a seguir, de nome *Praça Anna Maurer Rutz*. A *Rua Carlota Straube de Araújo* foi oficializada através de um projeto de lei do vereador João Derosso em setembro de 1967 e que segundo informações obtidas com um amigo pessoal da autora, há ainda descendentes distantes de Carlota vivendo no Boa Vista e arredores desta rua⁹³. E perpendicular à ela, o mesmo mapa também destaca a *Rua João Schleder Sobrinho*, que começa na *Rua Jovino do Rosário* - uma das vias rápidas do Boa Vista - e atravessa o bairro, terminando um pouco à frente da esquina com a *Rua José Zaramella* em uma quadra com terreno baldio e muros de condomínio. Esta rua foi denominada por Menotti Caprillhone em dezembro de 1967.

⁹³ Carlota Straube de Araújo foi tia do avô de meu amigo.

MAPA 116 – Bairro Boa Vista e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

Há importante diferença entre o Mapa 115 e o 116 no que diz respeito à quantidade de logradouros destacados em um e em outro. No primeiro são 12 endereços destacados em roxo, enquanto que no segundo são apenas quatro destacadas em azul. E assim como indicamos no sub capítulo referente ao Atuba, ncaso do Boa Vista também não se trata de uma região com influência da imigração germânica, e em ambos os casos podemos supor que as denominações foram ocasionadas por mera coincidência da sugestão de nomes e abertura de novos logradouros. Destacamos no segundo mapa duas vias paralelas que atravessam grande parte do Boa Vista e que também foram oficializadas no ano de 1967, como os dois exemplos citados anteriormente, mostrando que este foi o ano em que ocorreu a maior parte da urbanização desta região. São as *Ruas Leonardo Krasinski* e *Miguel Piekarski*. A primeira é uma via predominantemente residencial e que tem pontos de ônibus onde para a linha Estribo Ahú, sua oficialização ocorreu em abril de 1967 por intermédio do vereador José Maria de Azevedo. E a segunda começa na Rua Holanda e vai até a *Rua Ludovico Geronasso* tem os mesmos ares tranquilos das ruas de pouco tráfego de veículos na região, foi oficializada também por José Maria de Azevedo, porém em março daquele ano.

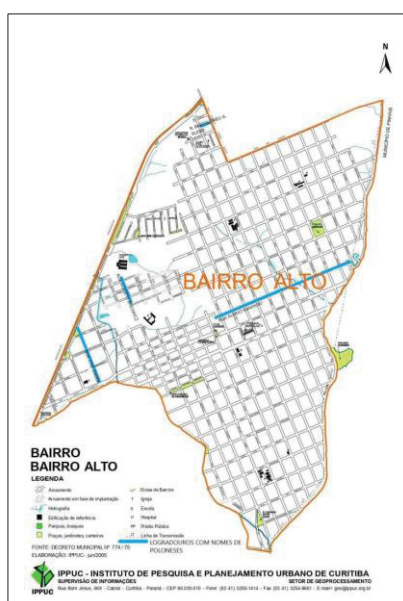
5.5.3 O Bairro Alto

A história do Bairro Alto é semelhante à que contamos sobre o Atuba, por serem bairros vizinhos e funcionarem como uma “porta de entrada” dos colonizadores que subiam a Serra do Mar pela Estrada da Graciosa em busca de minerais preciosos. No final do século XIX a região

era conhecida como Fazenda Bairro Alto, de propriedade de Guilherme Weiss⁹⁴. E nos anos 1940 essas terras, no entanto, foram loteadas e a região passa a se chamar Planta Bairro Alto, mas ainda com algumas características rurais, porém em pequenas propriedades (IPPUC, 2015). Nos mapas 116 e Mapa 117 estão destacados quatro endereços em cada, que levam nome de germânicos ou poloneses, onde mais uma vez vemos as quantidades de logradouros empatados em bairros sem influência de uma ou outra imigração, indicando que somente havia a demanda por denominações e nomes propostos para contemplar algum endereço. As ruas que seguem ao norte da *Av. da Integração*⁹⁵ costumam ter nomes de rios brasileiros, como por exemplo a *Rua Rio Xingu*.

O mais extenso dos logradouros que aparecem em destaque no Mapa 117 é a *Rua Mercedes Stresser*, mais ao sul no mapa do bairro. Essa rua foi denominada através de um projeto elaborado por Arlindo Ribas de Oliveira, em agosto de 1962 e atravessa o Bairro Alto, começando no limite com o Tarumã aos fundos do terreno de uma Universidade particular e acabando nas margens do Rio Atuba.

MAPA 117 – Bairro Alto e logradouros com nomes de poloneses em destaquena cor azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

O destaque no Mapa 117 é para a *Rua Albino Kaminski*, que vai da porção central do bairro até o limite com o Atuba e, por consequência, as margens do Rio Atuba. Outros cinco membros da família Kaminski possuem nome de rua em Curitiba em diferentes bairros. A

⁹⁴ A família Weiss teve muitas posses no atual município de Pinhais, inclusive vindo a ter um bairro em homenagem a eles, o Weissópolis.

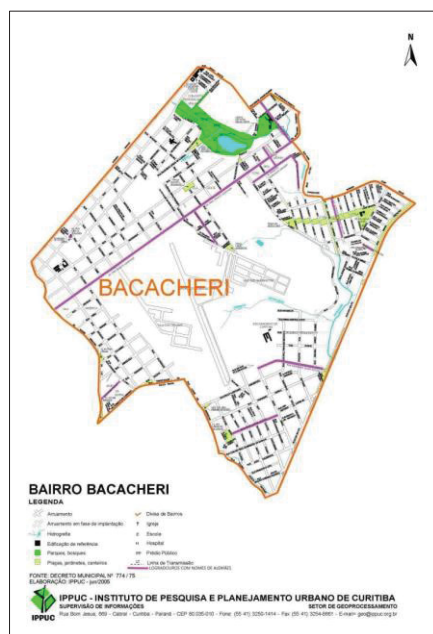
⁹⁵ A *Avenida da Integração* foi assim renomeada em setembro de 1997, pois antes se chamara *Rua Rio Madeira*.

Rua Albino Kaminski foi inaugurada em setembro de 1968, por iniciativa do Vereador Elias Jorge. Por esta rua, que tem vasta rede de comércio, circulam duas linhas de ônibus: Interbairros III e Bairro Alto/Boa Vista.

5.5.4 O Bairro Bacacheri

O Bairro do Bacacheri foi uma antiga colônia de imigrantes franceses, chamada então de Colônia Argelina e que foi fundada em 1868 por iniciativa municipal (KANASHIRO, 2006). Quando a área foi integrada à malha urbana da cidade, passou a ser chamada de Bacacheri por referência ao nome de um rio da região⁹⁶. No primeiro Plano Diretor de Urbanização de Curitiba - que ficou conhecido como Plano Agache e que foi elaborado e posto em prática em 1943 - foi feita uma setorização de alguns bairros da cidade por áreas específicas e nessa divisão o Bacacheri foi designado como a área militar da cidade, onde abriga até hoje diversos estabelecimentos das forças armadas, inclusive a base aérea do Bacacheri onde se encontra o CINDACTA II⁹⁷.

MAPA 118 – Bairro Bacacheri e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

⁹⁶ A lenda urbana sobre a fundação do bairro e que conta que Chérie seria o nome de uma vaca de um dos colonos franceses da colônia Argelina, e que Bacacheri seria então a forma como esse colono chamaria o animal com o sotaque característico, não tem sustentação histórica em fontes documentais, apesar de ser popularmente difundida.

⁹⁷ Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle do Tráfego Aéreo, vinculado à Força Aérea Brasileira. O órgão é responsável pela segurança espacial de todo o sul do Brasil mais o estado de Mato Grosso do Sul.

A principal avenida do bairro, com ampla rede de comércios, intensa circulação de veículos e linhas de ônibus e os costumeiros quarteis do Bacacheri, aparece destacada no Mapa 5.84, como um dos nomes de origem germânica aqui pesquisados. É a *Avenida Prefeito Erasto Gaertner*, que atravessa todo o bairro sendo uma continuação da *Av. Munhoz da Rocha*, que vem do Cabral e segue até o limite do bairro quando começa a *Av. Monteiro Tourinho*, é uma via extensa, pois era um trecho da Estrada da Graciosa, no passado. A *Av. Prefeito Erasto Gaertner* foi um dos poucos casos de substituição de nomes entre os logradouros aqui pesquisados, pois a via existente se chamava *Av. Nossa Senhora da Luz* e quando o prefeito de Curitiba Erasto Gaertner falece no exercício do seu mandato - em 1953 - o vereador Eládio Prados decide por renomear a avenida em questão com o nome de prefeito e a via perpendicular a ela, como *Av. Nossa Senhora da Luz*. Gaertner⁹⁸ (1900-1953) foi um médico, formado na Universidade Federal do Paraná em 1925, descendente de germânicos e foi o idealizador do hospital do câncer do Paraná, que atualmente também leva seu nome.

Parte da trajetória política de Gaertner está gravada em uma placa que fica no início da avenida com seu nome, como pode ser visto na Figura 3, abaixo:

FIGURA 3 – Placa em homenagem a Erasto Gaertner no começo da avenida que leva seu nome.



Fonte: ROCHA, R.M. 2019.

Abaixo, segue o mapa com os logradouros com nomes de poloneses no Bacacheri:

⁹⁸ Disponível em: <https://erastogaertner.com.br/pagina/historico>. Acesso em 09/07/2020.

MAPA 119 – Bairro Bacacheri e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

E no Mapa 119, acima, destacamos a *Rua Vereador Antônio Domakoski*, um logradouro com um condomínio residencial e todo o restante da paisagem é composto por estabelecimentos militares. Descendente de poloneses, Domakoski era curitibano nascido na Colônia Santo Inácio ele estudou na Escola das Irmãs da Sagrada Família do Orleans. Foi atuante nas questões referentes à cultura polonesa e seus antepassados, ajudou a construir o Bosque do Papa, foi vereador nos anos 1950 e denominou nove logradouros com nomes de poloneses, como pode ser visto na Tabela 4.6, apresentada no capítulo anterior. E esse gesto foi lembrando por Wachowicz (2000) quando se refere a Domakoski: "Graças ao seu esforço e dedicação, vários vultos da imigração polonesa foram homenageados com nomes de ruas em Curitiba." (WACHOWICZ, 2000, p. 78).

5.5.5 O Bairro Tarumã

Conforme o supracitado Plano Agache, que estabelecia zonas específicas da cidade (CARMO, 2012, p. 43), o Tarumã foi designado a ser a zona esportiva de Curitiba, concentrando no local o novo Jockey Clube – que havia sido tirado da região do Prado Velho, onde atualmente é a PUC-PR – o Ginásio do Tarumã e o estádio do Pinheirão. E a ocupação populacional deste bairro começa a se intensificar durante os anos 1950, de ambos os lados da BR-116.

Atualmente, o bairro tem grande ocupação de casas, principalmente ao sul da Av. Victor Ferreira do Amaral, a renda da maior parte dos moradores do Tarumã é na faixa entre três e cinco salários mínimos, correspondendo a 21,5% - enquanto a mesma faixa corresponde a 12,6% na média municipal. E uma importante questão do bairro é o abandono em que se encontra o estádio do Pinheirão, que há mais de dez anos segue sem um projeto de revitalização e retomada das atividades, para que o espaço atenda ao propósito principal de um estádio de futebol: levar lazer e divertimento ao povo.

MAPA 120 – Bairro Tarumã e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

Em destaque no Mapa 220 temos as cinco vias com nomes de germânicos no Tarumã. E a mais extensa delas é a *Rua Konrad Adenauer* que cruza o bairro desde seu limite com o Capão da Imbuia até a outra ponta: o limite com o Bairro Alto. Esta via foi oficializada em setembro de 1967 pelo vereador Arlindo Ribas e concentra importantes estabelecimentos do bairro, tais como: um centro universitário, um cemitério vertical, um clube de lazer e o batalhão de polícia montada. Ainda mais antiga que esta, é a *Rua Gottlieb Rosenau*, que se tornou endereço oficial da cidade em junho de 1958 através de um projeto do vereador Ondino Ruy Camargo Loyola. Esta rua encontra-se na porção oeste do bairro, começando na esquina com a *Av. Mal. Humberto de Alencar Castelo Branco*, no limite dos bairros Tarumã e Cristo Rei.

Logradouros Públicos do IPPUC (2014)¹⁰⁰, tampouco este espaço apresenta oficialmente o nome polonês do Papa João Paulo II: Carol Woitiła, somente o nome que utilizou durante o exercício de seu papado.

5.6 BAIRROS FORMADOS ENTRE OS ANOS 1950-60

E nas décadas seguintes ao planejamento de Agache para a cidade, Curitiba experimenta mais um ciclo de crescimento em direção ao leste e ao sul de seus domínios: onde antigamente eram áreas rurais, roças, pastos de gado leiteiro, paragens de tropeiros ou ainda o aumento da população operária vivendo nas proximidades da área industrial da cidade – que a esta época era o Rebouças. São regiões que começam a experimentar uma urbanização entre os anos 1950 e 1960 com a construção de conjuntos habitacionais da COHAB a partir da divisão de lotes outrora rurais, mostrando uma transformação na paisagem da cidade em que habitações urbanas ganham espaço em relação às propriedades rurais, acompanhando uma mudança em âmbito nacional, pois essa fase de desenvolvimentismo propiciou o aumento da industrialização, impulso da construção civil e até a mudança da capital nacional. E os bairros que tiveram sua urbanização nesta época serão apresentados na sessão que se inicia.

5.6.1 O Bairro Jardim Botânico

Conhecido até os anos 1990 como Capanema, o Jardim Botânico mudou de nome através de um plebiscito popular envolvendo os moradores do bairro, na época da inauguração do Jardim Botânico de Curitiba, em 1991. O nome Capanema se deu porque a área pertencia a um barão de sobrenome Capanema (IPPUC, 2015) no século XIX. Esta é uma região da cidade com muitos pontos importantes para a composição e o desenvolvimento da cidade, como o Mercado Municipal, inaugurado em 1958¹⁰¹, a Rodoferroviária de Curitiba que passou a operar no endereço atual em 1972¹⁰² e o Estádio Durival de Britto e Silva – a Vila Capanema – de posse do Paraná Clube desde 1989, o estádio também foi palco de partidas da Copa do Mundo de 1950. O bairro também abriga um dos campi da UFPR, onde ficam as Ciências Sociais Aplicadas, parte dos cursos de Saúde, cursos do CIFLOMA¹⁰³ e a Educação Física. Além,

¹⁰⁰ Nenhum dos parques e bosques da cidade está listado neste Índice.

¹⁰¹ Informação sobre o Mercado Municipal disponível em: <http://www.mercadomunicipaldecuritiba.com.br/sobre-o-mercado/>. Acesso em 12/08/2020.

¹⁰² Informação sobre a Rodoferroviária de Curitiba disponível em: <https://www.urbs.curitiba.pr.gov.br/comunidade/rodoferroviaria>. Acesso em: 12/08/2020.

¹⁰³ Centro de Ciências Florestais e da Madeira, vinculado ao Setor de Ciências Agrárias da UFPR.

ainda, do próprio Jardim Botânico de Curitiba, que se tornou um dos principais cartões postais da capital paranaense, abrigando diversas espécies de vegetais na estufa central e um jardim em estilo francês leva os visitantes até ela.

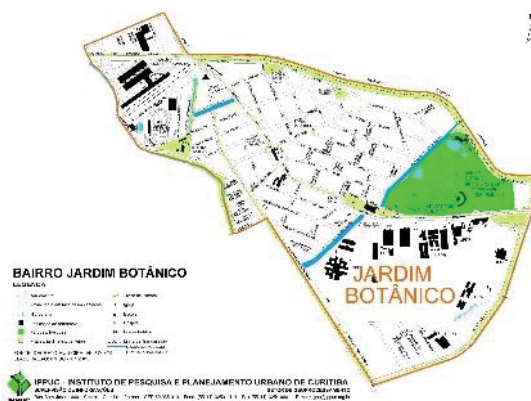
MAPA 123 – Bairro Jardim Botânico e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.



FONTE: IPPUC. ADAPTAÇÕES: ROCHA, R.M. 2020.

A *Avenida Pref. Lothário Meissner* é a mais extensa via em destaque no Mapa 123, tem duas pistas e um canteiro central que as divide, começa em frente à *Praça Itália*, onde se localiza o Santuário Nossa Senhora de Lourdes e termina no viaduto sobre a Linha Verde, onde se inicia o trecho urbano da BR-277. Nesta via encontra-se a entrada do Campus Jd. Botânico da UFPR e a entrada lateral do Jardim Botânico, com acesso ao velódromo municipal, nela existem pontos de ônibus das linhas Solitude, Santa Bárbara, Petrópolis e há também uma estação tubo onde para o ônibus Linha Direta Centenário. João Lothário Meissner foi prefeito de Curitiba entre os anos de 1932 e 1937 e a rua que leva seu nome foi denominada pelo vereador Elias Karam, em outubro de 1952.

MAPA 124 - Bairro Jardim Botânico e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

A rua da entrada principal do Jardim Botânico de Curitiba e que aparece em destaque na cor azul no Mapa 124, tem nome de um polonês: *Rua Engenheiro Ostoja Roguski*. Este que foi um imigrante polonês (1883-1921) que se formou engenheiro em Varsóvia, mas logo após a sua graduação, foi convocado para integrar o exército czarista na guerra Rússia-Japão. No entanto, aquela guerra não lhe pertencia, então ele ingressou em um grupo de desertores poloneses que emigrou para o Brasil. Ao se instalar no Paraná, ele fixa residência na colônia Ipiranga, em Araucária, mas casa-se em Tomas Coelho e vai morar em Ponta Grossa (WACHOWICZ, MALCZEWSKI, 2000, p. 319).

E por toda a extensão da *Rua Eng. Ostoja Roguski*, um dos dois lados é ocupado pelo Jardim e o outro lado da rua há residências, por ela passam os ônibus da Linha Turismo que faz parada em frente ao Jardim, além também da circulação da linha Cabral/Portão. Esta via foi oficializada por Menotti Caprilhone em dezembro de 1970. A rua não foi inaugurada à mesma época que o Jardim, quer dizer, existem

quase vinte anos de diferença da inauguração da primeira para o segundo, mas é notório que quando o visitante ou turista chegue a um dos mais visitados parques da cidade se depare com uma rua que tem nome de polonês e perceba a presença e a identificação do grupo com a cidade.

5.6.2 O Bairro Cristo Rei

O surgimento do Cristo Rei é vinculado à criação do Cajuru que, como já foi citado anteriormente, foi influenciado pela construção do Colégio Nossa Senhora de Lourdes e o Orfanato São José, onde atualmente é o Colégio Bom Jesus – Lourdes, e também a construção do Hospital Central da Rede Ferroviária em 1958, que posteriormente ficou conhecido somente como Hospital Cajuru (IPPUC, 2015). A primeira oficialização do bairro foi através da Lei 462 de 1952. O que antigamente era considerado um bairro mais distante do centro, nas décadas mais recentes foi se transformando em um espaço de especulação imobiliária e por isso, atualmente o Cristo Rei tem sua ocupação de 88% dos imóveis sendo apartamentos, o que representa mais de 5.200 unidades domiciliares. Outro indicativo é a renda média da população do Cristo Rei, que é de 28% na faixa entre cinco a dez salários mínimos, quando esta mesma faixa na média municipal é de quase 10%.

MAPA 125 – Bairro Cristo Rei e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

No Mapa 125 apresentamos destacados os logradouros com nomes de germânicos no Cristo Rei, além também da *Rua Reinaldo Schaffemberg de Quadros*, que começou no Alto da XV e termina no Cristo Rei. Destacamos aqui duas vias paralelas: A *Rua Schiller* e a *Rua Padre Germano Mayer*. A primeira é um avia que começa na esquina com a *Av. Pres. Affonso Camargo*, faz as margens das quadras esportivas e da pista de skate do Jardim Ambiental e segue até o bairro Hugo Lange terminando uma quadra adiante da *Rua Augusto Stresser*. A *Rua Schiller* é a única das vias pesquisadas que conta com uma placa – ainda no modelo antigo de placas verdes – que conta parte da biografia do homenageado, como trazemos na Figura 4, abaixo:

FIGURA 4 – Placa no início da Rua Schiller, que conta parte de sua biografia



Fonte: Rocha, R.M., 2019.

No entanto, não foi possível obter informações legislativas referentes à inauguração desta rua, provavelmente é mais um caso de antiguidade, como ocorreu em exemplos anteriores. No caso da *Rua Pe. Germano Mayer*, obtivemosas informações que dizem que esta via foi oficializada por projeto do vereador Dino Gasparin em dezembro de 1964, para homenagear um religioso germânico que veio ao Brasil em 1933 para exercer sacerdócio, tendo se naturalizado¹⁰⁴ brasileiro em 1948, Mayer nasceu em 1900 e faleceu em 1964, mesmo ano da oficialização da ruaque tem seu nome. Esta é uma rua bastante importante no Cristo Rei, cruzando o bairro até o limite com o Alto da Rua XV, começando nos fundos do terreno do Colégio Bom Jesus, tendo ainda nas quadras iniciais – antes do cruzamento com a *Av. Sen Souza Naves* – o Colégio Decisivo e também a Paróquia do Cristo Rei, ondeGermano Mayer foi vigário.

MAPA 126 – Bairro Cristo Rei e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

¹⁰⁴ Ainda que este termo não seja usualmente aplicado em espaços jurídicos de mudanças de nacionalidades, nossas fontes utilizam o termo ‘naturalização’ quando querem informar que um imigrante passou a ser legalmente brasileiro e, por isso optamos por manter assim.

Dentre os quatro endereços destacados em azul no Mapa 126, trazemosum que faz referência à Polônia, que é justamente a *Praça da Polônia*. Um projetode lei do ano 1961 autoriza que outro espaço na região do Cabral, levasse esse nome, no entanto é através de um projeto de José Gorski de setembro de 1973 que este endereço nesta localidade se oficializa. Uma área verde com bancos e parquinho entre as *Ruas Fioravante Dalla Stella, do Herval e Travessa Madre Júlia* que não conta com qualquer placa ou menção ao seu nome, pois o totem de placa está vazio, tendo sido certamente furtada.

5.6.3 O Bairro Capão da Imbuia

A história do bairro Capão da Imbuia é contada de modo a indicar que a área pertencia às famílias Camargo e Reginato e que na primeira metade do século XXos dois grupos doaram as terras para que a prefeitura loteasse, desde que mantivesse preservadas as áreas verdes, fartas de exemplares de imbuia, canela e pinheiro (IPPUC, 2015). E assim foi feito, pois até os dias atuais o bairro abriga o Bosque Capão da Imbuia e com ele o Museu de História Natural, anexo. Não é um bairro de grande extensão territorial, mas as suas vias geralmente são bastante extensas. Também não há grande quantidade de logradouros com nomes de imigrantes se comparado a exemplos de outros bairros anteriormente apresentados aqui.

MAPA 127 – Bairro Capão Da Imbuia e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.

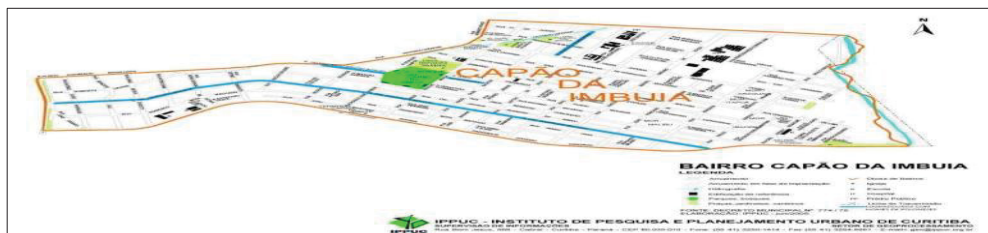


Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

No Mapa 127 aparecem duas vias de longa extensão no centro do bairro e que se cruzam, são elas: *Rua Professora Olga Balster* e a *Rua Frederico Stadler Jr.* A *Rua Profa. Olga Balster* começa ainda no Cajuru, às margens da BR-277, atravessa o bairro e segue pelo Capão da Imbuia até terminar na *Av. Victor Ferreira do Amaral*, com uma maioria de construções residenciais, os comércios instalados nesta rua ficam mais localizados na esquina que faz com a *Rua Del. Leopoldo Belczak*, sua inauguração foi em dezembro de 1955 após aprovação do projeto delei do vereador Eládio Prados. E a *Rua Frederico Stadler Jr.* que segue em sentido

sudeste-noroeste, começa nas Moradias Iracema e termina no Bosque Capão da Imbuia, contém mais comércios que o exemplo anterior uma Escola de Educação Infantil de rede particular e a Escola Municipal CEI¹⁰⁵ Eva da Silva e, por fim, na quadra que antecede a esquina com a *Rua Olga Balster*, está a Paróquia São Benedito. A *Rua Frederico Stalder Jr.* foi oficializada por iniciativa do vereador Eugênio Bim, em maio de 1971.

MAPA 128 – Bairro Capão Da Imbuia e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

No Mapa 128, abaixo aparece em destaque na cor azul também uma rua que atravessa o Capão da Imbuia em sua porção sul. É a *Rua Delegado Leopoldo Belczak*, e que assim como a *R. Olga Balster*, esta também foi oficializada pelo vereador Eládio Prados, mas em outubro de 1952. Suas primeiras quadras são no Cristo Rei, mas dentro do Capão da Imbuia é que esta via se torna a principal rua do comércio e de serviços do bairro, com estabelecimentos como agência dos Correios, lotérica, supermercados, lanchonetes, lojas de presentes e de artigos de jardinagem, por exemplo. Por estar bastante próxima ao terminal do Capão da Imbuia, esta rua não tem pontos de ônibus.

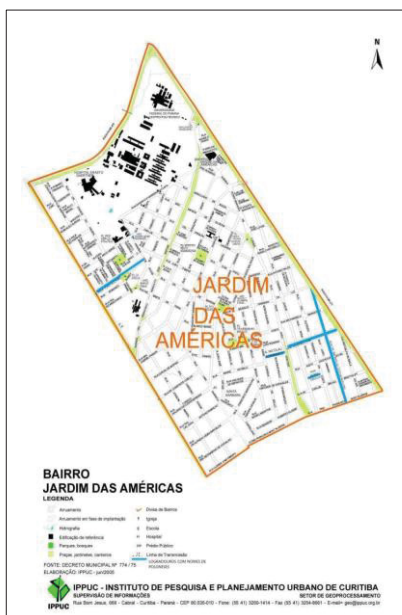
Em ambos os casos em que apresentamos o Capão da Imbuia é possível notar que são poucos os logradouros com nomes de imigrantes no Capão da Imbuia, sete entre os germânicos e quatro entre os poloneses. Isso pode ser um indício da baixa presença imigrante nesta região, pois em nenhum dos bairros da região leste de Curitiba houve colônias imigrantes no passado e, portanto, a região não criou um vínculo tão forte com nenhum destes dois, assim como foi criado em regiões onde eles de fato se instalaram.

5.6.4 O Bairro Jardim das Américas

No início do Século XX, a área onde hoje em dia é o bairro Jardim das Américas era coberta por pastagens pertencentes à família Franco de onde muitos trabalhadores de uma

¹⁰⁵ Centro de Educação Integral.

MAPA 130 – Bairro Jardim das Américas e logradouros com nomes depoloneses em destaque na cor azul



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

No Mapa 130 há que se destacar primeiramente a *Rua Nicolau Copérnico*, nome do cientista polonês desenvolveu a teoria do heliocentrismo – o sistema astronômico tendo o sol como centro da galáxia – foi astrônomo e matemático, que jamais imigrou ao Brasil e que no entanto é um polonês ilustre que viveu entre os anos de 1473 e 1543. Seu nome se tornou um endereço em Curitiba por projeto assinado por “Diversos Vereadores”¹⁰⁶ em maio de 1973. E em seguida, destacamos o nome de um descendente de poloneses: Dr. Bronislau Ostoj Roguski, foi um curitibano nascido em 1913, que estudou direito no Rio de Janeiro, foi filiado à UDN após a dissolução da ditadura do Estado Novo e então eleito deputado estadual, em 1946, recebendo muitos votos em cidades com imigração polonesa, devido à identificação que acontecia entre ele e o grupo (WACHOWICZ, MALCZEWSKI, 2000, p. 317-318)¹⁰⁷. Bronislau também foi atleta do clube Junak e presidente do clube, depois que este passou a se chamar Clube Juventus. A *R. Dr. Bronislau Ostoj Roguski*, que começa às margens da BR-277 e segue até o limite com o bairro Uberaba, foi denominada por meio de um projeto de Menotti Caprillhone em setembro de 1976.

¹⁰⁶ A descrição no projeto de lei diz exatamente este termo: “Diversos Vereadores”.

¹⁰⁷ A fonte consultada, no entanto, não informa se há parentesco entre Bronislau Ostoj Roguski e o Engenheiro Ostoj Roguski, cujo nome e endereço que o homenageia aparecem destacados no subcapítulo referente ao bairro Jardim Botânico.

5.6.5 O Bairro Guabirota

A história da ocupação do Guabirotuba conta que esta área serviu para que no final do século XIX a prefeitura municipal construísse o Matadouro Municipal, para centralizar a produção de carne da cidade e manter seu controle higiênico. Com o tempo, o odor do abatedouro incomodou os moradores dos arredores da antiga estrada para São José dos Pinhais, a atual *Av. Senador Salgado Filho* (IPPUC, 2015). Outro órgão municipal localizado no bairro desde os anos 1930 é o Horto Municipal que, ao contrário do Matadouro, cria vidas em flores perfumadas que enfeitam canteiros de praças e parques da cidade toda. Este, sim, muito bem vindo e que causa orgulho aos moradores do Guabirotuba. Bairro que faz parte da regional Cajuru segundo a subdivisão da prefeitura, ele é predominantemente horizontalizado, visto que 90% dos pouco mais de quatro mil domicílios são casas.

Quanto ao quesito renda, há uma variação interessante, pois uma parcela correspondente a 25% dos domicílios vivem com renda entre um e dois salários mínimos, quatro pontos percentuais abaixo da média municipal, mas nas faixas seguintes: dois a três salários, três a cinco e de cinco a dez salários, todos estão acima da média municipal, sendo 16% dos habitantes do Guabirota vivem com renda entre dois e três salários, e no município a média é de 13%; 19% vive com renda entre três e cinco salários no bairro, e no município esta faixa de renda corresponde a 12%; e na faixa mais alta 16% dos moradores do Guabirota estão contemplados, já no município são apenas 9%. Isso mostra que o bairro tem uma parcela mais extensa da chamada classe média do que o restante do município em termos médios.

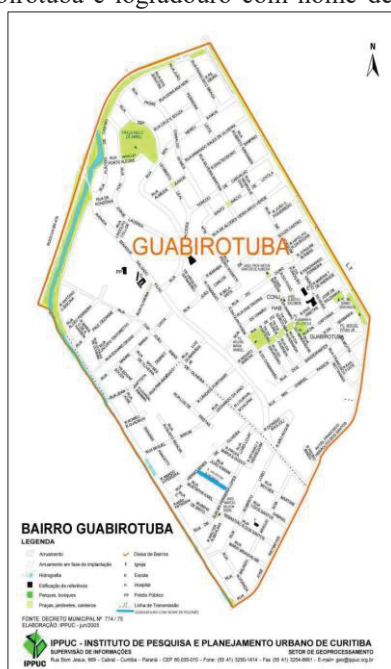
MAPA 131 – Bairro Guabirotuba e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

A *Rua José Rietmeyer* demarca o limite entre o Guabirota e o Uberaba e está destacada em roxo mais ao sul no Mapa 131. Possui um alto tráfego de veículos e ampla rede de comércios desde lojas de produtos para religiões de matriz africana a postos de gasolina e padaria, sendo uma referência para os moradores do bairro. Por ela circulam as linhas de ônibus Interbairro II, Centenário/Hauer e Canal Belém/Salgado Filho que liga este bairro ao terminal do Hauer. A *R. José Rietmeyer* tornou-se via oficialmente denominada em maio de 1963 por projeto do vereador Diogenes Stori.

MAPA 132 – Bairro Guabirota e logradouro com nome de polonês em destaque na cor azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

Poucas quadras ao norte da *R. José Rietmeyer* está o único endereço que leva nome de um polonês no Guabirota: a *Rua Valentim Bokowski* que aparece destacado em azul claro no Mapa 132, uma via íngreme com casas grandes e que só tem uma quadra de extensão. Esta rua foi denominada em projeto da Comissão de Educação e Cultura da CMC, em dezembro de 1981 junto de outras várias denominações, formando o que chamamos de bloco de denominações de logradouros, prática bastante comum no cotidiano de elaboração e tramitação de projetos desta natureza.

da Comissão de Educação e Cultura da CMC em setembro de 1980. Há ainda outras vias bastante extensas e importantes no Boqueirão com nomes de germânicos como a *Rua Bley Zorning*, mais um projeto de Máximo Pinheiro Lima, torna-se um endereço oficial em abril de 1955 e atualmente a *R. Bley Zorning* representa o maior polo de comércio atacadista e varejista de tecidos da cidade, ela atravessa o bairro desde o limite leste, com o Uberaba até o limite oeste, com o Xaxim, em sua porção sul. Outro destaque a ser feito aqui, é para a *Rua Cristiano Strobel*, esta via que marca o limite entre o Boqueirão e o Xaxim e destacada no Mapa 133 foi renomeada em dezembro de 1971 pelo vereador João Derosso, pois antes se chamava somente *Travessa Strobel*. Cristiano Strobel foi um imigrante germânico que chegou ao Brasil em 1854, instalando-se inicialmente em Joinville (SC) e no ano seguinte muda-se para Curitiba, pois teve dificuldades de adaptação com a vida na colônia. Aqui ele exerceu trabalhos de marcenaria na região de São José dos Pinhais (COLATUSSO, 2004. P. 38-39).

MAPA 134 – Bairro Boqueirão e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

O Mapa 134, ao contrário do mapa anterior, apresenta as poucas vias do Boqueirão que levam nome de algum polonês, e a que destacamos aqui é, na verdade, uma rua que começa no Uberaba, é interrompida pelo Rio Belém e continua pelo Boqueirão até finalmente terminar na esquina com a *Av. Mal Floriano Peixoto*, trata-se da *Rua Simão Kossobudzki*. Este imigrante polonês viveu entre 1869 e 1934, chegou ao Brasil em 1907, foi um médico, jornalista e professor universitário, foi também um militante político que clamou pela independência da Polônia, tendo sido até preso em uma manifestação de rua no ano de 1894. No Brasil, Kossobudzki filiou-se no Partido Republicano tendo sido responsável pelo diretório polono-

de dois anos de implantação – não há ainda iluminação pública nem placa de identificação do endereço.

5.6.8 O Bairro Pinheirinho

Um dos bairros mais populosos da cidade com mais de 50 mil habitantes (IPPUC, 2015), o Pinheirinho teve a sua origem como um ponto de passagem de tropeiros e viajantes que cortavam os campos de Curitiba durante o século XIX, seu desenvolvimento se dá através da instalação de estabelecimentos de comércio e serviços de hospedaria para estes viajantes. Outros dois marcos importantes para a região, segundo o documento do IPPUC (2015) são a instalação do quartel do Exército e a abertura da BR 116 que atravessa o bairro, na década de 1950.

O Pinheirinho conta com uma economia bastante variada em torno de comércios, serviços e até indústrias, por ser uma área lindeira à Cidade Industrial de Curitiba, sendo 643 empreendimentos industriais só no Pinheirinho. A renda média da população segue a lógica do município, pois 36% dos habitantes do Pinheirinho vivem com renda entre um e dois salários mínimos, essa mesma faixa de renda é de 29% na média municipal.

O Pinheirinho aparece em nossas duas tabelas apresentadas anteriormente, que se referem aos bairros com maior ocorrência de logradouros tanto germânicos como poloneses. São 18 logradouros com nomes deste grupo de imigrantes e 19 com nomes de poloneses.

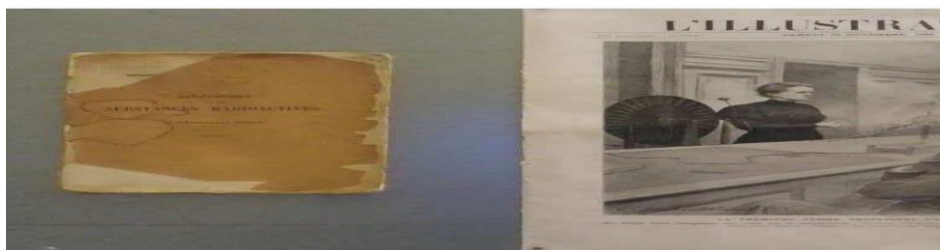
MAPA 137 – Bairro Pinheirinho e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

professora na Sorbonne estão expostos no Musée de L’immigration Porte Dorée, em Paris, como podemos observar na imagem abaixo:

IMAGEM 7 – Tese de Marie Curie intitulada “Substances Radiocatives” e a capa do jornal *L’illustration* de 10 de novembro de 1906, com a primeira aula ministrada pela cientista na Universidade Sorbonne, expostos no Musée DeL’immigration Porte Dorée, em paris.



Fonte: Rocha, R.M. 2019.

A *Rua Madame Curie* foi oficializada em dezembro de 1981 por um projeto coletivo da Comissão de Educação e Cultura da Câmara e sem a assinatura de um autor específico. Existem outras vias mais extensas e movimentadas que esta, como o caso da *R. Leonardo Pianowski* por exemplo, que é a maior rua em destaque na porção oeste do bairro, mas nenhuma delas tem o peso da biografia de Curie em termos de importância de seus feitos pela ciência em nível mundial. A denominação de um logradouro com seu nome em Curitiba ter ocorrido somente nos anos 1980 e para uma via local de um bairro sem histórico de presença da imigração polonesa e que possivelmente estava sendo urbanizado a esta época, nos faz pensar que a escolha do nome de Curie pelos vereadores membros da Comissão de Educação e Cultura veio de forma aleatória e para cumprir a demanda de denominações das vias naquela região do Pinheirinho conhecida como Jardim Piratini, mas não especificamente pela pessoa de Curie, como o caso de outros imigrantes, principalmente aqueles que ajudaram no desenvolvimento das colônias em que viveram e da cidade como um todo, como por exemplo a Rua Edmundo Saporski, no bairro Mercês.

5.6.9 O Bairro Capão Raso

Localizado na região sul de Curitiba, o Capão Raso teve seu desenvolvimento a partir das ampliações da *Av. República Argentina* e da construção da *Av. Winston Churchill*, essa última nos anos 1960, período em que se inicia uma maior urbanização com loteamentos de terrenos na região. Antes ainda, nas décadas finais do século XIX alguns grupos de imigrantes italianos se instalaram na região para trabalhar na produção semi-industrial de barricas de erva-mate

(IPPUC, 2015), como o caso da família Gasparin, contudo, não chega a ser uma presença tão intensa de imigrantes quanto aquela vista nos bairros que foram ex-colônias. Os mais de 83 mil habitantes do Capão Raso residem predominantemente em casas, sendo 76% do tipo de habitação do bairro, a renda da população entre a faixa de uma dois salários mínimos de 34% é ligeiramente maior que a média municipal, que é de 29%.

MAPA 139 – Bairro Capão Raso e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

No Capão Raso, um dos logradouros que levam nomes de germânicos e que tem destaque no Mapa 139 faz homenagem ao filósofo Emanuel Kant. Ele, que jamais fora imigrante, viveu entre os anos de 1724 e 1804 e foi um dos estudiosos da fase ou escola filosófica conhecida como Iluminismo. A *Rua Emanuel Kant* começa na esquina com a *Rua Bortolo Gusso* tem uma interrupção devido a um terreno residencial em seu caminho, mas continua após este terreno, terminando somente na esquina com a Linha Verde, na divisa com o Xaxim. A via foi oficializada por iniciativa de Flávio Horizonte da Costa em um projeto datado de setembro de 1968, que continha um bloco de nomes de logradouros sendo propostos e todos eles eram de pensadores, filósofos e escritores notáveis para a humanidade.

Pracinha do Novo Mundo. Segundo o IPPUC (2015), Stenzowski arrenda este armazém para um imigrante espanhol em 1908, e depois retorna para a região, abrindo outro armazém em frente ao Novo Mundo, gerando aí a vocação comercial do futuro bairro, principalmente ao longo das Avenidas *República Argentina e Brasília* e da *Rua Isaac Guelmann*, popularmente chamada de Via Rápida.

O Novo Mundo além de se caracterizar pelo forte comércio de rua, também é um bairro que acompanha a média da renda do município, pois 31% da população do bairro, que é de mais de 44 mil habitantes, vive com renda entre um e dois salários mínimos, pouco acima da média municipal que é de 29%, segundo o mesmo documento do IPPUC (2015). E também não é um bairro muito verticalizado, visto que 68% dos mais de 15 mil domicílios são casas.

MAPA 141 – Bairro Novo Mundo e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

O documento do IPPUC (2015) também destaca a presença de outras famílias de origem imigrante como sendo pioneiras no desenvolvimento do Novo Mundo. E uma dessas famílias é a Schier, que aparece representada em forma de homenagem na *Rua Gustavo Schier*, via que começa na *Av. República Argentina* e segue em direção oeste. A via, com aspecto predominantemente residencial, foi oficializada em abril de 1961 pelo vereador Diogenes Stori sendo, portanto, o mais antigo dos onze logradouros com nomes de germânicos destacados no Mapa 141, acima.

5.6.11 O Bairro Santa Quitéria

O bairro que antigamente era mais conhecido como Carmela Dutra – em homenagem à ex-primeira-dama do Brasil, esposa do ex-presidente Eurico Gaspar Dutra – passa a se chamar Santa Quitéria a partir da década de 1950, quando ocorre a construção da igreja dedicada a esta santa, por iniciativa de seus moradores. No início dos anos 1970, o padre italiano Dom Orione propôs a construção de um pavilhão anexo à igreja para atender crianças com deficiência, eraciado assim, o Pequeno Cotelengo do Paraná, que atualmente tem sua vasta sede no bairro vizinho, o Campo Comprido. Os serviços e o comércio são as principais atividades econômicas do bairro, ocupando ambos 42% dos estabelecimentos, segundo o IPPUC (2015). Talvez por não ter sido uma região que recebeu imigrantes europeus ao longo de seu desenvolvimento, o Santa Quitéria é um bairro com pouquíssimos logradouros que homenageiam germânicos ou poloneses, como é possível verificar nos mapas abaixo.

MAPA 143 – Bairro Santa Quitéria e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

Somente dois logradouros com nomes de germânicos e um com nome de polonês ocorrem neste bairro, destacamos aqui a *Rua Dionira Moletta Klemetz*, na porção mais ao sul deste, marcando sua emenda com os bairros Campo Comprido e Fazendinha. Esta via foi oficialmente designada em dezembro de 1972 pelo vereador Eugenio Bim. Ainda é possível ver no Mapa 143 acima, que a região onde essa rua está localizada apresenta a seguinte

descrição: Planta Herdeiros de Dionira Moletta Klemetz, o que claramente indica que as terras onde a rua está pertenciam à homenageada, quando em vida.

MAPA 144 – Bairro Santa Quitéria e logradouro com nome de polônês emdestque na cor azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

E a única rua que localizamos no Santa Quitéria com nome de um cidadão de origem polonesa é a *Rua Antônio Lascoski*, destacada entre nosso levantamento como a mais recente das ruas denominadas com nomes dos imigrantes estudados. Esta via foi oficialmente criada em agosto de 2012 pelo vereador Celso Torquato. Contudo, esta rua não é endereço de alguém por enquanto, pois caracteriza-se por ser um caminho aberto na grama, às margens do Rio Barigui, o que popularmentese pode chamar de um “carreiro no mato”. E a partir disto, podemos notar que o poder público tem entrada nas regiões ainda desestruturadas em termos urbanísticos, mas a tarefa mais fácil, por assim dizer, é estabelecer nome e CEP para um endereço, e o mais complexo – que é estrutura de asfalto, iluminação, calçamento entre outros – demora mais para ser feito.

5.7 BAIRROS FORMADOS PELOS PROJETOS DO IPPUC NOS ANOS 1970

Um novo ciclo de expansão urbana acontece em Curitiba quando o grupo de urbanistas contratados pelo IPPUC, em 1975, faz uma revisão do planejamento outrora desenvolvido por Agache, que estava desatualizado neste intervalo de quase 30 anos. Esse planejamento incluiu, entre outras coisas, a atual divisão territorial e denominação dos bairros, principalmente os do

anel central, extinguindo os antigos bairros Itupava e Marumbi, dando-lhes novos nomes, como Alto da Rua XV e Hugo Lange. O planejamento incluiu também a construção de um distrito industrial a oeste da cidade, que veio a ser a Cidade Industrial de Curitiba e a construção de muitos conjuntos habitacionais para moradias populares em bairros periféricos das regiões leste e sul da cidade, por exemplo. E todos os bairros envolvidos ou concebidos neste período serão apresentados a seguir.

Há que se destacar que o grupo que trabalhou neste novo planejamento era conhecido como “tecnocratas”, e refletimos aqui a fim de justificar este termo, pois o grupo trabalhou de uma forma completamente desvinculada da visão humanística. Sem qualquer consulta à população – algo impensável em uma época em que a cidade e o país viviam um Estado repressivo - estes senhores alteraram limites e nomes de bairros, alterando também a vida das pessoas, fazendo da cidade um laboratório de experimentos urbanísticos que não levou em consideração o elemento humano, vide a crítica que os comerciantes da *Rua XV de Novembro*, no centro em 1972, fizeram ao então prefeito quando da implantação do calçadão nesta rua, literalmente de um dia para o outro e de surpresa¹⁰⁸. Quem antes falava que morava no Itupava passou a ter que dizer-se morador do Alto da Rua XV, ou ainda as mudanças de CEP entre outros aspectos, todas essas pequenas mudanças cotidianas que foram implicadas por essas alterações devem ser pensadas aqui.

5.7.1 O Bairro Alto da Rua XV

O Alto da Rua XV recebe essa denominação em 1975 (IPPUC, 2015) quando da reformulação de seus limites e redefinição de outros antigos bairros dos arredores. Algumas placas de rua antigas ainda indicam o nome de Itupava para a localidade. Majoritariamente vertical, sendo 77% dos imóveis prédios de apartamentos (IPPUC, 2015), o bairro conta com várias ruas cujos nomes são datas importantes para a história do Brasil como a *Rua 21 de Abril*, a *Av. Sete de Setembro* e a via que dá nome ao bairro *Rua XV de Novembro*.

¹⁰⁸ Informação disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/o-primeiro-calçadão-do-brasil/37689#:~:text=Foto%3A%20Arquivo%2FSMCS-.Em%201972%2C%20a%20Prefeitura%20de%20Curitiba%20fez%20hist%C3%B3ria%20ao%20implantar,meses%20para%20completar%20a%20obra.&text=As%20ruas%20das%20grandes%20cidades%20eram%20alargadas%20para%20contemplar%20mais%20ve%C3%ADculos>. Acesso em 17/02/2021.

E no Mapa 146 temos os dois jardinetes que levam nomes de poloneses neste bairro, ambos são margeados pela *Av. Visconde de Guarapuava*. O *Jardinete Hipólito Dopieralski* foi denominado através de um projeto coletivo na Comissão de Educação e Cultura, em setembro de 1997, e o *Jardinete Des. Zeferino Krukoski* foi denominado com um projeto de lei do vereador Fabiano Jr. dentro da mesma Comissão de trabalho da CMC em agosto de 1992.

5.7.2 O Bairro Hugo Lange

As origens do bairro Hugo Lange vêm da ampliação da malha viária das regiões do Cabral e Juvevê, ainda nos anos 1910. Vias que atualmente são a *Avenida Nossa Senhora da Luz* e a *Rua Itupava* já serviam de referência naqueles tempos, o que favoreceu a ocupação da área do bairro. Foi somente no decreto que oficializa os bairros de Curitiba como são até hoje, em 1975, que o bairro ganha estenome e as delimitações atuais, pois antes disso a área era composta por partes dos bairros Cabral, Juvevê e o extinto bairro Marumbi. A economia do Hugo Lange é muito movimentada pela rede de bares e restaurantes localizados na região da *Rua Itupava* e do Jardim Ambiental e isso é visível no documento do IPPUC (2015) que mostra que 53% da atividade econômica do bairro é no setor de serviços. Outro fator interessante deste bairro é a baixa diversidade racial, pois segundo o mesmo documento apenas 4,6% dos moradores do Hugo Lange se auto identificam como pretos, pardos e indígenas, o que significa dizer que são 158 dos seus pouco mais de 3.390 habitantes.

Por ter uma grande área de esportes e lazer, que é o Jardim Ambiental, uma longa ciclovia pela *Rua Flávio Dallegrave* e outros ambientes de socialização, públicos ou não, o bairro Hugo Lange é um dos únicos da cidade que registrou, segundo IPPUC (2015), zero caso de homicídio durante o período estudado¹⁰⁹, mostrando que uma localidade que recebe atenção e conta com ações do poder público se distancia da violência.

¹⁰⁹ Dados referentes a 2010 e as informações obtidas pelo IPPUC são da Polícia Civil e do censo deste ano.

MAPA 147 — Bairro Hugo Lange e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

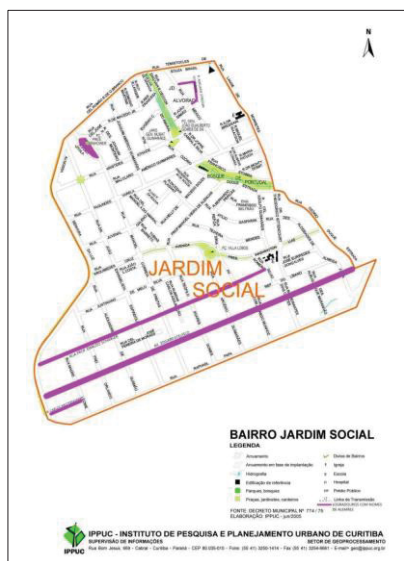
O destaque do Mapa 147 é para o cruzamento das *Ruas Augusto Stressere Padre Germano Mayer*, esta última já descrita anteriormente, no subcapítulo referente ao Cristo Rei. Augusto Stresser foi um descendente de germânicos nascido em Curitiba no ano de 1871, viveu da arte, foi compositor musical, maestro, artista plástico e também trabalhou como jornalista. Stresser compôs a primeira ópera inteiramente paranaense em companhia de seu primo Jayme Balão – que também é nome de rua no Juvevê – cujo título é *Sidélia*, em homenagem a sua filha. Casou-se com Ernestina Gaertner, faleceu aos 47 anos, vitimado pela Gripe Espanhola, em 1918. A *Rua Augusto Stresser* é uma das vias mais importantes do Hugo Lange, repleta de comércios e serviços, como bancos, academias e pet shops, por ela circulam as seguintes linhas de ônibus: Hugo Lange, Augusto Stresser, Interbairros II e Cabral/Portão. Esta rua foi oficializada pelo vereador João Pereira deMacedo, em projeto de lei de julho de 1948, sendo uma das mais antigas de todo o levantamento.

5.7.3 O Bairro Jardim Social

A história das primeiras ocupações de luso-brasileiros da região que atualmente é o Jardim Social conta ainda do século XIX, como as extensões das chácaras da antiga colônia Argelina. Durante o Século XX, a região começa a ser loteada ainda sob o nome de Marumbi (IPPUC, 2015) e somente em 1975 quando a oficialização dos bairros com as demarcações e nomes que conhecemos atualmente é que ele passa a se chamar Jardim Social.

Este bairro se configura em uma área de ocupação residencial, que conforme o IPPUC (2015) é de baixa densidade e que por isso se tornou um refúgio das classes mais altas, para que esta construísse residências de alto padrão econômico. E isso se mostra em dados estatísticos também, que mostra o Jd. Social como um bairro com alto contingente de pessoas que se declaram brancas – 93% da população ou pouco mais de 5.300 moradores - e com maioria que possui renda superior a cinco salários mínimos: 30%, enquanto este mesmo patamar é de 9% na média municipal.

MAPA 148 – Bairro Jardim Social e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

A rua que destacamos no Mapa 148 é a *R. Professor Ewaldo Schieber*, uma via residencial, como a maioria no bairro e que foi inaugurada por Elias Karan em março de 1952. Ela começa na *Av. Nossa Senhora da Luz* e termina nos muros do Colégio Estadual Amâncio Moro, um dos poucos colégios públicos do bairro. Paralela a esta, está a *Av. Edgard Stelfeld*, via que homenageia o filho de Augusto Stelfeld, um descendente de germânicos que foi deputado estadual por quatro mandatos. A avenida foi oficializada em maio de 1953 pelo vereador Adeodato Arnaldo Volpi e atravessa toda a extensão do Jd. Social, de sudoeste para nordeste desde a *Av. Nossa Senhora da Luz* até os limites com o Bacacheri.

Tanto Hugo Lange quanto Jardim Social – que são bairros vizinhos – não contêm qualquer logradouro que leve o nome de alguém de origem polonesa, o que justifica as ausências dos segundos mapas em ambos os casos.

Além da reformulação desses três bairros apresentados anteriormente, a política urbanista implantada pelo IPPUC nos anos 1970 redefiniu também grandes bairros das

periferias leste, sul e norte da cidade, com delimitação de suas áreas, construção de conjuntos habitacionais entre outros aspectos, conforme veremos a seguir.

5.7.4 O Bairro Cajuru

O bairro Cajuru é um dos que possuem mais de 15 logradouros com nomes de germânicos e de poloneses também, já tendo sido apresentado no capítulo anterior, mas que terá seus mapas repetidos agora para que seja possível fazer melhor análise. Um dos mais populosos bairros da cidade, o Cajuru tem população de mais de 96¹¹⁰ mil habitantes (IPPUC, 2015) e sua história está vinculada à duas instituições: à Rede Ferroviária e à Igreja Católica. Foi no início do século XX que as grandes áreas de terras desocupadas a leste da cidade começaram a ser adquiridas, primeiramente em 1907 com a construção do Colégio Nossa Senhora de Lourdes e o Orfanato São José (IPPUC, 2015) e posteriormente, em 1959 com a construção do seminário dos padres palotinos foi onde começou a ocupação territorial do Cajuru. O Colégio e o Orfanato atualmente ficam dentro do bairro Cristo Rei, devido a redefinição dos limites do bairro. A participação da Rede Ferroviária vem com a construção do Hospital Cajuru¹¹¹ por parte da União Ferroviária, que inaugurou e manteve o hospital de 1958 a 1977 e também com as oficinas da Rede Ferroviária e a inauguração de um conjunto habitacional no final dos anos 1960 – a Vila Oficinas – que inicialmente serviu para que os operadores do sistema ferroviário habitassem, estando próximos ao trabalho. Em termos estatísticos, o bairro tem 28% da população que se declara preta e parda – uma das maiores taxas da cidade e bem acima da média municipal, que é de 19% - e 33% da população do Cajuru vive com renda entre um e dois salários mínimos, um pouco acima da média municipal que é de 29% (IPPUC, 2015).

¹¹⁰ Segundo o censo demográfico de 2010, utilizado neste documento do IPPUC.

¹¹¹ Informações sobre a fundação do Hospital Cajuru obtidas em: <http://www.hospitalcajuru.org.br/historia-do-hospital/> acesso em 22/07/2020.

lideranças pela redemocratização do país, no Paraná. A *Av. Maurício Fruet* abriga o Mercado Regional do Cajuru e a Rua da Cidadania do Cajuru, o nome foi oficializado em dezembro de 1998 – no mesmo ano de seu falecimento – cujo projeto de lei está assinado por diversos vereadores e assim está descrito na página da CMC. E a terceira rua que queremos destacar entre as que têm nomes germânicos e está presente no Mapa 120 é a *Rua Berta Lutz*, uma via residencial com três quadras de extensão, na Vila Trindade, a oeste no mapa. Berta Luz foi uma mulher da ciência, militante pelos direitos das mulheres, principalmente pelo acesso ao voto feminino. Descendentes de germânicos suíços, Berta Lutz viveu no Rio de Janeiro entre 1894 e 1976, fez seus estudos na Université Sorbonne e trabalhou no Museu Nacional do Rio de Janeiro. A rua que leva seu nome se tornou oficial em maio de 1988 por iniciativa da Comissão de Educação e Cultura da CMC.

MAPA 150 – Bairro Cajuru e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

E no Mapa 150 é possível verificar os logradouros com nomes de poloneses no Cajuru. São ao todo 19 endereços, destacamos a *Rua José Fabiano Barcik*, oficializada pelo vereador Antônio Domakoski, em junho de 1958, é uma via residencial que não possui circulação de linhas de ônibus, mas aparece aqui por ser uma das vias mais antigas do bairro, na sua porção central, em sentido norte-sul, localizada na Vila Camargo e que faz fundos para o Colégio Estadual Dep. Olívio Belich. Outro endereço localizado mais ao norte do primeiro destaque no Mapa 138 é a *Rua João Martinski*, na Vila Oficinas. Este endereço foi oficializado com este nome em dezembro de 1982 por um projeto da Comissão de Educação e Cultura da CMC, contudo, as ruas desta vila especificamente eram popularmente conhecidas pelos números que as denominavam, até meados dos anos 1990. E a *Rua João Martinski* era então conhecida

e chamada pelos moradores como a Rua 15. João Martinski era um morador desta rua e quando faleceu, recebeu homenagem. Seus filhos e netos ainda moram no mesmo endereço até hoje.

5.7.5. O Bairro Uberaba

Um dos grandes bairros em extensão territorial e também em contingente populacional – são mais de 72 mil habitantes segundo IPPUC (2015), o Uberaba se destaca na região leste da cidade. Tendo se desenvolvido a partir do antigo caminho que levava até São José dos Pinhais - que veio a se tornar a Avenida Salgado Filho, posteriormente - que o bairro começa a estabelecer um crescimento comercial e residencial. Este antigo caminho servia para transportar, além de outros produtos, os bois que seguiam para o abatedouro municipal, que ficava na região entre o Uberaba e o Guabirota a partir da década de 1890.

Como sua extensão territorial vai até as margens do Rio Iguaçu e o limite de Curitiba com São José dos Pinhais, costumou-se delimitar o bairro como Uberaba de Cima e Uberaba de Baixo, mas ambas as partes mantêm a característica comum de ser um bairro com maioria de classe média – seguindo a lógica do município, cuja faixa de renda majoritária é entre um e dois salários mínimos (IPPUC, 2015), com a maioria das residências sendo casas, são 86% dos 23.900 domicílios (IPPUC, 2015) e com vasta área de comércio.

É importante destacar também a presença de um dos maiores bolsões de ocupação irregular da cidade, a Vila Audi-União, fica no Uberaba. A área começou a ser ocupada nas margens da BR-277 na década de 1990, onde já havia a previsão de um loteamento da COHAB-CT, chamado Planta Evaristo e também acontecia a formação da Vila Reno, no entanto a necessidade de moradia e a pobreza crescente fizeram com que os movimentos de ocupação expandissem a área ocupada na direção sul, fazendo surgir assim as vilas Audi, União Ferroviária e Icaraí (FERREIRA, 2019, p. 37). E como parte do processo de urbanização desta área, a denominação oficial dos logradouros é algo determinante para a regularização da posse e a cidadania dos moradores destes locais. E devido a esta urbanização intensa, provocada pela urgência no crescimento dessas vilas, temos no Uberaba grandes quantidades de logradouros com nomes de germânicos e de poloneses: são 23 no primeiro caso e 27 no segundo.

MAPA 151 – Bairro Uberaba e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa.



FONTE: IPPUC. ADAPTAÇÕES: ROCHA, R.M. 2020.

Ao olharmos para o Mapa 151 verificamos que na porção mais ao norte do bairro há duas vias paralelas que cruzam a *Av. Comendador Franco* – popularmente conhecida como *Avenida das Torres* - a segunda de cima para baixo e mais extensa delas é a *Rua Henrique Mehl*. Esta via foi inaugurada em setembro de 1969 e não consta em seu texto o autor do projeto de lei que a oficializou. Segundo o texto do projeto de lei, publicado na página da CMC, Henrique Mehl foi um imigrante germânico que contribuiu muito com o bairro – porém sem especificar de que forma ele o fez – fora também um dos primeiros moradores da região e que tornou-se exemplo para a vizinhança pela sua dedicação ao trabalho e honestidade. Por esta via circulam as linhas de ônibus Interbairros II e Jd. Centauro, há bastante residências, porém destacam-se os estabelecimentos comerciais de grande porte na esquina desta com a *Av. das Torres*: uma concessionária de automóveis e um Hipermercado. E é no Jardim Icarai que está localizada a mais recente das ruas aquilistadas, trata-se da *Rua Manoela Stier Reiss*, que se tornou endereço oficial em julho de 2013 por iniciativa da vereadora Carla Pimentel, o que claramente nos indica o processo de urbanização ainda em curso, desta favela

MAPA 152 – Bairro Uberaba e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

E na parte leste do Uberaba identificamos as Moradias Iguaçu, ou Lotiguaçu e ali encontra-se a maior concentração de ruas com nomes de poloneses em todo o bairro, onde podemos ver no Mapa 152 um concentrado de marcações azuis, à direita da *Rua Zacarias Gomes de Souza*. É importante falarmos desta vila de maneira geral, para mostrar que a sua urbanização foi também uma oportunidade de homenagear antepassados polono-brasileiros, além obviamente da função primeira que tem o nome de uma rua, que é levar identificação formal a um lugar. A mais extensa delas, que cruza a vila no sentido norte-sul chama-se *R. Eunice Bettini Bartoszeck*, é uma referência na vila, pois conta com vários estabelecimentos de serviços como salões de beleza, centro de serviços automotivos e lanchonetes, conta também com a Unidade de Saúde Lotiguaçu e com paradas de ônibus das linhas Centenário/Hauer e Jd. Itiberê. Esta via foi oficializada pelo vereador Paulino Pastre na Comissão de Educação e Cultura da CMC, em setembro de 1991. Temos ainda outros exemplos nesta mesma vila, como a *R. Nicodemus Zeglin* que faz um cruzamento com o primeiro exemplo, porém é um pouco mais antiga, pois foi oficializada em janeiro de 1987 pelo vereador Horácio Rodrigues, também na Comissão. E por último a *R. Irmão Paulo Wodonos*, cuja iniciativa para denominação foi do vereador Tito Zeglin ao trabalhar na mesma Comissão, em abril de 1994. Todos esses exemplos de logradouros com nomes de poloneses concentrados no Lotiguaçu, uma vila da cidade sem qualquer ligação com a imigração polonesa, mostram que a ferramenta de homenagem através de logradouros, neste caso, obedeceu mais à demanda gerada pela urbanização do local e menos em razão de ressaltar a memória dos homenageados e vinculá-los ao local da cidade onde se fixaram após a imigração.

5.7 6 A Cidade Industrial de Curitiba

O mais extenso e mais populoso bairro de Curitiba teve suas primeiras ocupações no formato rural da pequena agricultura familiar, semelhante ao que acontecia nas colônias de imigração polonesa ali próximas: Orleans e Dom Augusto atual bairro Augusta. Na década de 1960 começa a ocupação habitacional no formato urbano com a inauguração da Vila Nossa Senhora da Luz, o primeiro conjunto habitacional de Curitiba, cuja construção foi impulsionada pela expansão populacional da cidade e também pelos programas habitacionais dos governos militares, voltados para as camadas mais pobres das áreas urbanas a exemplo da Cidade de Deus, no Rio de Janeiro.

A partir da década de 1970, o planejamento urbano da cidade fez delimitar a região como o setor industrial da cidade, que também começa a receber indústrias brasileiras e multinacionais, expandindo esse setor da economia na cidade. No entanto, segundo o documento do IPPUC (2015) esse não é o principal setor da economia do bairro, hoje em dia, pois 22% dos empreendimentos correspondem a indústrias na CIC, enquanto que 44,8% são estabelecimentos de comércio. Outra característica da demografia da CIC é que se reflete na vida social do bairro é acerca da renda de sua população, cuja média da maioria é na faixa entre meio e dois salários mínimos – correspondendo a 68% da população – sendo, portanto, superior à média do município que corresponde a 49,75%. E isso significa dizer que a pobreza é presente neste bairro da periferia sul e oeste de Curitiba, e como a pobreza invariavelmente vem acompanhada da violência, os índices apresentados no mesmo documento do IPPUC (2015) mostram que o bairro registrou 70,59 casos de homicídio para cada cem mil habitantes, enquanto que a média do município é de 42,81 casos para cada cem mil pessoas.

Em nossa metodologia da apresentação dos bairros e seus logradouros temos trazido dois mapas para cada bairro, contudo é necessário explicar uma adaptação que fizemos para apresentar a CIC, pois devido ao seu tamanho e para garantir uma qualidade de definição da imagem, dividimos o bairro em quatro obedecendo à lógica das vilas e regiões do bairro, ficando, portanto as porções:

Norte - Jardim Gabinete; Central - Vila Sandra; Oeste - o conjunto de vilas Caiuá, Diadema, Sabará e Barigui; e por último a Porção Sul Vila Nossa Senhora da Luz, o Conjunto Vitória Régia e a região do Contorno sul. E assim destacaremos pelo menos um logradouro em cada uma das oito porções, o número é maior do que o exposto nos outros bairros porque somente na CIC existem 41 logradouros com nomes de germânicos e 66 com nomes de

poloneses, sendo - pela lógica de seu tamanho - também o maior contingente do nosso levantamento.

MAPA 153 – Bairro Cidade Industrial Porção Norte – Jd. Gabinete e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

A *Rua Boleslau Lucas Bayer*, identificada como R.1 no Mapa 153 e que atravessa de leste a oeste o Jardim Gabinete e possui uma característica bastante comum das ruas deste conjunto habitacional ao norte da CIC: esta rua é de residências com terrenos grandes, com poucos estabelecimentos comerciais – uma vez que estes estão concentrados na *R. João Falarz* – e também baixa circulação de veículos. Esta rua foi oficializada por meio de um projeto de lei do vereador José Gosrki em dezembro de 1974. Outro exemplo relevante é a *Rua Semiramis de Macedo Seiller*, localizada na porção oeste do Mapa 153 e sendo um acesso da *Av. Juscelino Kubitschek de Oliveira*. Esta via que se tornou endereço oficial em abril de 1987, é ocupada por indústrias em ambos os lados e por ela passa o ônibus da linha Riviera, que sai do terminal do Campo Comprido. Quando observamos o vereador responsável pela oficialização do endereço encontramos uma informação curiosa: Rafael Greca de Macedo – atual prefeito da cidade¹¹² – possui o mesmo sobrenome da homenageada, o ‘de Macedo’, um caso raro em nosso levantamento, mas condizente com a conduta deste personagem político.

¹¹² Cuja gestão começou em 2017 e devido a sua reeleição será mandatário municipal até 2023.

MAPA 157 – Bairro Cidade Industrial Porção Oeste – Caiuá, Sabará, Diadema e Barigui e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa

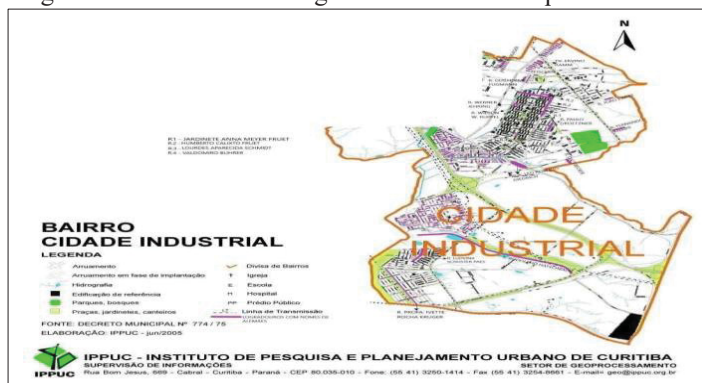


Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

No Conjunto Caiuá destacamos a *Rua João Alexandre Kopp*, assinalada como R.3 no Mapa 157 acima e que passa em direção norte-sul paralelamente à *Av. Juscelino Kubitschek de Oliveira*. Essa é uma das vias em que não consta o autor da proposta que a oficializou, coincidindo com a data de sua inauguração – dezembro de 1968 – ter sido durante um dos períodos antidemocráticos que o Brasil viveu. Nesta rua está localizada a Escola Municipal Olívio Soares Saboia e ao sul da esquina com a *Rua Raul Pompeia* a maioria dos estabelecimentos são de vendas e serviços automotivos, autopeças e oficinas mecânicas.

Na porção sul do Mapa 157 existe a Vila Sabará e uma de suas ruas é a *R. Nelson Rieke* que passa em sentido norte-sul e encontra-se a oeste da BR 376. Esta via que conta com alguns comércios e muitas casas residenciais foi oficializada em setembro de 1996 pela Comissão de Educação e Cultura, sem ter um autor específico.

MAPA 159 – Bairro Cidade Industrial Porção Sul – Vila N. Sra. Da Luz, Vitória Régia e Contorno Sul e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.



FONTE: IPPUC. ADAPTAÇÕES: ROCHA, R.M. 2020.

No extremo sul do bairro CIC existe o Conjunto residencial Vitória Régia, e uma de suas ruas mais extensas desse conjunto é a *Rua Profa. Ivete Rocha Kruger*, com um traçado que atravessa o conjunto de norte a sul, essa rua foi inaugurada em dezembro de 2000 pelo vereador José Gorski, mostrando o que é uma ampliação recente do bairro.

Outro exemplo dez anos mais antigo é a *Rua Guilherme Fugmann*, na Vila Nossa Senhora da Luz. Oficializada pelo mesmo vereador José Gorski atuando na Comissão de Educação e Cultura da CMC, a via é oficializada em agosto de 1990¹¹⁵ e por ela circula o ônibus da linha que leva o nome da vila e que faz parada na Praça Rui Barbosa, no Centro.

MAPA 160 – Bairro Cidade Industrial Porção Sul – Vila N. Sra. da Luz, Vitória Régia e Contorno Sul e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

¹¹⁵ Algo que aconteceu tanto na Vila Oficinas no Cajuru, como na Vila Nossa Senhora da Luz na CIC – os dois conjuntos habitacionais mais antigos da COAHB em Curitiba – é a denominação das ruas por números. Contudo, não há documentos da CMC que falem sobre uma renomeação desta rua, nem a qual número ela correspondia no passado. A informação acerca dos números terem servido para denominar as ruas é confirmada por moradores locais.

A rua que marca a entrada do Conjunto Vitória Régia e que demarca sua delimitação de leste a oeste chama-se *Rua Martha Gembarski Tuleski*. Um dos lados desta rua é todo ocupado por indústrias e o outro por residências e alguns comércios, além de contar com a circulação e ponto de parada do ônibus da linha Vitória Régia, que liga o conjunto ao terminal do Pinheirinho. Esta rua foi oficialmente denominada em março de 1998, quando a Comissão de Educação e Cultura da Câmara monta um bloco com nomes para denominar logradouros.

E na Vila Nossa Senhora da Luz encontramos o exemplo de um descendente de poloneses que em vida prestou muitas homenagens a seus antepassados em logradouros e que postumamente também passa a denominar uma via na cidade, trata-se de Alvim Jareski, cuja rua está sinalizada como R.2 no Mapa 160 acima. Jareski nasceu em Curitiba no ano de 1918, foi vereador do município na década de 1970 pelo partido ARENA, situacionista nos anos de repressão da ditadura militar brasileira. Ele também atuou como fundador e presidente de um clube de futebol amador da cidade, o Cinco de Maio, que tinha sua sede no bairro Água Verde, mas que existiu somente entre os anos 1950 e 1970¹¹⁶. A rua que homenageia Alvim Jareski foi oficialmente denominada pelo também No caso do bairro que apresentaremos a seguir, a história segundo o próprio IPPUC (2015) conta que havia sim uma população vivendo nesta localidade e conjuntos habitacionais antes da oficialização deste bairro como o conhecemos hoje em dia, o Tingui.

Ele está neste bloco, justamente por ter sofrido interferência do planejamento que o IPPUC fez nos anos 1970 a fim de padronizar a sua urbanização e inclusive, mudar seu antigo nome. Este é um dos exemplos semelhantes ao caso do Hugo Lange e Alto da Rua XV, uma interferência técnica na vida social dos moradores daquelas localidades.

5.7.7 O Bairro Tingui

A origem do nome do bairro Tingui se dá pelo povo indígena que ocupava as áreas onde atualmente são a região norte de Curitiba e parte da Região Metropolitana, esta população que foi explorada e exterminada pelos colonizadores portugueses tinha orgulho de sua bela aparência física, uma vez que a palavra Tingui significa “nariz afinado”¹¹⁷ (IPPUC, 2015) e ainda de acordo com este documento, suas habitações eram feitas como cavernas abaixo do

¹¹⁶ Informações disponíveis em: <https://www.tribunapr.com.br/blogs/suburbana/data-inesquecivel/>. Acesso em 04/02/2021. E em http://memoria.bn.br/pdf/761567_per761567_1959_03161.pdf com consulta ao jornal Paraná Esportivo, na edição de 13 de março de 1959. Acesso em 04/02/2021.

¹¹⁷ No entanto, este documento e todas as referências ao povo Tingui não informam se eles eram de nação Guarani ou Kaingang, sequer há um memorial a este povo no Parque Tingui, no bairro São João.

solo, literalmente buracos no chão que os protegia do frio de nossa região. Documentos da Câmara Municipal de Curitiba mostram que antes da oficialização do bairro - noplanejamento urbano de 1975 - existiam conjuntos habitacionais na região do Bacacheri com o nome de Planta Paciornik e Vila Tinguí, além ainda da existência do Tinguí Esporte Clube do Bacacheri, o que provavelmente demarcaram a região para a oficialização deste nome. Outra importante referência ao povo Tinguí era a antiga Rua Tinguís localizada na região central da cidade, que, no entanto,, teve seu nome alterado para *R. Desembargador Isaiás Bevilacqua* em 1962.

MAPA 161 – Bairro Tinguí e logradouros com nomes de germânicos emdestaque na cor roxa.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

A mais antiga das ruas que homenageiam alguém de origem germânica no Tinguí é uma via predominantemente residencial de nome *Rua José Wosch Sobrinho*. Localizada ao centro do bairro e começando na esquina com a *Av. Monteiro Tourinho*, esta via foi denominada pelo vereador Elias Jorge em novembro de 1964.

MAPA 162 – O Bairro Tingui e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

E ao sul do Mapa 162 está destacada em azul a mais extensa das vias com nome de polonês do Tingui, a *Rua João Ivanoski*. A via que foi oficializada pelo vereador Menotti Caprilhone em setembro de 1967 tem características residenciais e conta com o ponto final da linha São João.

5.8 BAIRROS FORMADOS AO FINAL DO SÉCULO XX

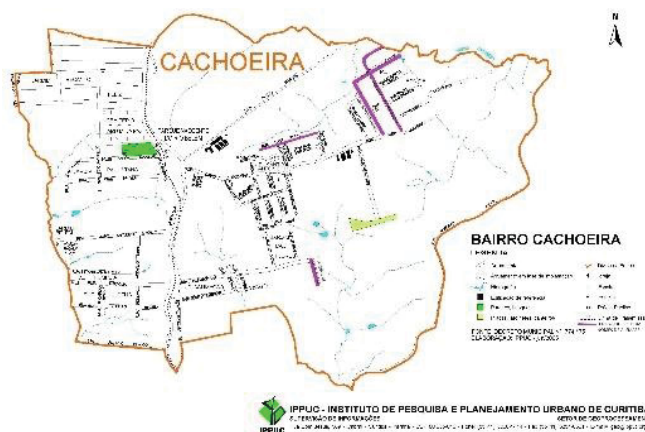
Agora apresentamos o último bloco de bairros da cidade, as localidades que tiveram sua urbanização intensificada após os anos 1980, chegando aos limites da área territorial de Curitiba, sendo, portanto, todos periféricos e na maioria do extremo sul da cidade. O crescimento destes bairros foi intensificado por dois fatores preponderantes: a migração interna de famílias brasileiras de outras regiões para Curitiba e da política encampada pelos movimentos de luta por moradia e regularização fundiária, para a abertura de novos conjuntos habitacionais. Os bairros São Miguel e Caximba incluir-se-iam neste bloco de bairros se tivessem logradouros a serem apresentados aqui, uma vez que a história da urbanização de ambos é mais recente.

5.8.1 O Bairro Cachoeira

O bairro Cachoeira é mais uma das remanescentes de colônias de imigrantes na região norte da cidade, chamava-se Antônio Prado e pertencia aos municípios de Colombo e Almirante Tamandaré e posteriormente foi incorporada ao município de Curitiba. E por isso existe um bairro Cachoeira em Curitiba e um Cachoeira em Almirante Tamandaré. A Colônia Antônio Prado foi fundada em 1886 por iniciativa provincial, com 54 lotes, distante a 16 km de Curitiba e destinadas a imigrantes poloneses e italianos (KANASHIRO, 2006, P. 175).

Segundo IPPUC (2015), o Cachoeira é um bairro cujas residências são 93% compostas por casas, e quase 67% dos pouco mais de 9.300 habitantes do bairro vivem com renda entre meio e dois salários mínimos. Outro dado relevante é o índice de homicídios que o mesmo documento apresenta, enquanto a cidade tem uma média de 42,81¹¹⁸ homicídios por cem mil habitantes, o Cachoeira tem uma média de 85,81 homicídios para cada cem mil habitantes, ou seja, um pouco mais que o dobro da média da cidade, o que ajuda a indicar o empobrecimento e a violência presentes neste bairro.

MAPA 163 – Bairro Cachoeira e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa,



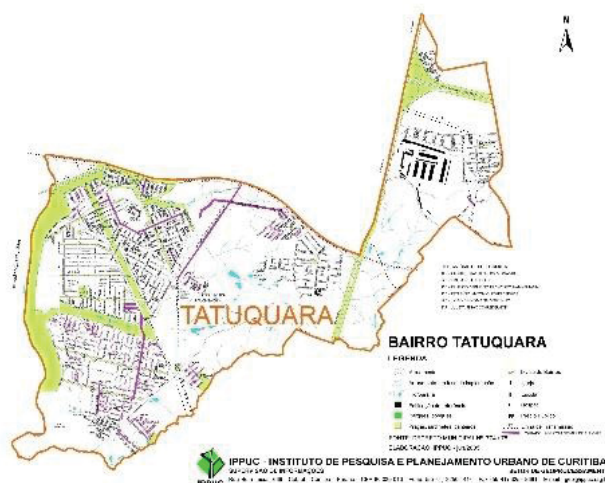
Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

E por ter sido uma antiga colônia com imigrantes poloneses, há no Cachoeira mais logradouros com nomes de poloneses do que aqueles com nomes de germânicos, sendo apenas quatro logradouros neste último grupo, que estão indicados no Mapa 163, acima. Destes quatro endereços, o mais antigo deles é datado de 1982 e o mais recente de 2004. Este mais recente é

¹¹⁸ Segundo dados da Polícia Civil e do censo demográfico de 2010, no qual está baseado o documento do IPPUC (2015).

vizinhos Pinheirinho e Cidade Industrial, pois abriga muitas sedes de indústrias ao longo da rodovia, abriga também a sedo CEASA¹¹⁹-PR e as áreas habitacionais do bairro se caracterizam por conjuntos de moradia popular ou ocupações irregulares e favelizadas que foram construídas a partir da segunda metade do século XX e início do século XXI. Algumas características demográficas apresentadas pelo IPPUC (2015) são importantes de serem trazidas aqui: como a identificação de cor e raça da população do Tatuquara, como 34,5% dos habitantes se identificam como pretos ou pardos, que é maior que a média municipal - de 19,6% - e um dos mais altos entre os bairros da cidade. Mostrando que a população preta e parda da cidade, que segue invisibilizada, está na verdade concentrada nos bairros periféricos e empobrecidos, pois quando verificamos a renda majoritária da população do bairro, a faixa entre meio a dois salários mínimos, correspondendo a 71,3% da população, enquanto que a mesma faixa de renda corresponde a 49,7% da média municipal. E mesmo que sigamos falando de imigrações europeias nesta tese, é fundamental compreendermos em que contexto a cidade se apresenta, para pensarmos qual é a população que vive nos endereços aqui listados, quem elege os nomes e quem os pronuncia diariamente.

MAPA 165 – Bairro Tatuquara e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

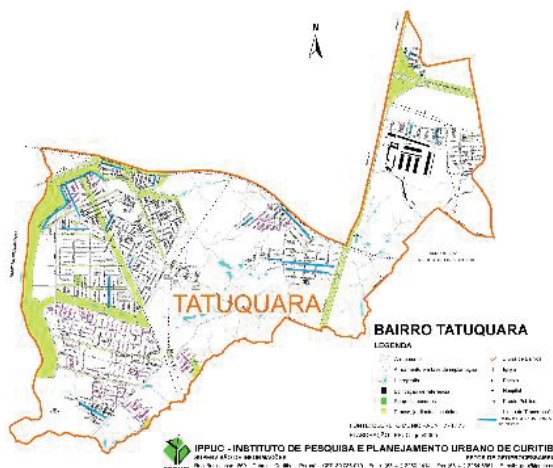
O Tatuquara é um dos bairros com maior incidência de logradouros com nomes de imigrantes, tanto germânicos quanto poloneses. Sendo 14 endereços com nomes do primeiro grupo e 17 com nomes do segundo. No caso dos endereços com nomes de germânicos,

¹¹⁹ Centrais de Abastecimento do Paraná S/A.

verificamos que todos foram inaugurados após 1985 e até o ano de 2011¹²⁰, sendo, portanto, uma amostra do desenvolvimento recente do Tatuquara.

A *Rua Ernesto Germano Francisco Hannemann* é uma via de referência para os moradores do Jardim da Ordem, vila localizada na porção oeste do Mapa 165, podemos ver este logradouro destacado em roxo e com formato de L neste mesmo mapa, ele possui vários estabelecimentos públicos como o Armazém da Família do Tatuquara, a Escola Municipal Dona Pompília e o CMEI Flora Munhoz da Rocha, além de um vasto comércio e a circulação de duas linhas de ônibus: Jd. Da Ordem e Santa Rita. Sua oficialização se deu em abril de 1988 por meio de um projeto assinado pelo vereador Lauro de Carvalho Chaves na Comissão de Educação e Cultura da Câmara.

MAPA 166– Bairro Tatuquara e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

E seguindo a mesma lógica apresentada acima, todos os logradouros com nomes de poloneses listados aqui foram inaugurados após o ano de 1982 e até 2003 e destacamos aqui a *Rua Dr. Mirosław Constante Baranski*, uma rua de curta extensão ao centro do Mapa 166 localizada na favela Terra Santa. Esta rua homenageia um descendente de poloneses nascido em Curitiba no ano de 1918, formado em medicina pela UFPR, Mirosław trabalhou como professor da PUC-PR e também foi membro da Academia Paranaense de Medicina, faleceu em 1983. A oficialização do endereço com seu nome ocorreu em setembro de 1986 quando a Comissão de Educação e Cultura denominava um bloco de nomes para novos logradouros.

¹²⁰ E como o mapa fornecido pelo IPPUC data de 2005, tivemos que desenhar os logradouros mais novos na nossa adaptação ao mapa.

5.8.3 O Bairro Campo de Santana

Este é um bairro localizado no extremo sul de Curitiba e tem esse nome pelo mesmo motivo que batizou o Campina do Siqueira – uma característica geográfica do lugar seguido do nome da família proprietária - foi uma fazenda que pertenceu à família Santana ainda no século XIX, e que conforme o decreto 774/1975¹²¹ que oficializou os nomes dos bairros, a sugestão foi a de que se chamasse Campo de Santana (IPPUC, 2015). Este bairro é mais densamente ocupado em sua porção oeste, próximo do limite com o Tatuquara, mais especificamente nas Moradias Rio Bonito. A população do Campo de Santana vive em sua maioria em casas, são 96% das habitações no bairro e 37% da população vive com renda entre meio e um salário mínimo, enquanto que a média municipal para esta faixa de renda é de 20%. Este também é um dos bairros com maior população preta e parda da cidade, com quase 34%, enquanto que a média municipal é de pouco mais de 19%. E isso é bastante significativo visto que existe uma relação direta entre a desigualdade social no Brasil e a cor da pele das pessoas, pois a pobreza atinge primeiro e mais intensamente as pessoas pretas e pardas no país.

Os mapas 167 e 168, abaixo, apresentam as ruas com nomes de germânicos e poloneses, respectivamente, no Campo de Santana. São sete logradouros destacados no primeiro mapa – com nomes de germânicos - e 11 no segundo, com nomes de poloneses. O levantamento dos logradouros nos mostrou que neste bairro, em ambos os casos – tanto em nomes de germânicos como de poloneses – todos foram oficializados entre os anos 1990 e 2000, o que indica a recente ocupação e urbanização do Campo de Santana.

¹²¹ Este decreto trata sobre o zoneamento da cidade. Um dos passos que o IPPUC deu para o planejamento urbano colocado em prática neste período pelo grupo de técnicos urbanistas liderados por Jaime Lerner.

O mais antigo de todos os 18 logradouros somados – entre germânicos e poloneses – no Campo de Santana é a *Rua Augusto Oleskowitz*, oficializada em maio de 1996 por projeto da Comissão de Educação e Cultura da CMC, o que indica quanto as ações de urbanização e a presença do poder público ainda estão chegando nesta região. A *Rua Augusto Oleskowitz* aparece destacada em azul na porção mais ao norte no Mapa 168 e é uma rua de saibro em área de favela, com largura para passar somente um carro por vez, completamente esquecida da atenção do poder público. Outro destaque neste mapa é para o cruzamento entre as *Ruas Ewerton Leining Saporski* e *Vadislau Burginski Varchaki*. A *Rua Ewerton Leining Saporski* - pode ser descendente de Rosa Saporski - também começa no Parque Iberê e termina no cruzamento com a *Rua Fanny Bertoldi*, assim como o exemplo anterior, nesta rua estão localizados dois estabelecimentos públicos de educação: o CMEI¹²² Maria Gracita Gracia Gonçalves (Rio Bonito II) e a Escola Municipal João Amazonas. E na *Rua Vadislau Burginski Varchaki* o predomínio é de casas. Ambas foram oficializadas por projetos de lei de autoria de João Cláudio Derosso, a que homenageia Saporski em julho de 2001 e a que leva o nome de Varchaki em setembro do mesmo ano.

5.8.4 O Bairro Umbará

Muitos lugares possuem em seus nomes algumas de suas características geográficas, tais como Campo, Campina, Colina, etc. E o nome do Umbará também teria sido derivado de uma de suas principais características: o barro. Esta hipótese aparece tanto no documento do IPPUC (2015) quanto no Boletim Informativo Casa Romário Martins (1996c), quando os autores dos documentos explicam que o termo Umbará seria derivado da expressão “um barral só” - ou seja uma quantidade imensa de barro - usada pelos tropeiros que por lá passavam, e que com o sotaque dos imigrantes europeus que ali se fixaram no final do século XIX teria ficado com o som de somente um dos R e sem o L do final, passando a ser, portanto, chamado de Umbará¹²³. Esta matéria-prima é de importância tamanha, que o Boletim (1996c, p.2) apresenta uma pesquisa arqueológica liderada por Igor Chmyz na região que verificou que:

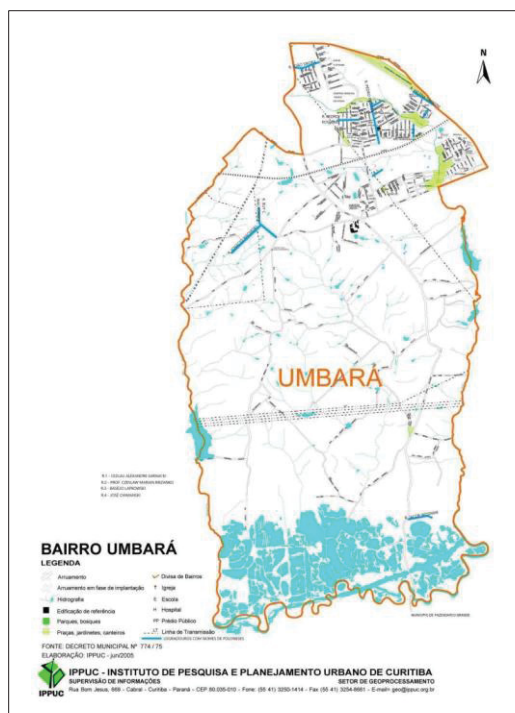
A partir da realização de pesquisas arqueológicas na década de 1960, a região do Umbará, já no começo da Era Cristã, teria sido habitada por povos indígenas,

¹²² Centro Municipal de Educação Infantil.

¹²³ A história do nome da região do Guartelá, nos Campos Gerais é semelhante a esta. Pois na disputa de terras entre luso-brasileiros e indígenas, os posseiros brancos diziam aos seus vizinhos “Guarda-te lá, que de cá eu fico” sendo então esta expressão de um português antigo a origem do nome do local, segundo contam historiadores e guias turísticos do Parque.

açougue, padaria e uma igreja evangélica. E o segundo endereços a destacarmos é a *Rua Guilherme Mehl* localizada duas quadras ao sul do primeiro exemplo. Esta via se tornou endereço oficial em julho de 1996 por proposta da mesma Comissão, porém sem um autor específico. Ambas tem em comum seu comprimento estreito, as residências dividindo espaço com alguns estabelecimentos e a presença de igrejas evangélicas pentecostais, o que difere o segundo exemplo é a ausência de circulação de transporte público.

MAPA 170 – Bairro Umbará e logradouros com nomes de poloneses em destaque na cor azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

Na parte oeste do bairro, é possível ver destacado em azul no Mapa 170 dois logradouros que fazem o formato de um Y, um deles é a *Rua Ignácio Wacheski*, via com várias propriedades rurais que foi oficializada em dezembro de 1981 pela Comissão de Educação e Cultura da CMC e a outra, que segue sentido norte é a *Rua Ruy Christovam Wachowicz* que leva o nome do professor do departamento de História da UFPR que em sua vida pesquisou e escreveu sobre a polonidade e a imigração polonesa no estado, servindo como base teórica também em nossos escritos. Wachowicz era descendente de poloneses era nascido em Itaiópolis (SC) no ano de 1939 e filho do também professor Romão Wachowicz. A rua que o homenageia se tornou um endereço oficial na cidade em maio de 2001 – um ano após o seu falecimento – por iniciativa da vereadora Julieta Reis. Esta rua é a marcade que estamos em um dos últimos limites da

cidade, uma área que precisa ser mais lembrada pelo poder público por ainda ter muito por fazer, pois possui asfalto apenas nos primeiros metros, a única placa indicativa do nome da via está com a grafia errada, uma vez que se lê *Wachomicz* e todo o restante de sua extensão é com pavimento de saibro.

5.8.5 O Bairro Ganchinho

A história deste bairro no extremo sul da cidade se assemelha com a que contamos sobre a fundação do Caximba, anteriormente. Também servindo de passagem para os tropeiros que seguiam rumo a São José dos Pinhais, o Ganchinho recebeu esse nome provavelmente devido aos ganchinhos de arame utilizados por estes tropeiros para pendurar seus pertences em momentos de descanso (IPPUC, 2015). Sua ligação social com a Paróquia de São Pedro do Umbará ainda em meados do século XIX, fez com que as primeiras ocupações populacionais brancas desta área tenham sido resultadas a partir desta ligação. Posteriormente, o Ganchinho foi sendo urbanizado e habitado a partir das proximidades com o Sítio Cercado, em sua porção norte.

A população do Ganchinho tem uma parcela de 38% que se declara preta ou parda em relação à sua cor ou raça, esse é um dos índices mais altos entre os bairros da capital paranaense e o dobro da média municipal. Ou em números absolutos, são 4.248 indivíduos pretos ou pardos em um universo de 11.178 pessoas (IPPUC, 2015). Um bairro horizontalizado, pois 99,88% dos pouco mais de 3.400 imóveis são casas. Mas é empobrecido e violento, pois segundo o mesmo documento do IPPUC (2015), pois 37% da população do bairro vive com renda entre meio e um salário mínimo, quando a mesma faixa na média municipal é de 20,6% e a média de homicídios catalogada no período estudado no documento no Ganchinho é de 143 para cada 100 mil habitantes, enquanto que no município a média é de 42,8 para cada 100 mil habitantes. Como este é um dos cinco bairros que não contém logradouros com nomes de germânicos apresentamos, portanto, somente o mapa com os logradouros que levam nomes de poloneses no Ganchinho:

MAPA 171 – Bairro Ganchinho e logradouros com nomes de poloneses emdestaque na cor azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

A porção norte do Ganchinho é a mais habitada e também a que concentra ruas menores com apenas uma quadra de extensão, onde se localizam os exemplos aqui citados. Uma delas é a *Rua Prof. Nicephoro Modesto Falarz*, rua residencial e asfaltada, mas que faz uma de suas esquinas com uma rua de saibro. Foi oficializada por José Gorski em dezembro de 2000, quando este longo vereador se despedia das atividades legislativas ao fim de seu último mandato. Professor Nicephoro (1893-1984) foi um descendente de poloneses, nascido em Curitiba e que viveu na Colônia Orleans. Lecionou ciências na Escola Normal de Curitiba - atual Instituto de Educação do Paraná – e também presidiu o antigo clube polono- brasileiro Junak. Paralela a esta via está a *Rua Valério Sprada*, cujo projeto também foi de autoria de José Gorski e também em dezembro de 2000. O que indica recente ocupação da região e cuja demanda por urbanização veio a oportunizar tais homenagens.

5.8.6 O Bairro Alto Boqueirão

Tendo a maior parte de seu território ocupada pelo Parque Iguaçu, onde há as raias náuticas e também o Jardim Zoológico de Curitiba, o Alto Boqueirão teve a sua ocupação territorial mais intensificada a partir dos anos 1960 (IPPUC, 2015) com a abertura de loteamentos e conjuntos habitacionais. O bairro é de classe baixa, pois segundo o IPPUC

varejistas nacionais, lojas de importância local, serviços como restaurantes, posto de combustíveis, cartório, bancos e correios, atendendo aos moradores em praticamente todas as necessidades e fazendo com que estes não dependam do Centro da cidade para realizar tais tarefas.

Segundo nosso levantamento, o bairro é um dos que mais contém endereços com nomes que homenageiam os dois grupos estudados: são 18 logradouros com nomes de germânicos e 23 com nomes de poloneses. E verificamos também que todos esses 41 endereços foram oficializados depois de 1982, mostrando como é recente a urbanização deste bairro.

MAPA 173 – Bairro Sítio Cercado e logradouros com nomes de germânicos em destaque na cor roxa.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

A maior rua destacada no Mapa 173 acima, chama-se *Rua Guilherme Bruscz* e fica localizada no conjunto habitacional Bairro Novo A, na região leste do bairro. Esta via se tornou um endereço oficial através de um projeto de lei assinado pela Comissão de Educação e Cultura da Câmara, e aprovado em dezembro de 1982. Conforme verificamos na página <https://forebears.io/> este é um sobrenome que não ocorre mais na Europa, indicando que possivelmente não houve descendentes dos Bruscz que continuaram no Velho Mundo.

MAPA 174 – Bairro Sítio Cercado e logradouros com nomes de poloneses destacados na cor azul.



Fonte: IPPUC. Adaptações: Rocha, R.M. 2020.

Também no Bairro Novo A fica a *Rua João Krawczyk* que faz um cruzamento com a *R. Guilherme Bruscz*, mas que diferentemente desta, possui estabelecimentos comerciais, uma igreja católica, uma escola pública e uma quadra poliesportiva. João Krawczyk foi um imigrante polonês que nasceu na cidade de Lancuchow em 1916, veio ao Brasil em 1927 e trabalhou com jornalista e escritor, vindo a falecer na cidade de Curitiba em 1996. A rua que leva seu nome foi oficializada como endereço na capital paranaense em julho de 1997, por meio de um projeto de lei de autoria da Comissão de Educação e Cultura da Câmara Municipal.

E a partir desta amostra aqui apresentada é possível observar o quanto cada bairro de Curitiba teve sua formação de maneira específica, sua contribuição para o desenvolvimento da cidade e também como os grupos de imigrantes instalados nestas localidades foram fundamentais para sua construção econômica e sua integração à malha urbana curitibana, a partir da primeira metade do Século XX. E como esse crescimento ficou limitado historicamente, sendo um tanto tardio em relação a outras capitais brasileiras como as do sudeste e nordeste, mas com um estirão de crescimento a partir dos anos 1970 possibilitado através da política de planejamento urbano desenvolvida pelo IPPUC. Como foi possível observamos nos mapas da cidade, toda a sua extensão territorial é ocupada por área urbana, o que não permite mais aberturas de bairros e limitando em muito os novos loteamentos para destinar à habitação, o que também incorre em uma desaceleração nas denominações de novos logradouros para a cidade e o que era uma pauta legislativa fácil elaboração e aprovação por parte dos vereadores, agora terá de ser revista ou até mesmo interrompida.

Outros fatores acabam por mostrar que nem sempre a relevância da trajetória do homenageado será o fator principal no momento da escolha do endereço que levará seu nome,

são eles: a) os projetos de lei não trazem em suas justificativas a biografia com os feitos e as trajetórias memoráveis do homenageado;

b) os mesmos projetos de lei não especificam onde serão localizados os logradouros cujos nomes estão ali propostos, recaindo assim principalmente nos casos de endereços mais recentes em uma escolha aleatória da prefeitura da cidade para a instalação da rua com o nome aprovado; c) quando comparamos biografias de homenageados por vezes temos nomes de relevância local em endereços mais antigos e de maior importância na lógica urbana do que outros nomes de destaque internacional, mas que receberam a denominação posteriormente, mostrando o quanto esta é uma espécie de “fila por ordem de chegada”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta estabelecida nesta tese de doutoramento foi a de construir um tratado para um novo subcampo da sociologia, que visa tratar exclusivamente do processo de prestação e recebimento de homenagens. E o recorte escolhido para a pesquisa empírica foram as homenagens prestadas a imigrantes ou descendentes de poloneses e germânicos sob a forma de denominações de logradouros na cidade de Curitiba. Estes dois grupos foram escolhidos porque apresentam características interessantes acerca do tratamento recebido na terra de adoção, a partir de sua instalação em colônias rurais nos arredores da cidade – modelo este que encontra exclusividade em Curitiba, uma vez que outras cidades receptoras de imigrantes e com o mesmo porte de Curitiba receberam uma maioria de população imigrante urbana - e um forte estigma sofrido principalmente pelo grupo de imigrantes poloneses, pois este era um grupo preterido para casamentos, considerado muito dado à prática da alcoolemia e ao exagero na sua crença católica. O que não acontecia aos germânicos, que eram considerados trabalhadores e morigerados, tendo sofrido somente perseguições em períodos quando seu país de origem protagonizava guerras mundiais, estremecendo as relações diplomáticas com o país de adoção e seu povo.

De acordo com o levantamento histórico aqui feito em relação a estes dois grupos existe um paradoxo envolvendo a presença quantitativa de um e outro grupo e a visibilidade que ambos possuem em termos de destaque político, socioeconômico e de referências culturais. Pois o grupo maior em termos numéricos - ou seja, os poloneses - não alcançou ou demorou mais tempo para alcançar o mesmo prestígio em termos de espaço político, destaque social e econômico e referências culturais do que o grupo germânico na cidade. E que este grupo se posicionou de forma mais privilegiada a ponto de receber igual estigma que os poloneses em tempos belicosos, mas que fora um estigma insuficiente para arranhado conceito positivo que a sociedade curitibana tinha sobre eles; ou que este rechaço durasse um período de tempo mais longo do que os anos de guerra; tampouco ainda foi capaz de retirá-los dos estratos mais altos e respeitados da sociedade curitibana.

Para apresentar e debater o arcabouço teórico que esta proposta tem, nos utilizamos do fundamento teórico de memória e materialidade de memória em Bergson (1990) e o conceito de Memória Coletiva elaborado por Halbwachs (2003) e quais são os componentes necessários para que uma lembrança pertencente a um grupo, seja ele uma comunidade ou uma nação, se perpetue enquanto parte da memória deste grupo. Além disso, utilizamos também o estudo de Honneth (2003) sobre o processo intersubjetivo de reconhecimento social e como isso é

conquistado, segundo o autor, através de um processo de disputa de espaço e notoriedade. E voltando-se mais especificamente para a perpetuação de nomes que denominam endereços em uma cidade e a narrativa da trajetória neles contidas, é fundamental dialogarmos com Nora (1986) que também traz uma história do tempo presente e define lugares de memória enquanto espaços – que no caso desta pesquisa também são – físicos em uma cidade, dedicados a narrar uma trajetória individual ou de um grupo. E por meio de outras contribuições, também foi possível estabelecermos um olhar para as ruas como arquivos acessíveis e presentes no cotidiano das pessoas. Possibilitando uma apropriação e difusão daquela memória por parte dos indivíduos e a criação de um saber nacional a partir da cidade, uma vez que esta se coloca então como um espaço de construção histórica. E desta forma nós voltamos à capital paranaense quando optamos por identificar dois grupos imigrantes europeus que vieram à cidade e cujos antepassados se tornaram nomes de logradouros, essa pode ser uma narrativa que resgate uma memória que não é celebrada pelos grupos folclóricos germânicos e poloneses e que tampouco está registrada e exposta em museus, mas que está no cotidiano da cidade e que muitas vezes passa pouco percebido ou questionado para quem anda por essas mais de mil ruas. Assim como optamos por falar de dois grupos brancos, reforçando uma narrativa desatualizada de que Curitiba é uma ‘cidade imigrante’ e europeizada, acreditamos sim que é justo fazer um reforço em torno do destaque da memória indígena e preta em Curitiba, pois há muito estes dois grupos sofrem apagamento histórico – e esta metodologia aqui presente pode ser uma ferramenta significativa para tal. Contudo, o estigma percebido para com os imigrantes e descendentes de poloneses e que aparece em destaque no Capítulo II poderia ser um marcador definitivo para o não reconhecimento deste grupo e uma discrepância em relação ao grupo germânico quanto ao número de homenagens em formas de nomes de endereços na cidade.

Mas não foi exatamente o que identificamos no Capítulo IV deste estudo, quando verificamos os números do levantamento pudemos observar que há homenagens tanto a poloneses quanto a germânicos em endereços curitibanos e com números semelhantes, pois: 534 logradouros levam nomes de germânicos e 526 de poloneses em um total de 9518 logradouros ao todo na cidade. O aspecto que primeiro nos chama atenção acerca da data de denominações em ambas as listas é que apenas no caso dos logradouros com nomes de germânicos há denominações ocorridas nos anos 1940, segundo as informações coletadas na página da Câmara Municipal de Curitiba, na internet. O crescimento da cidade indica grande aumento na quantidade de logradouros denominados entre os anos 1970 e 1990, época de expansão da malha urbana com a abertura da Cidade Industrial de Curitiba, Bairro Novo e vários outros loteamentos que surgiram neste período. Em dois mapas apresentados no Capítulo

IV, onde apresentamos os bairros com maior quantidade de logradouros com nomes de poloneses e germânicos, respectivamente, é importante analisarmos a marca que cada grupo tem na cidade. Este ponto é de fundamental importância se quisermos pensar em redutos das duas imigrações no mapa curitibano. Conforme Rocha (2016), os imigrantes poloneses se fixaram mais a oeste e norte da cidade em colônias rurais e que isso acaba por fazerum pré-desenho de onde esteja atualmente a maior parte dos logradouros com nomes de poloneses na cidade. Contudo, isso não se repete no grupo germânico, pois não houve em Curitiba uma colônia exclusivamente germânica nos mesmos moldes, por exemplo, das colônias polonesas de Santa Cândida e Orleans, por exemplo. Houve colonização germânica no Pilarzinho ao norte, expandindo-se para terrenos no Mercês e Vista Alegre, concomitantemente à ocupação polonesa da colônia; a compra de uma grande área na região sul da cidade pelos Hauer, o que posteriormente fez formar os bairros Hauer, Fanny e Lindoia, como citamos brevemente acima; e a área onde se instalaram os germânicos menonitas que compreende parte dos bairros do Boqueirão e Xaxim.

Estes dados podem indicar a presença de pequenos redutos dos dois grupos imigratórios nos arredores de onde se instalaram seus pioneiros na cidade, destacando-se as antigas colônias polonesas ao norte e a oeste da cidade e o Pilarzinho aparecendo como também um espaço que serviu para instalação de colonos germânicos, ainda que menos populoso, e um pouco mais dispersos, este grupo também se fixou na região norte da cidade. A transformação das colônias em bairros urbanos não impediu essa apropriação local por parte dos grupos, de seus representantes políticos – principalmente no caso dos poloneses – e de seus descendentes, pois nota-se que utilizaram a denominação de logradouros como uma ferramenta de marcar sua presença na região e valorizar os antepassados com estas homenagens. É possível ver também que a denominação de logradouros é uma das tarefas legislativas de maior volume em projetos de lei e que também possuem fácil tramitação - pois raramente existem polêmicas e a geração de debates que envolvam os personagens aqui estudados – o que chama a atenção para a participação dos vereadores da cidade.

Quando observamos historicamente o processo de ocupação fundiária de Curitiba, não se pode considerar somente a época de instalação de colônias rurais para imigrantes europeus, é importante que se considere as mudanças contidas no processo de urbanização da cidade para podermos visualizar com clareza como acontece a transição de perfil de Curitiba: que de uma cidade média e com área rural passa a ser uma metrópole composta somente por bairros urbanizados; e a partir de então, compreendermos a presença das centenas de nomes de imigrantes que passam a denominar vias pela cidade. E este processo se dá tanto pelos

programas habitacionais elaborados pelo poder público como também por parte da atuação de movimentos de luta pela moradia, que organizaram suas demandas a fim de criar um projeto habitacional efetivo e capaz de atender parte das demandas da população do extremo sul da cidade: é o caso da Organização Xapinhal. A partir do recorte da história da urbanização na cidade de Curitiba é possível compreender mais facilmente os ritmos e rumos do crescimento habitacional e populacional de Curitiba, entender o aumento do número de logradouros oficializados em uma ou outra década e a maior presença de logradouros com nome de germânicos e poloneses em um e outro bairro, pois o destaque destes imigrantes e o aumento no número de vias para se denominar são diretamente proporcionais e ocorrem concomitantemente. O maior volume de denominações de logradouros nos bairros de maior população indica para onde se direcionou o crescimento de Curitiba e a partir de que época, mostrando que as últimas três décadas do século XX foram de certo inchaço populacional e que seu crescimento foi direcionado para a periferia sul e leste da cidade.

E a partir da amostra apresentada acerca de cada um dos 75 bairros de Curitiba é possível observar o quanto cada bairro teve sua formação de maneira específica, sua contribuição para o desenvolvimento da cidade e também como os grupos de imigrantes instalados nestas localidades foram fundamentais para sua construção econômica e sua integração à malha urbana curitibana, a partir da primeira metade do Século XX. Destacando a história da formação de cada bairro, em que contexto cada um se encontra na formação da cidade e contamos mais também sobre os logradouros, a época de suas oficializações, os autores das propostas de lei que transformaram esses nomes de antepassados em endereços na cidade, e as características físicas dos locais, pois se em um primeiro momento tínhamos entendido que a importância do homenageado teria relação direta com o tipo e a importância do logradouro que o homenagearia, ao olhar mais detalhadamente caso a caso aqui apresentado verificamos que muitas homenagens seguem a cartilha da demanda por nomes para denominar logradouros a serem abertos na cidade. Pois com o processo acelerado de urbanização, a demarcação de endereços, códigos postais e demarcação definitiva de moradias para seus cidadãos acaba por se tornar prioridade na busca por dignidade habitacional em muitos rincões periféricos. E como esse crescimento ficou limitado historicamente, sendo um tanto tardio em relação a outras capitais brasileiras como as do sudeste e nordeste, mas com um estirão de crescimento a partir dos anos 1970 possibilitado através da política de planejamento urbano desenvolvida pelo IPPUC. Como foi possível observamos nos mapas da cidade, toda a sua extensão territorial é ocupada por área urbana, o que não permite mais aberturas de bairros e limitando em muito os novos loteamentos para destinar à habitação, o que também incorre em uma desaceleração nas

denominações de novos logradouros para a cidade e o que era uma pauta legislativa de fácil elaboração e aprovação por parte dos vereadores, agora terá de ser revista ou até mesmo interrompida.

Outros fatores acabam por mostrar que nem sempre a relevância da trajetória do homenageado será o fator principal no momento da escolha do endereço que levará seu nome, são eles: a) os projetos de lei não trazem em suas justificativas a biografia com os feitos e as trajetórias memoráveis do homenageado;

b) os mesmos projetos de lei não especificam onde serão localizados os logradouros cujos nomes estão ali propostos, recaindo assim principalmente nos casos de endereços mais recentes em uma escolha aleatória da prefeitura da cidade para a instalação da rua com o nome aprovado; c) quando comparamos biografias de homenageados por vezes temos nomes de relevância local em endereços mais antigos e de maior importância na lógica urbana do que outros nomes de destaque internacional mas que receberam a denominação posteriormente, mostrando o quanto esta é uma espécie de “fila por ordem de chegada”.

A resposta para o estigma outrora verificado por pesquisadores da imigração em Curitiba pode ser sugerida aqui como sendo a denominação de endereços uma tentativa de reparação acerca da presença relevante que cada grupo teve na cidade, principalmente o mais rechaçado: os poloneses. Essa seria uma iniciativa vinda tanto por parte do poder público, como por parte de descendentes ou de grupos culturais e folclóricos que são muitas das vezes os responsáveis pelas sugestões para as denominações. Ainda que seja esta uma tentativa de reparação discreta, a denominação de logradouros para homenagear imigrantes é pouco explorada em termos de estudo histórico da vida cotidiana dos bairros em suas formações; de estudo de biografias dos homenageados e até mesmo de um potencial turístico ali enrustido nos bairros que sejam possíveis redutos das duas imigrações aqui estudadas. Outra sugestão que esta pesquisamos permite fazer é para que esta ferramenta seja utilizada não somente em outros grupos sociais ou étnicos, como já mencionamos acima, como também para outras cidades que tenham na imigração uma forma marca de seu desenvolvimento e um possível caminho para se entender o reconhecimento aos nomes que ajudaram a construir aquele espaço, sejam eles muito ou pouco conhecidos.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Aline Figueiredo. **A Questão habitacional em Curitiba: o enigma da “cidade modelo”**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.
- A VIDA DO PROFESSOR JOÃO FALARZ, **Folha do Batel**. Curitiba, janeiro, 2013.
- BARRETO, Lima. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- BASTOS, Sênia Regina. Os Bairros Imigrantes da Cidade de São Paulo na década de 1930. In: BAENINGER, Rosana e DEDECCA, Claudio (org.). **Processos Migratórios no Estado de São Paulo – Estudos Temáticos**. 1ª ed. Campinas: Núcleo de Estudos de População – UNICAMP, 2013, pp.121-127.
- BEGA, Maria Tarcisa Silva. A Região Metropolitana de Curitiba e as Mobilizações Populares: análise de algumas experiências recentes. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n.96, p. 33-48, maio/ago. 1999.
- BERGSON, H. Matéria e Memória. São Paulo: Martins Fontes, 1990. Cap. II. BOLETIM CASA ROMÁRIO MARTINS. **Pilarzinho**: o bairro na história da cidade. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, n.45, 1980a.
- BERGSON, H. **Portão**: O bairro na história da cidade. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, n.47, 1980b.
- BERGSON, H. **Vila São Pedro**: o bairro na história da cidade. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, n.33, 1980c.
- BERGSON, H. **Estrada do Mato Grosso**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, n.50, 1981.
- BERGSON, H. **Água Verde**: o bairro na História da Cidade. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, n. 68, 1982a.
- BERGSON, H. **Cabral, Juvevê**: os bairro na história da cidade. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, n. 62, 1982b.
- BERGSON, H. **Campo Comprido**: bairro na História da Cidade. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, n. 66, 1982c.
- BERGSON, H. **A Boa Vida de Santa Felicidade**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, n.87, 1991.
- BERGSON, H. **Boa Vista**: o bairro na história da cidade. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v.23, n.118, 1996.
- BERGSON, H. **Fazendinha**: o bairro na história da cidade. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v.23, n.111, 1996b.

BERGSON, H. **Umbará**: o bairro na história da cidade. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 23, n.117, 1996c.

BERGSON, H. **Parolin**: o bairro na história da cidade. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v.24, n.121, 1997.

BERGSON, H. **Rebouças**: o bairro na história da cidade. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 26, n. 124, 2000.

BERGSON, H. **Bigorriho**, a construção de um espaço urbano. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v.37, n.135, 2007.

BOLTANSKI, Luc; THÉVENOT, Laurent. **De la Justification**: Les économies de la grandeur. Paris: Editions Gallimard, 1991.

BOURDÉ, Guy. **Urbanisation et Immigration em Amérique Latine**: Buenos Aires (XIXe et XXe Siècles). Paris: Éditions Montagne, 1974.

CARMO, Julio Cesar Botega do. Alfred Agache e seu plano para Curitiba: técnica, institucionalização e o início do discurso da cidade planejada. **Revista Urbana**, Campinas, v.4, n.4, p. 29-51, mar. 2012.

CARNEIRO JÚNIOR, Renato Augusto. **Personagens da História do Paraná**: acervodo Museu Paranaense. Curitiba: SAMP, Museu Paranaense, 2014.

CAPDEVILA, Luc; LANGUE, Frédérique. **Entre Memoire Collective et Histoire Officielle**. Rennes: Press Universitaires de Rennes, 2009.

COLATUSO, Denise. **Imigrantes Alemães na Hierarquia de Status da Sociedade Luso-Brasileira (Curitiba, 1869-1889)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2004.

DADOS SOBRE OS 75 BAIRROS DE CURITIBA. Disponível em: https://www.ippuc.org.br/nossobairro/nosso_bairro.htm. Último acesso em 17/05/2021.

FABRIS, Pamela Beltramin. **“Nós os selvagens não reverenciamos os symbolos kaiserianos”**: Conflitos em torno de uma identidade germânica em Curitiba (1890- 1918). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2014.

FEDATTO, Carolina Padilha. **Um Saber nas Ruas**: o discurso histórico sobre a cidade brasileira. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2011.

FERREIRA, Luiz Belmiro. **Da Lama ao Caos**: A Urbanização de Curitiba vista do bolsão Audi-União. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2019.

FILGUEIRAS, Zuleide Ferreira. **A Presença Italiana em nomes de ruas em Belo Horizonte: Passado e Presente**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

FOOTE WHYTE, William. **Sociedade de Esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Centauro, 2003.

HONNETH, Axel. **Luta por Reconhecimento**. São Paulo: Editora 34, 2003.

IANNI, Octavio. Do polonês ao polaco. In: IANNI, Octavio. **Raças e classes sociais no Brasil**. p. 117-146. São Paulo: Civilização Brasileira, 1966.

KANASHIRO, Milena. **Paisagens Étnicas em Curitiba: um olhar histórico-espacial em busca da entopia**. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento). Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2006.

KUBOTA, Nádia Fujiko Luna. Relatos de Chegada: Imigrantes Japoneses em Campo Grande. **Revista Aurora**, Marília, Ano II, Nº 2, p.57- 68, 2008.

LIMA, Solange de. **A Comunidade Teuta e a DOPS em Curitiba nos anos 1940: entre perseguição e integração**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2020.

MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. **Alemanha, Mãe Pátria Distante; utopia pan-germanista no sul do Brasil**. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 1993.

MARTINS, Ismênia de Lima. *Imigração no Brasil: Os ideais de Branqueamento na longa duração*. In: (MARTINS, I. de L.; HECKER, A. (Ed.) **E/Imigrações questões inquietações**. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2013. p. 133-151.

MAZUREK, Jerzy. **A Polônia e seus emigrados na América Latina (até 1939)**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico. 2016.

MIRANDA, Isabela Borghetti. Organização Xapinhall - Movimento social catalisador do desenvolvimento urbano em Curitiba – PR. ENANPUR, 18, 2019, Natal. **Anais XVIII ENANPUR 2019**. <http://anpur.org.br/xviii/anais>.

MÜLLER, Estevão. Os Wolgadeutschen (alemães do Volga), segundo o dr. Mathias Hägin. **Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes**, Curitiba. n. 29, p. 51-57, 2016.

NADALIN, Sérgio Odilon. **Paraná: Ocupação do território, População e Migrações**. Curitiba: SEED, 2001.

NADALIN, Sérgio Odilon; FABRIS, Pamela Beltramin. A Comunidade alemã em Curitiba e a conjuntura da Primeira Grande Guerra. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa. v.18 (1), p. 7-30, 2013.

NICOLAS, Maria. **Alma das Ruas**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná, Vol. I, 1969.

NICOLAS, Maria. **Alma das Ruas**. Curitiba: Editora Lítero-Técnica, Vol II, 1974.

NICOLAS, Maria. **Alma das Ruas**. Curitiba: Fundação Cultural-Casa Romário Martins, Vol. III, 1981.

NICOLAS, Maria. **Alma das Ruas**. Curitiba: Fundação Cultural-Casa Romário Martins, Vol. IV, 1984.

NORA, Pierre. **Lieux de Mémoire**. Paris: Editions Gallimard, 1986.

OLIVEIRA, Márcio Sérgio Batista Silveira de. De la Double Colonisation au Préjugé: Polonais dans le sud du Brésil. **Révue Migrations Société**, CAIR, v.21, n.123-124, p.289-304, 2009.

OLIVEIRA, Márcio Sérgio Batista Silveira de. Organizações sociais dos Imigrantes Poloneses e seus descendentes em Curitiba (Brasil, 1890-1938). In: HECKER Alexandre e LIMA, Ismênia de. **E/imigrações: histórias, culturas, trajetórias.org**. 1ª ed. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2010, pp. 83-99.

OLIVEIRA, Márcio Sérgio Batista Silveira de. A Cidade de Curitiba e os Imigrantes Alemães durante a Primeira Guerra Mundial, uma análise da imprensa local. **Cadernos CERU**, São Paulo. v. 23, n.2, p. 175-202, 2012.

OLIVEIRA, Márcio Sérgio Batista Silveira de. A Inesperada Descoberta de Octavio Ianni. **Revista Sociedade e Estado**, v. 30, n. 3. Setembro a dezembro, 2015. p.799 a 817.

OLIVEIRA, Márcio Sérgio Batista Silveira de; ROCHA, Rafaela Mascarenhas. Polish Names in Addresses in Curitiba(Paraná-Brazil): Homage, Recognition, and Visibility of an Immigrant Group. In: SARMIENTO, E.; SIUDA-AMBROZIAK, R. Brazil-Poland: **Focus on Migration**. Org.1ª ed. Niteroi: ASOEC-UNIVERSO; Varsóvia: ASC-UW, 2019.

PATARRA, Neide Lopes; FERNANDES, Duval. Brasil: País de Imigração? **Revista Internacional em Língua Portuguesa — Migrações**, Lisboa, III série, nº24, p. 65-96, 2011.

ROCHA, Rafaela Mascarenhas. **Curitiba Polonesa?: Um estudo sobre logradouros públicos dedicados a imigrantes e descendentes de poloneses (1951-2008)**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2016.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. **Vida Material Vida Econômica**. Curitiba: SEED, 2001.

SANTOS, Myrian Sepúlveda. **Memória Coletiva e Teoria Social**. São Paulo: Anna Blume, 2012.

SARTORI, Tríssia Ordovás. **Ruas da minha cidade: Um estudo hodonímico**. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidades). Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul. 2010.

SEYFERTH, Giralda. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce. **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

SILVA, Valéria Fiori da. **A Luta pela Regularização Fundiária na Vila 23 de Agosto em Curitiba-PR: uma análise à luz da Lei nº13.465/2017**. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (Bacharelado em Direito). Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2019.

STÉPHANE, BERNARD. **Petite et Grande Histoire des rue de Paris**. Paris: Éditions Albin Michel, 2011.

TAKEUSHI, Márcia Yumi. A Comunidade Nipônica e a Legitimação de Estigmas: o Japonês caricaturizado. **Revista USP**, São Paulo, n.79, p. 173-182, setembro/novembro 2008.

TEIXEIRA, Rosane Siqueira. Migração internacional na Paraíba e no Rio Grande do Norte na Primeira República: um estudo comparado: *1889-1930*. In: Seminário Nacional de Sociologia e Política, 7, 2016, Curitiba. **Anais do 7º SNSP**, Curitiba: Universidade Federal do Paraná – Setor de Ciências Humanas, 2016. P.1-19.

WACHOWICZ Ruy Cristovam; MALCZEWSKI, Z. **Perfis Polônicos no Brasil**. Curitiba: Vicentina, 2000.